

VIRGINIA DE CASTRO E ALMEIDA

Edição de

**André Rodrigues
Alina Abbasova
Fátima Pereira
Rita Magalhães**

Coordenação de Ângela Correia

**BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA**

Lisboa
2016
1

INDICE

NOTA EDITORIAL

INNOCENTE

O SOLAR DOS PAVÕES

DECAMERON

PRIMEIRO DIA — A flôr de estufa e a esteva

SEGUNDO DIA — O ramo d'oliveira

TERCEIRO DIA — Os cactos vermelhos e o lírio
branco

QUARTO DIA — Os cardos

QUINTO DIA — A orchidea

SEXTO DIA — A roca d'alfazema

SETIMO DIA — A tulipa

OITAVO DIA — As açucenas

NONO DIA — O feixe de rosmaninho

DECIMO DIA — O ramo d'anemonas

Nota editorial

Vírgina de Castro e Almeida nasceu a 24 de novembro de 1874 e faleceu a 22 de janeiro de 1945. Começou a escrever composições aos oito anos, e em 1895 iniciou a sua carreira de escritora sob o pseudónimo Gy, com o livro *Fada Tentadora*, considerada a obra pioneira da literatura infantil em Portugal. Em 1907, assumiu a direção da coleção Biblioteca para os Meus Filhos, da livraria Clássica Editora, na qual foram publicadas várias das suas obras. Foi delegada do governo de Salazar na Sociedade das Nações.

Com o objetivo de instruir crianças de forma fácil e divertida, Virgínia de Castro e Almeida publicou vários livros sobre noções científicas, além de ter traduzido diversas obras para o

português. Assinou ainda pequenos livros de difusão e de doutrinação dos valores do Estado Novo, em colaboração com o Secretariado de Propaganda Nacional.¹

A decisão de reeditar este livro foi determinada pela surpresa que nos causou a violência dos acontecimentos narrados, os quais pensamos terão ferido suscetibilidades, na época em que o livro foi publicado.

O livro-fonte da presente reedição foi um exemplar da primeira edição, datada de 1916, e publicada pela Livraria Clássica Editora, assim como tantos outros livros da autora.

¹ Infopédia; Dicionários Porto Editora:
[http://www.infopedia.pt/\\$virginia-de-castro-e-almeida](http://www.infopedia.pt/$virginia-de-castro-e-almeida).

A primeira grande reforma ortográfica acontece em 1911 e, nesta obra, nota-se quão fresca é esta reforma, uma vez que a ortografia anterior ainda emerge frequentemente.

As normas de transcrição seguidas são de caráter conservador, ou seja, todos os aspetos gráficos próprios do livro-fonte foram mantidos. Ainda assim, optámos por nos afastarmos de alguns aspetos materiais do livro, cuja manutenção em suporte digital não faria sentido. É o caso da eliminação de uma página contendo uma lista das restantes obras da autora e da supressão das páginas em branco que, no livro-fonte, fazem de separadores.

INNOCENTE

«Bemaventurados os simples,
porque d'elles é o reino dos
ceus».

SERMÃO DA MONTANHA
(S. MATHEUS).

Innocente

Era no verão.

O ceu quasi branco; um sol esbrazeante a recozer a terra.

As pastagens queimadas, as fontes seccas, os ribeiros sem agua.

As cigarras cantavam.

A Rosa Abegôa que batia o queixo, a tremer com o frio da sezão, arranjou a cesta com o jantar do marido e entregou-o á Annitas, á filha, recommendando-lhe que o fosse levar á varzea da Corôa, lá abaixo, onde andava a lavoura.

E toda embrulhada no chale, com o lenço de lã embiucado na cabeça por cima do lenço branco amarrado em volta da testa, veiu á porta ver partir a rapariga.

«Toma sentido!» recommendou ella «Olha lá não saias do caminho. Puxa-me esse lenço pr'a cima, cachopa! Não vás de cabeça á véla com este sol!»

E enquanto a rapariga se afastava, fazendo estalar sob os sapatões cardados o matto secco estendido no caminho, a Rosa voltou-se para a vizinha, a mulher do guarda que costurava sentada no degrau da porta.

«Cuidados que Deus manda, ti Zabel!» disse ella. «Nunca esta cachopa me sae de casa que eu não fique n'uma freima...»

«Inda o peor é mas é a doença.» respondeu a outra com um ar compungido. «Não lhe faltavam a vomecê ralações, pr'ainda por cima agora lhe virem as maleitas...»

«Seja tudo pelo divino amor de Deus.» tornou a Rosa acorando-se no degrau e chegando-se para o sol a tremer como varas verdes.

A outra suspirou.

Mas a sympathia da ti Zabel não era sincera.

A Rosa fôra criada na casa dos fidalgos desde muito nova e de lá casara com o Antonio que era abegão na Quinta Grande. Os fidalgos sempre os tinham protegido e o casal prosperara, juntara uns vintensitos, comprara terras...

A casa do abegão era a melhor de toda a correnteza de casas de criados; tinha cosinha de tijolo e dois quartos de sobrado.

D'ahi... as senhoras estavam sempre a dar presentes, faziam todas as obras que o abegão mais a mulher queriam.

A ti Zabel remordia-se com estas coisas. O seu Anselmo fazia a guarda da quinta havia mais de dez annos e nunca apanhara coisa qua se visse lá dos patrões; nem sequer ao menos um sobrado no quarto de dormir, louvado fosse Deus! Era só uns dez reisitos de mel coado por cada coima que elle

botava, e licença de mandar cobrir a egua e de vender o potro por sua conta... Uma desgraça!

E ella que sabia ler e coser á machina, nunca por nunca ser, era chamada pelas senhoras para trabalhar dentro de casa. Só tinham serviço para aquella mal amanhada da Rosa, aquella lingua do diabo, feia que até mettia medo, com a bocca toda á banda desde que lhe dera o ramo de estupor.

E todos os presentes iam mas era para a idiota da Annitas, um espantalho sempre com os dentes arreganhados, e com menos entendimento na cabeça, do que um cachorro ou um bacoro, Deus lhe perdoasse...

A Annitas ia longe enquanto a ti Zabel, puxando a agulha em silencio, se entregava ao feio peccado da inveja.

Seguira o caminho dos carros com muito juizo.

As piteiras no cimo dos vallados, cinzentas de pó, espetavam para o ar as folhas aguçadas; algumas erguiam muito alto a umbella enorme, aquella suprema offerta da sua vida ao deus sol, e deixavam-se morrer, rojando pelo chão, humildes, as folhas enroladas e seccas.

Algumas figueiras espreitavam por cima do talude; abrazadas de sede, estendiam com angustia os ramos retorcidos, mostravam sem pudor a folhagem encarquilhada, branca de poeira, como os pobres mostram as chagas, para que lhes acudam.

A cigarras cantavam.

Obediente ás recommendações da mãe, a Annitas seguia pelo caminho fóra, arrastando os pés, topando nas pedras, com aquelle passo descuidado de quem anda com o pensamento afastado do que está fazendo, o corpo inclinado para a esquerda contrabalançando o peso da cesta

que levava no braço direito, os olhos muitos azues perdidos em visões longinhas que lhe espalhavam no rosto um sorriso parado de bemaventurança.

Ao principio ia a pensar no pae, no jantar que lhe levava; era preciso ir depressa, chegar cedo para elle não ralhar. Depois foram-lhe acudindo outras ideas.

Viu no chão um calhau côr de rosa. Abaixou-se, apanhou-o, esfregou-o com a ponta do avental molhada em saliva.

Era bonito. Parecia corallina.

Quasi todas as cachopas que ella conhecia tinham aneis de corallina ou de prata offercidos pelos conversados.

A Annitas não tinha anel nem conversado. Quando falava n'isso, as cachopas riam-se; diziam que o conversado d'ella era o ti Miguel

Gravação, o velho corcunda que varria as ruas do jardim na Quinta Grande.

Porque seria que todos faziam mangação d'ella?

A Annitas, entristecida, parara no meio do caminho com a pedrinha côr de rosa na mão.

De repente, de uma moita, levantou-se o rufo de um vôo de perdiz que fugia soltando um grito.

Com os olhos brilhantes e uma gargalhada de alegria, a Annitas saltou o vallado e desatou a correr pelo matto além na direcção que a perdiz tomara.

«E um perdigão!» exclamou ella radiante.

O animal poisou lá em cima, no alto do cabeçaço.

A Annitas foi trepando a encosta; agora ia devagar, com mil precauções, escondendo-se entre os tufos de murtas e de tojo, sob as ramadas

lustrosas dos medronheiros, agarrando-se aos troncos asperos dos chaparros...

«Se eu o apanho...»

A cesta pesava-lhe; largou-a no chão.

O sol escaldava-a; cahiam-lhe gottas de suor pela cara afogueada; empurrou o lenço para traz.

Quando chegou ao cimo do outeiro, levava as mãos arranhadas, dois grandes rasgões na saia, uma das meias de linho azul cahida para cima do sapato.

Ria de prazer; o prazer selvagem da cabra á solta no monte. Appetecia-lhe dar pinotes, correr...

Já não se lembrava do pae, nem da cesta, nem da pedrinha côr de rosa, nem do perdigão...

Tudo isto se tinha successivamente apagado no pobre cerebro onde as imagens se não demoravam.

Estava na extrema da Quinta, á sombra de um sobreiro enorme cujas raizes se torciam pelo chão como serpentes. A terra cobria-se de folhas seccas.

No silencio ouviam-se apenas as cigarras a cantar.

Alli acabava a Quinta. Para além, era o baldio a perder de vista; o matto roçado curto, a terra pedregosa, rapada, nua...

Nem uma casa, nem uma arvore.

Lá em baixo, a uns cincoenta metros, passava a estrada real que tinha leguas e leguas de comprimento; vinha das serras que se esfumavam no horizonte e ia direita á villa.

Branca e coberta de pó, cheia de scintillações de mica, a estrada serpenteava, deserta, escondendo-se aqui, apparecendo além, entre as ondulações da charneca desolada.

A Annitas estendeu-se ao comprido na terra quente, de barriga para baixo, com um suspiro de satisfação.

De repente levantou a cabeça, poz-se á escuta.

Ouvia ao longe o tilintar compassado de guizalheiras.

Ergueu o busto, espreitou para a estrada.

Viu um homem com tres machos carregados de trouxas.

Tlin, tlin, tlin...

Cada macho trazia, por cima da carga, uma manta de lã riscada de branco e castanho com as pontas a abanar.

O homem atirara a jaleca para riba de uma das cargas e vinha em mangas de camisa, com o colete desabotoado.

Tinha na cabeça um chapéu alemtejano, muito grande, de abas curvas e de borla ao lado.

Ia pela beira do caminho, atrás da correnteza dos machos, com uma vergasta na mão direita e a esquerda mettida na cinta. Para se distrahir n'aquella solidão, cantava.

Cantava uma cantiga muito velha que a Annitas sabia desde pequena:

«Ó minha bella menina,
Hoje sim, amanhã não...»

A Annitas levantou-se de um salto, avançou pelo cabeçaço para o lado da estrada e, parada, requebrada pelos rins, de mãos nas ilhargas, respondeu:

«Hoje me tiram a vida,
Amanhã o coração.»

Tinha uma voz fresca e pura, muito alta, afinada como a de uma toutinegra.

O homem olhou para o cimo do cabeça, viu a Annitas, parou e gritou aos machos:

«A... hi!»

E como estes não obedecessem, saltou-lhes á frente, deu uma vergastada no focinho do primeiro que estacou de subito erguendo a cabeça com um violento sacão; os outros dois esbarraram com elle, espantaram-se; uma das trouxas desequilibrou-se e, se o almocreve lhe não acode, a carga ia ao chão.

«Má raios partam as bestas do diabo!» praguejou o homem empurrando a carga, com o corpo todo vergado para traz e o joelho fincado na trouxa, enquanto aos safanões ia apertando o nó da corda.

Depois virou os machos para a valleta, poz um pedregulho em cima da ponta da arreata e voltou-se para o oiteiro.

A Annitas aproximara-se ainda mais. Abrigava os olhos com a mão direita por causa do clarão do sol e, divertida, ria-se.

«Olhe a jaleca!» disse ella.

O homem apanhou do chão a jaqueta que escorregara de cima do macho, atirou-a para o hombro.

Approximou-se da valleta.

«Bons dias.» disse elle tocando com os dedos na borda do chapéu. «Sabe-me dizer se ha por qui alguma fonte?»

A Annitas acenou negativamente com a cabeça.

O homem tornou, galgando a valleta e approximando-se da rapariga.

«Isto é que está um raio d'um sol... benza-o Deus!»

Suggestionada, a Annitas limpou o suor da cara com a ponta do avental e, desatando o nó do lenço, deixou-o cahir para as costas.

O homem relanceou um olhar ao cabello da rapariga, anelado, macio como fios de seda; algumas madeixas rebeldes cahiam-lhe dos lados da cara e a trança grossa, pesada, enorme, enrolava-se-lhe na nuca. O sol feria reflexos de oiro em toda aquella massa resplandecente como um thesouro.

«Arre!» exclamou o desconhecido com admiração que vomecê sempre tem pr'ahi uma crina!»

A Annitas encarou com elle, risonha, toda vermelha de prazer. Mas ao encontrar o olhar do homem estremeceu, saccudida por uma sensação nova, aguda, que era doce e dolorosa ao mesmo

tempo. Pareceu-lhe que as forças lhe fugiam; e o sorriso morreu-lhe nos lábios semelhante a uma flôr que murcha.

Ficaram os dois calados um bocado.

Os machos agitavam as guizalheiras lá na borda da estrada, inquietos com a mosca.

«Era capaz de dar agora uma corôa a quem me trouxesse um caneco d'agua.» disse o homem afinal, gaguejando um pouco.

Uma corôa! A Annitas ficou pasmada.

Reparou-lhe na grossa corrente de prata, no fato de bom panno.

«Pelos modos você é rico?» perguntou ella.

O homem, lisonjeado, riu-se, encolheu os hombros:

«Com'ássim... ha outros mais pobres.»

Depois olhou em redor como quem procura qualquer coisa.

«Que diabo anda vomecê por qui a fazer?»

«Nada.»

«Nada?! Hom'essa agora! E onde é a sua casa?»

«Acolá na Quinta Grande.»

Calaram-se outra vez.

O desconhecido pasmava para ella, vagamente desconfiado. A rapariga tinha uma *aquella* exquisita; não era como as mais.

«Qué que você traz acolá?» perguntou a Annitas apontando para a carga dos machos.

«Fazendas, quinquilherias...»

«Muitas, muitas, muitas? Traz aneis de corallina?»

E como o homem acenasse que sim, ella implorou, com os olhos brilhantes;

«Deixe vêr!»

Mas elle scandalizou-se:

«Então cuida que vou pr'aqui esbandalhar os fardos no meio da charneca só p'ra vomecê regalar os olhos?»

A Annitas baixou a cabeça, desconsolada.

E de repente, sem saber porquê, teve medo do homem e desatou a fugir.

Corria pela charneca fôra que nem uma cabra, aos saltos, com a ponta do lenço entalada entre os dentes e o resto a voar atraz d'ella como uma flamula vermelha.

«Cavallona do diabo!...» resmungou o homem seguindo-a com a vista.

Parado no cimo do cabeço, olhava ora para ella, ora para os machos, luctando contra a tentação de ir atraz da rapariga.

Depois cahiu em si. Então havia de deixar as bestas com as fazendas pr'alli no meio da estrada?

«A modos que estou parvo...» pensou elle.

Foi descendo.

Ainda se voltou; mas já não viu a Annitas que alcançara a extrêma da Quinta e se sumira no chaparral.

Lembrou-se que aquillo talvez fosse bruxedo, obra do diabo para o deitar a perder.

E persignando-se, saltou a valleta, despreendeu as bestas e foi andando atraz d'ellas pela estrada além.

Lá na varzea da Corôa, na margem da ribeira, os bois vinham chegando ao fim do rego, perto da faia grande onde o abegão mandara deixar de manhã o carro com o ferrejo.

Eram doze juntas, duas a cada charrua. A terra estava dura; apesar da lavoura andar no encalço da ceifa aproveitando o resto de frescôr que a sombra do trigo deixava no chão, ainda assim já n'aquella semana tinham quebrado tres relhas. O calor e o esforço arrazavam homens e animaes.

A sineta da sésta resou lá em cima, longamente, no frontal do celleiro, espalhando pelo silencio dos campos abrazados a sua vozita de falsete.

Lá adeante a linha multicolor dos ceifeiros quebrou-se, dobrou-se sobre si mesma, fraccionou-se.

As raparigas vinham em correrias para a margem da ribeira onde, á sombra dos choupos, a cosinheira alinhara dos dois lados do comprido tronco de pinho crepitante, as correntezas das panellas de barro negras de fumo e cujos testos dançavam empurrados pela fervura dos caldos.

Lentamente, os boieiros desprenderam as cangas, puxaram os bois pela sogá para a sombra, trouxeram do carro os braçados de ferrejo que espalharam no chão sob os focinhos gulosos de onde pendiam fios de baba.

Sentados na relva, ao lado das cestas de farnel, as mulheres ou os filhos dos boieiros esperavam.

Os homens desceram a ribanceira, lavaram na água fresca do ribeiro a cara e as mãos, e voltaram devagar, enxugando-se aos lenços tabaqueiros; depois sentaram-se junto das cestas, falando e rindo, brincando com as crianças.

O abegão foi o último a chegar. Demorara-se a tirar com a ponta da navalha, uma pedra entalada entre o casco e a ferradura do boi da mão; e agora aproximava-se devagar com o seu passo pesado, as pernas um pouco arqueadas, balançando o dorso de atleta.

Procurou com o olhar transparente e azul, inexpressivo, a mulher ou a filha e, vendo que nem uma nem outra chegara ainda, sentou-se no chão sem uma palavra e principiou a enrolar um cigarro.

«Nã é por fazer pouco do sê jantar, su Toino;» disse o Sebastião que era o moço mais antigo na casa depois do abegão e quem fazia as suas vezes quando era preciso «mas, com'á outra, já qu'elle inda nã chegou, se fôr servido cá do meu... O qu' é offerecido de bôa vontade, nã faz mingua a ninguem.»

«Deus t'ajude;» respondeu o abegão «a minha Rosa não deve tardar.»

A mulher do Sebastião metteu-se na conversa. «A su Rosa deu-lh' hoje a sezão mais cedo», disse ella «Cando a gente passou, estave sentada á porta, ao sol, c'a cabeça amarrada e a tremer de frio qu'até mettia dó.»

Outra mulher acudiu:

«Mas a Annitas abalou antes da gente c'a cesta.»

O abegão empurrou o barrete para traz, lançou para longe um jacto de saliva, coçou as suissas loiras.

Impacientava-se. Tinha fome.

«Ella veiu antes da gente,» disse um dos pequenos com uma vozita esganiçada «mas sahiu do caminho e ficou para traz.»

«Cala a bocca, rapaz!» interveiu o Sebastião que não gostava de ver o abegão de mau humor «Ninguem te cá chamou.»

Mas o Antonio interrompeu-o:

«Deixa falar o cachopo. Onde é qu' ella sahiu do caminho?»

«Foi lá além na volta da azinheira torta. E cando a gente passou ê bem n'a vim na charneca, no alto do cabeço, lá longe, parada, pasmada p'rá banda da estrada.»

Sem uma palavra, o abegão levantou-se, apertou a cinta, atirou a jaleca para o hombro e afastou-se, seguindo a margem da ribeira.

Viram-n'ò atravessar a ponte lá adeante e dirigir-se para o lado da charneca.

Ia damnado, resmungando pragas.

Trabalhar um homem desde o sol fóra debaixo de um calor d'aquelles, vergado sobre a rabiça do arado n'uma terra dura como rocha... e nem sequer ter jantar como os mais nem descanso para dormir a sésta!...

Má raios de sorte a sua com aquella filha que Deus lhe dera e a mulher agora com as maleitas! A Annitas precisava um ensino, que aquillo não eram modos e andava sempre a envergonhal-o... Não era só o mal da cabeça... era mesmo malicia de femea que se leva só com pancada.

Chegara á extrema da Quinta; abrigava os olhos com a mão, estendia a vista pelo campo ondulado e nú da charneca esbrazeante de sol.

«O' Anni...i...tas!»

O vozeirão espalhou-se no silencio, alastrou latejando pela immensidade deserta, cahiu, morreu.

As cigarras cantavam.

Da terra escaldada e secca vinha um bafo quente como da bocca de um forno.

Ao longe, lá por essa estrada além, ouvia-se um telintar compassado de guizalheiras que se afastava a mais e mais...

Estalaram uns ramos seccos por detraz do Antonio; este voltando-se, avistou a filha que se escondia entre os chaparros.

A Annitas largou a fugir; mas o pae correu atraz d' ella, deitou-lhe a mão a um braço, saccudiu-a com força, deu-lhe pancada ás cegas.

«Ah! querias-te safar, alma do diabo! Toma, apanha, para aprenderes a fugir, grande cabra!»

A Annitas chorava alto como uma criança, com a cara escondida nos braços para se defender.

A raiva do Antonio amainou depressa.

«Cala a bocca... Qu' é da cesta?»

Mas a Annitas chorava sempre e não respondia.

A colera do pobre Antonio derretia-se como cera perante as lagrimas da filha.

«Valha-me Nossa Senhora...» resmungou elle. «A's vezes falta-me a paciencia, Deus me perdôe, como se a desgraçada tivesse entendimento.»

Approximou-se novamente da filha, afastou-lhe com geito os braços da cara, principiou a limpar-lhe os olhos com o enorme lenço vermelho que tirou do bolso.

«Cala a bocca...» repetiu elle com doçura «O pae já não está escamado.»

Tinha outra voz, como se falasse a uma creança pequena.

A Annitas esfregou a cara no lenço, assoou-se e olhou para o pae a rir.

«Não malha mais?» perguntou ella.

«Não. Onde está a cesta?»

«Eu sei lá!... Por hi...»

Cheio de paciencia, o Antonio procurou a cesta. Acabou por encontral-a e, como tinha fome, começou a jantar alli mesmo.

«Que diabo vieste fazer para a charneca?»

Mas já não estava inquieto. Aquillo era sempre a mesma coisa; a cachopa tinha juizo de gallinha; ia por um lado e pelo outro, conforme calhava, conforme lhe dava na cabeça...

A Annitas encolheu os hombros.

Viera... assim mesmo... Já se não lembrava.

«Encontraste alguém?»

Com um olhar vago, vasio, perdido ao longe, a filha respondeu:

«Quem havia eu de encontrar?»

Sentara-se no chão, atara os braços em volta dos joelhos, balançava o corpo de um lado para o outro; cantarolava a meia voz:

«O' minha bella menina

Hoje sim, amanhã não...»

O pae, enquanto comia, olhava-a de soslaio.

Porque havia Deus de a ter feito tão linda, se não lhe dera entendimento de gente?

Para onde ella fosse levava o perigo em si... E quem a podia vigiar? Se Nossa Senhora a não guardasse... ainda por aquellas redondezas se podia vir a falar de uma grande desgraça porque

ai d'aquelle que se atrevesse a tocar n'um só cabelo da sua filha!

Todos os domingos havia missa na capella da Quinta Grande.

A's dez horas ouvia-se o primeiro toque da sineta, ás dez e meia o segundo, e ás onze em ponto o padre subia os degraus do altar.

Cá em baixo apinhava-se a criadagem da casa e da lavoura assim como alguma gente do serviço e, no tempo da azeitona, das mondas, da ceifa, ou das vindimas, os *barrões* que se alastravam até fôra da porta.

No côro ficavam os senhores.

Quando acabava a missa, corria pela capella um grande sussurro:

«Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo...»

Depois todos saham, arrastando os pés, parando defronte do altar com um olhar submisso

e adorador, uma leve mesura, a mão direita estendida com a palma para cima a receber a bênção da imagem. Ora n'aquelle domingo, no intervallo entre a elevação da hostia e do calice, no grande silencio recolhido da capella, ouviu-se ao longe o som compassado de guizalheiras.

Tlin, tlin, tlin...

Conhecia-se mesmo que era o andar de bestas carregadas descendo a alameda direitas á casa.

A Annitas, ajoelhada ao lado da mãe, corou, voltou-se para traz, agitou-se, soltou um grande suspiro.

A Rosa deu-lhe um cotovelão; bichanou:

«Acommoda-te, rapariga... que está alli Nosso Senhor...»

A Annitas acomodou-se. Com os olhos fitos no altar, boquiaberta, as mãos unidas, ficou immovel.

Toda a sua alma estava lá fóra.

Tlin, tlin, tlin...

Era o bufarinheiro.

Desde que encontrara a Annitas na charneca, trazia o demo da cachopa no pensar a toda a hora.

Fôra á villa; fizera por lá negocio uns tres dias; depois dispuzera-se a partir seguindo o seu rumo costumado a caminho de outra povoação grande, porque já não era bufarinheiro de aldeias e casaes nem desmanchava os fardos senão quando tinha boa freguezia, gente que sabia apreciar a fazenda e lhe pagava por bom dinheiro o contrabando.

Mas ás portas da villa, enquanto os machos bebiam na fonte de S. Miguel, á sombra do chorão, o homem sentado no muro, tirara o chapéu, puzera-se a coçar na cabeça e, como n'aquella occasião fosse passando na estrada uma galera, perguntara ao carroceiro para que bandas era a Quinta Grande.

O carroceiro ensinou-lhe o caminho; não levava mais de duas horas e não tinha que errar; seguir a estrada sempre a direito e depois, na encruzilhada, voltar á esquerda...

«Isto é mesmo o diabo que m'anda a atentar...» pensava o bufarinheiro sentado na beira do muro com os cotovelos fincados nos joelhos e a cabeça nas mãos, apprehensivo.

Nunca lhe succedera uma coisa assim.

As mulheres para elle tinham sempre sido gado de pouca monta; não havia uma que valesse mais que as outras. Achava-as todas iguaes como as cabras de um rebanho.

«Isto acaba mal,» dizia elle de si para si cofiando as suissas negras. «O Maldito sabe tecelas de todos os feitios quando quer botar um home a perder. Se calhar, o demo da cabra tem o espirito malino no corpo.»

E lembrava-se de uma lá da sua terra, que fôra a perdição do padre da freguezia e que, ainda depois de morta, vinha tentar os homens de noite.

Por fim levantou-se, puchou os machos para a estrada e poz-se com elles a caminho da Quinta Grande.

«Com'ássim,» resmungou «é uma sorte... O que tem de ser...»

Quando lá chegou, encontrou tudo deserto; deu volta ao jardim, enfiou pela estrada da eira, foi ter ao enorme alpendre onde se abrigava o tronco, os bancos dos carpinteiros e para onde se abriam as portas das casas dos moços.

Só lá estava o Sebastião que tinha ficado de guarda enquanto os outros ouviam missa e que, de enchó nas unhas, se entretinha a aguçar a ponta de um fueiro.

O bufarinheiro vinha todo aseado; barba feita, camisa lavada e um lenço branco entalado á

roda do pescoço. A cinta preta enrolada á alemtejana, subia-lhe até ao peito onde luzia a grossa corrente de prata.

Remirando-o todo e reparando nas bestas que estavam gordas e lustrosas, o Sebastião pensava de si para si que bufarinheiros d'aquelles vinham poucos á Quinta Grande.

«Qu'ê que você traz acolá?» perguntou elle apontando para as cargas.

«Cintas, bôas mantas hespanholas, cobertores, colchas, panno de linho e d'algodão, toalhas, chales, lenços de seda, córtes de fatos, gravatas, fitas, pentes, botões, atacadores, aneis de prata, oiro e corallina...»

Palavra puxa palavra começaram a conversar.

O Sebastião bem via que aquillo não era um almocreve qualquer e que uma pessôa podia fallar deante d'elle.

Em pouco tempo disse-lhe a vida lá da Quinta, quem eram os patrões, com tratavam os criados, quanto estes ganhavam, falou do abegão e da familia...

Pelo seu lado o bufarinheiro contou-lhe lá as suas coisas.

Chamava-se Jaquim; Jaquim Horsa por via do seu pae (que Deus haja) que era almocreve para as bandas d'Evora. Elle começara cedo com aquelle officio: primeiro um fardo ás costas, depois um machito... O negocio corria bem.

Casara na terra com uma viuva que trouxera alguma coisa de seu para o casal. Tinha casa e fazenda, algum gadito... Tambem tinha já tres cachopos e o mais velho ia á escola e era mesmo uma belleza para aprender.

Ainda andava pelas estradas a acabar de juntar um dinheirito para se estabelecer lá na terra com loja de mercador. Já dera um rôr d'annos os ossos

ao officio e agora queria descansar, que bem o merecia.

E o Joaquim entretanto ia descarregando os machos, desatando as trouxas e fazendo estendal das suas mercadorias.

Apenas acabou a missa, o alpendre encheu-se de gente.

As mulheres apinhavam-se empurrando-se, acotovelando-se em torno das fazendas e das quinquilherias, com a avidez de abelhas assaltando uma tijella de marmelada.

Era uma agitação, um zumbido de combinações que se bichanavam, de ofertas desandando em longos regateios; ditos e graçolas cruzando-se, gargalhadas, negocios que se entabolavam a serio...

As creanças esgueiravam-se entre as saias das mulheres, espetando os pescocitos magros e

tisnados, arredondando os olhos cheios de curiosidade e de pasmaceira.

E o bufarinheiro vendia, vendia...

A Rosa Abegôa ficou com uma peça de panno de algodão, dois bons lenços de seda, uma cinta e um córte de calças para o marido.

A Annitas que se encontrava ao lado da mãe não tirava os olhos de uma caixa trasbordante de aneis de corallina.

«Compre-me um, pae!» implorou ella.

O bufarinheiro estendeu-lhe logo a caixa.

«Escolha,» disse elle. Tire d’hi um. Escolha á vontade que sou que l’o dou.»

E para disfarçar, acrescentava:

«Isto é ca o meu feitio quando tenho bons freguezes.»

Outras raparigas reclamaram aneis; tambem tinham feito muitas mercas...

Mas elle fechou a caixa, abanando a cabeça:

«Ná, ná... Uma mosca não faz mingua, muitas moscas levam o assucareiro.»

E como visse que não havia mais negocio, começou a empacotar as mercadorias.

Os freguezes afastavam-se com as suas compras, dispersavam-se, uns por um lado outros por outro, sumiam-se para as casas; ia-se chegando a hora do jantar.

«Quer qu'eu o ajude?» perguntou a Annitas que ficara alli encostada a um carro.

Mirava e remirava a mão queimada pelo sol onde luzia o anel de corallina tão cubiçado.

O Joaquim sem se voltar, resmungou:

«Que m'ajude, que m'ajude... Ah! minha alma do diabo que já me deitaste a perder!»

A Annitas entristeceu.

«Se é por via do anel, pegue-o lá; o qu' é dado de má vontade até pode tirar a saude...»

O bufarinheiro largou a trouxa que acabava de atar e voltou-se para ella.

Pela segunda vez se encontraram os olhos dos dois e a Annitas sentiu de novo aquella agonia tão funda que era um prazer e uma dôr...

O Joaquim não dizia palavra; muito pallido, olhava-a, olhava-a como se não houvesse mais nada para ver sobre a terra.

Toda tafula, com o seu fato domingueiro, o seu cordão de oiro, o seu lenço de seda, a sua bocca escarlata que parecia uma flôr de romeira, a Annitas apparecia-lhe como a imagem viva da tentação e do peccado.

«Alma damnada!» suspirou elle afinal.

E começou a carregar as bestas.

«Está todo agastado...» insistiu a Annitas tirando o anel do dedo. «Já le disse, se é por via do anel, aqui o tem que eu nã n'ô quero.»

Mas elle não viu o gesto da pobre mão estendida que entregava o anel com tanta pena.

Acabou de apertar o nó da corda e, aproximando-se da rapariga, cada vez mais pallido, relanceou um olhar medroso pelo alpendre.

Lá ao fundo, dois boieiros fumavam e conversavam sentados n'um banco de carpinteiro; o abegão, encostado á porta de casa, falava para dentro com a mulher; uns garotos brincando, corriam com gritos de alegria em volta dos madeiros do tronco.

«Se queres um anel muito mais lindo qu'a esse...» disse o bufarinheiro em voz baixa. «Um anel d'ouro... Queres? Vem buscal-o hoje ao pôr do sol, ao cabeço da charneca onde estavas outro dia...»

A innocente recuou. Teve medo dos olhos que luziam, do halito que escaldava, do perigo

desconhecido... Cahiu-lhe da mão tremula o anel de corallina e, sem responder, afastou-se devagar, tão perturbada que nem via o chão que pisava.

N'essa tarde, quando o sol começou a amainar, o abegão abalou para a villa com o boi da mão que ficara sempre coxo desde que se lhe entalara a pedra entre o casco e a ferradura; aquillo já não passava com as mésinhas do ferrador e era preciso que o veterinario lhe acudisse.

A Rosa, que morria por dar fé de tudo e tagarelar, fechou a sua porta, metteu a chave no bolso e foi para a eira onde se juntara toda a criadagem e a malta dos ceifeiros e ceifeiras engajados.

As raparigas da terra desprezavam as *ganhôas*, aquellas estranhas que vinham de longe, vestidas de escuro, sujas, mal penteadas, não sabendo senão cantigas tristes e envergonhando-

se de bailar *o valso*. Mas os rapazes gostavam das cachopas *lá de cima*; tinham para elles o picante da novidade e do perigo tambem, porque os namorados, paes ou irmãos que as acompanhavam não eram para graças e qualquer dito ou brincadeira acarretava pancadaria.

Quando a Rosa chegou á eira, o poente principiava a afogear-se, todo vermelho de calor.

As *ganhôas* dançavam uma dansa de roda, cantada, vagarosa; e os moços da lavoura com as familias apinhavam-se em redor, enquanto a creançada se rebolava na moinha e atravessava a eira em correrias.

A Rosa procurou a filha com os olhos e, vendo-a sentada n'um alqueire virado, do outro lado da eira e pasmada para para o pôr do sol, não pensou mais n'ella e embrenhou-se n'uma grande conversa com a ti Zabel e outras visinhas.

Havia um caso palpitante de uma navalha roubada que as interessava a todas apaixonadamente.

«É aquella piolhosa do casaco preto, a que tem o dedo aleijado... A Conceição diz que a viu tirar a navalha do cesto do farnel.»

A Rosa olhava, pedia pormenores, fazia commentarios.

O sol descia a mais e mais no horizonte rubro; começava a levantar-se uma brisa, mas tão fraca, tão morna, que nem chegava a refrescar.

A Annitas levantou-se, veiu ao pé do bailarico, deu umas voltas pela eira, esgueirou-se despercebida para traz de um monte de palha e sumiu-se para o montado na direcção da charneca.

Olhava para a mão de onde lhe cahira de manhã o anel de corallina e ria.

Um anel de oiro!.. Ia ter um anel de oiro.

O sol afundara-se lá ao longe, ao longe... A paisagem tornava-se cinzenta. Um noitibó principiou a piar, e depois outro...

Levantou-se a lua cheia.

Os senhores da casa chegaram á eira. Vinham ver bailar as cachopas. Como fazia muito calor, o patrão mandou vir uma medida de agua-pé afim de animar os dansadores.

A Rosa, sentada no murosinho baixo da eira, rodeada pelas visinhas, falava, falava...

Contava coisas de casa dos senhores, do tempo em que era criada de quartos e estivera com elles em Lisbôa. Descrevia as festas, os vestidos e as joias da sua senhora, o casamento da menina...

«Qu'ê da sua Annitas?» perguntou de repente a ti Zabel.

«Está pr'ahi...» respondeu a Abegôa.

«Olhe que não está.»

Procuraram-n'a com a vista. Mas á claridade do luar ainda baixo, differençavam-se mal os vultos e a gente era muita.

«O' Annitas!» chamou a mãe.

O Sebastião respondeu:

«Onde irá ella se bem correr! Inda não era sol posto quando d'aqui abalou.»

Mas a Rosa não se affligiu.

«Aquillo aborreceu-se e foi andando para casa.»

E tentou reatar o fio da conversa com as outras mulheres.

Era quasi noite. A lua embaciava-se, toda vermelha; não dava claridade.

Chegavam-se as horas da ceia e todos debandavam.

A Rosa foi andando com as mais, direita ao alpendre, sempre tagarelando.

«Vê, eu não dizia?» exclamou ella quando chegaram.

A Annitas, segurando uma candeia, parecia procurar qualquer coisa no chão, no logar onde, de manhã, o bufarinheiro fizera o estendal das mercadorias.

Emquanto as visinhas, apressando-se, entravam para as suas casas para accender o lume, a Rosa approximou-se da filha.

«Que estás tu a prégar?»

«Nada.»

A mãe ia insistir quando reparou que a cachopa estava toda despenteada, tinha um grande rasgão n'uma das mangas, uma arranhadela na cara e o folho da saia todo descosido.

«Por onde andaste?»

«Por hi...» respondeu a Annitas evasivamente.

Á luz da candeia a Rosa achou-lhe um olhar diferente, esgazeado; pareceu-lhe pallida que nem uma defunta.

«Qu' é que tens? Dóe-te alguma coisa?»

«Nada.»

«Gira para casa.»

Docilmente a Annitas seguiu-a depois de ir pendurar a candeia á entrada da abegoaria de onde a tirara.

A Rosa accendeu o lume para aquecer um tacho de batatas e assar umas sardinhas para a ceia.

Não fez mais perguntas; já sabia que á filha, se lhe dava para estar assim bisonha, ninguem arrancava uma resposta acertada.

Emquanto a mãe andava na lida da ceia, a Annitas sentou-se á lareira, pegou n'uma navalha e deu um golpe circular em volta do anelar da mão esquerda.

Ao vêr correr o sangue, a Rosa acudiu, tirou-lhe a navalha das mãos.

«Esta cachopa mette-me no inferno!» exclamou ella. «Que diabo estavas tu a fazer, minha parva?»

«Um anel de corallina.» respondeu a rapariga toda risonha, estendendo a mão para o lume afim de ver melhor o fio de sangue.

E, de repente, com um grande soluço, tapou a cara e desatou a chorar.

A Annitas chorou toda aquella noite.

O pae que chegara da villa, principiou por leval-a com bons modos, fazendo-lhe perguntas, querendo saber o motivo d'aquelle desgosto sem consolação.

Mas a Annitas encolhia os hombros, abanava a cabeça, fechava-se n'um mutismo obstinado e

chorava baixinho, sem fim, saccudida por grandes soluços.

Impaciente, o abegão afinal zangou-se, gritou, ameaçou, praguejou, deu-lhe safanões, queria bater-lhe; foi preciso a Rosa intervir:

«Deixa-a. Vae-te deitar. Não vês que a rapariga não tem entendimento, homem? Deu-lhe pr'aqui... Então ás vezes não se põe a rir sem a gente saber porquê? São coisas que lhe passam lá pela cabeça e que a gente não percebe. Deixa-a. Quanto mais lhe falas peor é.»

O Antonio deixou-se convencer e lá se foi deitar com um grande suspiro:

«Má raio de sorte a minha!»

Gostava d'aquella filha unica mais que da propria vida. Para a vêr com juizo, daria a fazenda e a casa que á custa de trabalho e de privações de tantos annos comprára á entrada da villa.

Levara-a aos medicos a Lisboa, ás aguas, á capella de S.^{ta} Ursula que ficava a um rôr de leguas só por ouvir dizer que a reliquia da santa curava os males de cabeça.

Fizera promessas á senhora milagrosa do Oiteiro, fôra descalço e com o capuz de farricôco atraz do Santissimo na procissão do Corpo de Deus lá na villa, dera ao Senhor dos Passos da freguezia mais de cinco mil reis de cera.

Porém Deus não o quizera ouvir. A Annitas crescia cada vez mais perfeita e mais linda; quando a levava ás feiras, dava nas vistas de todos; era como um fructo maduro, como uma flôr aberta á luz do sol, sem um defeito. Nunca tivera uma doença. E bôa, sujeita, amiga dos paes...

Mas a respeito de juizo, era uma desgraça!

Aquella pobre cabeça não valia mais do que a de uma creança de cinco annos.

Não aprendia nada, nem ler, nem coser, nem cosinhar... Largava tudo a meio para ver uma mosca; esquecia tudo. Uma cabeça de galinha, um bogalho uma cabaça vasia...

O abegão, embrulhado na manta, agitava-se na cama, sem poder dormir. Atravez do tabique ouvia o soluçar continuo da filha e o bichanar da Rosa, monotonico, repetindo sempre as mesmas palavras:

«Cala a bocca, rapariga. Olha que o pae quer dormir. Alevanta-te d'ahi. Vem-te deitar. Cala a bocca rapariga...»

E as horas passavam; e a Annitas chorava...

A mãe fez-lhe um chá de folhas de laranjeira, untou-lhe a testa com azeite quente, queimou umas ervas *benzidas* cujo fumo tinha a virtude de afastar o diabo, deu-lhe vinagre a cheirar...

Mas a Annitas soluçava sempre.

Já era sol fóra quando por fim adormeceu enroscada na lareira como um bicho.

Accordou pouco depois e fez a sua vida de sempre, como se nada fosse. Parecia não se lembrar de coisa alguma.

«Aquillo são luas que lhe dão.» explicava a Abegôa á mulher do guarda.

Mas a ti Zabel, desconfiada, respondeu:

«Não tire as vistas de riba d'ella, su Rosa. Ha muita inveja por esse mundo. Um mau olhado depressa se apanha e pouco basta para levar uma pessôa á cova.»

«Quaes cá maus olhados!» exclamou a Rosa. «Quem pode ter má vontade áquella innocente? Aquillo é uma pomba, Deus me perdôe; não tem uma gotta de fel no corpo. O mau olhado voltava-se contra quem lh'o botasse.»

A ti Zabel abanou a cabeça.

«Ná...» rosnou ella. «A cachopa anda mudada desde honte. Olhe aquella saphia... Desde que sahiu hoje de casa, não se tira d'acólá.»

A Rosa olhou para onde a ti Zabel apontava.

Lá adeante, no outro extremo do alpendre, a Annitas de bruços, procurava attentamente qualquer coisa entre os restos da palha que os machos do bufarinheiro tinham deixado no chão.

Espetando a agulha na costura e pondo esta no degrau, a Rosa levantou-se e foi ter com a filha.

«Qu' é que tu perdeste?»

Apanhada de surpresa, a Annitas corou, encheram-se-lhe os olhos de lagrimas.

«Nada.» disse ella.

«Não mintas!» gritou a Rosa que principiava a impacientar-se e temia agora que a filha tivesse perdido a medalha ou o cordão de oiro «Qu' é que tu andas hi á prégunta desd'honte?»

A Annitas teve medo da mãe, levantou o cotovelo á altura da cara para se defender de algum bofetão e respondeu:

«Foi o anel de corallina.»

A Rosa socegou; poz-se a rir.

«Olha que rica prenda! O que te deu o home? Foi aqui que o perdeste?»

«Cahiu-me da mão...»

«Tá bom, nã t'amofines, cachopa. Em bem eu indo á villa já te merco um.»

Mas a Annitas continuou a procurar; todos os dias apenas se levantava, ia para aquelle fadario. Finalmente na quinta-feira, o corcunda que varria as ruas do jardim, veio ao alpendre de madrugada por ordem do abegão e varreu tudo, que não ficou n'aquelle chão de terra negra batida nem uma palha nem um graveto.

Quando a Annitas sahiu de casa e viu o alpendre assim varrido, ficou muito seria a olhar

para o chão; e depois entendeu que o anel não podia já alli estar. Deu um grande suspiro de alivio e nunca mais o procurou.

Tinham-se passado talvez uns quatro mezes quando o bufarinheiro tornou a apparecer na Quinta Grande.

Receberam-n'ò como a um antigo conhecimento e o homem fez bom negocio. Demorou-se mais que da outra vez porque se armou uma grande trovoadã e elle teve de esperar que ella amainasse.

Depois das trouxas arrumadas, como era domingo e os boieiros estavam todos no alpendre, entreteve-se por alli á conversa com uns e outros. Acceitou um decilitro que lhe offereceu a Rosa e sentou-se com ella no degrau da porta; juntou-se em volta d'elles todo o mulherio a ouvil-o contar coisas da sua terra.

Por volta das cinco horas, como o ceu já estivesse limpo, o bufarinheiro começou a carregar os machos para abalar.

A Annitas, que andara por alli sempre a rondar, foi ajudal-o. Aguentava um dos fardos enquanto elle prendia o outro e depois atirava-lhe a ponta da corda.

Como da primeira vez estavam sós. Elle que não fizera caso d'ella em todo o dia, lançou-lhe de repente o mesmo olhar que a matava; gaguejou, perdido:

«Vem ao cabeça da charneca, ao pôr do sol...»

Como da outra vez a Annitas estremeceu, baixou os olhos e afastou-se devagar sem uma palavra.

O Joaquim, depois do seu encontro com a Annitas no dia em que ella perdera o anel de corallina, voltara para a terra. Mas nunca mais tivera descanso.

Raça damnada de cachopa que o enfeitiçara!

Estava nas unhas do diabo, corpo e alma e bem percebia (o desgraçado!) que, se esticasse antes de se curar d'aquelle mal, ia direito para as profundas do inferno.

Emmagrecera, perdera a vontade de comer; trazia a rapariga no sangue a queimal-o todo nem que fosse uma febre.

Emquanto se demorou na terra, não fazia caso da mulher nem se importava com os filhos. Todos o estranhavam. Não cuidava dos seus haveres e largou-se a beber.

A mulher queixava-se ás visinhas e chorava; de noite enquanto elle dormia, defumava-lhe o fato a ver se espantava o diabo porque uma tecedeira velha que tinha fama de bruxa, dissera-lhe que aquillo era olhado...

O Joaquim luctava contra o demonio. Não tinha outra idea na cabeça senão voltar á Quinta

Grande; mas bem sabia que era o espirito maligno que o tentava e temia uma desgraça.

Ás escondidas da mulher pagara uma novena lá ao padre da sua freguezia e offerecera-a a Nossa Senhora do Milagre para que o livrasse; consultara um curandeiro que tambem sabia artes de benzelhice e que lhe vendera por bom preço uma beberagem verde, amarga como fel, para o curar do mal que o matava.

Tornara-se medroso, elle que n'outros tempos andava pelas estradas cheio de confiança na força dos braços e na navalha de ponta que trazia no bolso bem untada e afiada; agora não gostava de andar de noite porque em cada sombra via o diabo com os olhos a luzir e a dentuça de fóra, a fazer escarneo d'elle.

Começou a crescer-lhe no peito uma grande raiva contra a Annitas, aquella cavallona, aquella desavergonhada, aquella cabra que lhe andava

acravando a alma no inferno. Era uma femea diferente das mais, com pensar de bicho e uma boniteza que deitava a alma de um homem a perder.

E á força de pensar sempre na mesma coisa agora lembrava-se do cheiro a enxofre que ella tinha no cabelo... Bem entendia que era possessa, e botara-lhe as unhas a elle para o vender a Belzebuth...

E queria-a como um damnado... Aquelle fogo em que ardia era já o fogo do inferno.

Maldita! Se elle pudesse, esganava-a!...

Ia já em tres mezes que estava na terra; e o negocio parado. Nunca lhe acontecera demorar-se tanto.

Tinha medo de partir; bem sabia que apenas se mettesse a caminho, ia direito que nem um fuso á Quinta Grande.

E por fim, um dia resolveu-se. Tomou outra estrada com o firme proposito de não embicar para aquellas bandas.

Foi andando, andando... Parava n'uma villa, e n'outra...

Mas o negocio não lhe surtia. Perdia dinheiro.

Comprara n'uma feira fazendas de contrabando a um cigano e deixara-se enganar.

E o diabo não o largava; accordava e adormecia sempre com o mesmo sentido. Sem elle querer ia-se approximando da Quinta Grande.

A cada encruzilhada, o Maldito vinha ao seu encontro (que elle bem o sentia ramalhar nas arvores e entre o matto) e embicava-lhe os machos lá para onde elle queria...

E por fim lá voltara, á Quinta Grande.

Tinha de ser. De que servia um pobre homem luctar contra o demonio? Mais valia vender-lhe a alma por uma vez.

Na vespera, como se encontrasse na villa, entrou na capella de Santa Brigida que era milagrosa e, de joelhos defronte do altar, com uma grande devoção, o chapéu nas lages ao seu lado, as mãos juntas, prometeu duas corôas de cera á imagem se ella o não desamparasse. Já que Nossa Senhora e os Santos o não podiam livrar das unhas de Belzebuth, então ao menos pedia a Santa Brigida que o protegesse n'esta jornada e lhe chamasse a Annitas ao alto do cabeça, á sombra do sobreiro grande, como da outra vez...

Assim foi.

Mas o bufarinheiro, antes de deixar a rapariga sentiu-se abraçar de uma tal raiva, de um furor tão grande de vingança que se atirou a ella á pancada.

«Toma, cadella! Andas-m'a vender ao teu patrão... Metteste-m'a alma no inferno, mas has-de apanhar o castigo, espirito damnado, cabra do diabo!...»

Sob o chuvaireiro das pancadas e das pragas, a Annitas, submissa, curvava a cabeça, fechava os olhos, levantava o braço para livrar a cara e ficava quieta e calada sem uma revolta, em frente d'aquella colera que não entendia.

O homem acadou por lhe lançar um pontapé ao ventre que a fez cahir com um gemido de dor, e foi-se embora depressa sem voltar a cabeça para traz nem uma vez.

Parecia-lhe que tinha esconjurado o demonio.

Persignou-se devotamente, resou um Padre-nosso, fez uma grande jura de nunca mais alli voltar.

A Annitas, sentada no chão, gemia devagarinho. Fitava os olhos azues no vulto do homem que desaparecia a mais e mais no afastamento e se fundia no crepusculo crescente.

Alli esteve muito tempo até que deixou de ouvir no silencio a terra secca da estrada a estalar sob os passos apressados do bufarinheiro.

Escurecia. Lá ao longe as rãs coaxavam n'um charco.

Os ralos cantavam.

A Annitas levantou-se e, coxeando, com o ventre dorido e as pernas pesadas, foi-se arrastando para casa.

D'ahi por diante a Annitas perdeu a saude.

Não tinha vontade de comer, emmagrecia, tornara-se pallida, queixava-se de dores, tinha o ventre inchado.

Não queria sahir de casa. Ficava horas estendida na cama ou acorada junto da lareira, a gemer.

O Antonio andava todo ralado; a sua Annitas nunca tivera uma dôr de cabeça e elle costumara-se a dizer, cheio de presumpção:

«Isto é rija como ferro; não ha mal que lhe chegue.»

A maior alegria da sua vida era ver aquellas faces rosadas, aquelle corpo rubusto e são, aquelles beiços de onde o sangue parecia querer espirrar tão vermelhos eram.

Experimentaram-se varias mésinhas; as visinhas ensinaram cosimentos e emplastos; a Rosa esfregava a filha todas as noites com azeite quente.

Mas o mal ia sempre a peor e a inchação augmentava.

O abegão pediu emprestado aos senhores o burro da casa e mandou a mulher com a filha á villa, consultar o medico. Aquillo não era mal para barbeiros e curandeiros. Havia de ir ao medico; elle pagaria o que fosse, remedios e tudo, contanto que lhe puzessem a filha bôa como d'antes.

Á noitinha, quando voltou do trabalho, devagar, adiante dos bois que todo o dia tinham acarretado esterco, vinha cheio de esperança.

O medico da villa era entendido; tinha curado n'um instante a mulher do Sebastião de uma espinhela cahida; e o guarda, que andava com os olhos miseraveis havia que tempos, só com umas aguas que elle lhe receitara, puzera-se fino ao cabo de quatro dias.

Com certeza havia de ter acertado com o mal da Annitas; áquella hora, quem sabe? talvez a cachopa já se achasse melhor.

Ao chegar á volta da azinheira, já pertinho, a correnteza dos carros cruzou-se com as mulheres que iam para a fonte, de cantaros á cabeça.

Logo a primeira era a ti Zabel.

«A minha Rosa já chegou?» perguntou o abegão.

«Já sim senhor; mas não vem sastefeita. Mal deu as boas noites á gente e entrou logo para casa.»

«E a Annitas?»

«A Annitas tambem.»

«Que disse o medico?»

«Isso é lá com a sú Rosa...» respondeu a ti Zabel com azedume. «Vinha soberba; poz-se a dizer que lhe doia a cabeça e que este era o peor dia da sua vida, mas não foi capaz de mandar a gente entrar para casa nem de explicar fosse o que fosse.»

O abegão fizera parar os bois e toda a fileira dos carros parara tambem atraz d'elle.

A tarde estava a acabar; uma tarde de Outomno, calada e immovel.

Alguns boieiros, sentados no ultimo carro, fumavam e chacoteavam em voz alta.

Ouvia-se o resfolegar dos animaes cançados.

«Hasta cá, Brilhante!...»

Gritando aos bois, o abegão apprehensivo, poz-se de novo a caminho.

No alpendre, soltou a junta, levou-a para a abegoaria onde entrou atraz d'ella com o seu passo vagaroso do costume, prendeu-a, foi buscar dois braçados de ferrejo que estendeu na mangedoura.

Cada moço tratava dos seus bois.

Tinham accendido a lanterna de vidros embaciados que pendia de uma corda ao meio da abegoaria.

Os homens andavam de um lado para o outro, conversavam.

Ouviam-se os passos pesados na calçada, o matto das camas estalando sob as patas dos animaes, o ramalhar do ferrejo atirado para as mangedouras.

O Antonio deu as suas ordens ao boieiro que ficava de vigia e dirigiu-se para casa.

Ao dar com a porta fechada, bateu-lhe o coração com mais força.

Levantou a aldrava; entrou.

«Qu' é da Annitas?» perguntou elle do limiar.

A Rosa, sentada na lareira com os joelhos á bocca, não respondeu logo.

O Antonio percebeu que ella chorava.

Fechou a porta, approximou-se da mulher, deu-lhe um encontrão.

«Qu' é da cachopa?»

«Foi-se deitar.»

«Que disse o medico?»

A Rosa desatou a chorar alto.

«Nossa Senhora me acuda! Porque não havia eu de morrer antes de chegar a esta vergonha?...»

O Antonio levou a mão á cabeça, atirou o carapuço para cima da meza com violencia. Via nuvens vermelhas passar-lhe deante dos olhos.

Uma idea monstruosa atravessara-lhe o pensamento.

Berrou, fóra de si, rouco:

«Fala, mulher do diabo! Raios te partam que me estás a matar!»

A Rosa gemia:

«Todos os santos e santas da côrte do ceu me valham! Maldita seja a hora em que nasci!... Mais valia vel-a morta... Ai! a minha rica filha!»

O Antonio deitou a mão enorme ao hombro da mulher, saccudiu-a com tanta força que a fez tombar para o chão, deu-lhe dois pontapés com os sapatões cardados. Appetecia-lhe espesinhal-a, esborrachal-a, matal-a como se ella fosse um bicho peçonhento.

«Deshonraram-n'a? Responde, estepor!»

A Rosa repetia:

«Mais valia vel-a morta e enterrada!... Uma inocente, uma inocente...»

«Quem foi? Quem foi?...»

O abegão tinha a garganta secca, um gosto a sangue na bocca, um desejo immenso de destruição, de morte...

Como a Rosa não respondesse, gemendo e balbuciando palavras sem nexo, enovelada no chão como uma trouxa de roupa, atirou-se a ella, cego de raiva, louco de furor, aos murros, aos pontapés, vociferando pragas e improperios, com a razão perdida.

Depois estacando no meio da casa, olhou um momento em redor como quem procura qualquer coisa.

Á luz da candeia a Rosa viu-lhe a bocca espumante, os olhos injectados de sangue...

E logo, como um vendavel abriu a porta, sahiu para o alpendre, correndo, cambaleando, aos berros, como um toiro furioso.

«Um fueiro! Um malho!... Quero matal-a! Deshonraram a minha filha! Quero matar a mulher do diabo, o estepor do inferno que não m'a soube guardar!...»

E no escuro do alpendre procurava uma arma, fosse o que fosse, topando em tudo, sem saber o que fazia, aos urros como um animal ferido.

Os moços que ainda se encontravam na abegoaria vieram de roldão para o alpendre; e ahi hesitaram defronte d'aquelle vulto que se agitava na sombra, formidavel de dor e de colera e que não lhes parecia um ser humano.

Á claridade da lanterna trazida á pressa, reconheceram o abegão que acabara por arrancar o fueiro de um carro e se precipitava para a porta da casa.

Correram para elle, seguraram-n'ò com dificuldade.

«Larguem-me! Larguem!...»

Lá dentro ouviam-se os gemidos da Rosa, moida de pancadas, que se rojava pelo chão sem poder levantar-se.

«Ah! Su Toino...» dizia o Sebastião agarrado a elle, offegante e alagado em suor. «Socegue, su Toino! Um home ã perde assim a cabeça, home! Dá-se pancada n'uma mulher quando a merece, que diabo!... que só assim teem ensino. Mas ã se lhe racha a cabeça, home! Veja se ganha juizo, su Toino!...»

O abegão já ão estrebuxava. Á luz bruxuleante da lanterna, os boieiros viam-lhe a camisa toda rasgada sobre o peito musculoso e cabelludo, a cara torcida, congestionada; mas já ão berrava.

Calara-se.

Olhava em redor com assombro como se não pudesse entender o que se passava.

Lá no extremo do alpendre alvejava ainda um resto de claridade que vinha do poente.

As mulheres chegavam da fonte; ao ouvirem borborinho, ao repararem no grupo de homens á porta do abegão, largaram os cantaros, correram espavoridas, informaram-se, engolfaram-se pela casa dentro a socorrer a Rosa a seu modo, juntando ás d'ella as suas lamentações com aquella facilidade que teem as mulheres do campo de se transformarem em carpideiras ou em furias conforme as circumstancias do drama que presenciavam.

A Annitas deitada na cama, enovelada no cobertor, conservava-se immovel, aterrada, com os olhos abertos, esgazeados na penumbra.

Lá na villa o medico falara baixo á mãe e esta desatara a chorar e a gemer; e a volta para casa

fôra para a innocente um longo calvario. A Rosa ora a injuriava ora se carpia; saccudida pelo chouto aspero do jumento, a Annitas cheia de agonias e de dores, sentia por vezes turvar-se-lhe a vista.

No crepusculo que augmentava, os vultos das arvores tomavam aos seus olhos febris, aspectos monstruosos.

Não sabia porque a mãe a injuriava e se lamentava assim. Fazia para comprehender, um esforço doloroso e esteril.

Ao chegar a casa, atirara-se para cima da cama como um fardo, com o pobre cerebro cançado e vasio e cheia de dores lancinantes. E, sem um pensamento, para alli ficara tolhida pelo soffrimento physico, tal qual uma vacca doente que se deita no chão entristecida, com uma resignação silenciosa e immovel que é um turvo presentimento de morte.

Ouvira as imprecações do pae, as pancadas; depois os gemidos da mãe, e o borborinho da gente que acudira; e todo o drama passara defronte da sua pobre alma que não o entendia, como as imagens n'um espelho, reflectindo-se um momento e logo fugindo.

«Mas quem seria?... Quem seria?...» repetia o Antonio, sentado n'um mocho defronte da porta.

Aquella idea absorvia-o agora por completo.

Toda a sua colera de doido furioso cahira por terra. Aquelle instincto de fera magoada que o endoidecera um momento e por pouco fazia d'elle um assassino, dera logar a um abatimento enorme.

Olhava em torno de si com um olhar submisso que implorava auxilio. No cerebro rude, deshabitado de pensar, o raciocinio penetrava lentamente.

«Mas quem seria?...»

Em volta d'elle agglomeravam-se, apinhavam-se os boieiros. Physionomias de simples, physionomias de pobres trabalhadores da terra, tismados pelo sol, endurecidos pelo trabalho; cerebros primitivos de intelligencias vagarosas que, perante as grandes desgraças, ficam inertes.

A candeia pendurada no hombral da porta illuminava-lhes de clarões dançantes as expressões attentas, graves, recolhidas. Incapazes de uma iniciativa, de uma idea que esclarecesse, esperavam.

Ao fundo do quarto, as mulheres sentadas no chão em redor da Rosa, bichanavam, suspiravam, falavam de bruxarias, de obras do diabo, de espiritos maus, de nefastas influencias da lua. E, suggestionadas pelas proprias evocações, persignavam-se, olhavam com pavor para a porta do quarto onde jazia a innocente e que nenhuma

se atrevia a transpôr, assim no escuro, quasi certas de lá encontrar Belzebuth em pessoa.

A Rosa, que tinha na testa uma grande escoriação e o corpo negro de pancadas, estava sentada no chão, com a cabeça encostada á parede. Lamentava-se e gemia, repetindo que o seu Antonio a castigara sem razão, que bem guardada andava a filha e que, se tal desgraça lhe succedera, não era de certo por culpa de nenhum homem.

E contava entre soluços, com geral aprovação das visinhas, que a filha, desde que principiara a falar (e bem tarde fôra, que já ia nos oito annos e ainda não dizia coisa que se entendesse), ria e chorava sem ninguem saber porquê e respondia a sombras que só ella via. O senhor prior nunca lhe quizera dar o Santissimo depois de a ouvir em confissão. E uma vez, indo nos treze annos, como estivesse por acaso a porta da capella aberta, foram dar com ella em pé no altar, com os sapatos

sujos enlameando a toalha, mesmo por cima da pedra d'ara, e tendo na mão a imagem de Nossa Senhora, de cabeça para baixo e toda despida nem que fosse uma boneca. Se a mãe lhe falava do anjo da guarda e lhe explicava que tinha umas azas brancas muito lindas, ella ia logo a correr para a capoeira e punha-se de joelhos e mãos postas deante de um Perú branco rezando-lhe, na idea que era elle o anjo...

Cada visinha narrava em surdina um episodio da vida da pobre Annitas, demonstrativo da sua ligação com o espirito das trevas; e, ainda antes de dar a meia noite, já todas estavam convencidas que, no ventre da innocente, se gerava um monstro.

Todas, menos uma.

A ti Zabel, em nova, servira em Lisbôa alguns annos, apprendera a ler, tivera por lá varios namoros; fôra ao hospital dar á luz uma creança

morta. Depois voltara doente para a terra, socegara, acabara por encontrar marido; mas guardara sempre, dos ensinamentos antigos, os olhos bem abertos e o diabo não lhe mettia muito medo...

Emquanto as outras acoradas em volta da Rosa, baixando a voz evocavam bruxedos e se benziam com arrepios de pavor, a ti Zabel conservava-se calada e, mais viva, arteira, sceptica, tinha a certeza de que o mal da Annitas não era obra do demonio.

Lá no seu intimo exultava. Aquella Rosa que andava sempre inchada de presumpção, sempre com a bocca cheia dos seus haveres, do bem que vivia com o marido e da honestidade da sua vida que atirava, por dá cá aquella palha, á cara das mais, agora apanhara do homem uma sova que por pouco a não estoirava e tinha a filha deshonrada.

«Deixa estar, minha fidalga de borra...» pensava a ti Zabel saboreando aquelle desastre «que por todas essas redondezas não ha-de haver alma christã que não saiba a tua vergonha. E a historia dos espiritos eu é que t'a hei-de amañhar. Has-de andar arrastada mal a tua basofia!»

Á medida que a noite avançava, os boieiros e as visinhas foram-se retirando á formiga.

Aquillo já não tinha que ver; e, cançados pelo trabalho do dia, immoveis no silencio lugubre do quarto, ia-lhes chegando o somno.

As horas foram passando.

As primeiras claridades do alvorecer vieram encontrar o Antonio, a Rosa e a Annitas tal qual a noite os deixara; elle sentado no tropeço á porta, a mulher no chão encostada á parede e a rapariga no quarto de dentro, enroscada na cama.

A Rosa á força de carpir e de suspirar, acabara por adormecer; a Annitas, tendo-lhe abrandado as dôres, dormia tambem; mas o abegão velava.

Os olhos azues bem abertos, fitos, não viam a madrugada. Toda a sua alma se tendia, todo o seu pensar se concentrava n'um objecto unico: descobrir o malandro que lhe desgraçara a filha.

Procurava na memoria um indicio, um fio conductor; concentrava n'aquelle trabalho todo o esforço da sua intelligencia lenta. Passava em revista os boieiros, a gente da quinta... Nada. Não via nada...

Apenas o sol nasceu o Antonio levantou-se e foi para o trabalho sem se voltar para dentro de casa, sem um olhar sequer para a Rosa.

Trabalhou toda a manhã nos carros, calado, taciturno; os outros não se atreviam a dirigir-lhe a palavra.

Quando tocou a sineta da sésta, o abegão enfiou a jaleca e, deixando os seus bois ao cuidado do Sebastião, abalou direito a casa.

A Rosa que mal se podia mecher, acabava de fazer o jantar.

«Onde está a cachopa?»

«Na cama.»

O Antonio sentou-se n'um tropeço junto da meza e encostou a cabeça ás mãos.

«Quem foi, mulher?» perguntou elle.

«Como hei-de saber?... Assim a terra se abra agora e me suma se é verdade que algum home tocou na rapariga.»

E a Rosa recomeçou a lamuria da vespera.

«Cala essa bocca!» mandou o Antonio «Se fazes banzé apanhas uma tareia peor qu'a d'honte.»

A Rosa calou-se.

«Puxa pela cabeça. A cachopa nunca andava com essa malandrage das ceifas?»

«Assim a minh'alma vá direita para o ceu» respondeu a Rosa «como ella nunca se afastava da minha vista.»

«Mentes!» exclamou o Antonio.

Subia-lhe a colera de novo, fervia-lhe o sangue.

Depois amansou, encolheu os hombros com desanimo:

«As mulheres mentem todas com quantos dentes teem na bocca.» acrescentou elle falando mais para si do que para a Rosa. «Um pobr'home anda no trabalho e ganhar o pão para as sustentar e não sabe o que as cabras do diabo fazem nem pensam. Não teem *aquella* senão para dar á lingua. Má raios as partam.»

Levantou-se, dirigiu-se para o quarto da filha.

Hesitou, com a mão no fecho. Parecia-lhe que o coração lhe ia estoirar o peito.

Entrou.

A Annitas, assustada, fitou n'elle um olhar de angustia. Tinha medo. Medo de tudo e de todos sem saber porquê.

«Não bata, pae!» implorou ella.

«Quem foi?» perguntou elle approximando-se, muito pallido.

A Annitas fitava-o com um olhar assustado. Não comprehendia.

«Quem te desgraçou, rapariga?» repetiu o pae levantando a voz e todo tremulo de raiva.

Não entendia o que o pae queria saber; não percebia a causa do mal que tinha em si. Mas quiz-lhe responder fosse o que fosse, na idea de abrandar aquella colera que ia acabar em pancada. Tudo desandara em tristezas e terrores desde que a mãe lá na villa falara ao medico.

E a Annitas disse, levantando o cotovelo para aparar o primeiro golpe, no seu gesto habitual:

«Não se escame, pae. Foi o medico.»

«Ah! cachorra! que me queres enganar!...»

Mas não lhe bateu. Passou a vista pelo ventre que avolumava sob a roupa e cahiram-lhe os braços como se lh'os tivessem quebrado. Appeteceu-lhe rachar a cabeça contra uma esquina.

A Annitas, vendo que a sua resposta não satisfizera o pae, lembrou-se do muito que soffrera na volta para casa. Talvez elle quizesse saber o que lhe fizera aquellas dores tão grandes.

«Pae...» disse ella «foi o burro.»

O pobre Antonio sahiu do quarto como um doido e sentando-se á meza da cosinha, desatou a chorar.

Como é que havia um homem sobre a terra e com alma christã, capaz de desgraçar uma

innocente d'aquellas?! Ainda que elle o procurasse de dia e de noite até á hora da morte, havia de encontral-o para lhe esborrachar a cabeça debaixo de uma pedra, ao maldito, nem que fosse um sapo...

A Rosa poz em cima da meza o tacho com couves e um pedaço de toicinho.

Mas o Antonio empurrou o prato e sahiu de casa.

Foi direito á porta dos fidalgos e mandou recado para dentro que desejava falar ao patrão.

Entrou no gabinete com o carapuço ao hombro, curvado, humilde, sem saber como havia de dizer o que tinha na idea.

«Então que é isso, abegão, temos alguma novidade?»

«Saberá V. Ex.^a que tanto monta pela abegoaria como pela lavoura não ha novidade. O

gado anda bom e os serviços vão adeantados, graças a Deus.»

«Mas tu não me vens dizer coisa que preste, homem. Trazes uma cara!»

O Antonio puxara o carapuço do hombro e amachucava-o lentamente entre os dedos. Não tirava os olhos do chão.

Por fim lá se decidiu:

«Vae em trinta annos que sirvo esta casa e louvado seja Deus, nunca dei escandola a ninguem e... já agora cuidava aqui morrer. Mas, com'o outro, um home nã sabe pr'ó que está guardado... Tem de prérguntar outro abegão, qu'este cá é estaca já pôdre e... leva-o o diabo.»

O fidalgo olhou attentamente para o Antonio e percebeu que o homensarrão fazia um grande esforço para conter as lagrimas que lhe queriam saltar dos olhos.

Levantou-se, aproximou-se do seu criado a quem devia tantos annos de bons serviços e de fidelidade e que se habituara a estimar. Deu-lhe uma palmada no hombro.

«Tudo isso é asneira, Antonio. Quem pensa em tu deixares a Quinta Grande? Nem eu posso passar sem ti nem tu sem mim.»

Mas o Antonio abanou a cabeça, obstinado na sua idea.

«Sabera V. Ex.^a que tem de préguntar outro abegão.»

E por fim, narrou a sua desgraça, contendo a indignação e a raiva pelo muito respeito que lhe inspirava o patrão, mas tremulo, com a garganta secca, sentindo-se em cada palavra, em cada gesto, a agonia da pobre alma rude, o desespero e a sede immensa de vingança.

E o patrão não conseguiu demovel-o do seu proposito; todos os argumentos se quebravam contra o dique d'aquela vontade inflexivel.

«Deixe-m'ir, patrão, deixe-m'ir...» repetia o Antonio passando o lenço na testa inundada de suor. «Com'ássim não tenho cara de por qui arrastar a vergonha da cachopa. E vae d'hi, póde acontecer alguma desgracia e não quero que o patrão tenha trabalhos por via de mim.»

«Que desgraça, homem? A desgraça está feita e não és tu que vaes tornal-a maior; tu que sempre foste um homem de juizo.»

Mas o Antonio respondeu:

«O que tem de ser tem muita força, patrão. Um home ajuizado... lá lhe vem o tempo de perder a cabeça e, ainda bem não, entra-lhe o diabo no corpo...»

O Antonio deixou o seu logar de abegão na Quinta Grande e installou-se com a mulher e a filha na casita que comprara perto da villa e de onde despediu o inquilino.

Adquiriu uma junta de bois alentejanos pequenos e rijos que lhe faziam a lavoura da fazenda e que elle alugava o resto do tempo, trabalhando com elles, geira aqui, geira além, pelas terras de pequenos lavradores a quem não valia a pena ter gado seu.

A Annitas melhorara das dores e já não tinha enjôos nem agasturas; mas ia engrossando cada vez mais.

Envergonhava-se d'aquella inchação; passava os dias mettida em casa.

A Rosa d'uma vez, estando de mau humor, o que lhe acontecia a miudo desde que viera para aquella solidão sem ter com quem dar á lingua, dissera á filha:

«Que andas tu a esconder-te, minha parva? Pois não sabes o que fizeste? Cuidas que m'enganas?»

A innocente olhou para a mãe pasmada.

Não entendia.

Da sua aventura com o bufarinheiro guardava uma idea vaga, que se apagava a mais e mais e se confundia com outras.

Fôra ter com elle á charneca, sem malicia, obedecendo simplesmente ao seu instincto; e escondera-se como se escondia ás vezes para ir tomar banho á ribeira, de madrugada, entre os ramos dos salgueiros, ou para trepar a uma arvore do pomar e roubar tres pecegos. Escondera o seu acto receando que a impedissem de o praticar. Nada mais. No pobre cerebro imperfeito não existia a idea do bem e do mal.

Não sabia o que tinha. Aquella doença affligia-a pelo soffrimento que lhe causava. A

inchação do ventre assustava-a; ás vezes punha-se a chorar e pedia á mãe que a curasse.

Quando sentia nas entranhas agitar-se a vida que trazia em si e que ignorava, sacudia-a um grande fremito de horror, gritava que tinha um bicho no ventre, fugia, escondia-se a tremer de medo... E a Rosa, lavada em lagrimas, rezava pedindo a Deus que lhe matasse a filha antes d'ella dar á luz o monstro gerado pelo demonio.

Estas scenas endoideciam o Antonio que não parava em casa e passava os serões e os domingos na taberna á beira da estrada, bebendo e jogando para se atordoar e esquecer.

Perdera dias inteiros de trabalho, indo por um lado e por outro, com varios pretextos, correndo todas as povoações d'aquellas redondezas, a ver se alcançava qualquer indicio que o levasse á descoberta do homem que lhe deshonrara a filha.

Mas todos os seus esforços eram baldados.

Por toda a parte o acolhiam com um ar constrangido e poucos se demoravam a falar com elle.

Uma vez ia perdendo a cabeça porque um garoto gritara á sua passagem:

«Olha o sogro do diabo!...»

D'ahi por deante principiou a beber.

Apenas o vinho lhe subia aos miolos, começava a falar da sua desgraça e se alguem o contradizia, armava logo uma desordem, com os olhos a luzirem que nem os de um lobishomem.

Mas trabalhava sempre. Trabalhava desde o sol fóra até anoitecer. Trazia as terras bem amanhadas que era um regalo e os bois nedios e lustrosos que mettiam cubiça.

Andar alli agarrado á terra era a sua maior consolação. Mas quando fechava os bois na arribana, ao sol posto, e se sentava defronte da ceia, dizia de si para si:

«Para quem andas tu a matar-te? Quando fechares os olhos quem te cuidará da fazenda, quem fará medrar os teus haveres?...»

Não queria ver a filha. Não supportava a presença d'aquela ventre enorme onde lentamente crescia a sua vergonha e a sua desgraça.

Apenas acabava de comer, sahia, vagaroso, curvado, com o seu passo pesado, balançando o dorso de atleta...

Ia para a taberna.

Uma noite, ao voltar para casa, ouviu lá dentro gritos lancinantes.

Era a voz da Annitas.

«Ah! minha mãe que eu morro! Acuda-me pela sua salvação! Meu pae! Eu morro... eu morro...»

A Rosa veio a correr ao encontro do marido:

«Toino... Vae-me chamar depressa a ti Maria Jaquina lá além á estrada... A cachopa está c'as dores.»

Docil, o Antonio voltou para traz, apressou o passo direito á estrada.

Não sabia o que fazia. Os gritos da filha retalhavam-lhe o coração. A raiva, o odio, o horror, tudo desaparecia da sua alma e se fundia n'uma dôr immensa.

«A minha Annitas, a minha Annitas...» repetia elle todo tremulo.

E juntava as mãos:

«Dois mel reis de cera a Santa Brigida se ella escapar...»

Voltou a galope com a ti Maria Jaquina.

A rapariga já não gritava.

Gemia e chorava baixinho.

O Antonio sentou-se fóra de casa, n'um monte de pedras, á espera.

Não se atrevia a entrar.

Não queria ver morrer a filha.

De instante a instante ia á porta, chamava a mulher, pedia noticias...

Já principiava a clarear o ceu quando a Annitas soltou um grito que atravessou o coração do pae nem que fosse um golpe certo de navalha.

O homem levantou-se suffocado. Apertava o peito com as mãos. Parecia-lhe que morria.

Seguiu-se um silencio e, de repente, o Antonio ouviu outra voz... um vagido muito fraco...

Então... só então, a imagem horrivel da creança appareceu no seu espirito.

Alli estava o maldito concebido no peccado, o ente monstruoso que lhe trouxera a deshonra.

Até alli só pensara na filha, na sua Annitas que elle não queria ver morta. O resto desaparecera.

Mas o vagido do innocente fez-lhe reviver n'um segundo a tortura dos longos mezes passados, a injuria, a affronta que não fôra vingada, a imagem do homem desconhecido que elle nunca pudera encontrar e que áquella hora seria do mal que fizera e ficara sem castigo.

E nunca saberia... e toda a vida teria ao seu lado a creança a lembrar-lhe a sua desgraça.

Para toda a parte onde fosse, o povo o apontaria e faria escarneo d'elle...

De que lhe servia a sua existencia inteira de bom trabalhador e de homem honrado? De que lhe servia a saude e a força dos braços, se d'alli por deante era obrigado a arrastar a sua vergonha como um aleijado arrasta pelas estradas a sua miseria?

Maldição!

Ao nascente o alvorecer crescia.

Os passaros ramalhavam e piavam nas arvores.

Os galos principiavam a cantar.

O Antonio ergueu-se como um homem bebedo.

Approximou-se do poço. Um poço fundo, cheio de agua fresca e leve que nunca seccava, que lhe alimentava a horta o verão todo, sem baixar...

Despiu a jaleca. Tirou o barrete.

Juntou as mãos, fez acto de contrição, pediu a Nossa Senhora e a Santa Brigida que lhe perdoassem pelo muito que soffrera e que lhe olhassem pela Annitas, que a não desamparassem...

Benzeu-se devagar.

Debruçou-se; á luz vaga do amanhecer viu um momento a sua imagem reflectida na agua quieta, funda e negra...

Ouviu-se o ruido surdo de um mergulho.

Mais nada.

O nascente estava todo côr de rosa.

Os passaros cantavam; e na estrada ia passando gente a caminho do trabalho.

Na mesma hora, a Annitas, livre do seu mal, olhava com espanto para a creança que acabava de morrer.

De onde viera aquelle menino?

Porque seria que a mãe se debruçara para ella chorando e lh'o dera a beijar como se fosse um Menino Jesus, antes de o estender, muito quietinho, n'um taboleiro, com as mãos cruzadas sobre o peito?

O SOLAR DOS PAVÕES

«La société, les cercles, les salons, ce qu'on appelle le monde, est une piècemisérable, un mauvais opéra, sans intérêt, qui se soutient un peu par les machines et les décorations».

CHAMFORT

O solar dos Pavões

Sahindo da sala o Pedro Paulo Duarte entrou no vestibulo onde um criado de casaca o ajudou a vestir o sobretudo.

Os passos não se ouviam sobre o tapete espesso; o lampeão preso no tecto pela corrente de ferro batido, illuminava os retratos dos antepassados que, nas suas molduras de talha, seguiam com um olhar severo e reprovador os movimentos do lagalhé pequenino e insignificante. Dir-se-hia que o viam pela primeira vez; no emtanto havia já tres annos que o Pedro Paulo frequentava o solar dos Pavões.

Tendo enrolado em volta do pescoço um lenço de seda branco, o homensinho agarrou no guarda

chuva que o criado lhe apresentava e sahiu depois de dar as bôas noites com um sorriso affavel áquelle soberbo personagem encasacado que lhe inspirava consideração.

Chovia torrencialmente.

Encostado ao vão da porta, arregaçou as calças e abriu o guarda chuva; depois, metteu-se a caminho. Desceu a calçada escorregando nas pedras molhadas, chapinhando na lama.

Os candieiros de gaz envoltos em nevoa, irradiavam clarões avermelhados que se reflectiam nas poças. A respiração do Pedro Paulo sahia-lhe da bocca e do nariz em flocos de vapor; ao dobrar as esquinas as catadupas d'agua, jorrando das biqueiras dos tellhados antigos, rufavam-lhe na seda esticada do guarda chuva.

Esperou meia hora em Alcantara pelo americano. Quando finalmente entrou n'um que

seguia para a Baixa, ia encharcado e transido de frio.

Deu-lhe logo na vista um côco da ultima moda e a gola de um soberbo casacão de pelles que iam no banco á sua frente.

«Já sei...» pensou o Pedro Paulo roido pelos ciumes «Vens da Junqueira, tão certo como o chão criar batatas. Estiveste lá com *ella*... e eu toda a noite a aturar o velho.»

E deu uma palmada no hombro do casacão de pelles.

«Olá, D. Vasco!»

O outro voltou-se, carrancudo; ao reconhecer o Pedro Paulo sorriu ligeiramente:

«Adeus, ó coiso!...»

E acrescentou:

«Que noite! E eu que na Junqueira não fui capaz de arranjar uma tipoia!»

O Pedro Paulo, nervoso, esfregou as mãos.

«Um *taró!*... E... estava muita gente?»

O D. Vasco accendeu um cigarro antes de responder:

«A gente mais velha e mais feia do corpo diplomatico e algumas reliquias de S. Vicente.»

«E raparigas, hein? Havia raparigas bonitas?» perguntou o Pedro Paulo sorrindo com malicia e debruçando-se todo á espera da resposta que o interessava.

Mas o D. Vasco suspirou apenas:

«Uma seca! Uma seca... A vida é uma seca!»

Depois, mudando de tom:

«Você é que é um felizardo, homem! Não tem que aturar massadas, não tem familia, não tem vicios, deita-se cedo, trabalha, é virtuoso...»

E o D. Vasco levantava as sobrancelhas finamente arqueadas e passava os dedos pelo bigode loiro, sorrindo imperceptivelmente e fitando no Pedro Paulo os olhos enormes,

rodeados de um fundo circulo escuro, aquelles olhos cançados e tão lindos que perdiam as mulheres e que eram o apanagio dos Abreus d'Albuquerque.

«Bem te entendo...» pensou o Pedro Paulo vexado «estás a fazer pouco de mim. E nem sequer tens instrucção primaria!»

Chegavam ao Rocio.

Apearam-se ambos. Separaram-se.

O D. Vasco metteu-se n'um carro de praça e mandou bater para o Turf. O Pedro Paulo consultou o relógio e, vendo que perdera o ultimo americano para o Campo de Sant'Anna, seguiu corajosamente o seu caminho a pé.

Quando chegou á porta de casa, foi com um sentimento de alivio que tirou da algibeira e accendeu o seu rolinho de cera e principiou a subir os degraus gastos da escada onde se espalhava um forte cheiro amoniacal.

No patamar do terceiro andar parou, meteu a chave no trinco, abriu cautelosamente a porta; foi andando em bicos de pés sobre a passadeira de juta do corredor. A luz vacilante do rolo de cera, lia-se na parede este letreiro:

«Pede-se a fineza de não fazer ruido no corredor depois da meia noite.»

O Pedro Paulo morava n'uma casa d'hospedes muito decente; dirigiam-n'a duas senhoras respeitaveis, D. Petronilla e D. Cezarina Lameiras, irmãs de um falecido e vago general reformado.

Apenas chegou ao seu quarto, o Pedro Paulo accendeu o candieiro de loiça ornado de um *abat-jour* de lustrina feito pelas mãos de aneis da D. Petronilla e já bastante sarapintado pelas moscas, poz o guarda-chuva a escorrer dentro do balde, pendurou o sobretudo atraz da porta, trocou as botas ensopadas por umas chinellas de feltro e,

atirando para os hombros o chale-manta que a mãe lhe metterra no bahú quando elle sahira da terra havia muitos annos, sentou-se defronte da meza com um grunhido de satisfacção.

A D. Cezarina, que era sentimental, deixava-lhe sempre no quarto, antes de se ir deitar, um bule com chá que embrulhava n'um chalinho de *crochet*. O Pedro Paulo deitou a infusão, ainda morna, na chicara e foi bebendo aos gollinhos sentindo-se a pouco e pouco invadir por um grande bem estar.

Abriu um livro, depois outro, remeceu em papeis, rabiscou n'um caderno de notas; por fim atirou a caneta para cima da meza com impaciencia, recostou-se na cadeira de vimes e, de olhos meio cerrados, entregou-se a fundas meditações.

O encontro com o D. Vasco puzera-lhe os miolos a arder.

Havia algum tempo que as visitas d'aquelle peralvilho ao solar dos Pavões se multiplicavam. O marquez recebia-o de braços abertos e a filha mais velha, a Maria Domingas, ficava toda vermelha quando via entrar o primo.

N'aquella noite vinha elle de casa da D. Leocadia de Lemos, na Junqueira, onde houvera jantar de gala ao qual assistira a marqueza e as suas duas filhas.

O Pedro Paulo soubera tudo isto lá nos Pavões onde fôra passar o serão e onde apenas encontrara o marquez com quem jogara o gamão até perto da meia noite.

Aquelle D. Vasco...

Diabo!

Mas podia lá ser! O D. Vasco nem sequer tinha instrucção primaria! E o que fazia? Sim, o que fazia aquelle figurão? Era addido ou coisa que o valha no ministerio dos negocios estrangeiros

onde nunca punha os pés. A sua ocupação consistia em espatifar a fortuna que herdara da mãe. Um ocioso, cheio de desdens por tudo nem que fosse um príncipe... Sempre no Chiado, a conversar pelas esquinas, a fanfarronar, a dizer asneiras; e jogava no Turf os olhos da cara. As mulheres morriam por elle e andava constantemente embrulhado em intrigas complicadas de amor com senhoras casadas...

«Um bonito partido, não haja duvida!» pensava com ironia o pobre Pedro Paulo na sua honesta concepção burgueza da felicidade conjugal. «De se lhe tirar o chapéu!...»

E resmungou em conclusão, agitando-se na cadeira:

« Raios o partam! »

Recapitulou a sua propria vida.

Era filho de um merceeiro de aldeia, regedor, proprietario e galopim, um fura-vidas com muito

lume no olho, que juntara uma data de vintens. A mãe era uma camponia bonacheirona e simploria, analfabeta e dotada de uma invulneravel bôa fé.

O Pedro Paulo sahira da terra muito novo porque mostrara taes capacidades intellectuaes, que o pae logo percebera a sua predestinação para as letras e ambicionara fazel-o doutor.

Estivera em Vizeu, em casa de um tio padre, depois em Coimbra, no Porto e finalmente viera matricular-se na Escola Polytechnica de Lisbôa onde com uma vontade de ferro conseguira acabar o curso.

Toda a vida luctara, trabalhara, penara... Agora, o peor estava passado. Durante o curso, relacionara-se com alguns condiscipulos de bôas familias; escolhera os seus conhecimentos; tivera sempre a mania das relações aristocraticas. A ambição suprema para elle era o mundo elegante

cujo brilho attrahia a sua irreductivel pasmaceira de saloio, a sua incondicional admiração.

Consequira guindar-se, depois de esforços titanicos, a professor de lyceu e explicador de mathematicas. Pensando no ponto de partida, achava satisfactoria e animadora a sua actual situação.

«E tenho futuro, que diabo!» disse elle de si para si, comparando-se ao D. Vasco e passeando no quarto de um lado para o outro. «D'aqui a lente da escola e a deputado, não vae longe. O marquez verá. Hei-de chegar a lente, a deputado e... talvez a ministro! E o D. Vasco nunca ha-de passar da cepa torta.»

Como se encontrasse n'esta occasião defronte do espelho, parou e contemplou com attenção a sua imagem.

Era baixinho, magro, ossudo; affligia-o uma calvicie precoce que attenuava conforme podia

engenhando-se nos penteados. Os olhos pequenos e pretos luziam, sorriam sob o traço leve e curto das sobrancelhas. O rosto quadrado era riscado pelo bigode negro e comprido que lhe assombreava a bocca muito fendida e carnuda; uma bocca de bondade e de boa fé. O nariz largo e de ventas espessas acabava de lhe dar á physionomia um cunho de irreductivel vulgaridade.

Mas o Pedro Paulo olhava-se no espelho com indulgencia e achava-se parecido com Mr. Tiers.

Procurava posições, via-se de tres quartos, pensava com satisfacção:

«Aqui ha expressão, ha intelligencia...»

E concluia empertigando-se todo:

«Sou melhor que o D. Vasco».

Tinha aquella illusão; julgava-se melhor que o D. Vasco.

Sentando-se de novo defronte da sua meza de trabalho, deu com os olhos n'uma conta rabiscada nas costas de um sobrescripto usado; franziu a bocca n'uma careta de contrariedade.

Escrevera aquillo de manhã; eram as despezas extraordinarias do mez: fato, gravatas, S. Carlos, um almoço no Bragança, bilhetes de beneficio, prendas d'annos, uma subscrição de caridade...

«Irra!» suspirou o Pedro Paulo coçando a cabeça com a ponta do lapis e levantando uma camada de caspa.

As boas relações custavam-lhe caro como a bréca.

«É verdade que tenho feito caminho. Frequento com intimidade os Pavões, trato-me por você com o D. Vasco, com o conselheiro Mello, com o conde da Cruz... Jogo o voltarete com um bispo, o nuncio conhece-me; em S. Carlos visito tres frizas e dois camarotes de

primeira, vou ás quintas-feiras da D. Leocadia de Lemos e aos sabbados da viscondessa de Souzal... Mas irra! que me sae caro!»

As despezas da sociedade eram como as cerejas; vinham agarradas umas ás outras.

«Nada...» murmurou elle «É preciso casar.»

Esta phrase evocou immediatamente na sua imaginação uma figura de mulher robusta, alta, fresca e sadia como uma soberba maçã reineta.

O Pedro Paulo cerrou novamente os olhos; via-lhe a pelle avelludada e côr de rosa, o busto opulento, o cabello farto, leve, ondeado, loiro, as mãos brancas, aristocraticas, geitosas; ouvia-lhe o riso musical...

A Maria Domingas apparecia-lhe irresistivel e dominadora como uma deusa; tinha a belleza e a saude; trazia nos braços roliços a promessa da grande e solida fortuna do marquez e sobre a cabeça resplandecia-lhe o brazão magnifico dos

fidalgos do Salgueiro, onde rutilavam os dois pavões heráldicos, de púrpura em campo azul e que atravessava a facha diagonal da régua bastardia.

Genro de um marquez rico, nobilíssimo...

E porque não?

«Toc, toc...» á porta do quarto.

«Entre!» berrou o infeliz que accordava em sobresalto do mais delicioso dos sonhos.

No vão da porta surgiu a D. Cezarina, de bata e coroada de bigodis.

«Desculpe...» disse ella «É a insomnia. Estava tão mau tempo e o senhor lá por fóra... Bem depressa se tece uma desgraça, uma doença... Valha-nos Deus a todos que bem precisamos!»

E cravando no hospede um olhar terníssimo, suspirou profundamente.

O Pedro Paulo respondeu com um sorriso amarelo:

«Ora essa! Então o que havia de me acontecer? Não desejo que se incomode por minha causa.»

A D. Cezarina continuou baixando os olhos:

«Com estes pensamentos, fugiu-me o somno... E agora vinha pedir-lhe aquelle livrinho que me emprestou ha dias...»

«Que livro?»

«Adivinhe.»

«Como quer que eu adivinhe?» exclamou o Pedro Paulo com uma ligeira impaciencia e achando a hora mal escolhida para decifrar enigmas.

E, para cortar a conversa, acrescentou que lhe doia a cabeça.

«Vê?» acudiu logo a D. Cezarina muito agitada. Adoeceu. Ahi tem o meu presentimento!

Aposto que está com os pés molhados! Quer uma botija? Vou arranjar-lhe um chásinho de tilia.»

O Pedro Paulo implorou pelo amor Deus que não lhe dessem o chásinho de tilia.

«Isto não é nada. É canção. Preciso dormir. Diga o livro que deseja.»

«A Morgadinha de Val Flôr.» murmurou a D. Cezarina ruborizando-se «Como eu entendo aquella paixão! E o senhor?»

«Eu não entendo nada d'essas coisas.»

«Ahi está! Os homens são todos o mesmo... Nunca entendem nada.»

E a D. Cezarina suspirava de novo.

O Pedro Paulo metteu-lhe o livro na mão, olhou para o relógio e aconselhou:

«Vá-se deitar. É muito tarde. Não parece bem estar aqui a estas horas.»

«Tem razão...» respondeu ella tapando a cara com as mãos. «Que horror! Mas é este o meu

feitio... Nunca penso... Valha-me Deus! Não diga nada á mana.»

Da porta ainda segredou, solicita:

«Deite-se. Não se cance a trabalhar mais. Olhe que eu fico á espreita lá do meu quarto. Se d'aqui a bocadinho não tiver a luz apagada, volto.»

O Pedro Paulo que a acompanhara, empurrou-a brandamente para fóra.

«Seu mau!» exclamou ella já no corredor com um gritinho abafado e um riso nervoso «Não me faça cocegas!»

Mas o Pedro Paulo fechou a porta a toda a pressa e deu duas voltas á chave.

«E esta?» exclamou elle de pé no meio do quarto, de braços cruzados e rubro de indignação. «Hein? Que espiga! Cocegas! Pois senhores, não me faltava mais nada!»

E furioso, principiou a despir-se.

«E é já para a cama! Nem uma pessoa se pode deitar quando quer... Se não apago a luz, é capaz de vir pr'ahi fazer um escandalo. Havia de ser bonito se cá em casa julgassem que... Diabo da velha! Ora o que havia de se lhe metter na tóla!...»

Não se sentia nada bem. Doía-lhe realmente a cabeça e, quando se deitou, pareceu-lhe que recebia duches de agua gelada pelas costas abaixo.

«Bonito!» resmungou elle embrulhando-se na roupa. «Agora vou ter uma gripe!»

Decididamente n'aquella noite corria-lhe tudo torto.

Quando o Pedro Paulo entrava na sala do serão lá nos Pavões, o marquez levantava os olhos do jornal e dizia invariavelmente com a sua voz arrastada e fanhosa:

«Olá, *seu* Duarte!»

E logo se reembrenhava na leitura.

A marqueza, entre dois pontos complicados do seu bordado, perguntava-lhe com bondade que tal estava a noite e que noticias havia pela Baixa.

As duas filhas da casa, a Maria Domingas e a Thereza, faziam serão junto á meza ou iam para o piano com o Pedro Paulo tocar e cantarolar; porque o Pedro Paulo tocava piano de ouvido e tinha um *geitão* para a musica.

Mas nem sempre as noites se passavam assim.

Havia frequentemente visitas; parentes, amigos, *gente de peso* que vinha para o voltarete e gente nova, muita gente nova, primos a primas sem conta.

N'essas occasiões, acolhiam o Pedro Paulo com muita algazarra. Se jogavam jogos de prendas elle era logo o *padre-cura* e, volta e meia, estava na berlinda. Faziam-n'ó glosar motes, servir de espelho, imitar vozes de animaes, cantar

trechos d'opera. Todos se divertiam immenso e o Pedro Paulo julgava-se no ceu.

O morgado, unico filho varão dos marquezes, chegava á hora do chá. Todas as noites sahia depois do jantar: ia ao Gremio Litterario lêr revistas scientificas.

Precocemente obeso, era um modelo de todas as virtudes. Ponderado, moderado, prudente, dogmatico, tinha o culto ardente da superioridade que lhe vinha do nome aristocratico.

Fôra bom estudante e era agora excellente administrador da casa. Nunca dera um desgosto nem uma inquietação aos paes que se orgulhavam d'aquella vergonteia a cujos decretos se submettiam sempre. Mais zelozo ainda que elles do bom nome das irmãs, não lhes permittia a minima velleidade de independencia.

Ordenado, methodico, frio, incapaz de um entusiasmo ou de uma expansão, media as

palavras e os gestos e tinha a monomania da ordem e da correcção. Severo e duro com os criados, inflexível com os inferiores, era de uma impeccavel cortezia com os seus semelhantes.

Desconfiado, nunca trazia um amigo para casa e a entrada do Pedro Paulo nos Pavões fôra uma grande excepção. O Fernando apresentou-o á familia por consideral-o absolutamente inoffensivo.

O Pedro Paulo admirava o amigo. A admiração incondicional, quasi religiosa, do servo pelo seu senhor. Era um sentimento atavico, refflorindo-lhe na alma adoradora de plebeu em frente da indiscutida superioridade do fidalgo.

Admirava a facilidade com que o Fernando deslizava na vida, a benevolencia dos professores, as distincções no curso, todas as portas escancaradas á sua frente, a sua ignorancia da lucta, do esforço, a fama de bondade, de

intelligencia, de elevação suprema de caracter sem uma prova, a sua situação na familia, na sociedade e, sobretudo, a sua sciencia das bôas maneiras.

O Fernando escrevia nos jornaes e falava nas camaras. Os seus escriptos e os seus discursos eram ajuizados, pautados e prudentes; não escandalizavam ninguem e, sendo de quem eram, toda a gente os acceitava como bons modelos de sã rethorica; isto, com o prestigio do nome e a imponencia da figura, bastava para lhe abrir as portas de um brilhante futuro na politica.

A situação do Pedro Paulo em casa dos marquezes satisfazia-o plenamente; acariciava-lhe a vaedade, desenvolvia-lhe o snobbismo e entreabria-lhe na alta sociedade umas frestas por onde se ia esgueirando conforme podia.

A Maria Domingas e a Thereza tinham-se costumado á presença do Pedro Paulo; achavam

muito engraçado aquelle homensinho que não tinha appellido e cujo nome (Pedro, Paulo, Duarte), segundo o marquez observara, dava para tres lacaios. Depois elle estava sempre de bom humor e divertia-as. Tinha uma maneira muito exquisita de falar, empregava expressões que ellas nunca tinham ouvido: *taró*, *ir á pata*, e outras coisas.

Nunca passou pela idea ao Pedro Paulo que não era tratado nos Pavões á altura da sua situação e dos seus trinta e oito annos; não reparava se o desterravam para o fim da meza apenas apparecia mais alguém a jantar; acceitava todas as desculpas, ou inventava-as elle proprio se lh'as não davam, quando não era convidado para qualquer festa de mais cerimonia. Achava natural. Dizia comsigo:

«Pudera! Que havia eu de dizer ao nuncio ou ao ministro da Russia? Não sei falar francez...»

E não pensava mais n'isso.

Poucos dias depois d'aquella grande molha que o Pedro Paulo apanhara ao vir dos Pavões para casa, o Fernando chegou á hora do jantar com a noticia de que o amigo estava de cama, gravemente enfermo.

«Coitado!» disse a marquezia.

E todos o lamentaram durante uns minutos, acabando as senhoras por combinar mandarem-lhe uns copinhos de geleia. Para esse fim o Fernando prometeu informar-se no dia seguinte' da sua morada, pois nunca o visitara nem se lembrara de lhe pedir o endereço.

Quando o Ignacio, o velho trintanario, foi á casa d'hospedes levar a geleia, voltou com más noticias. Disse á marquezia:

«Saberá V. Ex.^a que o Sr. Pedro Paulo está com os pés para a cova. Tão desfeitinho nas faces

do rosto que já parece finado. As senhoras lá da casa (senhoras assim chamadas, com licença de V. Ex.^a) até falam em mandar vir um padre... Tem uma roncada na bocca do estomago, tal qual como o Brillhante quando andou para esticar, vae em tres annos, com a polmoeira; a Senhora marqueza bem ha-de estar lembrada.»

Em vista d'estas informações, a marqueza decidiu-se a ir visitar *in-extremis* o Pedro Paulo. Era um dever christão; o pobre homem estava para alli sósinho. Ninguem sabia quem era aquella gente lá da casa d'hospedes... Até podia acontecer deixarem-n'o acabar sem os soccorros da Igreja.

A Maria Domingas pediu para acompanhar a mãe. Tinha immensa curiosidade de entrar n'uma casa d'hospedes. Imaginava um logar perigoso, um albergue de pessoas suspeitas, gente de theatro, muito livre e de maus costumes.

A Maria Domingas tinha uma idea muito vaga do que significavam estas palavras: *gente de maus costumes*. Quando era pequena e havia obras em casa, recommendavam-lhe que não falasse com os operarios porque podiam ser *gente de maus costumes*; depois de mais crescida, quando via na rua uma mulher muito pintada e vestida com espavento, a mãe dizia-lhe entre dentes que não olhasse, porque era decerto uma atriz, *uma creatura de maus costumes*.

Ligando entre si todos estes factos e lembrando-se de algumas revelações arrancadas a muito custo á sabedoria de uma criada velha, a Maria Domingas chegara á conclusão de que *gente de maus costumes* eram as actrizes e os operarios, isto é, gente que ás refeições mettia a faca na bocca, bebia de mais, comia gallinha com a mão, escarrava ruidosamente, vociferava, não ia á missa e roubava. Um mundo desconhecido e

perigoso que tinha para ella a attracção do mysterio.

A marquezia hesitou em levar consigo a filha á casa d'hospedes; mas acabou por ceder. A Maria Domingas era a filha mais velha; achou bem dar-lhe aquella lição de caridade. E depois... pensando em tudo, pareceu-lhe melhor ir acompanhada.

Tinha tambem a idea de que ia penetrar n'um antro. Os homens de classes inferiores como o Pedro Paulo, quando não teem familia, alojam-se por vezes tão mal!

A miseria repugnava á marquezia. Exercia a caridade por dever christão; entendia que uma senhora na sua alta posição devia dar certos exemplos. Mas nunca podera convencer-se de que os miseraveis eram iguaes a ella, mesmo perante Deus; chamava-lhes *irmãosinhos* quando lhes dava uma esmola, mas aquella fraternidade

limitava-se apenas á ligação momentanea estabelecida convencionalmente pelo acto de *dar*. Dando, ainda que fosse apenas um vintem, achava que cumprira a sua obrigação e que tinha, durante o resto do dia, o direito de afastar do pensamento a imagem importuna d'aquelle baixo soffrer da fome, do frio, da sujidade, do vicio, coisas desagradadaveis que realizava imperfeitamente e cuja evocação perturbava o seu conforto.

Foi n'um domingo de tarde que a marqueza, acompanhada pela sua filha Maria Domingas, entrou para o grande *landeau* fechado e deu ao trintanario o endereço do Pedro Paulo.

Os dois *hackneys*, que já tinham alguns esparavões e principiavam a emmagrecer de velhice, ainda faziam um vistão sob os arreios pretos com chaparias prateadas e, conduzidos pela mão segura e habilidosa do Baptista, mascavam

os pingentes, levantavam as mãos e, por aquellas ruas da Baixa tinham um ar de ir dizendo:

«Somos os cavallos do marquez do Salgueiro que é nobre dos quatro costados e ainda tem nas veias, por bastardia, sangue real.»

E o *landeau*, que era grande como uma arca de Noé e que se desconjuntava já um pouco, luzia apesar d'isso como um espelho, sempre muito bem envernizado, e ostentava os braços pequeninos pintados nas portinholas, com a vaedade de um velhote condecorado.

Na bolea, os dois criados velhos, muito direitos e bem barbeados, pareciam dois senadores.

As duas *patrôas* do Pedro Paulo estavam a uma das janellas de guilhotina da sua casa, a gosar da tarde por ser domingo, com os cotovellos fincados no peitoril, as mãos com frieiras embrulhadas nas pontas dos chalinhos de *crochet*

e as cabeças curvadas para a rua, attentas a quem passava; a claridade do poente illuminava-lhes os postigos frisados, seguros no alto da testa, engenhosamente, pelas redes *invisiveis*.

«É engano.» commentaram ellas ligeiramente emocionadas quando viram o Baptista sopear os cavallos junto da sua porta.

Não podia ser para alli uma tal visita; não havia no predio gente que tivesse d'aquellas relações.

Porém o trintanario, firmando-se com a mão esquerda ao ferro da bolea e com o cotovelo direito bem unido ao corpo, galgara de um salto a roda deanteira, dera correndo a volta ao *landeau* e, mal o carro parara, já elle estava á portinhola, hirto, desbarretado, esperando ordens.

«Não póde ser.» repetiam as manas Lameiras lá em cima, com o coração aos trambulhões.

Toda a vizinhança, pelas janellas, se debruçava n'uma ancia de curiosidade.

O barbeiro do lado viera á porta com os freguezes que se reuniam aos domingos de tarde na loja, para a palestra politica.

O Ignacio dirigira-se para a porta, procurara em vão a campainha e, agarrando na aldrava, batera tres pancadas.

Tres pancadas!

A D. Petronilla e a D. Cezarina desapareceram subitamente da janella; ouviu-se um ranger precipitado de ferragens; o fecho da porta levantou-se.

«Quem é?» perguntou uma voz que a commoção esganiçava lá no alto da escada, apenas o Ignacio entrou.

«Mora aqui o sr. Pedro Paulo Duarte?»

O Ignacio bem sabia que sim; elle proprio trouxera os copinhos de geleia, dias antes. Mas

assim, de libré, achou mais digno e mais bonito fingir que se esquecera.

«Sim senhor.» respondeu a voz que d' esta vez tremia de orgulho «Que pretende?»

Alguns garotos agglomeravam-se á porta, boquiabertos; e dois ou tres freguezes da loja do barbeiro tinham-se aventurado até junto do *landeau*.

O sol, já baixo, feria reflexos nas chapas prateadas dos arreios, nos botões doirados da libré do Baptista, no verniz do carro.

Um dos *hackneys* teve um relinchar surdo e curto de impaciencia, começou a rapar com a mão nas pedras da calçada; e ambos levantavam e curvavam a cabeça como se fizessem cumprimentos, mascando nervosamente os freios e deixando cahir da bocca flocos de espuma.

«É a senhora marquiza do Salgueiro que deseja saber se o senhor Pedro Paulo recebe.» dizia o Ignacio no fundo da escada.

«Ora essa!» respondeu promptamente a D. Cezarina, «Faz o obsequio de entrar.»

Emquanto a marquiza subia com a filha e acompanhada pelo Ignacio que as seguia (porque aquillo não era escada que fidalgas subissem sósinhas), lá em cima ia um reboliço pela casa toda.

Tirava-se do cabide do corredor o casaco velho do major, (o hospede do 3) abria-se de par em par a porta que dava para a sala afim de vir mais claridade, fechava-se a da casa de jantar para não se ouvir o catarrho do brasileiro (que estava logo pegado, no 4) escancarava-se a janella da copa por causa do cheiro da pia e queimava-se na cosinha uma pitada de assucar para purificar o ar; trazia-se para o quarto do Pedro Paulo o tapete de

froco, o candieiro da sala, o ovo d'avestruz e uma jarra de flores de seda com redoma e tudo.

O Pedro Paulo, que estava sentado perto da janella na cadeira de vimes, lançou o bonésinho de seda para cima do guarda fato, tirou dos hombros o chale-manta no qual embrulhou as pernas, para esconder as calças velhas e os chinellos de feltro, atou ao pescoço o lenço de açoar que ainda estava limpo, para esconder a gola da camisa que já o não estava e, n'uma agonia de humilhação e de orgulho, torturado por uma catadupa de sentimentos fortissimos e contradictorios, aguardou os acontecimentos, de mãos tremulas e geladas, com a commoção de um commandante na vespera da batalha decisiva.

A marqueza entrou em bicos de pés e com o rosto compungido. Admirou-se de ver a janella toda aberta sobre a gloria do entardecer e o Pedro Paulo sentado n'uma cadeira.

Esperava encontrar um moribundo; n'esse caso a sua presença alli teria uma alta significação, seria um ensinamento, um exemplo, uma grande obra meritoria, mais uma pedra preciosa que iria engastar-se na corôa já tão rica das suas virtudes; porém, nas circunstancias tão inesperadas em que se realizava, aquella visita chegava a ser indecorosa.

A marqueza teria condescendido em se considerar *irmã* do Pedro Paulo, se elle estivesse na agonia; assim, a distancia que os separava, pareceu-lhe de repente enorme.

«Não se levante! Deixe-se estar.» acudiu ella imperiosamente, evitando assim o movimento de cortezia do pobre diabo que viria agravar a situação já deploravel, dissipando mais ainda a atmospheria necessaria de *doença grave*.

«Essa agora, senhora marqueza! Isto não é nada. Tenho sete folegos. Estou aqui estou fino e

no meio da rua.» dizia o Pedro Paulo todo risonho, enquanto as duas *patrôas* arrastavam cadeiras para as visitas.

E muito nervoso, cheio de loquacidade, luctando por se distrahir de varias pequenas e torturantes preocupações (o balde cheio de agua suja que ainda não fôra despejado, umas piugas usadas esquecidas em cima da mala, umas botas velhas que espreitavam sem vergonha por debaixo da coberta da cama), o Pedro Paulo expandia-se, contava a doença, os remedios, a febre, as insomnias, dava pormenores escusados sobre a inflammação dos bronchios e dos intestinos.

«Em summa», terminou elle com um gesto redondo mostrando a D. Petronilla e a D. Cezarina «dei uma grande estopada cá ás patrôas, mas esta lebre está corrida.»

Ellas interromperam logo, radiantes por poderem metter-se na conversa: estavam

costumadas a tratar de doentes, tinham sido enfermeiras durante o catarrhal do mano, o general Lameiras, quando viviam na Avenida e tinham *groom*... Talvez a senhora marquesa tivesse ouvido falar do general Lameiras...

A marquesa olhava pela janella fóra. Tinha os beiços apertados e as narinas frementes.

A Maria Domingas observava ás furtadellas as manas Lameiras e a mobilia do quarto. Pensava:

«Usam immenso pó d'arroz e cheiram a patchouly; serão actrizes?»

O Pedro Paulo agitava-se na cadeira e sentia-se invadir por um mal estar crescente.

Perguntou pelo marquez, pelo Fernando, pela Thereza... E por fim pediu á marquesa que lhe desse noticias de S. Carlos; esta sahiu então da sua mudez para lhe fazer seccamente a descripção da estreia de um tenor.

As duas manas Lameiras, sentadas na borda da cama, de braços cruzados, accenavam com a cabeça approbativamente, com ares entendidos.

Aproveitando um momento de silencio, precipitaram-se logo na conversa, declarando que nunca tinham sido «pessoas para danças» mas lá então de theatro sabiam apreciar e *eram mesmo perdidinhas...*

A marqueza levantou-se e despediu-se receiando que aquellas creaturas acabassem por dizer alguma inconveniencia na presença da Maria Domingas.

Declarou severamente ao Pedro Paulo que, se o soubesse tão bem disposto e tão bem acompanhado, não teria decerto vindo e que o julgara muito mais doente.

Só então é que elle começou a perceber a verdade. Sentiu que não se mostrara bastante reconhecido a um tão extraordinario favor; viu

claramente que aquella visita era uma esplendida esmola atirada á sua pobre condição.

Só agora dava por isso; tomara a visita como um acto simples de amizade; na sua boa fé, chegara a considerá-la natural. Depois, a presença da Maria Domingas acabara de o entontecer. Fôra atraz do choro.

Quiz emendar o erro, mas era tarde; balbuciou uns agradecimentos confusos que não tinham vehemencia nem significavam a funda e humilde gratidão necessaria. E a marquezia, de pessimo humor, sahiu do quarto sem dar a mão ás senhoras Lameiras que ficaram suffocadas de indignação.

Na escada a marquezia disse á filha com um modo peremptorio que transformava a phrase n'uma ordem:

«O Pedro Paulo está muito, muito doente.»

«Sim, mamã.» respondeu docilmente a Maria Domingas.

Ia desapontada. Afinal aquella visita á casa d'hospedes não lhe dera nenhuma sensação inedita; fôra *uma seca* e nada mais. Não levava nada para contar ás primas. As senhoras Lameiras eram parecidissimas com a costureira que ia lá aos Pavões fazer os vestidos para as criadas.

Apenas ouviu o rodar da carruagem que se afastava, o Pedro Paulo olhou em volta de si com descontentamento; achou o quarto reles e as *patrôas* ordinarias, coisa que nunca lhe tinha sucedido.

A D. Cezarina que ficara sentada aos pés da cama enquanto a mana se retirara com dignidade, perguntou ao hospede ironicamente se aquella menina fidalga era a sua noiva.

O desventurado, perdendo as estribeiras, apontou com impeto para a porta:

«Vá bugiar!»

E a D. Cezarina sahiu lavada em lagrimas.

«Bonito!» exclamou o Pedro Paulo apenas se viu só. «Sim senhora, fil-a bonita! Agora é que vão ser ellas!»

Não foi capaz de trabalhar mais n'essa tarde e passou uma noite atormentada pelos mais horríveis pesadelos.

Sonhou que ia casar com a Maria Domingas.

Levava-a para a Igreja mas tinha que atravessar o Jardim Zoologico.

Ao passar pela gaiola dos macacos, vira n'um dos compartimentos as manas Lameiras que o olhavam com reprovação.

«És um ingrato. Olha onde viemos parar por tua causa!» disseram as manas Lameiras em côro quando elle passou.

Sentiu subir-lhe ao cerebro uma colera de doido furioso; arremessou-lhes pedregulhos enormes.

Então a D. Cezarina estendeu o braço por entre as grades; era um braço de macaco, muito peludo e com cinco metros de comprimento. Agarrou a Maria Domingas pelos cabellos e começou a puxar.

Mas os pés da Maria Domingas não se arrancavam do mesmo lugar, e o corpo alongava-se, estirava-se, como se fosse de massa.

«É de massa.» declarou a mana Petronilla com satisfação.

O Pedro Paulo queria gritar e não podia; os seus poucos cabellos puzeram-se em pé e transformaram-se em alfinetes; e percebeu que toda a gente em volta d'elle tomava a sua cabeça por uma pregadeira. Este facto envergonhou-o profundamente.

No mesmo instante chegou o marquez e disse:

«Os Estados continentaes são o fundamento immutavel da algebra.»

O Pedro Paulo ficou abysmado. Pareceu-lhe que de repente possuía a chave de todas as sciencias. Pensou:

«Com esta phrase tenho a victoria certa no concurso para lente da Escola e estou aqui estou ministro.»

Accordou alagado em suor e, olhando estonteado em volta de si, reparou que a luz da manhã entrava pelas gretas da janella.

Luctou com a memoria para a obrigar a reconstituir o sonho, convencido ainda que ouvira uma phrase poderosa e que era preciso não a esquecer. Quando ella afinal lhe acudiu, sentiu-se infeliz idiota.

Chamou em altos gritos pela D. Petronilla para que lhe trouxesse agua quente; vestiu-se, tomou café e atirou-se aos livros com furor.

O concurso para lente da Escola era d'ahi a quatro mezes. Aquella maldita doença roubara-

lhe tres semanas de trabalho; era preciso recuperar o tempo perdido.

A Magdalena, irmã do D. Vasco, encontrava-se havia alguns mezes em Lisboa com o pae, o riquissimo D. Antonio Abreu d'Albuquerque nosso ministro n'uma embaixada do Oriente que acceitava por diletantismo, sem geito para a diplomacia e exclusivamente apaixonado por obras d'arte e antiguidades.

Orphã de mãe desde muito pequena, a Magdalena acompanhava sempre o pae nas suas viagens longinquoas, nas suas demoradas passagens pelas cidades da Europa, nas suas longas estadas em Lisboa no goso de interminaveis licenças. Esta vida no ar dera-lhe uma desenvoltura e uma liberdade de maneiras que lhe valiam a illimitada admiração das primas dos Pavões cuja educação muito differente as

mantinha nos estreitos limites de uma severa vigilância de todos os instantes e n'uma profunda ignorância da vida.

A Magdalena que fôra convidada a passar a tarde e jantar nos Pavões, encontrava-se agora no quarto das primas onde a tinham levado para tirar o chapéu.

A porta abriu-se devagarinho e appareceu a criada grave da marquezia:

«Meninas, a senhora marquezia manda dizer que vão já para a sala.»

«Estão lá visitas?» perguntou a Thereza.

«Chegou ha bocadinho o sr. Daniel de Mello.»

«Ah! O Daniel...» disse a Magdalena.

E deitando um ultimo olhar ao espelho, acrescentou:

«É melhor irmos, que a tia Prazeres pode zangar-se. Não vens, Thereza?»

«Não esperem por mim. Ainda me demoro um instante...»

Apenas a irmã e a prima saíram, a Thereza fechou a porta devagarinho á chave, abriu a janella de par em par, respirou com prazer o ar frio e puro, estendeu a vista sobre o casario da cidade que o sol illuminava e sobre o rio todo azul e muito calmo, riscado pelos recortes dos navios, nitidos na pureza do entardecer de inverno.

Não era bonita e fôra sempre a menos querida dos paes. Acanhada, differente dos irmãos, falava pouco e ninguem a entendia. Tanto nas reuniões de familia como nas festas de aparato, achava-se sempre triste e só.

A pobre Thereza não era feliz.

Um dia enchera-se de coragem, procurara o irmão, abrira-lhe um pouco a sua alma.

O Fernando dissera-lhe que o seu mal era pensar demais.

«As mulheres não são feitas para pensar.» acrescentara elle, dogmatico. «Divertem-se honestamente enquanto estão solteiras e depois tratam dos maridos e dos filhos. Pensar demais, para as mulheres, é uma doença; uma doença que tem o nome de hysteria. Antigamente as pessoas atacadas d'esse mal chamavam-se *possessas* e dizia-se que tinham o diabo no corpo.»

Concluiu gravemente:

«E não era asneira.»

Depois explicou-lhe com muitos pormenores e mostrando-lhe gravuras de livros scientificos que a massa encephalica da mulher é inferior em peso e tamanho á do homem.

Terminou aconselhando a Thereza a ser modesta, humilde, a occupar-se de assumptos domesticos e a ler pouco.

Esta consulta á alta sabedoria do Fernando teve um resultado contraproducente. D'ahi por

deante a Thereza julgou-se atacada de um mal incuravel que a afastava de Deus.

Por esse tempo o Daniel de Mello voltou d’Africa onde estivera cinco annos, de onde trazia uma pequena fortuna e para onde não queria voltar. Tinha uma natureza fria, egoista, cautelosa, e pensava no seu futuro que ambicionava poderoso e brilhante.

Queria casar rico; pensara que a Thereza lhe convinha. Os herdeiros dos Pavões eram tres; mas a fortuna, muito grande, dava bem para todos. O marquez tinha um grande prestigio e a influencia politica do Fernando crescia consideravelmente. A Thereza não era brilhante, mas o Daniel percebeu que a modelaria a seu gosto e as suas assiduidades junto d’ella tornaram-se tão accentuadas que os marquezes principiavam já a estranhar que elle não fizesse o pedido.

Aconteceu porém que, no principio do inverno, quando o Daniel se dispunha falar ao marquez, chegou a Lisbôa o D. Antonio Abreu d'Albuquerque com a filha.

O Daniel continuou a frequentar os Pavões mas as suas visitas espaçaram-se um pouco.

A Magdalena fizera-lhe mudar o rumo das ideas; a fortuna do diplomata era enorme; o D. Antonio tinha só dois filhos que já possuíam o patrimonio da mãe, falecida havia muitos annos.

Diziam as más linguas que o D. Vasco acabava de espatifar a sua parte, mas a Magdalena era menor e a fortuna d'ella estava intacta.

A grande difficuldade agora para o Daniel era perceber se as suas pretensões á mão da Magdalena seriam bem acolhidas. Não lhe convinha deixar a Thereza sem adquirir essa certeza; não queria arriscar-se a perder tudo.

No seu quarto, defronte da janella aberta, a Thereza pensava no Daniel.

Como a tarde lhe parecia linda! O seu amor era puro e profundo. O Daniel apparecera-lhe como um anjo redemptor, como um messias na aridez da sua tristeza, do seu isolamento. A sua paixão era feita de reconhecimento. Ninguem a entendera como elle, ninguem lhe revelara assim a sua propria alma.

Quando finalmente entrou na sala, o Daniel interrompeu uma animada conversa em que se embrenhara com a Maria Domingas e com a Magdalena, para correr ao seu encontro.

«Senhora D. Thereza,» disse elle «venha depressa ajudar-nos a resolver um problema difficil !»

Tratava-se de um sarau na Junqueira, em casa da D. Leocadia de Lemos, no qual todos tomavam parte. Havia uma comedia, córos populares e

quadros vivos. Mas surgia uma difficuldade; o ensaiador dos côros adoeecera com um typho e era preciso substituil-o.

O Daniel fôra encarregado pela Senhora D. Leocadia de descobrir um novo ensaiador.

«Estou muito afflicto;» explicava elle á Thereza «é difficilimo. Bem sei que ha por ahi muitos professores e maestros de agua dôce que estariam perfeitamente habilitados. Mas o côro é todo de senhoras; precisa-se de um homem que... enfim um homem incapaz de uma falta de cortezia. E que gente é essa, maestros e professores que ninguem conhece?...»

«Eu sei de uma pessôa que estaria no caso de...»

«Quem, pelo amor de Deus?»

«O Pedro Paulo.»

«O Pedro Paulo?» exclamou a marquezia olhando para a filha com severidade. «Não sabe que elle está gravissimamente doente?»

A Thereza corou até á raiz dos cabellos e calou-se enquanto a Maria Domingas e a Magdalena trocavam um rapido olhar e mordiam os beiços para não rir.

«Mas emfim,» insistiu o Daniel «esse Pedro Paulo não morreu e talvez melhore a tempo...»

«Talvez;» respondeu seccamente a marquezia «mas não me parece.»

E, desinteressando-se da conversa, applicou-se exclusivamente ao seu trabalho: um quadrado de seda côr de fogo onde bordava a matiz uma complicada ave do paraizo.

O Daniel achou prudente mudar de conversa e principiava a falar com enthusiasmo nos quadros vivos, quando a porta da sala se abriu e entrou um homensarrão obeso, de barbas grisalhas, jáquetão

curto, calças de presilhas, esporins. Não tinha luvas e trazia as botas empoeiradas.

«Ora viva a cara família de um anjo!» exclamou elle atirando o chapéu desabado para cima do sofá e abrindo os braços.

«Olha o tio Caetano!» disse a Maria Domingas indo ao seu encontro com a Thereza, enquanto a marquezia levantando-se devagar recebia nas faces dois beijos ruidosos do recém-chegado.

«Então como vae tudo por cá? O meu nobre cunhado? O meu conspicio sobrinho? Bem? Ora louvado seja Deus! Pela tua bizzarria nem pergunto, hein? Explendida, soberba, magestosa como sempre.»

Abraçou a Maria Domingas e a Thereza e continuou:

«Olha o Daniel! Olá, seu intrujão-mór, como vão as politicas?»

Interrompeu-se fitando com atenção a Magdalena.

«É a Magdalena, a filha do D. Antonio...» disse a marqueza sorrindo. «Não te lembras d'ella?»

«O D. Antonio! Pois elle está cá? Vou gostar de o ver. Se me lembro d'ella? Como diabo queres tu que eu me lembre de todos os pimpolhos que vocês teem fabricado cá pela côrte enquanto eu ando pelas minhas berças? Mas ficamos agora conhecidos. Viva! É bonita, o demo da pequena! Tens os olhos e a bocca da tua mãe que Deus haja e que foi uma das mulheres mais perfeitas e lindas que tenho visto na minha vida.»

Interrompeu-se novamente:

«Ó Prazeres!» disse elle á irmã. «Olha que eu fico por cá dois dias.»

«Bem sabes que os teus quartos estão sempre á tua espera.» respondeu ella.

«Bom. E a respeito de paparoca? Almocei ás dez e o folle está vasio.»

E o conde da Murta, cavalleiro de Malta, gran-cruz de Christo, par do reino, moço fidalgo da casa real, fazia uma careta expressiva e esfregava o estomago com a mão tisonada pelo sol abrazador do Alemejejo.

«Thereza», acudiu a marqueza «vae dizer ao Adrião que prepare o lunch do teu tio.»

«É infelizmente uma raridade vel-o por cá, senhor conde.» disse o Daniel. «Só para tratar dos seus negocios e sempre de fugida, não é verdade?»

«Nada; por esta vez não é para tratar dos meus negocios. Vim porque o Patrão deu-lhe na bóla ir caçar lá ás minhas charnecas e preciso de levar d'aqui uns arranjositos... Queres tu vir d'ahi? Sabes pegar n'uma espingarda?»

«Ah!» exclamou a marqueza levantando muito as sobrancelhas. «El-rei vae á Murta caçar?»

Nunca perdoara ao irmão não ter tomado o seu partido quando se puzera mal com o Paço.

«Que espantos são esses?» respondeu o conde que se esquecera completamente das desavenças da irmã com a camareira-mór. «Pois não vae lá todos os annos?»

«Não me lembrava.» respondeu ella applicando-se n'um ponto difficil do bordado.

«É verdade que o costume é ir mais cedo.» continuou o conde. «E olha, agora faz-me um raio d'um transtorno por causa da azeitona! Mas que se lhe ha-de fazer? Manda quem póde...»

«E a Camara, senhor conde?» perguntou o Daniel «Abandonou-a por completo?»

«Que diabo queres tu que eu lá vá cheirar? Para asneiras bastam-me as que oiço aos meus

capatazes e abegões; são mais divertidas e não fazem mal a ninguém. E depois eu cá para rhetoricas... temos conversado! Cada vez que me sentava lá no meu logar, ferrava-lhe uma somneca que ia tudo razo. Agora deixei-me d'isso. Governam-se bem sem mim.»

A conversa continuou n'este tom até que o Adrião appareceu annunciando que o lunch do senhor conde estava na meza.

As vindas do conde aos Pavões traziam sempre um grande constrangimento á familia.

Era differente da irmã como se fosse de outra raça. Irritavam-se mutuamente.

O conde vivia lá na sua enorme propriedade da Murta dividindo o tempo entre os cães, os cavallos, o culto de Baccho e as raparigas do serviço. Fazia galopinagem para se divertir e tinha uma côrte de amigalhaços politicos que o bajulavam, lhe pediam dinheiro e lhe papavam os

jantares. El-rei ia lá caçar todos os annos; o conde dizia-lhe verdades como punhos, que elle ouvia com o bom humor dos seus antepassados perante os truões. As brutalidades e os ditos rabelaisianos do conde da Murta, colleccionados pela comitiva d'El-rei, repetiam-se na côrte pelo anno fóra, tornavam-se classicos; era *da praxe* achal-os engraçadissimos.

Nos primeiros tempos de casada, a marquezia cultivara o irmão solteiro e possuidor de uma enorme fortuna. Depois soubera que elle perfilhara varios productos de caprichos amorosos; descobrira que tinha sobrinhos filhos de criadas e de camponias rotas e de pé descalço. A Markezia *ignorara* systematicamente estes desvarios mas as suas relações com o irmão foram esfriando.

O conde da Murta era um brutamontes, violento, grosseiro, debochado, sem principios,

mas o nome salvava-o; vivia como um senhor feudal no seu dominio e, cá por fora, rico e poderoso, protegido pela amizade d'El-rei, tudo se curvava e sorria á sua frente.

Havia muitos fidalgos como elle; a côrte indifferente e frivola, ria; o povo analphabeto e servil, temia e adorava. O espirito portuguez roido pela lepra da funda immoralidade dos grandes, escondia sob uma superficial cultura moderna, os costumes medievaes.

Quando o conde da Murta sahiu da sala com a marquezia, as tres raparigas e o Daniel recommçaram a falar no sarau da Junqueira.

«É uma pena esse Pedro Paulo estar a morrer.» disse o Daniel. «Faz-me um transtorno!»

«Deixe falar! O Pedro Paulo está são como um pero.» respondeu a Magdalena. «Olha, Maria Domingas, dá-lhe a direcção do homensinho.»

«Vejam lá se isso póde contrariar a senhora marquez...» acudiu o Daniel que percebera um mysterio no ar.

Mas a Maria Domingas socegou-o.

«Não! A mamã não pensa mais n'isso. Póde procurar o Pedro Paulo... Depois invente uma historia, que o encontrou na rua ou qualquer coisa assim... e está prompto.»

Dois dias depois, o Daniel foi bater á porta do Pedro Paulo.

Positivamente o Pedro Paulo é que lhe servia.

Um pobre diabo respeitador, bem criado, prompto para aturar todas as massadas, lisongeadissimo por se vêr na sociedade dos fidalgos... E depois, coitado, tão *gentinha* no seu feitio, tão irremediavelmente lagalhé, tão comico! Não havia possibilidade de perigo.

O Daniel não queria complicações.

O Vasco, a quem a senhora D. Leocadia encarregara logo no principio, de lhe arranjar um ensaiador para a comedia, já tivera uma grande sensaboria. Levara um actor, homem dos seus quarenta annos que imitava os penteados e as attitudes de Mounet Sully e se tinha na conta de bonito. Logo ao terceiro ensaio alguém fôra dar com a Maria do Ceu de Mendonça, filha do juiz do Supremo, ferrando um beijo no actor por detraz de um biombo.

Já se vê, abafara-se aquillo e o homem fôra immediatamente substituido pelo Dr. Costa que, no seu tempo tivera fama de excellente comico amator. Mas a senhora D. Leocadia censurara com aspereza o D. Vasco pela sua leviandade e imprudencia; e a Maria do Ceu, apaixonada, fôra levada para a quinta solitaria de uma tia nos arredores de Coimbra, sob pretexto de anemia.

Aquellas meninas, muito innocentes, eram, por isso mesmo, terriveis. Muito guardadas, muito vigiadas, muito ignorantes da vida, com as cabecinhas ôcas e tlintantes como guizos... apenas passava uma ligeirissima brisa de loucura, lá iam ellas pelo ar fóra como plumas soltas ao vento.

Todas as cautelas eram poucas; e o Daniel, prudente, não queria complicações.

Encontrou o Pedro Paulo defronte da sua meza de trabalho juncada de livros e de papeladas.

«Nada, nada...» disse o futuro lente depois de escutar o Daniel. «Como quer V. Ex.^a que eu vá ensaiar córos, se tenho d'aqui a tres mezes o concurso da Escola?»

Mas o Daniel não se deu por vencido. Defendeu a sua causa com eloquencia:

Os ensaios eram á noite e até o descançariam dos seus estudos. E depois o *caro* Pedro Paulo devia pensar que a sua annuencia ao desejo da

senhora D. Leocadia, era um favor que fazia não só a Sua Ex.^a, mas também a elle, Daniel. E mais, devia lembrar-se que uma das senhoras que cantavam era filha do conselheiro Silvestre, grande influente politico; e outra, neta do ministro das Obras publicas...

Com a luneta escarranchada no indicador da mão direita e os olhos espetados no Daniel, o Pedro Paulo deixava-se a pouco e pouco amollecere por estas razões.

«Todos nós teremos o maior empenho em lhe ser agradável e em servir-o...» ia dizendo o Daniel.

E por fim, levantando-se todo risonho e fraternal, deu-lhe uma palmada no hombro.

«Então está dito, não é verdade? Temos homem.»

Curvando-se para elle, segredou-lhe, confidencial:

«Convença-se, meu amigo, para essa historia de concursos... mais vale um bom padrinho do que muita sabedoria.»

O Pedro Paulo, lisonjeado, estonteado, acompanhou-o, todo sorrisos e cortezias, até á porta e prometteu-lhe que ás dez da noite lá estaria na Junqueira para o ensaio.

Quando chegou a casa, o Daniel dirigiu-se ao seu quarto afim de mudar de fato e preparar-se para ir jantar á legação da Russia.

Mas reparou que era cedo ainda e, accendendo um cigarro, deixou-se cahir na poltrona defronte do fogão onde ardia um bom fogo de lenha.

Em cima da cama alinhavam-se as differentes peças do seu vestuario, roupa muito fina, a casaca de um alfaiate de Londres. Luziam sobre a commoda as escovas de prata a frascaria de crystal. Uma velha tapeçaria de Flandres que lhe custara um dinheirão n'uma loja de antiguidades,

guarnecia uma das paredes enriquecendo o aposento com os seus tons quentes e com a opulencia dos seus desenhos. Na parede fronteira, por cima de um precioso gomil de Vianna, esbatiam-se na sombra, emolduradas em talha doirada do seculo XVI, as figuras de uma Ascensão de um primitivo hollandez.

Ouviu no quarto de *toilette* os passos discretos do criado que lhe trazia a agua quente para a barba; e voltando-se devagar, viu pela porta entreaberta o marmore da tina e do largo lavatorio, os metaes amarellos das torneiras brilhando á claridade fria da luz electrica e o grande espelho incrustado na parede e descendo até ao chão.

O Daniel descançou os olhos um momento no ramo de crysanthemos esguedelhados que morriam n'uma jarra sobre a meza e, fitando a chamma, passou vagarosamente a mão pela testa.

Adorava o conforto, o calor de um luxo requintado e discreto. Trabalhara em Africa rudemente para o alcançar; e agora habituara-se á vida suave e deliciosa dos felizes da terra.

Mas a fortunasita que trouxera d'Africa era insignificante para a voragem d'aquella existencia; e o Daniel queimara a pouco e pouco o seu capital. Restava-lhe... quasi nada e as dividas augmentavam.

Embrenhara-se na politica; era deputado; já n'uma crise ministerial se falara no seu nome... Mas essas coisas, que lhe faziam crescer o prestigio, não lhe acrescentavam os rendimentos.

Era preciso tomar uma resolução; o casamento rico impunha-se-lhe imperiosamente. Não havia tempo a perder.

Aquelle caso da Magdalena e da Thereza preocupava-o. A Magdalena representava a posse immediata de uns duzentos contos e a

esperança do dobro talvez. A Thereza... era preciso não a perder no caso da Magdalena falhar. E o Daniel tinha medo que ella lhe falhasse.

«Se eu conseguisse encontrar-me algumas vezes com a Magdalena sem ser na presença da Thereza...» pensava elle «Mas pertencem á mesma sociedade; onde vae uma vae outra...»

O sarau na Junqueira com os seus preparativos e ensaios tinha-lhe apparecido como um salvamento. Fôra elle que suggestionara a senhora D. Leocadia na distribuição dos papeis da comedia onde elle entrava e a Magdalena tambem. Não se falara na Thereza a principio. Mas, de repente, a dona da casa lembrara-se d'ella para fazer de *soubrette*...

O Daniel dava tratos á imaginação.

Bruscamente passou-lhe pela cabeça uma idea que o fez sorrir.

«Porque não?» disse elle quasi em voz alta.
«Com habilidade...»

E olhando de novo para o relógio, levantou-se e principiou a sua *toilette*.

N'essa noite eram quasi onze horas quando appareceu na Junqueira.

«O que é isto, Daniel?» perguntou-lhe com descontentamento a senhora D. Leocadia que veiu ao seu encontro, muito alta, muito esbelta, toda vestida de velludo preto e distincta como uma rainha sob os bandós grisalhos do seu cabello ondeado. «Esqueceu-se de que eu estava á sua espera?»

O Daniel desfez-se em desculpas: o jantar na embaixada prolongara-se... a ministra exigira que elle fosse ver as suas orchideas... pedia perdão de joelhos...

E logo principiou o ensaio do segundo acto da comedia; durante o primeiro, o ponto lera o papel do Daniel para dar as deixas.

O D. Vasco tinha um papel comico: era o namorado infeliz da Maria Domingas que troçava d'elle e adorava outro com quem casava no fim da peça. Esse outro era o Dr. Costa que accumulava as funcções de actor e de ensaiador e que, sendo casado e pae de familia, fôra escolhido para aquelle papel de noivo por não haver a recear com elle falsas posições no presente nem complicações no futuro.

O Pedro Paulo, encantado com tudo isto, assistia ao ensaio e exultava ao ver a Maria Domingas fulminar com os seus desdens o D. Vasco.

Ao principio do serão sentira-se desazado e infeliz no meio de toda aquella gente brilhante que se agitava, falava de coisas desencontradas e não

fazia caso d'elle. Depois, enterrara-se n'uma poltrona, absorvera-se no espectaculo da comedia e esquecera tudo. A attitudo desagradavel da Maria Domingas com o primo, em scena, enchia de esperanças a sua vaedade de pretendente ingenuo e bastava para o contentar.

No emtanto a atmospherá á sua volta estava carregada.

O Daniel, distrahido e preocupado, esquecia-se do papel, dava as respostas trocadas. Entretido a conversar com a Magdalena no vão de uma janella, entrou em scena fóra de tempo. A Thereza, muito pallida, falava com uma voz tão sumida que não se lhe ouviam as palavras. O ensaiador impacientava-se. A senhora D. Leocadia estava muito nervosa.

O ensaio da comedia foi penoso e acabou sem entusiasmo.

Começaram os córos.

De repente o Pedro Paulo saiu da sombra e passou a ter imensa importancia.

A dona da casa explicava-lhe a ordem em que as diferentes canções deviam seguir-se, e todos lhe davam conselhos.

O Pedro Paulo encontrava-se de subito no setimo ceu.

Emquanto fazia os acompanhamentos, a Maria Domingas, que era a primeira voz e voltava as folhas, debruçava-se sobre o seu hombro; sentia-lhe na cara o halito perfumado e a mãosinha branca tocava-lhe no braço quando era preciso significar-lhe qualquer mudança de andamento.

O futuro lente, com a attenção concentrada no trabalho de decifrar a musica e o coração palpitando desordenadamente de amor, terminou a sua tarefa inundado em transpiração.

Rodearam-n'ò, felicitaram-n'ò, achavam que elle era *optimo* que tinha *um geitão* e que os córos iam produzir um effeito deslumbrante.

Emquanto coristas e actores se espalhavam pelas salas depois do chá, e a senhora D. Leocadia presidia a uns retoques necessarios nos quadros vivos, o Pedro Paulo feliz, triumphante e exhausto, dirigiu-se para a galeria e, deixando-se cahir n'um sofá que um grupo de plantas escondia, procurou na solidão serenar um pouco os nervos e descançar um momento das suas tumultuosas emoções.

Mas estava escripto que, durante aquelle serão, o destino não concederia ao Pedro Paulo a mercê da tranquillidade de espirito.

Minutos apenas depois d'elle se ter refugiado na galeria, ouviu passos e vozes e, espreitando entre a filigrana das plantas, reconheceu a Magdalena e a Thereza.

«Que calor!» disse a primeira.

E, sem esperar a resposta da Thereza, continuou:

«Estou tão aborrecida! Imagina que o Daniel encontrando-se esta tarde com o papá na legação da Russia, preveniu-o de que iria amanhã a nossa casa pedir-lhe licença para me fazer a côrte... e já principiou.»

«E... e... tu?» balbuciou a Thereza.

«Eu... não sei. Não percebo se gosto d'elle ou se gosto do teu irmão. Às vezes parece-me que ambos me agradam; outras vezes, nenhum.»

A Magdalena tomara o seu grande ar pathetico.

«Tudo isto é uma seca. Uma pobre rapariga na minha posição tem de se defender dos outros e de si mesma. Olha, El-rei hontem em S. Carlos, não tirou os olhos de mim. Já na Kermesse foi quasi um escandalo... deu dez libras em oiro para beber

na minha taça de Champagne. A tia Benedicta, que é dama da Rainha como sabes, disse-me: — *Toma cautela. El-rei não é como outro qualquer. Sê prudente. Podes fazer mal á carreira do teu pae.* — De maneira que hontem em S. Carlos, foi um tormento. Passei a noite no fundo do camarote para não ter tentações de olhar também... Podem dizer o que quizerem, aquillo lisonjeia uma pessoa...»

Interrompeu-se bruscamente; voltou-se para a Thereza que escondera a cara nas mãos e desatara a chorar baixinho.

«Que tens tu? Que tens tu?...» e tentava afastar as mãos da amiga, descobrir-lhe a cara.

Entre soluços a pobre Thereza respondeu umas coisas vagas que o Pedro Paulo não pode ouvir; só distinguia entre suspiros, o nome do Daniel.

«O Daniel?!...» perguntou a Magdalena, admirada, fingindo não entender.

E de subito, n'uma exclamação abafada:

«Ah! Gostas d'elle?!»

A Thereza, suffocada, acenou affirmativamente e murmurou com um grande suspiro:

«Ha dois annos!...»

«E elle gosta de ti? Já t'o disse?» perguntou ainda a Magdalena acariciando-a e intercalando estas phrases com palavras de ternura e de consolação.

«Que trapalhada!» pensava o Pedro Paulo no seu canto. «Como estas meninas da sociedade são complicadas!»

Elle que via tanto a miudo e na intimidade toda aquella gente lá nos Pavões, nunca percebera...

Então o Daniel e a Thereza gostavam um do outro havia dois annos e, de repente, sem mais nem menos, o Daniel começava a fazer a côrte á Magdalena que o Fernando, seu melhor amigo, pretendia? E... El-rei, namorava assim, descaradamente, aquella rapariga solteira, filha de um seu ministro...

O pobre Pedro Paulo passava a mão pela testa; tinha vertigens como á beira de um abysmo.

Do outro lado da galeria vinha-se approximando alguém.

As duas raparigas levantaram-se.

«Anda cá dentro banhar os olhos, pôr um pouco de pó de arroz.» disse a Magdalena. «Não estás capaz de entrar na sala com essa cara.»

Ainda ellas não tinham desaparecido na perspectiva da galeria, quando o Pedro Paulo reconheceu nas pessoas que se approximavam, o Daniel e a senhora D. Leocadia.

Sentaram-se alli mesmo, tão perto que o Pedro Paulo mal ousava respirar com medo de ser descoberto.

«É o que te digo, meu amor...» murmurou o Daniel.

O Pedro Paulo ficou petrificado.

Meu amor! O Daniel dizia *meu amor* e tratava por tu a senhora D. Leocadia!!

E, por entre a filigrana das avencas, o pobre lagalhé devorava com os olhos a dona da casa, o seu austero e lindo vestido de velludo preto, os seus bandós grisalhos, o seu porte de rainha...

O Daniel proseguia:

«É a verdade pura. Estou nas ultimas. E tu bem sabes que um homem como eu não se resigna á miseria. Prefiro dar um tiro nos miolos...»

«Daniel! Pelo amor de Deus!...» murmurou a senhora D. Leocadia amachucando entre os dedos

afusados, brancos de neve e cobertos de aneis antigos, o seu lenço de rendas.

«Imaginas que me caso por amor? Ingrata! Como se não soubesses que toda a minha vida te pertence!...»

«Mas... que queres de mim, afinal?» suspirou ella.

«Quero que afastes da tua casa a Thereza. É uma intrigante, uma mosca morta perigosissima. É uma vibora.»

«Ah!» exclamou a dona da casa amargamente «Com que calor a atacas! Ainda ha dois dias lhe fazias a côrte!»

«Eu?! Quem te contou essa mentira? Uma infamia! Ella é que me persegue, me envolve, tenta seduzir-me...»

«Se eu te acreditasse...» balbuciou a senhora D. Leocadia.

E, de repente, com uma subita desconfiança, acrescentou:

«E porque não casas com ella? E' rica, muito rica também...»

O Daniel envolveu-a toda n'um olhar de fogo:

«Porque não quero uma mulher apaixonada, porque o meu casamento é um negocio, porque preciso de uma creatura... que não seja susceptivel de ciumes, porque quero conservar a minha liberdade... para ti. Entendes?»

As ultimas palavras foram pronunciadas baixinho, repassadas de uma significação que fez estremecer a senhora D. Leocadia, que a obrigou a baixar os olhos, a curvar-se como um vime.

Inclinando-se para ella, o Daniel falou-lhe longamente em segredo. O Pedro Paulo só ouvia as arterias das fontes que lhe latejavam com o ruido de marteladas n'uma bigorna.

Alguem chamou a dona da casa no fundo da galeria e ella, levantando-se afastou-se n'aquella direcção com o Daniel, direita, calma, risonha, falando de coisas indifferentes.

Apenas se viu só, o Pedro Paulo sahiu do seu canto com um salto de panthera. Tinha a cabeça em fogo.

Abeirou-se de uma janella aberta para respirar; cuidou que ia ter uma congestão.

Não, não podia deixar passar aquella traição, aquella infamia do Daniel, sem dar um passo para a descobrir, para a castigar.

Devia favores aos marquezes do Salgueiro, era amigo do Fernando, talvez um dia pertencesse á familia... O seu dever de homem de bem era prevenir o Fernando.

Sentia a sua enorme responsabilidade, percebia que o destino o encarregava de desempenhar um papel difficil, importante e

grave. Parecia-lhe que crescia, que engordava, que tomava mais logar, tornava-se solidario com os senhores dos Pavões, ardia em entusiasmo por quebrar lanças, generoso e apaixonado como um Magriço.

Pensou vagamente em esbofetear o Daniel; mas esse projecto, apenas esboçado appareceu-lhe repleto de inconvenientes. Vinha logo o duello e o Daniel, não só era esgrimista de fama, como ganhava todos os premios no tiro aos pombos. Ora elle, Pedro Paulo, nunca pegara n'uma arma e não queria ser assassinado. Depois, com que direito iria elle defender a Thereza? Que demonio!... até podia comprometter a rapariga... Nada, alli não havia outra coisa a fazer senão falar ao Fernando.

Já passava da uma hora da noite.

A marquezia do Salgueiro que estivera em S. Carlos, acabava de chegar com o filho. Vinha buscar a Maria Domingas e a Thereza.

O Pedro Paulo chamou o amigo ao vão de uma janella e declarou-lhe com ares tenebrosos que precisava urgentemente de lhe falar.

O Fernando que andava muito empenhado em fazer votar nas camaras uma proposta para a construcção de uma estrada, perguntou immediatamente se a communicacção do amigo se relacionava com o boato da queda proxima do ministerio.

«Não, homem!» respondeu com impaciencia o Pedro Paulo limpando o suor da testa «E' muito mais grave.»

O serão acabara. Toda a gente se despedia e partia.

«Bom;» disse o Fernando «a noite não está má. Vou a pé para casa. Conversaremos pelo caminho.»

Sahiram juntos.

Pelo Aterro fóra o Pedro Paulo começou a sua narrativa.

Não chovia. Mas o ceu estava coberto de nuvens e a noite negra. Os bicos de gaz espalhavam uma claridade mortiça e nas immediações dos caes, os montes de taboas, de vasilhame, de saccaria, de lenha, tinham um ar sinistro de ruinas.

De tempos a tempos passava um americano.

Cruzaram-se com um cão vadio, dois operarios embriagados, uma patrulha...

O Pedro Paulo falava, falava, cheio de indignação. O Daniel era um pulha. Elle, Pedro Paulo, não sahira do seu esconderijo para o esbofetear porque não tinha auctoridade para isso; mas entendia que, dada a ligação de amizade que o prendia ao Fernando, o seu dever era prevenilo. Que diabo! aquelle patife insultara a senhora D. Thereza. As coisas não podiam ficar assim.

O pobre Pedro Paulo falava, falava... A sua exaltação ia aumentando; tinha um tremor no estomago e a bocca secca. Pequenino ao lado do magestoso Fernando, pulava e punha-se em bicos de pés, parecia crescer, bravejando que nem um Orlando Furioso. Sentia-se grande e forte como um leão.

«Se eu estivesse no teu logar, Fernando, e se soubesse jogar as armas, hoje mesmo o procurava para lhe escarrar na cara.»

O Fernando parou para accender um cigarro, tirou duas grandes fumaças e resmungou:

«Hum!... Então o Daniel pretende a Magdalena, hein? No entanto elle bem sabe que eu lhe faço a corte e diz-se meu amigo... E' curioso.»

E, depois de um silencio, repetiu:

«E' muito curioso.»

«Mas isso não é o peor!» gritou o Pedro Paulo
«O peor é a tua irmã, a affronta á tua irmã!»

O Fernando encolheu ligeiramente os
hombros.

«Sem duvida, sem duvida...» disse elle.

«O que vaes fazer?»

«Eu te digo...» respondeu o Fernando «Tudo
isto são coisas delicadas, mas não lhes attribuas
mais importancia do que realmente ellas teem.
Vou pensar.»

O Pedro Paulo estacou, suffocado.

«O quê?!» exclamou elle «Vaes pensar?! Que
diabo tens tu que pensar em frente dos factos
claros e precisos que te apresento? Um homem faz
a côrte á tua irmã durante dois annos, ella
apaixona-se por elle cheia de bôa fé; de subito o
patife muda de idea e, para a arredar do seu
caminho, insulta-a attribuindo-lhe o veneno de
uma vibora, calumnia-a, insinuando o seu mau

comportamento... Eu conto-te tudo isto passado na minha presença: conto-te o desgosto enorme da tua irmã. E tu... vaes pensar?!»

«Estas questões não se passam entre gente da nossa cathegoria como... n'outras sociedades.» explicou friamente o Fernando. «Temos muitas coisas a considerar. Se a offensa tivesse sido publica ou se tu m'a tivesses contado em publico, eu tomaria immediatamente uma resolução energica. Saberla tomal-a, asseguro-t'o, e não esperaria o teu conselho. Sei o que devo ao meu nome. Mas assim... Bem vês, uma das primeiras precauções a tomar é evitar-se o escandalo. O escandalo é sempre mau; e entre nos é abominavel. Presta-se a commentarios menos respeitosos e diminue o prestigio que temos o dever de defender. Ha certas circunstancias em que, para a gente da nossa raça, ha mais vantagem em dissipar ou abafar com diplomacia os

pequenos incidentes desagradáveis do que em transformal-os em escandalos.»

O Pedro Paulo engulia em secco. Via tudo turvo; cuidou que era das lunetas; tirou-as e limpou-as cuidadosamente ao lenço.

«Tu chamas a isto um pequeno incidente...» murmurou elle «Está bem.»

Subia-lhe uma raiva surda contra o Fernando. Uma raiva de plebeu, uma raiva impulsiva, irreflectida. A raiva de seu avô que era mercador de gado e tinha fama de varrer uma feira á cacetada quando era preciso.

Não entendia as subtilezas do fidalgo em frente do insulto, nem a sua indiferença perante as lagrimas da irmã vexada e calumniada.

«Ha ainda outra coisa...» continuou o Fernando que achava grave e punivel aquella ousadia do lagalhé se intrometter assim n'uma questão de familia onde não era chamado. «Um

homem... enfim um homem educado, nunca deve desvendar um segredo de amor surpreendido entre pessoas da cathegoria do Daniel e da senhora D. Leocadia. E'... como direi eu? E'... *pelo menos* de mau gosto.»

«Não foi pelo prazer de t'ó revelar...» balbuciou o pobre Pedro Paulo. «Não podia escondert'ó desde o momento que precisava de te contar o procedimento d'aquelle tratante com tua irmã.»

«Ha certas coisas que nunca se contam» respondeu o Fernando seccamente «ainda que o seu segredo importe perigo de vida para quem o surpreendeu.»

O Pedro Paulo calou-se.

A ultima observação do Fernando insinuando no seu proceder uma falta de delicadeza, impressionara-o vivamente. A sua colera amainara. Sentia-se desamparado; vinha-lhe um

grande receio de ter sido desastrado, de ter descahido na estima do amigo.

«Fiz asneira.» dizia elle de si para si «Quem me manda a mim ser tolo e metter-me onde não sou chamado?»

E o Fernando crescia no seu conceito. Crescia como um deus que se adora incondicionalmente. Quem era elle, Pedro Paulo, para entender de questões de honra entre fidalgos? Como ousara ditar uma conducta ao Fernando? Cuidava por acaso que o amigo era semelhante ao barbeiro seu visinho que ainda na semana passada fôra passar tres dias ao governo civil por ter quebrado o nariz com um murro a um dos freguezes que faltara ao respeito á sua mulher?

«Este meu desgraçado feitio...» pensava, desolado, o Pedro Paulo. «Nunca hei-de perceber certas differenças. Isto é que ha-de matar-me.»

Perto de Alcantara o Fernando interrompeu-lhe as amargas reflexões com esta phrase inesperada:

«E' verdade. Aconselho-te a ires amanhã assistir á sessão da Camara.»

«Porquê?»

«Debate-se a questão do ensino superior que deve interessar-te.»

«Talvez vá.»

Separaram-se.

Mas o Pedro Paulo á despedida quiz apagar no espirito do amigo qualquer má impressão:

«Homem, não me leves a mal... O que eu disse foi por julgar do meu dever de amigo...»

O Fernando interrompeu-o com um bom sorriso tranquillizador:

«Não penses mais n'isso. Não tem a mínima importancia.»

Porém, apenas o Pedro Paulo voltou as costas, o Fernando franziu o sobr'olho e mordeu os beiços.

«Ah!...» pensou elle «O Daniel quer os duzentos contos da Magdalena, hein? e atravessa-se no meu caminho? E' bom saber-se. Um homem prevenido vale dois. Vamos a ver.»

No dia seguinte, quando o Pedro Paulo ia a descer a escadaria de S. Bento onde a questão do ensino superior não fôra discutida e onde se aborrecera consideravelmente, sentiu que lhe tocavam no hombro.

Era o Fernando.

«Onde vaes?»

«Vou para casa jantar.»

«Então vem jantar connosco aos Pavões.»

«Homem, tenho muito que fazer esta noite. Amanhã ha outra vez ensaio; é mais um serão perdido.»

«Ora adeus! Tens tempo. Vem d'ahi.»

O Pedro Paulo não teve coragem de resistir.

O Fernando metteu-se com elle n'uma carruagem e mandou seguir para Alcantara.

Pelo caminho conversaram sobre politica.

Ahi nas alturas de Santos, o Fernando foi assaltado por uma idea repentina. Debruçou-se pela portinhola e recommendou ao cocheiro que fosse primeiro á rua de Buenos-Ayres.

«Não te importas, pois não?» disse elle ao Pedro Paulo «Já agora para acabar com isto, vou lá acima n'um instante falar ao Daniel.»

O Pedro Paulo murmurou um «Ora essa!» de somnambulo e não acrescentou mais nada.

Estava assombrado e inquieto.

O que sahiria d'alli?

E a imaginação do Pedro Paulo trabalhava, corria vertiginosamente, subia ao alto das hypotheses mais arrojadas, descia aos abysmos das mais tenebrosas possibilidades.

«Estes fidalgos são de um orgulho!» pensava elle com admiração «Não quiz mostrar-me hontem o que pensava. Mas como pude eu enganar-me assim? Como pude eu imaginar que elle perdoaria uma tão grave offensa feita á sua propria irmã?»

Chegava a esta conclusão:

«Sou um idiota.»

A carruagem parou á porta do Daniel e o Fernando apeou-se pedindo ao Pedro Paulo que o esperasse no carro.

Ahi ficou o pobre homem em agonias durante meia hora que lhe pareceu um seculo.

Todo elle era attenção; a cada momento julgava ouvir o ruido de algum corpo rebolando

pela escada abaixo ou, se percebia que abriam uma janella, cuidava que d'ella ia ser precipitado o Daniel ou o Fernando.

Porém, em vez d'estes acontecimentos sinistramente previstos, o Pedro Paulo viu com espanto abrir-se a porta da rua e o Fernando apparecer com o seu aspecto habitual e sem contusões. Antes de sahir ainda se voltou para dentro, dizendo com um sorriso:

«Adeus, ó Daniel, até logo. Vaes ao Gremio esta noite?»

O outro, lá de cima, gritou que sim, que ia ao Gremio e deu-lhe as bôas tardes.

O Fernando então entrou na carruagem e mandou bater para Alcantara.

O Pedro Paulo tirara as lunetas e limpava-as cuidadosamente ao lenço com mãos tremulas.

Por fim perguntou:

«O que disse elle?»

Mas estranhou a propria voz; parecia-lhe a de outra pessoa muito differente.

«Nada.» respondeu o Fernando. «Declarou não saber que eu pretendia a mão da Magdalena, desculpou-se, confessou-me que lhe fazia a côrte por conselho da senhora D. Leocadia. Essa Senhora é que não andou bem porque sabia das minhas intenções com respeito á Magdalena. Porém comprehendes que não lhe posso pedir explicações.»

«Mas tu bem sabes que isso é mentira.» acudiu ingenuamente o Pedro Paulo.

O Fernando reprimiu um movimento de impaciencia.

«Porque ha-de ser mentira? Tu é que entendeste mal, com certeza, a conversa lá na galeria.»

O Pedro Paulo achou que era mais prudente calar-se.

No entanto, depois de um silencio, perguntou a medo:

«E... a tua irmã?»

«A minha irmã? . . . Não falámos n'isso.»

O Pedro Paulo escancarou os olhos.

«Não falámos n'isso.» repetiu o Fernando irritado pela insistencia do olhar estupefacto do amigo. «Eu podia lá falar da Thereza! Para elle imaginar talvez que temos muito empenho n'esse casamento!»

«Ah!...» disse o Pedro Paulo.

E encolheu-se todo no fundo da carruagem com as ideas cada vez mais embrulhadas e a sensação cada vez mais aguda de ser idiota.

Ao descerem a rua de S. João da Matta, pediu ao Fernando que o deixasse alli na rua Direita, afim de elle tomar um carro para o

Rocio. Lembrava-se de repente que tinha
alguem á sua espera. . .

A verdade é que não podia mais com tantas
complicações. Precisava descanso e solidão.

Ao apeiar-se da carruagem, sentiu uma
especie de alivio. A idea de ir para casa e de se
fechar no quarto com os livros, seduziu-o,
appareceu-lhe como um calmante necessario.

Cahia uma chuva miudinha e a rua estava
transformada em lamaçal.

O Pedro Paulo, que não levava guarda-
chuva e que esperava a pé firme a passagem do
americano, sentia a chuva muito fria penetral-
o até ao fundo d'alma.

Vinham-lhe ideas negras.

«Nunca poderei entender esta gente.»
pensava elle com desanimo.

E a Maria Domingas parecia-lhe de
repente escapar-se e fugir para alturas

inatingiveis como um balão de creança ao qual tivessem cortado o cordel.

Ao jantar a D. Cezarina achou-o pallido e inquietou-se ao reparar nas suas olheiras fundas; e o major reformado advertiu-o com circunspecção de que as loucuras da mocidade se pagam muito caro na velhice.

O Pedro Paulo embrenhou-se no estudo com vehemencia.

Apenas sahia de casa para ir aos ensaios dos córos á Junqueira, de onde voltava com a cabeça tonta porque a Maria Domingas se lhe mostrava cada vez mais favoravel.

E' verdade que a via muitas vezes conversar com o D. Vasco. Mas falavam como bons camaradas, tratavam-se por *você* e discutiam sortes de toiros, coisas de *sport e toilettes*. O Pedro Paulo não concebia o amor

sob esta forma e o D. Vasco inquietava-o cada vez menos.

A Thereza não tornara a apparecer; tinham-n'a substituido nos córos e na comedia. A Maria Domingas explicara que se tratava de uma febre nervosa; o medico recommendara muito repouso. Sahia apenas de casa para dar passeios de carruagem com a marquezia para fóra da cidade.

«Coitada!» pensava o bom do Pedro Paulo cheio de compaixão «Bem sei onde te dóe!»

Mas, tendo apprendido á sua custa, calava-se como um rato.

Parecia-lhe tambem que o Daniel ia perdendo terreno junto da Magdalena. Uma vez ouvira a Maria Domingas dizer a esta em conversa que tinha muita pena do Daniel porque a sua ruina já não era segredo para

ninguem e as suas dividas se tornavam escandalosas.

O Pedro Paulo incommodou-se com isto. Ficou a scismar se a Maria Domingas seria sincera ou se estaria defendendo os interesses do irmão.

Mas esta preocupação passou-lhe depressa.

O Pedro Paulo fazia progressos. Começava a perceber que a alta sociedade é como Deus Nosso Senhor: é preciso adoral-a sem a comprehender. Via e ouvia muitas coisas que lhe pareciam extraordinarias; mas, prudentemente, abstinha-se de as julgar e esforçava-se por esquecel-as.

Os seus negocios com a Maria Domingas iam tão bem que na noite do sarau na Junqueira, desnortado pela paixão, pelos perfumes, pelos decotes das senhoras, pela

agitação das salas, pelo esplendor das joias, pelo borborinho do grande mundo, pela musica, pelo successo, pelos applausos, tonto como uma toupeira que de repente visse a luz do sol, atrevera-se a dizer uma coisa que era quasi uma declaração. Como a Maria Domingas á ceia, lhe offercesse uma taça de Champagne, respondera-lhe que estando junto d'ella não precisava de Champagne para se embriagar.

A Maria Domingas desatara a rir e o feliz Pedro Paulo bem percebera que ella fôra logo contar o caso á Magdalena com um riso que lhe pareceu nervoso e cheio de radiosas promessas.

N'essa noite, ao chegar a casa com os primeiros alvares da madrugada, (ah! miseravel, ingrato coração humano!) o Pedro Paulo foi quasi grosseiro com a pobre D. Cezarina que o esperava

tirritante e a pé firme para lhe fazer um chásinho quente.

Das alturas onde se encontrava, as manas Lameiras, o major reformado, o brasileiro asthmatico, toda essa pobre gentinha que habitava ou frequentava a casa d'hospedes, parecia-lhe pequenina, rasteira e insignificante.

Sentia-se cada vez mais importante; antegosava com segurança o momento solemne em que, ajoelhado defronte do altar lá na antiga capella dos Pavões, ao lado da Maria Domingas, receberia das mãos veneraveis do tio conego a benção papal, sob a egide do brazão magnifico dos fidalgos do Salgueiro onde rutilavam os dois pavões heraldicos de purpura em campo azul e que atravessava a facha diagonal da regia bastardia...

«Deixa-me ser lente,» pensava o Pedro Paulo todo cheio de si «e veremos depois se o marquez me torce o nariz.»

Durante o resto do inverno o Pedro Paulo estudou, trabalhou, emmagreceu, correu os ministerios e as casas dos amigos influentes, teve insomnias, palpitações, desalentos, esperanças e finalmente na primavera viu realizado o seu sonho ardente sahindo victorioso do concurso e sendo nomeado lente da Escola.

As más linguas puzeram-se em campo; disseram algumas pessoas que elle vencera por *bamburrio*, outras porque tinha bons padrinhos. Coisas da nossa terra...

N'esse dia ao jantar, as *patrôas* e os companheiros de casa commemoraram o triumpho do Pedro Paulo. O brasileiro, entre dois ataques de tosse, prognosticou-lhe que *havia de ir*

longe e o major reformado deu-lhe por cima da meza, na occasião dos brindes, um aperto de mão silencioso mas expressivo, cheio de viril energia e de aprovação.

Á sobremeza appareceu um prato de arroz doce sobre o qual estava escripto a canella: *Homenagem ao talento* e a data; e a D. Petronilla apresentou um licôr de tangerina feito por ella antes do tragico desandar da fortuna, nos tempos aureos do mano general, da casa da Avenida e do *groom*.

Ao serão, a D. Cezarina attraheu o Pedro Paulo para o vão de uma janella e ahi, com os olhos brilhantes, confiou-lhe que era mais rica do que a mana porque uma tia lhe deixara lá para o Campo Pequeno uma casa com todo o seu recheio *que era bom de lei*. E como o Pedro Paulo se preocupasse n'este momento sobretudo em desenvencilhar a mão que a D. Cezarina lhe apertava

expressivamente, esta senhora acrescentou com um languido olhar que um homem, dando o seu nome a uma rapariga nova, desprezava muitas vezes a verdadeira felicidade que se lhe atravessava no caminho sob a fôrma de uma senhora mais digna do seu amor e mais capaz de um carinho constante e desvelado... justamente por já não ter vinte annos.

Este expressivo discurso, acompanhado de uma tão forte pressão da mão vermelha da D. Cezarina, que os labores do anel de Toledo do Pedro Paulo lhe ficaram todos gravados nos outros dedos, teve um effeito inesperado. O lente da Escola, aterrado, deixou precipitadamente o vão da janella e pretextando um negocio urgentissimo, pegou no chapéu e desceu as escadas a quatro e quatro.

Voltando muito tarde e com mil precauções, fechou-se á chave no quarto e escreveu uma carta ao Fernando anunciando-lhe a sua elevação.

Esta carta, apesar de pequena, levou-lhe bem duas horas a escrever. Tremia-lhe a mão. Parava constantemente para pensar. Teve de fazer dez rascunhos. Era uma coisa difficil e complicada.

O Pedro Paulo possuia uma imaginação fertilissima; os marquezes do Salgueiro tinham ido para a sua quinta da provincia onde elle nunca puzera os pés. Mas o desgraçado phantasiava a hora do correio, a familia reunida e o Fernando lendo a noticia em voz alta como uma proclamação.

A carta partiu no dia seguinte e o Pedro Paulo aguardou com uma grande emoção concentrada, a marcha dos acontecimentos. Pensava ardentemente na Maria Domingas e a victoria

alcançada no concurso fazia crescer imenso as azas da sua esperança.

A primavera viera cedo e radiosa. Toda a gente das classes mais altas abalara para o estrangeiro ou para o campo.

Foi portanto unicamente no meio das suas *patrôas*, dos seus companheiros de casa e de outras pessoas de igual categoria que o Pedro Paulo se encontrou no momento do seu triumpho.

Essa bôa gente lisonjeava-se por viver na intimidade de um lente. Todos lhe ouviam o verbo com religiosidade e tinham uma fé illimitada na sua sabedoria. Consultavam-n'ô sobre os assumptos mais variados e imprevistos com uma tocante e candida confiança; perguntavam a sua opinião sobre estrategia, politica, jogo de xadrez, mudanças de tempo, cotações da bolsa, logogryphos e charadas, remedios anunciados nos jornaes contra a calvicie e a obesidade.

Acompanhavam-n'o com entusiasmo nos seus sonhos de grandeza; diziam-lhe, cheios de convicção:

«Quando o sr. Pedro Paulo fôr ministro...»

Às noites encontrando-se no Martinho com algum amigo mais intimo, o novo lente contava-lhes estas coisas e concluia, rindo:

«Cuidam que sou um principe...»

No fundo d'alma o Pedro Paulo acabara tambem por se convencer de que era um pouco *principe*; principe da sciencia, principe da intelligencia, predestinado a coisas... vagas ainda mas grandes.

Atravessava um d'estes momentos unicos e perigosos em que o homem, tendo vencido obstaculos colossaes, mede o valor da conquista pelo grau do esforço empregado.

Estava cheio de confiança em si.

A D. Cezarina mostrava-se cada vez mais seduzida; fazia-lhe com amor punhos e gravatas de *crochet*, bolsas de missanga e perseguia-o tanto com a sua paixão ardente que por mais de uma vez o lente da Escola pensara a serio em mudar de casa.

A irmã de um antigo condiscipulo escrevera-lhe uma carta amorosa tão febril quanto inesperada; e uma mestra regia da vizinhança atirara-lhe da janella uma noite, quando elle voltava do theatro, um ramo de amores perfeitos que lhe estragara o chapéu alto.

«Cuidam que sou um principe...» repetia o Pedro Paulo todas as manhãs, remirando-se ao espelho.

Achava que a sua parecença com Mr. Tiers augmentava consideravelmente.

Foi n'esta deliciosa disposição de espirito que recebeu uma carta do Fernando felicitando-o pela

sua nomeação e convidando-o em nome dos paes a ir passar uns dias com elles ao campo.

Ir passar uns dias ao campo a casa dos marquezes do Salgueiro!...

A primeira idea que lhe acudira ao ler a carta, a idea radiosa, fulminante, irresistivel, que logo se formara no seu espirito, em breve tomou uma consistencia de rocha, assumiu as proporções de uma certeza: a noticia da sua elevação a lente revelara aos marquezes o seu verdadeiro valor, o alto destino que o esperava e resolvera-os a dar-lhe a mão da Maria Domingas.

A carta chegara no correio da manhã por volta das nove horas; ás duas da tarde o Pedro Paulo pensava a serio no enxoval e na escolha dos padrinhos.

Ao jantar, enquanto empoleirava os pés nas travessas da cadeira para fugir á emprehendedora

bota de elastico da D. Cezarina, lançou a esta infeliz um olhar de compaixão.

«Coitadita!» pensou elle. «Sempre vae soffrer um golpe!»

D'ahi a uma semana chegava o Pedro Paulo á quinta dos marquezes do Salgueiro. Levava um fato cinzento de viagem que lhe custara um dinheirão no Amieiro e uma mala novinha em folha, de coiro da Russia, cheia de roupa muito fina e de frasquinhos com tampa de prata. Levava tambem um lençol turco, uma esponja enorme e uma garrafa de agua de Lubin para dar áquelles senhores a impressão de que bebera chá em pequeno.

Quando a carruagem parou no grande pateo de entrada, era ao anoitecer.

Estavam á meza.

Ninguem veiu esperal-o á porta, a não ser o Fernando que lhe deu o classico abraço de

parabens e lhe disse as convencionaes palavras de boas vindas.

O Pedro Paulo ficou um pouco desapontado.

A sua imaginação trabalhara tanto e o sonho levava-o tão longe, que esperava quasi uma apotheose: a familia toda reunida á entrada, abraço para aqui, aperto de mão para acolá, todos a falarem no concurso e na cadeira da Escola...

Mas... nada d'isso. Nada.

«Não é preciso mudares de fato.» disse-lhe com indulgencia o Fernando. «Vae lavar as mãos. O Ignacio ensina-te o caminho para o teu quarto e depois leva-te á casa de jantar. Não te demores porque já serviram a sopa.»

O Pedro Paulo, cabisbaixo, seguiu o criado por um labyrintho de escadas e de corredores até chegar a um quarto pequenino, caiado, esconso, lá em cima, no *andar dos servos*.

«O quarto não é grande;» explicou o Ignacio, conciliador, enquanto desfivelava as correias da mala «mas a vista é espaçosa. Está a casa cheia. Os senhores teem agora muitos hospedes por causa da festa.»

Quando o Pedro Paulo chegou á casa de jantar que lhe pareceu pelo tamanho um refeitório de convento, viu em volta da meza mais de trinta pessoas.

As luzes, as caras desconhecidas, o sussurro das conversas, o movimento do serviço, o cheiro dos vinhos, da comida, das flores, tudo contribuiu para atrapalhar, estontear o pobre lente. Atarantado, custou-lhe a descobrir a marquezia. Depois, lá cahiu em si, falou ás pessoas da casa, deu volta á meza cumprimentando uns, estendendo a mão a outros...

O seu logar era a um dos extremos, perto da cabeceira, entre o padre capelão, que se assoava

ao guardanapo, e o primo Anselmo, um pobre velho arruinado com a mania dos cavallos e que agora, decrepito e bacôco, vivia sempre na casa de campo dos marquezes, por caridade.

O Pedro Paulo não conhecia um nem outro e ninguem pensou em os apresentar. Desdobrou silenciosamente o guardanapo e começou a jantar sem appetite.

O marquez mal olhara para elle; dera-lhe a mão por cima do hombro, distrahidamente:

«Olá *seu* Duarte! Seja muito bem vindo.»

E logo retomara o fio da conversa com o Dr. Azevedo, que era grande proprietario e seu visinho e que n'aquelle momento lhe explicava um processo novo, inventado por elle de colher a azeitona.

Nem o marquez, nem a marqueza, nem a Maria Domingas, nem a Thereza, nem um parente ou amigo da casa, disse uma só palavra a respeito

do concurso ou da cadeira da Escola. A presença do Pedro Paulo não alterara as correntes de conversas que se cruzavam; o pobre lente via desmoronar-se o seu sonho como um castello de cartas e pensava, perplexo e infeliz:

«Mas então... que vim eu aqui fazer? Para que me quizeram?»

Logo depois do jantar teve a explicação desejada.

Preparava-se um grande sarau para festejar a chegada do D. Vasco, que acabava de ser agraciado com o titulo de visconde e nomeado secretario de legação em Paris. Havia córos; tinham-se lembrado do Pedro Paulo que tão bem os dirigira em casa da senhora D. Leocadia.

Era para ensaiar e dirigir os córos que o tinham chamado.

Estava bem longe este motivo do *outro* que elle imaginara. O esforço colossal, a elevação a

lente... tudo isso era letra morta. Na sociedade dos Pavões o Pedro Paulo continuava a ser o *seu* Duarte e a servir para ensaiar os c6ros das meninas.

Por6m... quem lhe explicou estas coisas foi a Maria Domingas, aquella soberba, radiosa fl6r de carne, com m6os de princeza e os olhos a brilharem de entusiasmo. E o lagalh6, subjugado, vencido, ardendo em optimismo n6essa mesma noite empunhou a batuta, pensando com uma tenacidade heroica:

«Ah! ser lente n6o conta para voc6s? Pois saber6o o que valho como homem de sociedade!»

O Pedro Paulo fez prodigios. Ensaiou n6o s6 os c6ros como as comedias e organizou os quadros vivos. Teve ideas geniaes para a decora66o do theatro improvisado e para as marcas do *cotillon*; pintou o panno de fundo e

compoz um hymno triumphal com palavras e tudo para commemorar a chegada do D. Vasco.

Na ante-vespera d'essa chegada, como os ensaios estivessem muito adeantados, combinou-se um pic-nic.

O dia appareceu radioso.

Iam no pic-nic, não só os donos da casa e os seus hospedes como tambem alguns convidados das visinhanças.

A partida foi brilhante.

No grande pateo de entrada, as rodas das carruagens, as patas dos cavallos, os guizos das colleiras, o ladrar dos cães, os estalos dos chicotes, as phrases atiradas de carro para carro, atroavam os ares.

Cada uma por sua vez, as carruagens foram passando sob o arco do portão encimado pela cantaria lavrada do braço d'armas e, dando o inevitavel solavanco ao atravessarem a valeta,

entravam na estrada e largavam a trote entre nuvens de poeira.

O caminho pareceu curto ao Pedro Paulo sentado na bolea de um *char-à-bancs* com as pernas encolhidas por causa dos cestos e dos garrafões e com uma dôr no pescoço por ir sempre de cabeça voltada para o interior do carro.

Dentro, iam a Maria Domingas e todas as meninas capitaneadas pelo proprio marquez que, estando de bom humor, gostava de *caturrar* e tomara o Pedro Paulo á sua conta, sem sombra de respeito pela alta situação de lente. Obrigava-o a recitar o *Noivado do sepulchro* e a cantar com expressão a *Joven Lilia*.

O Pedro Paulo não cabia em si de satisfação por merecer assim as atenções do marquez e por fazer rir com tanto gosto as meninas e sobretudo a Maria Domingas que lhe parecia a mais linda manhã de Abril que jamais illuminara o mundo.

O pic-nic decorreu animadissimo.

Na margem do Tejo, á sombra dos velhos muros de um castello arruinado, comeu-se, bebeu-se, cantou-se, namorou-se e até se dançou na terra batida de uma antiga esplanada.

No fim da tarde o Champagne subira ligeiramente á cabeça do Pedro Paulo. O lente da Escola sentia-se leve que nem uma penna.

Declarou que era capaz de atravessar o Tejo de um salto e de voar com facilidade por cima da torre do castello.

Á sobremeza fez um brinde evocando com emphase as passadas grandezas da patria, lembrando que talvez á sombra d'aquelles muros se tivessem coberto de gloria alguns heroicos antepassados das *illustres senhoras que n'aquella hora adejavam como subtis mariposas, emquanto a epopeia as espreitava do alto dos seculos...*

O Pedro Paulo achava-se eloquentissimo; acudiam-lhe as ideas grandiosas e as imagens poeticas com fluencia da agua corrente.

A animação e a alegria cresciam. Quando um comboio passou do outro lado do rio, o Pedro Paulo acenou aos passageiros com o guardanapo. Sentia-se irmão de toda a gente. Fervia-lhe no peito em cachão o germen da fraternidade universal. Teria n'aquelle momento abraçado com as lagrimas nos olhos, o seu peor inimigo... Mas o pobre Pedro Paulo não tinha inimigos.

Resolveu-se a fazer n'aquelle tarde a sua declaração á Maria Domingas e, enquanto a occasião propicia se não apresentava, seguia-a por toda a parte com um olhar de carneiro mal morto o que julgava uma excellente preparação para a dispôr a ouvir a voz do seu amor.

Infelizmente a Maria Domingas não era da mesma opinião. Ter o Pedro Paulo toda a tarde

atrás d'ella como uma sombra, sentir constantemente sobre si o seu olhar languido, e ouviu-o dizer phrases com segundo sentido sobre a felicidade de dois corações que se entendem e outras coisas semelhantes, era demais para a joven fidalga que se divertira e brincara com aquelle amor enquanto elle se conservava discreto mas que não admittia que o lagalhé ousasse manifestar-se como se fosse seu igual.

Chamou o irmão e, enquanto os criados arrumavam os cestos e todos se reuniam á beira da estrada afim de se repartirem pelas differentes carruagens para a partida, deu-lhe o braço e passou uns momentos com elle entre os choupos, n'um carreiro isolado.

O resultado d'esta conversa foi o Pedro Paulo ter de trepar para a bolea de um *char-a-bancs* onde não vinham pessoas que o interessassem.

O Fernando subiu para a sua *charrette* de sobr'olho carregado. Dizia de si para si:

«Deu-se-lhe confiança de mais. Com certa gente não se pode. Não percebem... abusam logo.»

Ora succedia que o Fernando era conhecido pelo seu grande geito para ensinar cães de caça. Quando qualquer perdigueiro ao trazer-lhe a perdiz, tinha a veleidade de a trincar, dava-lhe uma pancada especial, secca, no focinho, uma pancada de que elle tinha o segredo, que fazia ganhar o culpado tres dias com tres noites e lhe tirava toda a vontade de cahir no mesmo erro.

«É preciso metter este pateta na ordem, pol-o no seu logar.» pensava o Fernando com o mesmo olhar duro com que se preparava para *ensinar* os perdigueiros.

Ainda n'essa noite se fez um ultimo ensaio dos córos; depois tomou-se chá.

A noite estava linda, quente, cheia de luar.

«Ó Pedro Paulo», disse o Fernando «anda d'ahi, vamos dar uma volta no jardim.»

Foram os dois.

O repuxo cantava no tanque de pedra; as paredes de bucho desenhavam, sobre a areia clara das alamedas, as sombras duras dos seus recortes.

«Tenho uma noticia para te dar», começou o Fernando «que não me julgo com o direito de demorar mais, visto seres tão nosso amigo. Meu pae prometteu a mão da Maria Domingas ao Vasco, nosso primo, que chega amanhã. O pedido official foi feito antes da nossa vinda, mas por vontade dos noivos, não se divulgou a noticia por causa de umas pequenas difficuldades com o Paço... O que tens tu?»

«Nada, nada...» respondeu o desgraçado «Estou um pouco enjoado. Foi a *mayonnaise* e... o Champagne, provavelmente.»

Sentia qualquer coisa como se lhe tivessem dado um grande murro no estomago. Pareceu-lhe que o luar de repente se apagara; as sombras dos buxos avançavam como abysmos escancarados; o vulto esguio do cypreste junto do tanque, tornou-se lugubre e prophetico.

O Fernando fingiu não perceber esta agonia e continuou, implacavel:

«Isto era uma inclinação muito antiga; durava, se pode dizer, desde a infancia. Devem ser felizes; são da mesma raça, teem a mesma educação, vivem no mesmo meio. Casam ainda este verão e no principio do inverno vão viver para Paris... Mas o que é isso, homem?»

O Pedro Paulo afastara-se do amigo precipitadamente, abeirara-se de um canteiro, encostara-se ao tronco liso de uma faia e ahi, cheio de vertigens e de suores frios, cedeu por fim ao enjôo terrivel que o acommetera de subito como

se a alameda do jardim fosse a coberta de um navio jogando no mar alto...

«Nao é nada. . .» disse elle afinal «Acho que foi a *mayonnaise*...»

«Deve ser o Champagne.» respondeu o Fernando «Ha certos vinhos que são perigosos quando se não está costumado. É melhor não o tornares a beber. Queres o meu braço?»

O Pedro Paulo partiu para Lisboa n'aquella mesma noite.

Pediou desculpa; declarou sentir-se tão doente que receava cahir de cama e dar incommodo.

Beijou a mão á marqueza agradecendo-lhe a bondosa hospitalidade, pedindo-lhe que apresentasse as suas desculpas e os seus respeitosos agradecimentos ao senhor marquez que já se tinha recolhido e... e... ás suas excellentissimas filhas que andavam dançando no salão e que elle não queria importunar...

A marqueza insistiu vagamente para que ficasse, aconselhou agua de Melisse, uns gollinhos de chá de macella e... deixou-o partir.

Os córos estavam tão bem ensaiados que, realmente, já não precisavam d'elle.

Quando o Pedro Paulo ia no corredor, appareceu-lhe a Thereza, a pobre Thereza que se curava lentamente, muito lentamente, do seu mal de amor.

«Adeus, sr. Pedro Paulo» disse ella com timidez «Faça uma bôa viagem. Não se esqueça de mim; olhe que sou sua amiga.»

O Pedro Paulo não pode responder; tinha um nó na garganta. Se falasse, desatava a chorar. A bondade e a sympathia da Thereza vindo tão simplesmente ao seu encontro para lhe dizer uma palavra de conforto, commoviam profundamente o coração do pobre homem que soffria tanto, mais talvez, do que ella soffrera.

Apertou na sua a mãosinha fria e desceu a escada correndo.

Sentado n'um canto do compartimento de segunda classe, saccudido pela trepidação do comboio, o Pedro Paulo olhava com angustia para a paizagem inundada de luar que, vertiginosamente passava deante da sua vista.

Pobre Pedro Paulo!

A mais linda illusão da sua vida acabava de desabar n'uma brusca derrocada de cataclysmo.

Ao terrivel desgosto vinha juntar-se a lembrança vexatoria d'aquella ridicula indisposição de estomago que o acomettera de repente ao ouvir da bocca do Fernando a cruel sentença, a condemnação á morte do seu grande sonho de amor, da sua suprema ambição.

«Que miseravel natureza a minha!» pensava elle com funda amargura.

Amaldiçoava a sua triste figura que n'este momento lhe apparecia como realmente era: insignificante, vulgar e comica; amaldiçoava o seu nome obscuro e plebeu, o seu sangue de camponio, aquellas raizes tenazes que o prendiam á terra e o obrigariam sempre a uma existencia rasteira, inferior.

Parecia-lhe que rolara n'um abysmo, que o esforço gigantesco de tantos annos para se elevar acima da sua condição, fôra inutil. Seria eternamente um pobre diabo, ainda que a sorte o sentasse n'um throno; um pobre diabo sem geito para a vida, honesto, sincero, sentimental, cheio de boa fé e de imaginação, incapaz de uma visão justa de realidade, credulo como uma creança... um tapete que os outros pisariam sem remorsos, a rir.

Vinham-lhe as lagrimas aos olhos; chorava sobre a sua desventura. Não chegara ainda a

reacção, a revolta; o desejo de vingança; succumbia inerte, amarfanhado como um farrapo na mão cruel do destino.

Chegou a Lisbôa de madrugada. Chamou um gallego para lhe levar a mala e metteu-se n'uma tipoia.

Pela Avenida acima as olaias cobertas de flôr, tomavam um tom côr de rosa tão magoado que era quasi roxo na claridade ainda incerta do alvorecer.

De mãos encafudadas nos bolsos e de gola levantada, o Pedro Paulo batia o queixo com um frio que parecia o de uma sezão.

Com a atrapalhação da partida, quando sahira de Lisbôa esquecera-se de levar a chave do trinco; e agora teve de bater á porta da casa d'hospedes.

As manas Lameiras vieram abrir emalvoroço, estremunhadas, com as cabeças eriçadas de papelotes e os mandriões mal abotoados.

«O que foi? O que aconteceu?»

Acharam o Pedro Paulo verde. Admiraram-se de o ver chegar. Expandiram-se em suposições tumultuosas e tetricas:

«Um assalto de ladrões?»

«Um incendio?»

«Um descarrilamento?»

«Cahiu ao Tejo?»

«Foi atropelado?»

«Morreu alguém?»

A D. Cezarina que era romantica, suggeriu, palpitante de amor e de ciumes:

«Um duello?»

O Pedro Paulo interrompeu esta avalanche de perguntas com a resposta peremptoria e estoica:

«Um desarranjo de intestinos.»

E ordenou, napoleonico:

«Pouco barulho. Doe-me a cabeça. Preciso dormir.»

Pagou ao gallego e entrou para o quarto onde se aferrolhou sem mais explicações.

Durante muitos dias não saíu de casa. À meza não abria a bocca senão para comer. Achava tudo mau. Ralhava com a criada; era brusco e quasi mal creado com as *patrôas*.

A D. Cezarina andava com os olhos sempre vermelhos; perdeu o appetite, começou a emmagrecer e um dia teve um ataque de nervos á hora de jantar com taes gritos e tão espantosas contorsões, que todos os hospedes foram obrigados a segural-a e toda a visinhança acudiu.

Quando as convulsões passaram e a doente cahiu em si, murmurou o nome do Pedro Paulo e lançou-lhe um demorado e supremo olhar eloquentissimo.

As visinhas reunidas na casa de jantar suspiraram commentarios:

«Coitadinha! Se não é uma dôr d'alma!»

«Homens são homens...»

«Fazem o que querem e depois... cada um que se governe.»

«Neste mundo só se vêem ingratidões...»

O Pedro Paulo foi fazer as malas e partiu de surpresa na manhã seguinte, sem se despedir.

Mandou um amigo pagar a conta e buscar a bagagem.

Instalou-se no hotel Borges; pouco depois pediu uma licença illimitada e aceitou um logar de professor que lhe offereciam n'uma escola superior do Brazil.

Passaram-se uns poucos de annos.

Veiu a dictadura do João Franco, o regicidio, a Revolução, o advento da republica, as incursões dos monarchicos...

Um bello dia desembarcou no Posto de desinfecção em Alcantara, o Pedro Paulo que

chegava do Brazil mais gordo, mais calvo, com o bigode quasi branco e alguns contos de reis no bolso.

Luctara, trabalhara, sofrera, ganhara dinheiro, curara-se da paixão, mas não esquecera a sua ultima conversa com o Fernando.

Achou Lisbôa mudada.

S. Carlos fechado, nenhum conselheiro na Havaneza, outra gente no Martinho, as sobrecasacas e os chapéus altos abolidos, a Avenida sem equipagens de luxo, as Arcadas cheias de maltrapilhos e immensas mulheres bonitas, desconhecidas e exageradamente elegantes, passeando pelas ruas da Baixa.

Entristeceu. Estranhava a cidade; parecia-lhe outra.

Todo o mundo aristocratico cujas relações ambicionara com tanto ardor e conquistara com

tantos sacrificios, desaparecera, eclipsara-se, fundira-se ao calor da democracia.

No hotel Borges onde se alojara encontrou um criado que servira muitos annos em casa da senhora D. Leocadia de Lemos e que era seu conhecido do tempo dos ensaios e do sarau na Junqueira. Por elle soube muitas noticias.

A Maria Domingas, casada com o D. Vasco e já com tres filhos, voltara de Paris logo depois da proclamação da Republica. O marido largara o logar porque não queria servir *esta gente*. Viviam agora com os marquezes do Salgueiro na quinta; o D. Vasco safava-se constantemente para Londres e Paris para a pandega e a Maria Domingas aborrecia-se e amaldiçoava o novo regimen. Os marquezes do Salgueiro tinham a casa de Lisbôa fechada e os brazões da porta interior do pateo cobertos de crepes.

O Fernando casara com a Magdalena; habitava de verão e de inverno com a familia em Cascaes. Fingia desinteressar-se da politica mas toda a gente sabia que molhava a sua sopa de grande nas conspirações. Habilidoso, nunca se compromettia; nos momentos criticos, os outos iam para o Limoeiro e para a Penitenciaria, mas elle escapava sempre e ninguem lhe tocava.

«E a senhora D. Leocadia?» perguntou o Pedro Paulo.

«Essa continua a morar na Junqueira. Deu em beata. Tem a casa cheia de padres. Ensina ás escondidas a doutrina ás crianças pobres. Aos serões junta-se lá um *rôr* de thalassaria; jogam até altas horas, dizem mal da Republica, põem os ministros á raza e assim passam o tempo. A criadagem é o mesmo; na cosinha e na copa é até por demais. A policia anda sempre a rondar a casa... Eu cá puz-me ao fresco. Tanto se me dá que

governe o rei como o Affonso Costa; mas ha coisas que não me cheiram. Nunca gostei de padres e d'antes a senhora D. Leocadia não era para beaterios. Agora deu-lhe pr'alli. É mez de Maria é, novenas, é missas, é confissões, é o oratorio sempre aberto, é rezas antes e depois das comidas...o diabo! Estive lá cinco annos e nunca vi nada d'isto; não acredito que o amor da religião venha assim de repente como um ramo de estupor. Não gosto de fingimentos. Aqui tenho mais trabalho mas já sequer ao menos estou á minha vontade.»

«Diz-me uma coisa, ó Antonio,» perguntou o Pedro Paulo a quem acudiam as ideas associadas «o que é feito do sr. Daniel?»

O Antonio retorceu o bigode para disfarçar o sorriso malicioso. Todos os criados usavam bigode em Lisbôa; era um signal de liberdade, uma manifestação de ideas avançadas.

«O sr. Daniel é que tem juízo.» disse elle.

«Logo que a monarchia lhe começou a cheirar a chamusco, fez-se republicano, desatou a berrar contra os padres e contra os thalassas e foi nomeado governador civil e não sei que mais.

Aquelle não se perde; tem lume no olho.»

«Então não vae agora á Junqueira, hein?»

«Qual Junqueira nem qual carapuça! A Junqueira foi chão que já deu uva.»

O Pedro Paulo trocou um olhar de intelligencia com o Antonio e ambos riram silenciosamente.

O Pedro Paulo sentia-se á vontade com o Antonio.

«Está bom, está...» disse elle.

A fraternidade entre os dois estreitava-se.

O Antonio encostou-se á meza sem cerimonia e continuou:

«Esta coisa do beaterio é que é de pasmar. Eu cá se fosse o Affonso Costa não tinha prohibido as procissões nem tinha barafustado com os interesses dos padrecas. Aquillo ficaram damnados; não dão descanso á republica. Fingem-se humildes, sim senhor, choram-se com ares de quem está arrazado e não se defende... Mas por traz da cortina agarram-se ao mulhero, tanto do povo como da alta, e alli nos confessionarios é que é espremel-as com os medos do inferno, e as excumunhões, e as prophecias... E depois, os homens vão atraz das mulheres, uns por parvalheira, outros por medo, outros por interesse, e toca a dar razão e dinheiro aos padres e pancadaria na republica. Quer que lhe diga? Ha muito mais devoção agora do que no tempo da monarchia e os padres teem mais poder que d'antes. E é por toda a parte. Olhe, ainda ha dois dias encontrei o Adrião... V. Ex.^a ha-de estar

lembrado... o Adrião, o criado de meza lá dos Pavões? Tinha vindo a Lisbôa tratar de um negocio do sr. marquez. Todo vestido de preto nem que estivesse de luto pesado... — *Que diabo é isso, homem?* - perguntei eu — *Morreu-te alguém?* — O gajo piscou-me o olho e contou-me que aquillo era luto pela *outra senhora*, quer dizer, a monarchia. Lá em casa dos marquezes é como em casa da senhora D. Leocadia: novenas, rezas, padres, doutrina... Os criados não se matam de trabalho. Aquillo o que é preciso é ter sempre na bocca o nome de Deus e dos santos, não faltar ás missas nem ás confissões, andar com bentinhos ao pescoço e dizer mal do Affonso Costa. O resto...»

E o Antonio encolheu os hombros e deu um estalo com os dedos n'uma mimica expressiva.

Depois, inclinando-se para o Pedro Paulo, acrescentou baixando a voz:

«Em casa dos marquezes como nas outras casas fidalgas, agora, os feitores e os criados enchem-se á grande e á franceza. Deixam-n'os fazer o que elles querem contanto que se mostrem humildes e devotos. Quem manda são os padres. A senhora D. Thereza, dos Pavões, uma santa no dizer de toda a gente, lá foi embrulhada por elles; abalou para o estrangeiro para se fazer freira. E bem bom dinheiro que ella leva. A republica poz o povinho a par dos fidalgos e elles então treparam para cima do beaterio para ficarem longe da canalha. Quem aproveita são os padres. Tudo isto é uma parodia!»

E voltando á sua primeira idea, o Antonio abanava a cabeça com ares entendidos:

«Ná... Se eu fosse o Affonso Costa, não tinha dado tanta pancadaria nos padres. Aquillo é como a grama: quanto mais se corta, mais rebenta.»

O Pedro Paulo não queria manifestar-se claramente. Com os cabelos brancos viera-lhe a prudência; perdera com as illusões a candura; tornara-se cauteloso e desconfiado.

Metteu dez tostões na mão do Antonio e mudou de conversa.

N'essa tarde entrou na cervejaria Jansen e, pedindo um *boch*, absorveu-se na leitura dos jornaes

A cervejaria estava deserta e o Pedro Paulo gosou durante algum tempo de um socego bem necessario ao seu espirito.

Não teria decorrido porém um quarto de hora quando entrou o conde da Murta acompanhado por uns quatro amigalhaços.

Abancaram perto do Pedro Paulo que fingiu não conhecer o irmão da marquezia do Salgueiro que, de resto, vira apenas umas duas ou tres vezes.

Mas espreitava-o disfarçadamente por cima da folha desdobrada do «Diario de Noticias». Inspirava-lhe curiosidade aquelle colosso obeso, aquelle brutamontes de sangue azul que alcançara fama de valente nas praças de toiros e nas feiras e se vangloriava da sua *franqueza de lavrador* que atirava com arrojo á propria face d'El-rei. Pertencia á classe dos ultimos representantes dos Marialvas; representantes degenerados, tendo perdido a galhardia, as maneiras cortezes, e apparecendo embrutecidos pelos vicios, pelas companhias baixas, cahidos ao nivel de arrieiros e cocheiros dos quaes as más linguas lhes attribuiam o sangue, sem respeito pela virtude das suas avós.

Assim mesmo, amparados pelo prestigio das fortunas e dos grandes nomes, faziam escola. Havia lagalhés que a roda da sorte içava a boas posições, professores, medicos, militares,

empregados superiores que imitavam os seus modos brutos, as suas franquezas de carroceiros, as suas coleras de senhores de roça, o seu calão e os seus scepticismos de chulos, por julgarem assim ter grandes ares de fidalgos *á antiga portugueza*. E o mais bonito é que faziam caminho!

Toda a falada bravura do conde da Murta, par do Reino, cavalleiro de Malta, gran-cruz de Christo e moço fidalgo da casa real, não o impedira de fugir desnortado para Vigo logo depois do 5 de Outubro, sob o terror panico das bayonetas, dos tiros e talvez das forcas dos jacobinos.

Depois, convencido da estabilidade do novo regimen e da cordura dos govenantes, voltou surrateiramente para a sua enorme herdade da Murta onde recomeçou a dividir o tempo entre os

cães, os cavallos, o culto de Baccho e as raparigas do serviço.

A pouco e pouco ia pactisando com os republicanos. Encolhia os hombros ao falar d'elles. Não era creatura para tomar a peito essas coisas; cada um estava no seu direito de ter as convicções que quizesse e elle achava que o melhor era não ter nenhuma.

O Pedro Paulo, attento por detraz do jornal, ouvia-o discursar:

«A vida...» dizia elle aos amigos «dois dias, meninos! Não vale a pena a gente matar-se. Jesus Christo disse: *amae-vos uns aos outros...* o que, em linguagem corrente, significa: *Nada de pancadaria!* E eu sou christão, com seiscentos mil diabos!»

Depois, emborcou meio litro de cerveja, chupou ruidosamente o bigode e baixando a voz, contou:

«No outro dia o governador civil lá do meu districto, foi-me visitar. Sabem o que elle queria? Isto aqui entre nós, hein? Tinha que dar um jantar a um jornalista hespanhol recommendado pelo ministro dos estrangeiros; e o desgraçado não sabia nada d'essa trapalhada de logares, de serviço... Muitos rodeios... a honra da minha presença... eu que era um dos maiores proprietarios do paiz tinha o meu logar marcado no banquete que me competia dirigir...obedeceria em tudo ás minhas ordens... Cumprimento pr'aqui, cortezia pr'acolá... Não estão á sua vontade deante de nós; se apertamos com elles, lambem-nos as botas. Coitados! É pelo costume. Essas coisas não se perdem de repente. Se um de nós tivesse guellas para lhes atirar um berro, a republica desaparecia como fumo. São homens das cavernas. Mas hão-de civilizar-se; nós cá estamos para os ir ensinando. Havemos de acabar

por fazel-os a todos conselheiros. Não é difficil. A conselheirice está no sangue portuguez. Povo com P grande e... *soberano* ainda por cima... Lérias! Elles bem sabem que o pelintra ha-de ser pelintra sempre e que o Zé ha-de ser sempre besta. Mas diz-se-lhes a tudo que sim. Que nos importa afinal que o boneco sentado no throno se chame rei ou presidente? Dá tudo na mesma n'esta abençoada terra! Postasinha pr'aqui, postasinha pr'alli... e todos ficam logo calados e contentes. E... tudo como d'antes, quartel general em Abrantes!»

Este discurso, interrompido a miudo pelas gargalhadas dos amigos, terminou com um novo copazio de cerveja.

O conde deu um estalo com a lingua e concluiu:

«Saude e fraternidade, meninos! E nada de melancholias. A tristeza é para os burros.»

Já o conde e a sua companhia tinham partido, ainda o Pedro Paulo meditava no que ouvira. Conjugava aquillo com o que lhe contara o Antonio criado, com o que elle proprio presenciara n'outros tempos, com o que sabia da triste fuga da côrte, com o procedimento dos elegantes pseudo-patriotas das incursões. Sentia-se enjoado; envergonhava-se de ter aspirado com tanto ardor a entrar n'aquella sociedade exausta, prestes a desabar á força de caruncho.

Fraco psychologo, o Pedro Paulo não se embrenhava na analyse da sua propria alma. Seriam esses os seus sentimentos se, em logar dos crueis desenganos soffridos outr'ora, tivesse conseguido fazer parte da familia do marquez ou, pelo menos, ser tratado sem aquelle frio desdém que lhe ficara no coração cravado como um espinho?

Á medida que o tempo ia passando e que o Pedro Paulo se familiarizava com a nova vida de Lisboa, começou a encontrar nos theatros, nos cafés, alguns dos seus antigos condiscipulos que perdera de vista no fim do curso e cujas relações não cultivara por lhe parecerem inuteis ou nocivas. No entanto esses homens, condemnados pela vida á miseria ou a uma esteril mediocridade, tratados pela sorte aos pontapés, entenderam que nada tinham a perder jogando na grande loteria da Revolução. Ganharam. Uns sinceros, outros pescadores de aguas turvas, a onda da democracia elevava-os.

Habilidosamente o Pedro Paulo foi reatando os fios quebrados d'essas antigas camaradagens. Queria fazer caminho; obstinava-se na sua ambição de crescer. Não se resignava a vegetar á sombra da sua meia duzia de contos de reis penosamente ganhos no Brazil.

Não era patriota nem tinha convicções políticas; mas serviria lealmente o partido que lhe desse compensações razoáveis.

As ruínas da monarchia ainda fumegantes escaldavam; a republica, hesitante, vacillava sob o peso tremendo das suas responsabilidades; o futuro enroupava-se em nevoas inquietadoras. Não se podia fazer projectos, architectar planos de vida. Mas a politica era uma porta aberta e tentadora como a de um jogo de azar. Quem apontasse um bom numero...

Decorreram mais tres annos.

O Pedro Paulo apontara um bom numero.

Escrevera um livro violento sobre o futuro da democracia em Portugal e, logo a seguir, outro intitulado *Podridão*, apresentando os erros e os desvarios do antigo regimen.

Estas duas obras chamaram sobre o seu autor as attenções dos poderes publicos.

Foi eleito deputado, reintegrado no seu lugar de lente da Escola, casou com a filha de um negociante rico.

Falou na Camara, falou em comicios, falou nas provincias. Tinha fama de republicano façanhudo.

Os seus admiradores explicavam:

«É da velha guarda.»

Atacava a Egreja com ardor.

Tinha o busto da Republica na sala de visitas, em barro polychromo.

O seu retrato apparecia em jornaes, revistas, postaes illustrados e caixas de phosphoros.

Toda a gente dizia que elle era um imbecil, o que o lisonjeava porque, em Portugal, a celebridade traz sempre nos braços uma calumnia.

N'um momento em que escasseavam os ministros, entregaram-lhe a pasta da Instrucção.

Um dia, encontrando-se no seu gabinete com outros politicos de alto cothurno, á palestra amena, vieram dizer-lhe que estava alli o marquez do Salgueiro; vinha para fallar com Sua Ex.^a sobre o assumpto da carta que lhe escrevera.

Solemne, o Pedro Paulo franziu o sobr'olho.

O velho marquez morrera; agora que não havia titulos, cada um tomava os que queria e o Fernando denominava-se marquez.

O Fernando!

Ainda n'este momento, depois de tantos annos, o Pedro Paulo revivia com intensidade aquella noite de luar, no jardim, quando elle lhe annunciara o casamento da irmã...

E agora o Fernando escrevera-lhe uma carta; queria uma recommendação para o ministro do Fomento por causa de uns melhoramentos agricolas...

«Estes monarchicos não teem vergonha nenhuma!» berrou o Pedro Paulo atirando um murro acima da secretaria.

E voltando-se para o continuo que esperava, pallido e tremulo em frente da augusta tempestade, trovejou:

«Diga-lhe que espere, ouviu? Tenho muito que fazer. Ou então que volte outro dia... se quizer!»

E rubro, epico, pombalesco, apontava a porta ao transido continuo como se n'elle visse a vera effigie do proprio Fernando, representante da odiosa casta que elle, no seu ardor jacobino, d'este modo symbolico e grandioso, atirava para fóra do paiz.

DECAMERON

Primeiro dia

—

A flôr de estufa e a esteva

Fomos passar dez dias ao campo, nos arredores da cidade, o Poeta, o Professor, a minha amiga Irene, o Fabricio e eu.

A casa era antiga, muito grande, com terraços, balaustres, uma capella, salões outr'ora opulentos e hoje decrepitos, gemidos do vento nos longos corredores e, por toda a parte, o ar de mysterio proprio ás habitações que frequentam as almas penadas.

Rodeava-nos um jardim vasto e abandonado onde cresciam ervas e silvas entre roseiras bravas, onde se alastravam, copadas, ramalhudas e enormes, arvores seculares abraçadas pela hera, e

a cuja sombra se abrigavam velhas estatuas mutiladas.

Consumiamos a maior parte das horas a conversar; todos nós procuravamos o descanso de grandes trabalhos e o esquecimento de grandes tormentos.

Fugiamos a peste moral de que viamos na cidade atacada toda a gente, mesmo a que nos era mais querida. Comparavamo-nos, de certo modo, aos heroes do Decameron de Bocacio: queriamos como elles perder a memoria de hecatombes nas quaes tantas illusões nos tinham ficado sepultas.

Evitavamos o mais possivel qualquer commercio com o mundo exterior afim de que nenhum espectaculo da maldade nas suas formas variadas, viesse perturbar o nosso repousante isolamento.

No primeiro dia, a minha amiga Irene, sentada no terraço ao meu lado, respirava com um prazer

intenso o ar tepido e perfumado e olhava com delicia para as divinas manchas de luz e de sombra que se espalhavam pelo jardim.

«A vida é uma linda coisa;» disse ella «e em verdade é preciso ser-se muito desgraçado para não sentir a sua bondade infinita.»

Como a Irene é a pessoa mais infeliz que eu conheço, troquei um olhar de assombro com o Poeta que se encostara, defronte de nós, á balustrada.

Mas o Professor não estranhou a observação da Irene e respondeu:

«Tudo depende do modo como encaramos a vida e da significação que damos á palavra *felicidade*.»

«Penso que a verdadeira felicidade é um dever;» tornou a Irene «um dever para todos aquelles cuja instrucção lhes permite espraiaer a vista além do pequenino circulo onde se

condensam as suas alegrias e as suas dôres
pessoaes.»

Levemente irritado, o Poeta acudiu:

«Não admitto a felicidade como um dever. O
dever é uma rocha, a felicidade uma ave que
passa... e poisa ou deixa de poisar. Um desgraçado
que a vida tortura não é obrigado a sorrir.»

«A felicidade que fazemos depender
exclusivamente do que se passa no pequenino
circulo dos nossos interesses pessoaes,» insistiu a
Irene «é uma chimera e um erro gravissimo.
Derruba-se como um castello de cartas; não tem
consistencia. E é *culpado* aquelle que apoia sobre
taes bases o edificio da sua vida. A felicidade
verdadeira, mais alta, está ao alcance de todos os
homens de bôa vontade. Por muito rigorosa que
seja a prisão, ha sempre uma setteira por onde
entra um raio de sol e por onde a alma se escapa...
se sabe e, sobretudo, *se quer voar.*»

O Poeta não pode conter mais a sua impaciência e interrompeu a Irene, talvez com rudeza:

«Como pode falar de felicidade? Quando a oíço dissertar sobre tal assumpto, parece-me ouvir um cego de nascença fazendo a apologia das côres e da luz.»

A Irene sorriu.

«Ha cegos maus e cegos bons.» disse ella.

«Pode ter a certeza que os maus nunca falam das côres e da luz. Mas os bons falam; sabem que as côres e a luz são coisas divinas, teem a intuição do seu esplendor e gosam... gosam profundamente, creia, com a ideia de que milhares de creaturas teem uma ventura immensa que elles não conhecem.»

«E os cegos maus?» perguntou o Professor que esta conversa divertia.

«Os cegos maus» respondeu ella «só teem prazer em conversar com a gente que se lamenta. Escutam avidamente essas queixas, pesam-n'as como caixeiros de mercearia nas suas balanças estreitas e calculam com delicia as grammas de dor que nos outros, excedem o peso das suas proprias dores. E quando o prato da balança desce mais do seu lado, ficam irritados e cheios de rancôr por julgarem que a vida os burlou.»

O poeta olhava para longe, calado e com um ar perplexo.

«Nao se cance;» continuou a Irene «é feliz demais para comprehender as subtilezas de que se compõe a felicidade dos desventurados.»

«Que subtilezas?» murmurou elle.

«Tudo... nada... um mundo infinito e desconhecido para si.»

Interrompeu-se um momento e continuou logo:

«Quer ouvir? Ha dias... acabava eu de soffrer um terrivel desgosto. Ia pela rua fóra, esmagada, immersa n'um desespero que me fazia desejar a morte como unico alivio, quando comecei a pensar que *não tinha o direito* de me abandonar ao egoismo da minha tristeza; porque a tristeza é um egoismo quando se não possue o dom, que a si é concedido, Poeta, de a transformar em belleza para o goso alheio. Lembrei-me então de que não soffria dôres phisicas, de que tinha o pleno uso dos meus membros e das minhas faculdades e senti prazer em respirar livremente, em andar sem esforço e sem canção, em vêr o movimento da rua, a gente que passava apressada ou se demorava em grupos, falando, rindo, gesticulando, presa á vida por mil interesses differentes; descia sobre mim uma grande serenidade á medida que ia dominando a minha dôr, escutando a minha razão, comprehendendo a

insignificancia do meu enorme tormento, no meio das coisas diversas nas quaes á minha volta a vida triumphava: o grande formigueiro humano, o ceu azul, o ar, a luz, as côres, as plantas...»

«E julgava-se, por isso, menos infeliz?» perguntou o Poeta, não sem ironia. «A sua dôr diminuia?»

A Irene franziu ligeiramente a testa.

«Não» disse ella muito seria.» O meu soffrimento é profundo demais; não pertence á cathegoria dos males susceptiveis de conforto. Mas sentia-me forte para o supportar com dignidade, legitimamente orgulhosa de saber vencer o meu desespero e de poder elevar-me acima da minha dôr pessoal. Tinha o sentimento de um capitão de navio que lucha contra a tempestade mesmo quando vê o seu barco perdido, que lucha *porque é esse o seu dever*, calmo, firme no seu posto, dando á equipagem o

exemplo do sangue frio que afugenta o panico e mantem cada um na posse da razão e na obediencia ao dever imposto pela consciencia, mesmo em frente da morte.»

Ficou um momento silenciosa e acrescentou com uma voz mais baixa:

«O desprezo da morte; o desprezo das proprias agonias em frente do dever que impõe a serenidade; o dominio absoluto dos nervos pela vontade; a visão larga da vida com toda a sua triumphante belleza, com toda a sua infinita bondade; a compreensão nitida do nosso logar pequenino e ephemero; o desejo de perfeição... o desejo immenso de perfeição que faz do soffrimento uma pedra de toque e nos vae purificando e elevando acima de todas as dôres...»

De subito, muito calma, voltou-se para o Poeta com um sorriso:

«É com estes materiaes, meu amigo, que os desventurados devem fabricar a sua felicidade. E este é a unica felicidade estavel, que nenhuma contingencia exterior pode abalar e que se nos impõe como um dever porque nos torna indulgentes, bons e *uteis* para os nossos semelhantes.»

«A Irene confunde;» interveiu o Professor.

«Isso não se chama felicidade, chama-se virtude.»

A expressão da Irene assombrou-se de novo.

«A virtude é o que vae além do dever;» disse ella «a felicidade como a entendo é um dever elementar.»

O Poeta ia responder quando uma voz grave se elevou da porta da sala.

Encostado ao humbral, o Fabricio escutara até alli esta conversa, em silencio.

«A Irene tem razão;» disse elle «mas nunca se ha-de entender com o Poeta porque a felicidade a que ella se refere é a dos desventurados *cultos* que a procuram na sua vontade educada e na sua razão livre. E o Poeta fala da *ave que passa e... poisá ou deixa de poisar*. A Irene pensa na flôr de estufa, cuidada, tratada, abrigada contra as intemperies e que tem de desabrochar e deve durar quer chova ou vente; o Poeta pensa na esteva bravia cuja brancura resplandece um momento e que a maior parte das vezes o vento desfolha antes de ser colhida.»

Approximou-se de nós, sentou-se ao lado da Irene.

«A flôr de estufa já a Irene lh'a mostrou; existe, é magnifica; ella colheu-a, mas poucos teem a força necessaria para a arrancar da planta e o geito indispensavel para lhe conservar muito tempo o frescôr e a belleza. Agora vou eu mostrar-

lhes a esteva. Mostrar-lh'a-hei na sua forma mais simples, e sentirão assim melhor o contraste.»

Todos o escutavamos com interesse e elle disse-nos o seguinte:

«É sempre com tristeza que vejo acabar o mez de junho, o unico mez do anno em que o povo de Lisbôa é alegre.

«Durante esse mez privilegiado não ha melancholia, nem revolta, nem dôr, nem miseria; se estes flagellos existem, no mez de junho não apparecem.

«No mez em que, sob a invocação catholica dos tres santos populares, se glorifica na terra de Portugal a suprema alegria de viver, os soffrimentos escondem-se ou attenuam-se ou são esquecidos pela pobre gente que durante o resto do anno está mais habituada a chorar do que a rir.

«Desde sempre e por toda a parte, os homens celebram o renovo da natureza, a grande festa dos

primeiros rebentos que apparecem, das primeiras flôres que desabrocham, a gloria da primavera que vem annunciar-lhes a chegada da abundancia, do calor, do ceu azul, do sol fecundante. É a esperança immensa, que os constantes desenganos não conseguem vencer, a esperança immortal n'um recomeço de vida mais bella e mais feliz, a esperança que faz eternamente palpitar o pobre coração humano.

«Em vão o christianismo nos ensinou que este mundo é um valle de lagrimas, e tentou desinteressar-nos das alegrias terrestres, chamando-nos a attenção para os prazeres supremos reservados aos justos n'uma vida de além-tumulo. Nunca esquecemos os bons deuses robustos e sãos do paganismo, aquelles encantadores deuses do Olympo que, longe de exigirem dos homens a renuncia aos bens da terra, encarnavam esses bens e vinham a miudo

fraternizar com os mortaes; tomar partido nos combates, compartilhar dos banquetes, fundir-se com elles pelos laços do amor, dando assim á vida com a sua presença divina que transfigurava todas as coisas, uma nobre e bella significação.

«Apezar das paixões, da terrivel ancia do poder que em pouco tempo transformaram o christianismo, doce religião de fraternidade e de amor, n'um instrumento de supplicio, n'um pretexto para perseguições e abusos e n'uma capa de abominações, apezar da alma humana, dominada pelo terror das penas eternas, aniquilada pelo confessorario, se ver reduzida a acceitar a escravatura como um bem, apezar das fogueiras da Inquisição e do peso esmagador de Roma, o paganismo atravez dos seculos renasce triumphante das proprias cinzas e a Egreja, para dominar os homens, tem de lhe fazer estranhas concessões.

«Estão vendo nascer a flôr da esteva? A flôr da esteva que lhes mostro é a simples, rude e ephemera felicidade do povo: cinco petalas brancas que alvejam um momento entre a urze tão aspera e o tojo eriçado de espinhos, e que não duram mais que um dia...

«Principiam em Lisbôa as festas da primavera com o *dia da espiga*, evidentemente um echo do culto a Ceres que a Egreja, impotente de abolir (quem póde impedir a floração radiosa da esteva?), adaptou ao catholicismo consagrando-o á Virgem. Porém o vulto doloroso da mãe de Jesus é completamente esquecido n'esse dia pelo povo, todo fremente de reminiscencias pagãs, todo embriagado pelos vigorosos e sadios perfumes da terra que se cobre de cearas em signal de abundancia e inspira aos simples alegrias immediatas e rudes onde não ha visões de além-tumulo.

«E depois veem os tres santos.

«O eloquentissimo Santo Antonio, que a lenda tornou prestigioso attribuindo-lhe ingenuas e sobrenaturaes façanhas e a imaginação popular transformou em pequeno deus familiar que se occupa de namoros e de objectos perdidos; vem a seguir S. João Baptista, o tragico propheta a quem o povo portuguez deu as proporções de um idolo secundario em cuja honra se queimam propiciatorias fogueiras aromaticas e se cantam trovas de amor; e por fim S. Pedro, o apostolo e o martyr, que as almas simples não vêem na sua grandeza, mas collocam á porta do paraizo, indulgente e paternal, cheio de perdões para os pobres peccadores que tiverem celebrado com mangericos e cravinhos de papel, o seu nome de bemaventurado.

«Bemdito seja o bom perfume pagão que a passagem dos seculos não dissipou e que paira

ainda sobre a nossa pobre alma latina libertando-a, pelo menos uma vez no anno, dos ferros tão pesados de Roma e da lugubre hypocrisia dos discipulos de Santo Ignacio, a quem devemos tão profundas e incuraveis desventuras!

«A flôr de esteva, desabrochada, aqui a teem... É a felicidade curta e ruidosa do povo. Mas essa felicidade póde ser um orvalho bemdito para a outra, para a felicidade profunda e grave de que nos falou a Irene.

«Por condições especiaes da minha vida, passei em claro todas as noites do ultimo mez de Junho em Lisboa.

«Nunca me incommodou a ruidosa alegria das ruas.

«Pensava nas lentas agonias da miseria, em todas as dôres e desesperos que atormentam os pobres; e aquellas rudes manifestações de prazer que subiam de tanto soffrimento humano como

um protesto e um canto de victoria, attenuavam o meu tormento.

«Emquanto a alegria dos outros nos consola das nossas dôres, emquanto o soffrimento proprio nos não escurece a razão a ponto de negarmos a belleza da vida, podemos ainda, apezar de tudo e atravez de tudo, abençoar a natureza e considerar-nos felizes.»

O Poeta disse:

«A Irene tem razão...e eu tambem.»

Segundo dia

—

O ramo d'oliveira

No fim do almoço, enquanto o criado nos servia o café, eu disse aos meus companheiros:

«Estive pensando esta manhã na linda e perfeita flôr de estufa da Irene e na divina esteva do Fabricio. Mas o segredo da felicidade pertence aos que penduram sobre a sua porta o ramo d'oliveira.»

«O ramo d'oliveira» respondeu o Poeta «tornou-se-nos inacessível, a nós, desde que fomos arrastados pelo cyclone da civilização.»

«A nós, mas não aos simples. E os simples, felizmente, são ainda a grande maioria.»

«Tu já viste o ramo d'oliveira?» perguntou a Irene.

Emquanto os meus companheiros tomavam o café e o grande silêncio do jardim entrava com a claridade do meio dia pelas janellas abertas, contei-lhes o seguinte:

«Passei ultimamente oito mezes n'uma casa de campo, situada a meia encosta de uma collina.

«No fundo do valle branquejava a povoação cortada pela linha dos carros electricos, pela via ferrea, e pela estrada. Havia lá em baixo uma fabrica, uma igreja, um velho convento, jardins, hortas... vida, movimento, barulho, silvos de locomotivas, fumaradas de chaminés, gente que falava, que gritava, que se preocupava com mil assumptos diversos, arrastada por essa coisa extenuante a que se chama civilização e onde as existencias humanas se consomem como n'um brazido.

«Mas do outro lado do valle erguia-se a encosta fronteira; e, de repente, ahi apparecia a desolação, o deserto, a paz, o silencio.

«A serra elevava-se toda nua, avelludada por um tapete de erva curta e resequida, por uns magros restolhos; e o tom amarellado d'esta pobre vegetação, misturando-se com o vermelhão da argilla e com o ocre da areia, tornava-se, sob o esplendor do sol, em oiro velho, em oiro indiano, cheio de reflexos de cobre.

«Nem uma arvore, nem uma casa.

«Aqui e além, uma saibreira abandonada rasgava em semi-circulo, na vertente doce, uma ferida que tinha a forma de uma concha; no alto uns velhos moinhos de vento arruinados erguiam-se com um ar sinistro de antigos mausoleus.

«E o dorso da serra ondulava muito suave e todo nú, mostrando lá adeante o pequeno inchaço

que abriga um forte e continuando depois, a perder de vista, na mesma desolação.

«Defronte da minha janella, na vertente opposta, estendem-se uns hectares de terra, que foram decerto uma grande folha de trigo ha talvez dois annos e que, desde então, deixados em poisio, os agentes atmosphericos tinham nivellado, avelludado de relva magra e curta, tornado semelhantes ao resto do chão liso e pobre que reveste a serra toda.

«Logo no primeiro dia da minha chegada, reparara que um lavrador com a sua junta de bois, andava lavrando aquelles hectares de terra.

«O rego traçado pela charrua era longo, os bois vagarosos, a terra dura. A relha enterrava-se no chão e rasgava-o lentamente, lentamente... e o sol descrevia uma grande parte da sua curva no firmamento antes que o lavrador chegasse ao fim do rego e tivesse de virar a relha.

«Os dias iam passando. Quer de manhã, quer ao meio dia, quer de tarde, eu via sempre o lavrador com a sua junta de bois e com a sua charrua, lavrando a terra; parecia-me que o trabalho não avançava, parecia-me que a faixa de terra escura já revolvida se não alargava e que os bois, vagarosos, com o homem atraz agarrado á rabiça do arado, percorriam sempre, sempre, a mesma linha.

«Todos os dias, depois do almoço, sentava-me á janella a ler os jornaes que acabavam de chegar.

«Perante a minha imaginação, desenrolavam-se os acontecimentos graves, sensacionaes, que prendiam os pensamentos, despertavam os interesses e desencadeavam as paixões dos homens, n'aquelle tempo: a grande questão da Irlanda, a lucta das suffragistas inglezas, as revoluções tremendas do Mexico, o caso de madame Caillaux... E todas estas coisas passavam

pelo meu espirito deixando um rasto de inquietação, de horror, de piedade; todas me faziam vibrar com o grande fremito de angustia indefinida que continham, sendo como eram, sombras precursoras de desastres maiores.

«Mas quando levantava os olhos dos jornaes e me voltava para a serra, lá via na vertente calma, o lavrador com a sua junta, lavrando a terra; sem querer, machinalmente, comparava a terra lavrada de hoje á terra lavrada de hontem e parecia-me que o pobre homem não avançava uma polegada.

«O attentado de Sarajevo, o *ultimatum* da Austria á Servia, a agitação crescente da Europa, as declarações de guerra, os armamentos, as mobilizações, o panico financeiro, as profundas alterações no commercio e na industria, a surpresa dos monstruosos engenhos de morte, os desalentos, os medos, os enthusiasmos, a loucura

arrastando o mundo para a mais pavorosa de todas as guerras que teem abalado a humanidade...

«E o lavrador ia lavrando a terra; e por fim comecei a ver um pequenissimo augmento na largura da faixa negra, revolvida pela charrua.

«Era o mesmo lavrador de Zola: o mesmo que lavrava a sua terra a dois passos do campo de batalha de Sedan.

«É eterno. Todas as revoluções, todas as convulsões passam e elle fica.

«É sempre o mesmo desde os tempos biblicos.

«Lavra, semeia, espera, colhe... e recomeça a lavar. Não vê mais nada senão a terra e o trigo que vae nascer.

«Cumpre o seu destino e morre contente.

«Leva d'este mundo uma paz que nós não conhecemos... e elle é que tem razão.

«O ramo d'oliveira pendurado sobre a sua porta não murcha, não secca... É o mesmo que a

pomba trouxe a Noé anunciando-lhe que a terra estava enxuta e que era preciso tratá-la.»

Levantámo-nos da meza e saímos para o jardim.

Sentámo-nos n'um dos bancos de pedra ennegrecidos pelo tempo e manchados de musgos, que rodeavam o tanque circular onde caíam, como um rosário ininterrupto de gotas, a água de um repuxo.

Era um repuxo que se elevava da boca de um tritão enroscado sobre a mais alta das três conchas sobrepostas; e a água escorria depois, cantando docemente, de concha para concha, até vir agitar e enrugar a superfície do tanque.

Por detrás de nós uma Diana sem braços olhava do alto do seu pedestal para o labirinto das ramarias onde luziam entre sombras os raios do sol.

«Se ao visitarmos as ruínas das civilizações extintas,» disse o Professor «nos fosse dada a visão palpitante e clara da vida que ellas representam, veríamos como n'um gigantesco e extranho kaleidoscopio, essa vida a mudar de fôrmas e de côres, profundamente e sem fim.

«Entre as multidões successivas e tão diversas que d'este modo passariam uma a uma defronte de nós, assombrando-nos e confundindo-nos a razão, uma figura, sempre a mesma, uma figura eternamente renascente e sempre igual, voltaria sem fim, refractaria a todas as convulsões que no mundo vão transformando sem repouso os aspectos e os valores.

«Á beira de cada caminho encontraríamos um homem tisonado pelo sol e com as mãos calosas de lidar na terra; e esse homem levantaria para nós um olhar onde veríamos estampada a mesma alma resignada e simples de servo e de adorador.

«Mais de tres mil annos antes de Christo, já *elle* anda no Egypto, absorto pelo trabalho da terra, indifferente ás guerras intestinas que assolam o paiz, indifferente ás victoriosas guerras de conquista que trazem a riqueza e o esplendor da prodigiosa civilização.

«E os seculos vão passando...

«Nas planicies da Thessalia lá está *elle*, o mesmo, trabalhando a terra, enquanto os Argonautas partem de lolchos, enquanto os gregos pelejam em frente de Troia, enquanto as artes e as sciencias florescem em Athenas.

«E os seculos passam, arrastando os Ptolemeus, Jasão, Achilles e Heitor, arruinando a bibliotheca de Alexandria e o Parthenon.

«E *elle* fica.

«Vamos encontral-o no Agro Romano, curvado para a terra que lavra e semeia. Cesar, Augusto, Marco Aurelio, Nero, passam com os

seus triumphos, com o seu poder, com a sua philosophia, com a sua loucura; o Forum desmorona-se e Attila chega do Norte, devastador como um cyclone... Tudo se esvae em poeirada, em fumo...

«E elle fica.

«Fica para lavar e semear as terras dos senhores feudaes enquanto os barões vão nas Cruzadas á conquista da Terra Santa; fica para levar productos da terra aos mercados de Florença e de Verona, de Genova e de Pisa, enquanto estas cidades se esfaqueiam e ensangentam as suas ruas e as fachadas dos seus palacios em luctas fraticidas.

«E S. Luiz de França, Frederico II, Innocencio IV passam e desaparecem; Jerusalem e Bysancio decahem e morrem...

«E *elle* fica.

«E o cortejo vertiginoso dos seculos vae passando... Passa a austera Reforma e a brilhante Renascença, a Revolução, as guerras napoleonicas; passam os mythos, as religiões, as lendas e as epopeias, os cataclysmos e os triumphos, os sonhos, as illusões, as glorias, tudo que reluz, tudo que parece immortal...

«Á beira do caminho, encostado ao cabo da enxada, *elle* vê passar estas coisas prodigiosas.

«Não sabe de onde veem nem para onde vão. Humilde, considera-as inacessiveis á sua comprehensão.

«Vagamente afflictio quando ellas se approximam do seu campo, lança um olhar inquieto á terra onde vão apontando as linguetas verdes do trigo; e o seu cuidado absorvente, exclusivo, é que lhe deixem a ceara crescer e fructificar em paz.

«E agora podem as granadas lavar a terra, as metralhadoras ceifar os exercitos, soldados abrirem as surribas das trincheiras; sereno, impassivel, o camponez ocupar-se-ha apenas da lavoura da *sua* terra, da ceifa do *seu* trigo, da surriba da *sua* vinha. E emquanto lhe não incendiarem o celleiro, o alpendre e o lagar, emquanto lhe não roubarem ou matarem o gado, trabalhará agarrado á rabiça do arado, attento ao rego aberto pela relha no chão negro de onde ha-de subir o pão que alimenta o mundo; trabalhará ao som do canhoneio que devasta a Europa e que é para elle tão incomprehensivel como o ribombar do trovão.

«Trovão, canhoneio... brigas de deuses, coisas que elle não entende, não sente a necessidade de entender, porque nasceu para lavar e semear a terra.

«E o Kaiser passará com os seus formidaveis appetites, e os intellectuaes com as suas utopias, e a guerra com as suas hecatombes...

«E *elle* ficará.»

«E *elle* ficará,» disse o Fabricio «*porque a natureza decretou misericordiosamente que o chão tem de ser trabalhado e o trigo semeado e colhido, sejam quaes forem as lanças que se quebrem sobre a face da terra.*»

Houve um momento de silencio; e nas ramagens alguns passaros principiaram a cantar.

Muito alto passou um milhafre que parecia suspenso no ar, com as azas abertas e immoveis.

Vinham-nos de longe, com intermittencias, os lamentos de uma nora.

«Bem entendo» disse por fim a Irene qua ficara pensativa «que a morte, a desgraça e a ruina batem n' esta hora tremenda a todas as portas e que

o burguez e o operario das cidades, estendidos no chão e com o peito varado por uma bala ou com a cabeça espatifada por um estilhaço de granada, ou levados para as ambulancias sem braços, sem pernas, sem ouvido, sem vista, deixam e levam a desgraça e a dôr a lares onde a felicidade e a paz nunca mais entrarão. Mas é na gente do campo que eu demoro mais o pensamento; é no ramo de oliveira chamuscado pelos incendios.»

«Tambem eu.» acudiu o Poeta «Lembro-me dos camponezes do sul da França, dos gascões morenos, nervosos, valentes e fanfarrões, dos companheiros da divina Mireille; dos bretões de Renan, religiosos, supersticiosos, honestos e sempre nostalgicos do mar; dos normandos obstinados, desconfiados, trabalhadores e taciturnos... Lembro-me dos bons lavradores ingleses, rudes e fortes, dos bons lavradores de Dickens e de Walter Scott, agarrados ao seu lar e

á sua terra; e dos *mujiks* de Tolstoi, soffredores e philosophos, que veem da solidão e do silencio das estepas para o tumulto das batalhas; e dos grandes e loiros camponios da Allemanha tornados rigidos sob os duros uniformes impostos pela Prussia, mas guardando nos corações ingenuos todo o perfume do seu bucolismo e as doces imagens das Gretchens deixadas tão longe, lá na terra...»

«Pobre gente do campo!» disse eu «A terra bem dita e calma impregnou-os da sua força e da sua serenidade.»

«Os camponezes são, como as plantas sinceros e bons;» continuou o Professor seguindo a minha idea «não conhecem as complicações das sociedades cultas nem os vicios dos grandes centros; não se occupam de politica. Como as arvores, prendem-se á terra que os criou e, fortes e são no logar onde fixaram as suas raizes, não

concebem o resto do mundo; estiolam-se e perdem-se transportados para longe onde os acompanha a nostalgia do solo natal.»

«A sua paixão é a terra», disse eu. «Voltam cançados e dormem profundamente. O intenso trabalho physico desenvolve-lhes os musculos em detrimento do cerebro; são lentos no pensar e só pensam coisas faceis e simples que os seus maiores já pensaram antes d’elles. Acceitam o seu destino com resignação; não sabem o que se passa no resto do mundo e não teem curiosidade de o saber. Quando evoco os horrores da guerra, affigura-se-me que um dos maiores crimes praticados é a drenagem dos camponeses para os campos de batalha.»

«Tem razão.» concordou o Fabricio.» Na minha imaginação vejo-os partir calados e tristes. Vão regar com o seu sangue a terra que adoram; abandonam os lares tão penosamente

conquistados e onde lhes fica o coração. Eles, que nasceram para semear o pão e espalhar a paz, vão semear a morte e espalhar a discórdia. Nos seus olhos bons e calmos levam o horror da coisa medonha que lhes impõem como um dever.»

«Qual de nós não encontrou algum dia, indo por uma estrada além, um rebanho de rezes destinadas ao matadouro?» perguntou o Poeta.» Pobres animaes inconscientes do destino que os espera, lá vão para onde os levam, passivos e resignados. Não sabem, não prevêm. Marcham pelos caminhos poeirentos, atravez dos campos que não conhecem, onde nunca pastaram. Foram rezes escolhidas, separadas do grosso do rebanho; as mais robustas, as mais sadias, as mais perfeitas. Ao principio da jornada, muitas voltam a cabeça para traz e soltam um mugido de vaga tristeza; teem no olhar nostalgias onde se adivinha a saudade immensa do curral, das crias que lá

ficaram. Pelo caminho fóra vão-se esquecendo; encontram aqui e além um prado de erva tenra, um regato onde matam a sede, uma sombra onde descansam... Depois... depois é o matadouro.»

N'este momento levantou-se uma brisa que fez cair sobre nós, de uma oliveira proxima, uma chuva de pequeninas corollas brancas.

«Vê?» disse o Poeta sorrindo. «É o ramo de oliveira que nos abençôa.»

Terceiro dia

Os cactos vermelhos e o lírio branco

Chovia.

No casarão enorme respirava-se uma tal humidade que mandámos accender o fogão da sala.

Ouvíamos escorrer a chuva dos beiraes, gotta a gotta e olhávamos com melancholia, atravez das vidraças molhadas para o arvoredado do velho jardim envolto em nevoa.

O Fabricio trouxera na vespera, de um passeio, duas monstruosas flôres de cacto, vermelhas, rigidas, soberbas, violentas e cheias de maldade. Arrancara-as ao muro de uma ruina e ficara com as mãos em sangue. O Poeta collocara-

as n'um vaso japonez decorado com dragões, em cima de uma columna de onde agora presidiam, insensíveis e altivas, á nossa conversa.

Mas a Irene puzera sobre a meza ao seu lado, uma jarra de crystal de onde se erguia um lirio branco; precisava d'aquella flôr junto de si, dizia ella, para lhe attenuar a impressão desagradavel de hostilidade provocada pelos cactos.

Os beiraes deixavam cahir a agua nos degraus de pedra da escadaria e na terra molle dos canteiros junto á casa.

Com o entardecer uma nevoa, a principio leve, que se erguera da ribeira, fôra subindo, alastrando, trepando pela encosta, e agora envolvia tudo.

Viam-se apenas as silhuetas informes das arvores atravez da bruma cada vez mais espessa; e lá adeante, no fim da comprida alameda, as duas columnas que sustentavam o portão de ferro,

tinham um ar de gigantes esguios, immoveis e transidos.

Um cão recolhido na sua casinhola de madeira, ladrava de tempos a tempos.

A luz da tarde, entrando pelas janellas, cahia sobre os cactos que luziam, escarlates, semelhantes a duas chammas.

Sob a sua influencia má, falávamos do odio.

«O odio é um estado pathologico da alma.» disse o Professor tamborilando com os dedos nos vidros da janella «É uma doença latente em certos organismos e quasi sempre incuravel; uma especie de tuberculose da alma. É molestia hereditaria e terrivel; como o alcoolismo, póde deixar uma ou duas gerações incolumes, porém de subito reaparece na terceira; póde poupar todos os membros de uma familia, menos um. Vem de longe, dos seculos obscuros e violentos, das atrozes guerras de religião, dos duros tempos

feudaes. É um mal que tende a eliminar-se, gradualmente, á medida que a intelligencia do homem, alargando-se, lhe mostra os campos infinitos por onde a sua actividade deve espalhar-se, á medida que a bondade da vida se lhe revela mais clara e que a sua concepção cada vez mais alta da moral, o afasta dos primitivos instinctos e lhe impõe o respeito pelas convicções dos outros.»

«Se não fosse o odio,» respondeu o Poeta que, sentado n'uma poltrona, fitava pensativo as flores de cacto» a Historia seria um livro fastidioso e incolor; e, desde os seus primeiros passos, a humanidade teria parado por lhe faltar a força dominante e formidavel que, em sacões de paixão, a tem impellido á conquista do bem.»

Mas o Professor, sem se voltar, disse:

«O odio nunca pode ser um factor progresso porque é cego e ignorante e porque se obstina na sua cegueira e na sua ignorancia. É uma força

bruta que esmaga a torto e a direito e que não conhece a justiça. É um factor de morte e de ruina.»

O Poeta sorriu.

«No entanto foram os deuses que ensinaram o odio aos homens. Os deuses do Olympo, os deuses do Walhala e Jehovah, eram rancorosos; e todas as religiões que admittem castigos eternos de além-tumulo e portanto uma ideia de vingança implacavel, não estão libertas do odio...mesmo quando ensinam o amor.»

O Professor encolheu os hombros.

«Os deuses!...» exclamou elle com impaciencia «Os deuses foram feitos pelo homem á sua imagem e quando o homem os creou encontrava-se ainda envolto n'uma espessa ganga de animalidade. Á medida que o espirito humano se approxima da perfeição, deixa de conceber o odio; a maldade apparece-lhe como uma

anormalidade e inspira-lhe apenas compaixão. O Christo.. .»

O Poeta levantou-se bruscamente e veio para junto da janella.

«Qu'importa o Christo e os seus ensinamentos que toda a gente esqueceu? O Christo é o peor argumento para a defeza da sua these. Um espirito luminoso e puro que ensinou aos homens o amor, o perdão, a misericordia, a justiça, o desprezo dos bens da terra, o horror da ostentação e da vaidade... que perdoou á mulher adúltera e mandou entregar a Cezar o que pertencia a Cezar, que foi o modelo de todas as virtudes, de todas as abnegações, de todas as renunciias, dos mais difficeis heroismos... E o que ficou da sua maravilhosa doutrina na alma d'esta humanidade que voce crê tão perfectivel?»

«Um grande ideal de fraternidade,» respondeu o Professor «uma sede immensa de justiça, uma clarissima noção da verdadeira moral...»

Mas o Poeta interrompeu-o:

«Está enganado; ficou apenas a hypocrisia.

Os valores conservaram-se os mesmos; mudou-se-lhes o nome e nada mais. Foi em nome de Christo que o catholicismo accendeu as fogueiras da Inquisição; foi em nome de Christo que Santo Ignacio de Loyola lançou as bases da moral abominavel que se alastrou pela terra toda como uma lepra. Pobre Nazareno que julgou livrar o mundo do odio ensinando-lhe uma religião de amor! O odio subsiste, inextinguivel, eterno; serve-se agora da cruz como outr'ora se serviu das frechas de Jupiter.»

Calou-se um momento e fitou as duas flores escarlates que pareciam duas chammas.

«E tem de ser assim,» continuou elle «e deve ser assim. O odio esmagando a humanidade durante mil annos, fez surgir das trevas da Edade Media o soberbo impulso da Reforma e o milagre da Renascença. Sem o odio a Revolução franceza não se teria realizado. Do odio como de todo o mal surge o bem, assim como da morte surge a vida. A vida é um eterno fluxo e refluxo; para haver a belleza é preciso que exista a fealdade; para haver o bem é preciso que exista o mal; para haver o amor é preciso que exista o odio.»

E o Poeta que se exaltara falando, passeava agora na sala que o crepusculo principiava a invadir e onde os cactos rubros reflectiam os clarões da lareira.

«No emtanto,» respondeu o Professor «é certo que o odio tente a desaparecer e que, á medida que elle descrece, uma luz mais pura illumina o cerebro humano. Antigamente os homens

combatiam corpo a corpo e no coração de cada soldado o odio latejava, sombrio e sem treguas. Não havia misericórdia para feridos ou prisioneiros; as maiores atrocidades eram padrões de gloria para quem as praticava. E não era só nos campos de batalha; era na mesma patria, senhores feudaes pelejando entre si com o odio que herdavam, que vinha de longe; era no seio das proprias familias o odio que de repente fazia de um irmão o algoz do seu irmão, de um filho o algoz do seu pae; o odio que se escondia surrateiro e hypocrita, sob um pretexto de honra, de justiça, de religião, e que afinal era simplesmente o odio, o odio selvagem e cego que levava a todos os crimes, a todas as abominações, ás mais crueis e fanaticas injustiças...»

O Poeta, que se encontrava n'este momento junto do Professor, fitou-o insistentemente com uma extranha expressão.

«E agora?» perguntou elle.

O Professor ia responder, mas pareceu lembrar-se de repente de qualquer coisa dolorosa. Franziu o sobr'olho, hesitou...

Depois, approximando-se da meza, accendeu o candieiro de suspensão e sentou-se á lareira com um suspiro.

A luz do candieiro cahiu sobre as flores de cacto que ardiam, escarlates como duas chammas.

O Fabricio, com a idea de dissipar a ligeira nuvem que viera interpor-se entre o Poeta e o Professor e julgando levar a conversa para um campo onde os dois estivessem de accordo, disse:

«O odio é uma paixão má e duradoura; mas a colera é uma forma transitoria, attenuada, do odio; enquanto este queima e devasta a alma destruindo o bem, aquella arde como um fogo de palha e deixa intactos, ao passar, os sentimentos nobres.»

Mas o Professor abanou a cabeça com obstinação e respondeu:

«A colera é uma paixão violenta que nos faz retroceder a um estado d'alma atrazado e imperfeito. O homem dominado pela colera perde geralmente posse de si mesmo e varia e delira como um doente, como um allucinado ou um mentecapto. Despoja-se do seu patrimonio de luz, esquece a sua dignidade, debate-se no escuro contra inimigos que aos seus olhos desvairados tomam aspectos falsos como os moinhos de vento do fidalgo de la Mancha.»

«A colera é a corôa triumphal dos inspirados.» acudiu o Poeta ligeiramente agressivo. «Como a luz se decompõe nas diferentes côres, assim a colera se decompõe em paixões nobres; indignação, bravura, vingança dos heroes, todos esses sentimentos grandiosos que illuminam em clarões de prodigio as paginas da Historia e que a

epopeia arrasta e transfigura, são derivados da colera.»

«Uma vez, quando eu era criança,» tornou o Professor «encontrando-me entregue a um furioso arrebatamento de colera, alguém teve a ideia de me apresentar um espelho. Ainda hoje me lembro do desgosto imenso, do profundo e doloroso sentimento de vergonha, da intensa miseria moral em que me considerei mergulhado ao ver, no espelho, uma physionomia que não me pareceu a minha. Já n'esse tempo a colera dos outros, mesmo dos meus superiores, tinha o condão de dissipar o meu respeito; um tal espectáculo deixava-me no espirito apenas o assombro. Um assombro sob o qual fermentava já o desprezo.»

«O desprezo, não;» emendou vivamente o Poeta «o medo. Perante a colera dos outros, a criança presente as pancadas e tem medo. A criança, como todos os fracos, tem medo de tudo

que é violento. Seja o que fôr... indignação, heroísmo, sofrimento, qualquer manifestação de um sentimento apaixonado ou intenso, a assusta. Não comprehende.»

«A creança tem muito mais do que nós a noção da justiça, da coherencia e da logica.» disse o Professor. «O seu instincto vale mais do que a nossa razão. O espectáculo que nos offerece uma creatura civilizada quando se deixa dominar pela colera, é dos mais lamentaveis que nos é dado presencear. A bocca espumante, os olhos injectados de sangue, as faces congestionadas, os gestos desordenados, os labios contrahidos descobrindo os dentes como um animal que vae morder, todos os symptomas, emfim, de uma reversão aos instinctos primitivos; a expansão da animalidade antiga, surgindo, rompendo as camadas sobrepostas de intelligencia e de raciocinio cada vez mais lucido e calmo, como

linguetas de fogo que se levantassem de um rescaldo relevando o trabalho latente do lume que vae minando ainda sob as apparencias enganadoras da extincção.»

O Poeta exclamou:

«O que seria de nós se não fosse a colera?

A santa colera que nobilita, a colera que resplandece como uma aureola sobre os campos de batalha, forjando heroes, transformando as carnificinas em apotheoses, creando os sonhos, as ambições, os desejos ardentes que nos arrancam á triste condição de cabeças de um rebanho, e nos elevam á sublime cathegoria de deuses!»

«Os deuses decahiram e morreram;» respondeu o Professor «e precisamos sobretudo de ser homens. A nossa razão esclarecida tem procurado, tem encontrado a verdade. Nem as aureolas nem as apotheoses conseguem já esconder aos nossos olhos a verdade. No nosso

tempo e perante as conquistas do nosso espirito, uma batalha é uma carnificina e não ha aureola que a transforme em apotheose. Hoje, por mais que a mascarem e a disfracem, a colera é apenas o movimento violento e irreflectido da alma primitiva; um estigma de barbaria e de animalidade. Quanto mais alto se encontra na escala do aperfeiçoamento humano o ente atacado pela colera, mais essa paixão nos apparece como uma anormalidade.»

«Sublime anormalidade!» exclamou o Poeta levantando a voz vibrante «que inspirou Homero e Seneca, o Dante e Shakespeare! O que seria de nós sem as Furias nem as Menades, sem todos os espiritos poderosos que teem surgido das chammas altas e desvairadas da colera e de todos os seus derivados, filhos do Mal!»

O Professor voltou-se para elle abruptamente como se fosse lançar-lhe uma resposta violenta.

Mas a Irene levantou-se e pegando no vaso em cujas paredes se torciam os dragões japonezes e que continha a chamma escarlata e perversa dos cactos, levou-o para outra sala dizendo que o seu perfume intenso a incommodava.

Á luz doce do candieiro, o lirio branco resplandeceu na sua jarra alta de crystal e todos nós olhamos para elle.

«Irene,» disse-lhe o Fabricio quando ella voltou «leia-nos alto a carta que escreveu esta manhã áquella sua amiga que tentou consolal-a das suas agonias, mostrando-lhe compaixão.»

A Irene, docil, foi buscar a carta e leu-a em voz alta:

«Guarda o teu dó para quem o merece, guarda-o para os que tanto me teem feito soffrer. Guarda-o para todos os infelizes, para todos os desvairados que procuram a felicidade nos factores externos, para todos os que vão pelo

caminho á procura de sol e deixam a sua casa deserta e sombria com as portas e as janellas fechadas.

«Guarda-o para os devotos que vivem na esperança interesseira da recompensa e no pavor do castigo; para os escravos da opinião dos outros, para os que não teem a coragem de obedecer á propria consciencia; para todos os miseraveis vendilhões que fazem negocio com a sua honra e com a honra alheia; para os que não teem confiança em si e, inchados como odres vazios, fanfarrões em publico, não podem no emtanto supportar a sós, defronte do espelho, o proprio olhar; para os que não teem fé nos outros e atravessam a vida, cautelosos, cheios de preocupações, de defezas e de manhas, como se atravessassem uma floresta infestada de malfeitores; para os que, desamparados da sorte, generalizam o seu infortunio e negam a belleza e

a bondade da vida porque estão fóra do seu alcance.

«Guarda o teu dó para os que andam á tona d'agua, a boiar, leves e sem destino como pedaços de cortiça; para os que são feitos de latão e passeiam pelas ruas a luzir como se fossem de oiro; para os que resoam como cymbalos e, como os cymbalos, possuem apenas a capacidade de fazer barulho.

«Não tenhas dó de mim. Se a desventura tivesse passado ao meu lado sem me tocar, não estaria eu hoje rica, de posse das certezas e das forças que me elevam acima dos campanarios, nem poderia gosar como goso da beleza de todas as coisas que brilham á luz do sol e que são tanto mais lindas quando conseguimos fital-as, sem pestanejar, atravez do soffrimento.

«Longos mezes tenho luctado com a morte, que me queria roubar um thesouro; e, receando

um affrouxar das energias indispensaveis, consegui resistir á tentação das lagrimas e do desespero.

«Durante as crises mais terriveis da minha vida foi-me preciso trabalhar, trabalhar sem repouso; e abençoei o trabalho como um deus tutelar, cheio de misericordia.

«Vi de perto a justiça dos homens e, em frente de uma tal bancarrota da verdade, de uma tal derrocada da intelligencia e da logica, de uma tal negação das virtudes austeras e do respeito humano, venci a minha repulsão, o meu desprezo, o meu enjôo profundo e lidei pacientemente, serenamente com essa justiça, porque o meu dever assim o exigia.

«Soffri os mais crueis desenganos, vi desabar á minha volta coragens, convicções, promessas, amizades, illusões de toda a vida sobre as quaes julgava poder apoiar-me com segurança; e o meu

desgesto immenso não se transformou em azedume.

«Conheci as peores, as mais crueis saudades, as que nos trespassam o coração em frente da imagem que perdeu para sempre a aureola sob a qual tínhamos apprendido a adoral-a.

«Disseram-me: — *Mente e verás realizados todos os teus desejos.* — E não menti.

«Disseram-me: — *Sacrifica a tua dignidade e serás respeitada por toda a gente.* — E não sacrifiquei a minha dignidade.

«Disseram-me: — *Troca o respeito intimo de ti mesma pela consideração ostensiva dos outros e alcançarás os teus fins.* — Não troquei.

«Uma por uma, fui amontoando as achas de lenha para fazer a fogueira onde ia ser queimada.

«Mas guarda o teu dó para os outros; eu não preciso d'elle.

«Acredita-me: os mais felizes não são os que accendem as fogueiras, mas os que n'ellas ardem.

«Os que as accendem julgam fazer calar vozes importunas; não se lembram de que as victimas, ardendo, espalham clarões que vão dissipar as trevas onde a Verdade foi escondida... essa Verdade tão perigosa para todos os inquisidores.

«Mas... tudo isto que importa, afinal?

«É preciso olhar para mais longe, para mais alto.

«De tantos males nasceram-me tantos bens!

«Tristes d'aquelles que chegam ao fim da vida sem saberem o que vieram fazer a este mundo e que, recapitulando os seus dias, encontram n'elles apenas faceis triumphos de inquisidores disfarçados!

«Venderam a consciencia e qual foi o seu premio?

«Tão pouca coisa, Senhor!

«Guarda para elles o teu dó.

«Quanto a mim, não troco pela sua vida feliz e triumphante, a minha pobre morte lenta e atormentada.»

Quando a Irene acabou a leitura d'esta carta, ficámos todos calados.

Depois, sem transição, o Fabricio contou-nos esta historia:

«Era uma vez um hollandez que se chamava Eduard Douwes Dekker. Os paes tinham-n'o destinado á vida commercial; mas sendo-lhe esta carreira antipathica e parecendo-lhe estreitas para os seus sonhos entusiasticos de actividade, as planicies da terra natal, partiu aos dezoito annos para a Batavia á procura de uma situação em harmonia com as suas aspirações.

«De volta á Hollanda fez os mais corajosos e perseverantes esforços para demonstrar aos homens eminentes e poderosos do seu paiz, o

estado deploravel da administração das colonias e a miseravel existencia dos indigenas. Mas por toda a parte encontrou o peor acolhimento; indiferença, cynismo, desprezo e, por fim, uma hostilidade que se foi agravando até á perseguição. E o desapontamento de Dekker estendeu-se não só á administração das colonias, como a toda a engrenagem da sociedade *civilizada*.

«Até aqui a história de Dekker é uma historia banal; a historia sem sabor de um homem de bem, cheio de confiança na justiça dos seus semelhantes; a historia de um *magico* sentimental que julga do seu dever defender os fracos e os oprimidos e que, por amor d'essa chimera, sacrifica a vida.

«Que interesse pode merecer um lunatico d'esta especie n'uma sociedade bem organizada

segundo os excellentes preceitos da mais commoda moral?

«Que sympathia pode despertar um ente d'estes, n'um meio de bons christãos dotados das mais praticas virtudes de apparencia, unicas necessarias e unicas exigidas na sociedade da gente... respeitavel?

«Porém Dekker, em vez de assimilar as proveitosas doutrinas dos que o cercavam, em vez de se conformar com a moral prodigiosamente flexivel cujos exemplos de vantagens incontestaveis lhe eram prodigalizados, obstinou-se em preferir a *sua* propria moral.

«Foi então que elle escreveu o seu *Max Havelaar* que era, sob a fórma de um romance, um acto formidavel de accusação e o livro mais extraordinario que se possa imaginar.

«Eduard Douwes Dekker assignara esta obra com o pseudonymo de Multatuli, inspirado no

verso de Horacio: *Multa tulit fecit que puer sudavit et alsit*. D'ahi por deante o verdadeiro nome do auctor funde-se e desaparece; existe apenas Multatuli, o *que soffreu muito*, o martyr e o apostolo da Verdade, d'essa magnifica e augusta divindade que sabe inspirar aos seus fieis, as mais bellas, as mais tragicas e pungentes devoções.

«Cada uma das suas publicações desencadeava torrentes de indignação, de insultos, de calumnias, de perseguições, de odios mortaes.

«— Que barulho á roda de mim! — exclama Multatuli — Aplainam, martelam, pregam, serram... Tudo isto me dá cabo do cerebro. Gostava bem de ter direito a um pouco de repouso, ainda que fosse na prisão. —

«Mas não descansa. É um apostolo. A sua missão é dizer a verdade e expulsar os vendilhões do templo. Tenta expulsal-os a golpes de ironia subtil como nas suas deliciosas metaphoras; a

golpes de violencia e de nobre indignação como no epilogo do *Max Havelaar* e na introducção das *Ideas*; a golpes de paixão que se eleva a uma tragica belleza e que attinge por vezes o sublime como na sua *Crucificação*.

«A vide de Multatuli é uma lucta continua, sem treguas, implacavel. Não conhece o medo, nem o interesse proprio, nem a traição, nem o azedume. No altar onde alimenta até á morte a chamma clara da sua revolta, não arde uma só impureza; e essa chamma, por vezes tumultuosa e terrivel como um incendio, por vezes subtil e delicada como um fogo fatuo, é sempre limpida.

«O publico lançou-se a ele como uma horda de cães famintos enfurecidos por lhe tirarem os ossos que devoravam: as commodas mentiras convencionaes e a rendosa hypocrisia.

«Tudo isto já lá vae ha cincoenta annos...

«Pobre Multatuli! Prégou no deserto.»

Todos nós ouviamos a historia que o Fabricio nos contava; mas pensavamos na Irene.

O criado entrando com taboleiro do chá, arredou a jarra de crystal; e o lirio branco, mais afastado de nós, rocebia a luz do candieiro coada pela seda vermelha do *abat-jour* e apparecia-nos rosado...

«Pobre lirio!» exclamou o Poeta.

E acrescentou:

«E’ o suor de sangue do Monte Olivete.»

Quarto dia

—

Os cardos

Fomos passear a um pinhal de pinheiros mansos.

Era no fim da tarde e o incendio do poente deixara no ceu um escarlata vivo onde se misturavam clarões de oiro resplandecentes.

Os troncos dos pinheiros altissimos perfilavam-se verticaes, hieraticos, solemnes, negros n'aquelle fundo de apotheose como columnas de um templo.

Do nascente vinha subindo a noite que espalhava no ar o azul violaceo e perturbante das visões orientaes de Dulac.

Não havia uma brisa e a ramaria muito alta formava uma aboboda sombria que os raios obliquos do sol poente trespassavam de clarões inesperados, fulvos, e onde se destacavam as pernadas mais grossas dos pinheiros, arqueando-se como nervuras.

Á medida que a hora avançava, o silencio tornava-se mais solemne e o perfume da terra e do pinhal, mais acre e mais violento.

A espaços, lá nas ramagens altas, havia chilradas de pardaes acomodando-se para a noite.

Á borda do caminho, o Poeta e o Professor estavam sentados n'uma raiz secular que se erguia do chão contorcionada como o corpo enorme de uma serpente. E defronte d'elles, encostada ao tronco de um pinheiro, a Irene, immovel, segurava na mão direita uma haste de cardo de onde irrompiam as folhas recortadas, duras, bordadas

de picos, de um verde venenoso laivado de branco, de aspecto perverso.

Na ponta da haste, erguendo-se do aglomerado das bractees espinhosas e rígidas, o capitulo expandia-se, alargava-se, purpureo, na luz suave do entardecer, como uma grande joia sacra.

A Irene segurava o cardo á altura do peito mas afastado de si; e parecia segurar um candelabro.

«A guerra» disse o Poeta «é necessaria e salutar. E' a voz de bronze que, de tempo a tempos se levanta, accordando energias adormecidas, dando á humanidade um renovo de belleza e de força.»

Mas Professor respondeu:

«E' nos campos de batalha que renascem os monstros antigos, factores de miseria, de ruina e de escuridão.»

O Poeta acudiu todo fremente e com os olhos brilhantes de entusiasmo:

«A altivez, a coragem, o heroísmo, o amor da patria, o estímulo sagrado da gloria, o ardor guerreiro que transfigura os homens e os torna semelhantes aos deuses, são as virtudes que dão aos mortaes a illusão magnifica da immortalidade.»

«São as mascaras da vingança, da ferocidade e da cubiça;» murmurou o Professor «não é certamente pelo desenvolvimento d'essas paixões que a humanidade attingirá a perfeição.»

«Todos os deuses de amor descidos do ceu á terra para ensinarem a união, a fraternidade e a paz, são transitorios;» continuou o Poeta «desde Osiris até Christo, nenhum conseguiu conservar no coração dos homens a sua doutrina primitiva de doçura e de perdão.»

O Professor abanou a cabeça.

«As lições dos deuses,» disse elle «nunca foram aproveitadas pelos homens. Todas as doutrinas e preceitos de moral são, como os phenomenos de mimetismo, processos de defeza e de conservação que variam e se transformam conforme as condições do meio. Os gafanhotos que vivem n'uma terra pedregosa e parda, são tão alheios á côr que os confunde com a terra e os protege contra os seus inimigos, como certas tribus espalhadas por differentes pontos do globo, são alheias á bondade e mansidão que as caracterisam e são apenas o fructo das circumstancias que desde ha muito as dispensam de qualquer empreendimento guerreiro.»

Mas o Poeta interrompeu-o com vehemencia.

«Todas as nossas sympathias e todos os nossos enthusiasmos se voltam eternamente para os heroes vencedores de dragões,» exclamou elle «quer o seu nome seja Theseu, Siegfried ou

S.Jorge. Longos periodos de civilização não amortecem a nossa irresistivel admiração pelos genios devastadores que atravessam de tempos a tempos o lento caminhar dos seculos. Annibal, Attila, Bonaparte, apparecem-nos envoltos n'um sobrenatural prestigio; e á medida que o tempo os afasta de nós, a Lenda e a Poesia engradecem-n'os. Em frente das suas figuras colossaes, sentimos o mixto de assombro e de sacro terror que os idolatras experimentam em frente dos seus deuses impassiveis e monstruosos. Encarnam a violencia, a lucta, os estandartes desfraldados ao sopro rijo das apotheoses, o arrojo, o valor militar, o triumpho, a morte heroica, todas essas coisas allucinantes que resplandecem de tragica belleza e que constituem a epopeia.»

E, longamente, com um fervor de inspirado, n'uma exaltação que oengrandecia, o Poeta invocava os nomes prestigiosos e sonoros de

guerreiros e dos conquistadores que balizam a Historia, marcando periodos, degraus ascensionaes.

Apontava as epochas deslumbrantes da humanidade; dizia que todas tinham brotado da terra, como grandes flores maravilhosas, depois dos heroes a terem regado com o seu sangue vertido por um alto ideal.

Dizia que os combates faziam crescer os homens além da sua verdadeira estatura, que lhes dilatavam a alma e lhes abriam horizontes infinitos por onde o sonho se expandia dando-lhes a concepção da belleza e o salutar desejo de perfeição.

Citava exemplos, fremente de convicção; o periodo classico da Grecia depois do periodo heroico; depois dos combates sombrios da Edade Media, a aurora divina da Renascença.

«Que dôr!» exclamava elle «Que dôr, a vida individual ser tão curta! Depois d'esta guerra soberba que anda convulsionando o mundo, que atira para monstruosos campos de batalha combatentes de todas as raças, vindos de todos os pontos da terra, innumerados como não ha exemplo na Historia... que resurgimento colossal da humanidade, que alvorecer soberbo de belleza e de força se espalhará sobre o globo, que ineditas felicidades brotarão d'este holocausto immenso e irão inundar as gerações futuras!»

Mas o Professor encolheu os hombros. Observava o Poeta com serenidade; examinava-o como a um phenomeno curioso.

«E' preciso não olhar para a vida tão de perto,» disse elle afinal «não a encarar apenas dentro do circulo resumido que a Historia encerra. É um erro. Se nos elevarmos um pouco mais e observarmos o homem desde os tempos

primitivos e nos aspectos variados que elle nos apresenta nas actuaes sociedades tanto civilizadas como não civilizadas ou meio civilizadas, os valores que nos habituámos erradamente a considerar, mudam por completo. Os pormenores que a Historia nos ensina sobre os papas, os reis, os heroes, as batalhas, os cercos, as negociações diplomaticas, as mudanças de fronteiras e de formas de governo... não nos dão a minima idea das leis que presidem á evolução social. Não são heroes, nem as batalhas, nem os sonhos dos homens, que modelam as sociedades. Todas essas coisas são detrictos, poeiras arrastadas pela grande avalanche...»

Estas palavras abrandaram o impeto do Poeta. Reflectia no que o Professor acabava de dizer.

Os noitibós tinham começado a piar enchendo o pinhal com os sons doces das suas notas alternadas, como um concerto de flautas.

O sol desaparecera e todas as côres iam morrendo.

Enconstada ao tronco de um pinheiro a Irene conservava-se immovel e attenta, segurando o cardo á altura do peito mas afastado de si como se fosse uma candelabro.

«Está a escurecer;» disse eu «vamos andando para casa.»

E fomos andando.

O Fabricio começou a falar da guerra.

«No meio do grande tumulto que agita a Europa» disse elle «entre os gritos de dôr, de triumpho, de raiva, que nos ensurdecem, atravez dos rolos de fumo dos canhoneios e das ruinas tragicas dos monumentos, eu não vejo os chefes, não me interesso pela habilidade dos diplomatas nem pelas razões dos politicos, nem pela bravura e saber dos commandantes.»

E olhava para o Poeta, respondia áquella fremente apologia dos combates que o escandalizara.

«Penso no povo; penso no povo sincero e bom que lucha e dá a vida por um ideal ao qual sacrifica, cheio de entusiasmo, a sua paz e a sua felicidade.

«O povo é o mesmo em toda a parte; por muito instruído que seja, sabe sempre menos do que *os grandes* e é suggestionado por elles. Ardente, entusiasta, prompto a servir uma causa que lhe parece justa, empunha a bandeira que lhe entregam e marcha agarrado a ella, fiel ao sonho que lhe impuzeram e que acceita com religiosidade.

«Marcha com os olhos fitos no dever apontado; e os crimes passam a ser virtudes se, para attingir o fim alvejado, tiverem de ser praticados.

«Deixa a terra e as culturas, deixa a fabrica, o officio, aferramenta, o balcão; e parte. Não é livre. Tem no sangue o atavismo da obediencia e da servidão. E lá vae, cheio de fé, com os olhos infantis e bons cravados no ideal que *os grandes* fizeram brilhar ao sol e que o encantou.

«E o povo lá vae... Aos milhares, aos milhões, caem os seus filhos mortos ou mutilados, inutilizados para o resto da vida; a terra ensopa-se em sangue; a ruina, a devastação, a miseria, inundam a terra.

«Ah! *os grandes*! Que pesada é a sua responsabilidade n'esta hora! Brillhantes serão as recompensas, bem sei: guardarão os tropheus, ganharão a immortalidade, transformar-se-hão em heroes, *vencedores de dragões*. Mas... antes da epopeia os transfigurar, como são pouco interessantes as suas admiraveis estrategias, os seus maravilhosos inventos e engenhos de morte

e de supplicio, as suas habilidosas diplomacias, se os compararmos ao olhar extasiado de um simples soldado que morre ignorado para defender o sonho ardente que levava do coração e que só um estilhaço de granada conseguiu arrancar-lhe com a vida!

«O sonho é diverso; a sinceridade é a mesma.

«O allemão diz:

«— A nossa terra é privilegiada; defendel-a é defender a humanidade. A nossa civilização é a mais perfeita; o nosso dever é impôr ao mundo o predomínio da nossa raça culta, disciplinada e forte. A nossa missão é dominar porque somos os detentores da Verdade e da Justiça. Compete-nos o imperio do mundo. Qu'importa o direito das gentes? Qu'importam os tratados? Qu'importam milhares de vidas? Combatemos pela paz definitiva, pelo triumpho da nossa raça que espalhará pela terra inteira, agora immersa nas

trevas da ignorancia e do erro, a luz de um bem superior, duradouro e fecundo. —

«O inglez diz:

«— Defendemos a nossa grandeza e o nosso poder. O mar pertence-nos e o sol nunca deixa de brilhar sobre o Imperio Britannico. Somos os sapadores da civilização que temos levado ás populações mais longiquas e selvagens. Por onde se estende o nosso dominio reinam a prosperidade, a ordem, o respeito das leis e a moralidade. Defendendo o nosso poderio, defendemos a paz do mundo e a felicidade dos povos. No dia em que as nossas esquadras fossem destruidas, em que os nossos exercitos, vindos de todas as partes do mundo, fossem destroçados, e a nossa industria e o nosso commercio fossem aniquilados pela força bruta de um inimigo barbaro, o militarismo allemão esmagaria o

mundo. Salvando os nossos bens, salvamos a humanidade.—

«O francez diz:

«— Representamos a civilização mais requintada e as mais nobres tradições. A nossa patria tem dado ao mundo o mais valioso contingente de ideal. A nossa Revolução mudou a face da terra. Atravez dos seculos, o nosso heroismo tem assombrado o mundo. Somos a nação-typo do cavalheirismo, da generosidade, dos sentimentos nobres e delicados. O nosso espirito fluctua sobre a nossa bravura como o penacho leve e multicolor sobre um elmo de combate. Defendendo-nos, defendemos o que ha de mais elevado e de mais nobre na terra. Somos a patria dos sonhos mais lindos e sublimes que a humanidade tem conhecido. N'esta guerra para nós sagrada, temos a missão de livrar os fracos da oppressão dos tyrannos; somos os cavalleiros

andantes da humanidade ameaçada na sua belleza e na sua virtude. —

«Isto é o que dizem soldado allemão, o inglez e o francez; e com estas convicções profundas gravadas nas almas simples, morrem heroicos e contentes.

«Mas *os grandes* dizem outras coisas, depois de terem ensinado estas ao povo.

«O allemão diz baixinho:

«— Preparei-me para esta guerra traiçoeiramente; e espero triumphar para satisfação do meu orgulho e da minha ambição desmedida. —

«O inglez diz baixinho:

«— Metti-me no combate para defender os meus interesses ameaçados e para augmentar as minhas riquezas. —

«O francez diz baixinho:

«— Quero vingar-me da derrota de 70 e recuperar o que perdi. —

«E *os grandes* que dizem estas coisas baixinho, salvam-se; e os soldados, que são o povo, soffrem e morrem.

«Mas... *o que dizem os soldados é que fica escripto na Historia.*»

Tinhamos chegado a casa.

A noite estava tão calma e tão linda que nos sentámos no terraço.

A Irene entrou na sala e poz a flôr do cardo n'uma jarra sob a luz do candieiro de suspensão.

Todos nós a viamos do terraço.

A sombra das suas folhas duras, curtas, torturadas e agressivas desenhava-se na madeira encerada da meza e o capitulo purpureo, cheio, turgido, esplendido, elevava para a claridade a offerenda da sua côr magoada e perversa.

«E' uma planta antipathica;» disse eu «tem em si uma expressão de maldade; sinto-a hostil e sanguinaria.»

«No emtanto preside ás fogueiras de S.João.» respondeu o Poeta sorrindo «E' a flôr que diz aos namorados se o seu amor é correspondido.»

«Mas é mentirosa e não tem consistencia. Ao minimo sopro, as suas sementes loucas espalham-se ao vento.»

«As suas formas complicados e severas» tornou o Poeta «inspiraram os grandes artistas da pedra no seculo XV e as suas folhas estylisadas formam soberbos motivos de decoração nas cathedraes da França.»

«Por terem o quer que seja de infernal. A estylização da folha do cardo encontra-se nas decorações gothicas a par dos diabos ferozes, taciturnos ou cynicos, que guarnecem as gotteiras e espreitam por cima das balustradas dos tectos.»

insisti eu. «E veja como a sua influencia é poderosa: a presença da flôr do cardo entre nós, obrigou-nos hoje a falar da guerra, assumpto que até agora temos evitado.»

«Evitado não sei porquê.» exclamou o Poeta
«A guerra se traz o mal, traz o bem. Na terra onde se cria o cardo, cria-se a rosa brava. Quer que lhe conte uma historia linda?»

«Gosto sempre de ouvir historias.» disse eu
«Gosto tanto de ouvir historias como quando era pequena.»

E o Poeta contou-nos o seguinte:

«Vinda de longe, das margens do Isar bavaro onde nasceu, uma princesa chegou ao paiz brabanção, sem aparato; entrou modestamente, quasi desapercebida, na côrte do velho rei devasso.

«Entrou devarinho, sem chamar as attenções, tomando bem pouco logar na familia real

desunida cuja vida intima enchia de escandalos a imprensa europeia.

«Algumas illustrações publicaram então o seu retrato. Era pequenina; e mais pequenina parecia ainda ao lado do principe herdeiro, seu noivo.

«Não tinha magestade, não se impunha pela elegancia, pelo porte, pelo olhar, pelo ar de grandeza hereditario que é muitas vezes uma mascara apenas, porque as almas das princezas já não são d'aquella essencia divina que outr'ora as separava tão profundamente da multidão.

«Era simples e bôa; a sua belleza toda feita de graça, assemelhava-se á de uma flôr singela, de perfume discreto, infinitamente delicado.

«Toda a gente a esqueceu; e, quando a Morte poisou a mão gelada no hombro do velho rei advertindo-o de que chegara enfim a hora de descançar, e que o novo rei subiu com um passo firme os degraus do throno e collocou a corôa

sobre a fronte precocemente austera, a multidão só viu a sua figura alta, a sua viril formosura, o seu olhar profundo. Ninguém reparou na pequenina rainha que silenciosamente se sentava ao seu lado.

«Depois...

«Depois aconteceu que a flôr singela a pouco e pouco espalhou o seu perfume suave, e no entanto poderoso como uma encantação, por toda a terra de Flandres.

«Essa coisa tão difficil e tão rara nos tempos modernos: união do povo com os soberanos; essa coisa quasi tão impossivel como um milagre, porque o povo já não reconhece o direito divino e os seus soberanos obstinam-se em basear sobre elle o seu poder; essa coisa que já se não consegue por intervenções sobrenaturaes nem pela fôrça...conseguiu-a ella pela doçura, pela calma compreensão do dever, porque dava ao povo

todo o seu coração muito humano trasbordante de amor.

«Todas as mulheres, todas as mães do seu reino a adoraram; não seduzidas pelo deslumbramento da realeza, mas sim pelo gradual e seguro conhecimento da sua alma feminina que vibrava e soffria como as almas das outras mulheres.

«Nos impulsos da sua bondade tão espontanea não se lembrava que era rainha; lembrava-se apenas de que era uma mulher a quem o destino tinha dado o poder de socorrer os seus semelhantes menos afortunados.

«Se havia uma explosão de grisu nas minas de hulha de Charleroi, se o mar do Norte, embravecido, tragava barcos de pobres pescadores, se o incendio, a inundaçãõ, a epidemia, qualquer flagello espalhando a dôr e a miseria cahia sobre a querida terra que tão presa

estava ao coração da rainha, via-se apparecer uma *bôa senhora* desconhecida com uma ou duas companheiras que nunca pronunciavam o seu nome e que, ao partir, deixava o rasto duradouro das suas consolações tão sinceras, o orvalho das lagrimas que chorava com os infelizes, a efficacia do oiro que espalhava. E a pobre gente nem sabia que era a rainha...

«Na Belgica ninguem ignora a predilecção da soberana pela rosa deliciosamente singela da roseira brava; predilecção que no fundo, é um amor fraternal.

«Vende-se por todo o paiz, na epocha da floração, a rosa brava que todos compram porque o producto da sua venda é destinado a auxiliar a Rainha na sua grande obra de defeza contra a tuberculose. Este processo encantador que o povo encontrou de collaborar na obra de misericordia

da sua soberana, explica bem o lugar que ella occupa no coração de todos...

«Onde está ella agora, a rainha dos belgas?

«Ninguem sabe, ao certo.

«Andou perto de Tirlemont e de Diest, depois em Antuerpia, depois em Ostende; mais tarde viram-n'a nos arredores de Ipres e de Tournay... A sua presença revela-se apenas pelas obras de bondade e de doçura que semeia atraz dos exercitos em campanha, onde vão ficando os feridos e os mortos, ou no meio das populações desoladas pela passagem sinistra dos incendios e das devastações.

«As perdas belgas, entre mortos, feridos e prisioneiros, sobem a muito mais de 70 %. A segunda divisão, que em Liége contava 20:000 homens, ao chegar ao lser compunha-se de 17:000 e em Nieuport combatia reduzida a 6:000

«Teem morrido tantos officiaes que não se sabe como preencher as vagas.

«Não importa. Os que já por tres vezes salvaram a França, os que, para defenderem a neutralidade declarada nos contractos firmados pela patria, souberam sacrificar tudo, cançados, exhaustos, dezimados, moribundos, ainda nem um momento abandonaram a batalha.

«Campos, herdades, aldeias, monumentos, fabricas, cidades, heroes ás centenas, aos milhares, tudo tem sido arrazado, espezinhado pela botifarra enorme e brutal do invasor.

«Na Belgica, ha pouco mais de um anno tão rica e tão feliz, nada existe hoje d'essa prosperidade.

«Tudo fugiu, tudo desapareceu; os ricos, os poderosos, os felizes, arrastados pelo furacão, foram varridos, dispersos...

«Tudo desapareceu.

«Tudo... menos 50:000 soldados grupados em torno de um rei heroico; cincoenta mil pobres, cincoenta mil homens do povo, os que nada possuem e se obstinam em reivindicar o bem de todos.

«Rudes e soberbos combatentes de quem se deve falar com veneração e que não podem ser representados com mascaras banaes, figuras de epopeia que estão acima da lama e do sangue, esplendidas e já resplandecentes da immortalidade que as espera, defensores não só da patria martyrizada mas sim tambem da sua honra de nação que sabe cumprir até á morte o dever imposto pela palavra jurada!

«E ha mais de um anno, sem um dia de tranquilidade, sem uma noite de repouso, tremendo pela vida dos filhos, indo leval-os a Inglaterra e voltando para o seu posto junto dos que soffrem e luctam, dando a mocidade, a saude,

a intelligencia, a alma toda, por toda a parte onde se chora, por toda a parte onde se agoniza, por toda a parte onde se morre, a rainha dos belgas cumpre heroicamente, obscuramente, o seu dever.

«Emquanto poudes foi transformando as rosas bravas em ouro para acudir aos infelizes. E agora que as cohortes barbaras espesinharam os seus rosas e que já não existem flores para desfolhar sobre o infortunio, dá o coração e a propria vida...

«Linda flôr de caridade e de tranquillo e silencioso heroismo, como ella nos ensina a supportar com nobreza as angustias e as dôres! E como sabe ser rainha, ella que é tão simplesmente mulher!»

O Poeta calou-se um momento e depois, voltando-se para mim, acrescentou:

«Vê? A terra que dá o cardo tambem dá a rosa brava.»

Mas eu repeti pensando nos horrores da guerra:

«Não gosto do cardo.»

E o Fabricio disse:

«Eu tambem não gosto do cardo. Tambem o sinto hostil e sanguinario. Foi elle, que espalhou aqui a sua influencia malefica evocando perante nós, (nós que procuramos a paz e o esquecimento) as imagens da guerra. Eu que ha quatro dias não pensava no cataclysmo que subverte a Europa, estou agora pensando na morte das cathedraes que tanto me afflige.»

Instinctivamente olhavamo para a sala onde, sobre a meza o cardo erguia para a luz, com ar de desafio, o seu capitulo turgido e purpureo.

O Fabricio continuou:

«Depois de Louvain, Malines; e depois Reims. Notre Dame de Paris já foi visada. Talvez mais tarde caiba a sorte a Colonia e Strasburgo.

Quem sabe onde chegará o desvairamento dos homens?

«O cyclone que está passando sobre a Europa em rajadas de loucura, alastra de dia para dia, ramifica-se, complica-se, estende a mais e mais a sua sombra sinistra, augmenta de horror.

«No crepusculo solemne das cathedraes onde a luz descia docemente no profundo silencio, atravessando os vitraes como se fossem pedras preciosas, a alma obscura de Edade Media jazia entre a paz dos tumulos, concentrada e casta, no recolhimento secular dos marmores, que o tempo cobria com a côres suaves do ambar, das opalas e do oiro velho.

«Agora as cathedraes desabam.

«Entre as nuvens de poeira e de fumo, ao som dos gritos horriveis da victoria, ao som das lamentações, dos gemidos e do rebentar sinistro das granadas, despenham-se em mares de sangue

os capiteis gothicos, as folhas do acantho, os trevos, toda a floração divina de uma arte que não póde renascer.

«Tudo que havia de mais nobre, de mais humano, de mais puro, n'aquelles dez seculos de mortificações e de extasis, todos os mysticos e vibrantes enthusiasmos, todo o desprezo da morte e toda a fé ardente n'outra vida melhor, todo o profundo sentimento de adoração que se elevava como um halo da alma do povo e se consubstanciava na pedra em belleza e em harmonia, os sonhos infinitos, os ideaes tão sinceros de perfeição, a dôr das renunciás e o triumpho da vontade sobre os instinctos, toda a castidade e toda a valentia, toda a nobreza e toda a força... ficaram sepultos nos escombros, arruinados e perdidos.

«E qualquer coisa subsistiu: o que havia de sinistro, de hypocrita, de obtuso, de infame, n'essa

obscura alma da Edade Media; qualquer coisa que se esgueirou entre as fendas dos muros gretados pelos incendios, aluidos pelas explosões.

«E agora, surrateira, cautelosa, mas livre... livre do tumulto onde a tinham fechado a Reforma, a Renascença e a Revolução, essa *qualquer coisa* monstruosa, informe, vae rastejando pelas planicies da Champagne, voando sobre os relevos da Argone, avançando até aos Carpathos, pairando sobre a cidade sagrada de Koenigsberg, passando em galopadas de lobishomem sobre a Flandres.

«E vae mais longe ainda, lavrando como um incendio, alastrando como uma epidemia, da Gran Bretanha até ao Nilo, até á Persia, envolvendo na sua encantação malefica os povos da Europa e attrahindo os da Africa, os da Asia, os do Novo Mundo. . .

«Deve ter-se encarnado na forma horrenda de

certas gargulas gothicas que o seu genio tenebroso creou outr'ora arrancando-as ás suas visões do inferno: nariz adunco, orelhas ponteagudas, azas de morcego, as garras possantes fincadas n'um carregamento de pavores e de ineptias pesadas como grilhões. Da bocarra escancarada jorram os philtros perigosos que, ao espalhar-se, vão apagando uma por uma todas as claridades novas... E a escuridão augmenta povoada de antigos phantasmas renascentes.

«Crescem a reacção catholica e monarchica, o abuso dos grandes, a necessidade de sobrenatural, um immenso e cançado aneio de servidão, o gosto pelos sortilegios e pelas prophecias; sahem procissões pedindo a misericordia divina como no tempo das calamidades medievas e, se procurarmos bem nos documentos diplomaticos, veremos apontar a complicada e ôca escolastica.

«Palavras, palavras em lugar de ideas; o cerebro humano que se esvasia, que se turva, que se amesquinha, enquanto a guerra, o incendio, a fome, as epidemias e o rancor, se espalham pelo mundo.»

O Poeta interrompeu-o:

«Mas lá do oriente, todas as manhãs se levanta o sol. Ao seu calor, a vida expande-se e floresce; á sua luz, os nossos tormentos são bem pouca coisa; para Elle tudo é transitorio e indifferente e só a vida importa, a vida que triumpha sempre.

«Babylonia, Athenas, Roma, Bysancio, Jerusalem... Paris, civilizações que se levantam, que se afundam; victorias, derrotas, apotheoses, cataclysmos... uma colmeia que prospera, um formigueiro que se arraza, uma theoria de processionarias que morre... Qu'importa? É tudo o mesmo para o sol que se levanta.

«Da propria grandeza da hora que

atravessamos,» disse a Irene «que nos atropela e confunde a razão, da hora solemne que marca o fim de uma era e o começo de outra, surge a simplicidade imensa do nosso dever.

«Que, individualmente cada um de nós o cumpra, esse dever austero, afim de não sermos precipitados no abysmo.

«Mesmo os que não vão para os campos de batalha (esses sobretudo!) teem que lutar; teem que vencer a vaedade, o egoismo, as paixões baixas, as frivolidades, o gosto perigoso pelo sarcasmo e pelo scepticismo, a indiferença, todos esses reptis que inundam a terra na agonia das civilizações. É preciso expulsar da alma esses vendilhões do templo para que de todo se não perca o patrimonio de luz, de verdade e de amor, que tão rudemente conquistámos e que devemos defender e conservar para os que vierem depois... depois da tempestade.»

O Professor que pensava na tristeza do Fabricio ao falar da ruina dos monumentos, interrompeu a Irene:

«Maurice Barrés, ao ter conhecimento da destruição da Grande Cathedral, disse, no primeiro impeto do seu patriotismo, que preferia a morte dos edificios á morte dos homens e que o essencial era que a França vivesse.

«É curioso como o ruido do canhoneio e o cheiro da polvora entontecem os homens e lhes baralham as ideas; e como o clangor das batalhas accorda nos cerebros mais esclarecidos, o atavismo das paixões violentas, em certas horas de angustia.

«Os homens morrem aos milhares; o tempo vae passando e outros nascem, iguaes aos que morreram e mais numerosos ainda. A terra devastada, profanada, esquecerá os crimes e as violencias e transformará a podridão em

abundancia. As habitações, as fabricas, as aldeias, as cidades serão reconstruidas, mais bellas e mais solidas.

«Mas quem fará resuscitar a cathedral de Reims?

«Quem fez resuscitar o Parthenon ou a Bibliotheca de Alexandria?

«Este pensamento inspira-me um desgosto profundo.

«Entre as maravilhas que faziam da França, segundo a extatica asserção de Grotius, *o mais lindo reino depois do reino dos ceus*, as mais bellas e as mais espantosas eram as suas grandes cathedraes.

«A de Reims fazia parte das quatorze que irromperam do solo da França sob Felippe Augusto, o rei venturoso que foi valente na guerra, habilidoso na diplomacia, apaixonado e esclarecido no seu amor pela arte.

«As grandes cathedraes francezas teem, além da sua perfeita belleza physica, uma extranha e poderosa belleza moral originada na razão profunda da sua existencia. Nasceram n'um momento unico e as suas almas solemnes contam-nos as forças que as crearam: dizem a extensão do poder real, a exaltação do sentimento christão, o desenvolvimento temporal da autoridade dos bispos, a alforria das classes ruraes e das communas, a formação das corporações leigas e das confrarias de pedreiros livres. Constituem uma das mais grandiosas paginas da Historia e foram construidas com um tão grave sentimento de uncção e de amor, que os milhares de almas dos seus operarios e dos seus artistas se fundiram n'uma só alma immensa crystalisada na pedra de cada cathedral. Representam um dos mais bellos impulsos do homem para um sonho intenso de generosidade, de amor, de liberdade. Durante seis

seculos a humanidade nada tornou a produzir que se possa comparar ao ideal que as gerou; e só a grande lucta de emancipação de 89 veiu collocar na historia do mundo uma baliza de semelhante grandeza moral.

«Ninguem sabe quem as construiu. A não ser a de Amiens cujo plano foi concebido por Luzarches, as outras guardam o mysterio do seu creador. Atribue-se a Roberto de Coucy a de Reims, mas sem provas; e ninguem sabe por quem foi construido o velho campanario de Chartres, nem a fachada de Notre Dame, nem a crypta de Bourges, nem o côro de Mans, nem a lanterna de Coutances. E este segredo torna mais prestigiosas ainda as grandes cathedraes de França. Ao contemplal-as parecem-nos brotadas da terra e erguidas para o ceu n'um desejo immenso de infinito sob a inspiração possante do ideal que as fez germinar e que a floração maravilhosa da

pedra eternizou.»

«Uma vez, em Florença» disse o Poeta
«n'uma ruasinha estreita para os lados de S.
Miniato, entrei na loja escura de um negociante de
antiguidades.

«N'um canto, vi uma arca de carvalho de puro
estyllo gothico. Como teria ella ido alli parar?
Evidentemente, atravessara os Alpes. Devia ter
nascido em França havia seis ou sete seculos.

«Era uma d'estas arcas baixas e compridas que
serviam para guardar as roupas e os objectos de
valor e que, encostadas á parede, serviam tambem
de escabello.

«Esculpida em todas as suas faces, o desenho
de linhas austeras e simples, tinha nas suas
columnatas esbeltas, nos seus arcos ogivaes, nos
trevos symetricos, recortados e cheios de sombra,
a graça piedosa e casta da grande arte gothica, a
mais homogenea, a mais harmonica e mais suave

creada pela imaginação do homem.

«Era o gothico das primeiras epochas o mesmo que ergueu a lanterna de Coutances, antes das opulencias decorativas que produziram o campanario de Bruges. Era o gothico sereno e puro como duas mãos juntas levantadas ao ceu; o gothico dos primeiros vitraes, das tapeçarias d'Angers e das illuminuras estylizadas sobre fundo espesso de oiro; o gothico ingenuo e profundo repassado da alma de um povo religioso, fervente, absorto pela idea radiosa de um paraizo promettido e capaz da concepção de uma outra vida, além da morte, n'uma extatica e eterna beatitude.

«Era o gothico nascido em França com a espontaneidade e a belleza perfeita e pura de uma flôr singela. O gothico onde floresce o grande principio que morrera com os antigos egyptios e com os gregos do periodo heroico; esse principio

sagrado que se baseia na razão e no equilíbrio, que abrange n'uma homogeneidade maravilhosa todas as manifestações da arte, que toma por thema a flora local e, estylisando-a, a transforma na decoração racional e viva adaptando-se e apropriando-se a cada objecto differente sem nunca se affastar da expressão que define o ideal sonhado e traduz o character da epocha. Abrange tudo, e engloba os minimos detalhes. Desde a architectura religiosa e militar até a symphonia de côres da rosacea de Sainte Chapelle, desde os apostolos de Reims até aos esmales translucidos de Limoges, desde as tapeçarias de Arraz até ás illuminuras das *Grandes horas do duque de Berry*, até aos cofres de talha, até ás fechaduras de ferro batido e polido, até aos mais pequenos e insignificantes objectos de uso commum, por toda a parte se expande e transparece e vibra e palpita a grande febre de amor, a grande esperança de

liberdade suprema, o desejo de perfeição, a adoração imensa, extática, dolorosa, muda e cheia de eloquência como a chama de um esplendido brazido de holocausto.

«E eu olhava para a arca de carvalho e pensava: — Um bom marceneiro moderno pode reproduzi-la com exactidão até nos seus mínimos detalhes; pôde copiar-lhes as formas, as decorações, as linhas graves e esbeltas, o jogo da luz e da sombra na harmonia dos seus relevos. Mas essa obra será fria e morta porque lhe faltará a devoção do artista que criou o original e cuja alma ficou gravada na madeira a cada golpe do ferro que era guiado pelo mesmo sonho enorme que erguia as cathedraes e lhes recortava no azul do ceu os divinos campanarios e as agulhas arrendadas e leves. —»

«A destruição da cathedral de Reims» disse o Professor «é um acontecimento mais terrível do

que a morte de milhões de homens. É como o fim de um mundo.

«Desde os capiteis deliciosos da nave até ás gargulas nas cimalthas das cornijas, desde a soberba ordenação das linhas e a divina harmonia das proporções e do conjuncto até ás figuras da fachada, aos anjos dos contrafortes e a certos detalhes da esculptura no interior, a cathedral de Reims era a maravilha das maravilhas da arte gothica, talvez a sua obra mais nobre e mais humana.

«Alli estava, havia oito seculos, erguida na planice da Champagne, riscando o ceu com as suas torres soberbas, encerrando como um sacrario o mysterio dos seus symbolos, representando um dos mais bellos sonhos que a humanidade tem sonhado.

«Destruiram-n'a.

«E já não ha reis, nem artistas, nem

pensadores, nem crentes, capazes de a fazerem resuscitar na planitude da sua belleza, capazes de lhe restituirem, intacta e pura, a alma profunda que os estilhaços das granadas dilaceraram.»

A Irene suspirou:

«A guerra, sempre a guerra!...»

E sobre a meza da sala, o cardo erguia para a luz o capitulo purpureo como uma taça de bronze de onde irrompesse uma chamma baixa e immovel.

O Fabricio levantou-se, principiou a passear no terraço de um lado para o outro. Depois parou defronte de nós, no rectangulo de luz que vinha pela porta da sala recortar-se cá fóra nas lages.

«Durante annos e annos,» disse elle «o proletariado gritou e estrebuchou em vão; e os socialistas, os anarchistas, os nihilistas, agitaram

as bandeiras dos seus grandes ideaes redemptores sem conseguirem mudar a face dos Estados que os olhavam com olhos crueis de Medusa.

«Não havia capitaes, dizia-se, que pudessem transformar as condições do miseravel rebanho de desherdados; não havia dinheiro que chegasse para todos. Os miseraveis tinham que se conformar com a sua triste sorte, porque os bens dos ricos, espalhados, não bastariam, seriam gottas de agua apenas, cahidas no grande, insondavel oceano de dôr.

«Justiça, fraternidade, liberdade, amor do proximo... palavras vãs, grandes sinos de oiro, sonoros e vasio, soando na aridez das almas egoistas dos privilegiados, atroando os ares para que os gemidos de agonia e os gritos de revolta não viessem incommodar os felizes da terra.

«E agora, de repente, esse dinheiro que nunca appareceu para diminuir a dôr e a injustiça, surge

como de fontes milagrosas, inexauríveis, a fecundar o ódio e as violências atrozes e a aumentar de um modo espantoso o sofrimento humano.

«Os Estados estremecem de medo e querem defender-se contra a loucura furiosa dos vizinhos que lhes ameaça os bens. E às centenas, aos milhares, aos milhões, as cabeças do rebanho acodem e dão todas as suas energias, fieis e submissas, grandes até á abnegação e ao heroísmo... porque lhes dizem que a pátria está em perigo. A pátria, onde nada possuem, nem bens nem garantias e onde os poderosos que teem a missão de os proteger, tão mal souberam sempre zelar pelos seus pobres interesses, pelos seus pobres direitos.

«Ah! O povo, sempre o povo, o bom, o generoso, o sofredor, o heroico e simples povo que, nas horas de calma, apenas é lembrado

para d'elle se obter o trabalho productor de todas as energias, de todas as seguranças, de todos os confortos, de todas as garantias (não para elle, Deus sabe!), como nas horas de tempestade elle esquece as injustiças e os abusos, como sabe obedecer, submeter-se, e... salvar, a troco da propria vida, essa patria que ama com o desinteresse, a sinceridade e a paixão que os grandes já não podem nem sabem sentir!

«Que horrivel crime é esta guerra moderna concebida e executada em plena luz de civilização e no alvorecer dos mais nobres ideaes humanitarios, sem a desculpa das antigas escuridões, dos antigos erros, das antigas superstições, das antigas ignorancias!

«Um crime a *frio*, pensado, premeditado, horrendo...»

O Poeta acudiu:

«Mas no meio do desalento immenso que nos trazem taes pensamentos, ergue-se uma luz nova que nos anima e nos prova que nem tudo se perdeu; os grandes culpados teem a consciencia da sua culpa, tentam fugir á sua pesada responsabilidade, e o mundo inteiro revolta-se por ver as neutralidades violadas, os tratados desprezados, as leis da guerra illudidas. O direito da força deixa de ser o que era.

«Não basta ser *mais forte*. É preciso outra coisa mais alta, um valor novo que se levanta sobre a humanidade como o raiar de uma aurora, a consciencia do dever, o respeito da palavra jurada, o sentimento intimo de honestidade e de justiça.

«Quem sabe?... Quem sabe o que virá depois? Esta guerra não será uma cruel revelação? A tragica fraternidade na morte não virá accordar na

consciencia humana a necessidade, a urgencia da fraternidade na vida?...»

Mas o Fabricio sorriu.

«Poeta!»disse elle.

Quinto dia

A orchidea

A Irene teve que ir a Lisbôa e trouxe de lá ao Poeta uma orchidea complicada e medonha.

«Essa orchidea parecia um polvo. Era livida; tinha duas manchas esverdeadas que simulavam os olhos, uns olhos frios, prescrutadores e cheios de falsidade e de cubiça. A terceira petala, a maior, torcida em forma de esporão parecia o labio inferior pendente de uma bocca embrutecida e sensual. A flôr era monstruosa e inspirava a repulsão e o horror.

Mas o Poeta achou-a deliciosamente morbida e collocou-a na lapella com um sorriso de satisfacção.

Os poetas são em geral pouco perspicazes e não teem a noção do perigo.

Como o dia estivesse lindissimo, fomos para o jardim.

Escolhemos um lugar sombrio, á entrada de uma gruta meio arruinada onde existia ainda uma Venus mutilada dando a mão a um Cupido de olhos vendados.

Ao fundo corria uma fonte e a humidade era tão grande que os musgos tinham invadido a estatua vestindo-a de verde.

A Irene contava-nos as suas impressões do tribunal onde fôra n'aquelle dia, pela primeira vez da sua vida, para assistir ao depoimento de uma testemunha da parte contraria no processo de divorcio que intentara contra o marido.

«Encontrei-me dentro de um velho edificio» dizia a Irene «enorme e sombrio, de tectos baixos, de escadarias escuras, sujissimo, transbordante de

uma multidão barulhenta, desordenada, heterogênea e inquietadora, que fervilhava, gesticulava, gritava, ria, chorava e escarrava no chão.

«Alguem ia comigo conduzindo-me pelo labirinto de intermináveis corredores e de escadarias.

«Esperei primeiro n'uma grande sala dividida por uma espécie de teia e ao fundo da qual se elevava um estrado.

«Respirava-se um ar suffocante de sacristia; e havia grupos de homens que pareciam ocupados lendo e escrevendo folhas de papel sellado, mas que, sobretudo, se entregavam a conversas e discussões políticas em altos gritos, como n'um club ou n'um botequim.

«Fizeram-me depois entrar para uma segunda sala pequena, pobre e desconfortável, explicando-me que era allí o gabinete do juiz.

«N'um canto havia uma secretaria; no meio da casa uma meza. Defronte da secretaria estava o juiz que me falou amavelmente e a quem chamei *conselheiro* por engano, de tal modo o achei parecido com varios conselheiros meus conhecidos do tempo da monarchia, homens janotas, usando aneis de braços e muito bem penteados.

«Já lá estava tambem o advogado da parte contraria que me fez um cumprimento ao qual não correspondi porque nos articulados tinha escripto coisas grosseiras a meu respeito.

«Emquanto a testemunha e o meu advogado não chegavam, os dois homens puzeram-se a conversar com amenidade entre si como se eu não existisse. O assumpto da sua conversa era innocente e bucolico. Falavam do campo, de pomares, de lindas paizagens. Percebi que o juiz tinha na sua terra uma propriedade e arvores de

fructo que tomavam um grande logar nas suas preocupações. O advogado gostava muito do campo e julgo que também possui uma quinta.

«Pareciam muito amigos.

«Por fim chegou a testemunha e o meu advogado e, em volta da meza, com o ar prasenteiro e satisfeito de quem se reúne para um *tea-party*, sentaram-se, o escrivão, os dois advogados e a testemunha.

«Trocaram-se algumas amabilidades de parte a parte, alguns ditos de espirito, e o depoimento principiou.

«Reparei que o juiz não concedia a minima atenção ao que se dizia em volta da meza. Ia folheando papeladas, processos volumosos que não eram o meu, escrevendo notas com uma letra muito miudinha em cartões de visita e consultando codigos.

«Sem pedirem licença, varias pessoas entravam e saham, ou se installavam ao lado do juiz e escutavam tranquillamente o depoimento que era de character reservado. Por mais de uma vez estas pessoas conversaram entre si e com o juiz tão animadamente que a testemunha e os advogados tinham quasi de gritar para conseguirem ouvir-se uns aos outros.

«Isto era um depoimento de character reservado.

«— O que faria se não fosse! — pensava eu com assombro.

«Mas, já se vê, uma mulher não entende nada d'estas coisas.

«De vez em quando entrava um maltrapilho a quem o juiz perguntava entre dentes e sem levantar os olhos do que estava lendo ou escrevendo:

«— *Jura pela sua honra dizer a verdade?* —

«O maltrapilho dizia que *sim senhor, jurava*, ficava um momento perplexo esperando sem duvida mais alguma coisa e era mandado embora sem mais formalidades, evidentemente estupefacto por se ver tão facil e rapidamente transformado em baluarte infallivel da verdade.

«A certa altura do depoimento, o juiz da vara vizinha, meu conhecido e meu inimigo, entrou sem cerimonia por uma portinha do fundo da sala, atirou de longe ao collega um familiar e edificante: — *Como estás tu?* — symptomatico da mais estreita camaradagem e do alto espirito de solidariedade da nossa magistratura. Porém, não lhe agradando a minha presença ou não achando talvez bastante interessante o depoimento, tornou logo a sahir, sem que me fosse dado comprehender o motivo ao qual deviamos a sua honrosa visita.

«Á despedida o juiz distinguiu-me concedendo-me duas phrases amaveis e, acompanhando-me até á porta do gabinete, perguntou-me se era a primeira vez que eu ia ao tribunal, qual a minha impressão e se tencionava fixal-a n'um romance. Tive vontade de lhe responder que passara uma tarde encantadora e que só tinham faltado o chá e os bolos; mas receei que interpretasse mal a minha phrase tão simples e absteve-me de a formular.»

Todos nós riamos ao ouvir esta descripção da Irene, mas ella conservava-se seria, com o sobr'olho ligeiramente carregado e uma vaga expressão de angustia no olhar.

«Pobre Irene!» disse o Fabricio «Que doloroso vae ser o seu calvario atravez d'este processo!»

«Porquê?»

«Porque toma tudo a serio. E a justiça aqui, minha pobre amiga...»

«Não se deve tomar a serio?»

O Fabricio levantou as sobranceiras, encolheu os hombros e abriu os braços n'uma mimica desolada.

Depois contou-nos o seguinte:

«Ha alguns annos, passando por uma villa de Marrocos, tive occasião de presenciar um julgamento.

«O acto era summario e rapido. O governador servindo de juiz, acorado sobre uma esteira, tinha defronte de si uma balança de dois pratos, de cada lado da qual se encontravam os litigantes.

«Immovel e impassivel, o juiz escutava o trocadilho impetuoso das queixas e das mutuas descomposturas d'estes dois individuos, cuja attitude agitadissima contrastava com a sua.

«De tempos a tempos um dos contendores deitava n'um dos pratos algumas moedas e a balança pendia para o seu lado; depois o outro fazia o mesmo augmentando a somma até que o prato do seu lado descia. Esta pequena cerimonia repetiu-se successivamente durante duas horas enquanto as invectivas cresciam de violencia, jorrando em catadupas das boccas espumantes, fazendo brotar faiscas dos olhos negros que a colera incendiava.

«Por detraz da balança que ora pendia para um lado, ora pendia para o outro, o juiz acompanhava esta scena com um olhar vago e a sua figura enigmatica turvava-se entre as nuvens do fumo perfumado do seu narguilé.

«O que pensava aquelle homem silencioso e immovel, que tinha nas mãos o destino dos dois litigantes?

«A minha opinião é que elle *não pensava*; acompanhava com os olhos os movimentos da balança e divertia-se provavelmente conjecturando variadas hypotheses sobre assumptos completamente alheios aos interesses que na sua presença se debatiam com tanta paixão. Que lhe importava a elle saber qual d'aquelles dois homens tinha razão? Estava tão costumado a taes debates, que o soffrimento alheio acabara por deixal-o indifferente.

«Assim, sem se alterar, esperou pacientemente até que os litigantes, roucos, quasi sem voz, exgotaram os argumentos... e as algibeiras.

«No fim, a questão foi vencida por aquelle cujo prato da balança se encontrava mais pesado.

«Eu achei este processo de julgamento muito pratico; não ha alli hypocrisia nem mentira; e os litigantes não gastam annos de vida á espera de

uma sentença que nunca chega ou chega tão tarde que perde a oportunidade e já não evita o mal nem determina o bem.

«Esta recordação antiga de Marrocos avivouse-me na memoria annos depois, ao ler n'um jornal francez a seguinte noticia:

«—...por iniciativa do general Lyantey o protectorado de Marrocos beneficia de uma organização judiciaria completa.» —

«Seguia-se a descripção d'este importantissimo melhoramento e a photographia do tribunal instalado em Casablanca, n'uma barraca de madeira coberta de zinco (antigo deposito de farinhas), onde se vê á porta um gordo magistrado de toga...

«Felizes marroquinos! Agora é que elles vão saber o que é a justiça da gente civilizada. Conhecerão emfim a deliciosa engrenagem dos processos baldeados dos cartorios para os

gabinetes dos juizes e d'ahi para os escriptorios dos advogados e dos procuradores, crescendo sempre, engrossando como a rã da fabula á força de engulir vento; gosarão o prazer das esperas infinitas nas ante-camaras dos homens de leis, onde ha uma atmospherá especial impregnada de poeiras e bafios diversos e onde se trata de tudo menos do assumpto do qual depende a nossa vida. Apprenderão a differença que existe entre a moral corrente e a moral jurídica. Comprehenderão a vantagem immensa, para conseguir a victoria, de ter parentes proximos na magistratura e amigos influentes na politica...E chorarão com lagrimas de sangue o bom tempo em que o governador acorado sobre a esteira, fazia as vezes de juiz, grave e silencioso, defronte da balança magica e envolto nas nuvens de fumo, azuladas e aromaticas, do seu narguilé.

«Tudo isto eu escrevi uma vez n'um jornal da capital...»

«E qual foi o resultado?» perguntou a Irene com interesse.

«O resultado,» respondeu o Fabricio acariciando a barba ponteaguda e grisalha «foi perder um processo que trazia pendente e no qual toda a razão e todas as provas estavam do meu lado.»

«Fabricio,» disse o Professor «você não tem jeito para a vida.»

«Nunca tive.» concordou o Fabricio com melancolia.

E acrescentou:

«Eu bem sei qual o caminho que deveria ter seguido para ganhar o processo. Mas... não sou como Deus Nosso Senhor: nunca fui capaz de

escrever direito por linhas tortas. É um defeito grave.»

«Muito grave.» disse o Professor.

N'este momento estremecei com um subito e irreprimivel movimento de horror.

Ao lado do banco de pedra onde me sentara, um sapo enorme sahiu da terra e arrastou-se na minha direcção.

«É um animal repugnante.» expliquei eu, ainda arrepiada, depois d'elle se esconder de novo.

«Escolhemos um sitio mau.» acrescentou o Poeta que tirara a orchidea da lapella e a contemplava com admiração.

«De resto já é tarde e está arrefecendo.» disse a Irene.

A caminho de casa, o Poeta contou-nos esta historia:

«Quando eu era muito novo, havia uma velha cigana que todos os annos em fins de Outubro passava pela nossa herdade, a caminho da grande feira annual da villa onde ia ler a sorte nas linhas das mãos e deitar cartas.

«Esta velha cigana contou-me uma historia que nunca mais esqueci.

«Era uma vez uma grande floresta que se estendia, cerrada e tenebrosa, entre duas cidades e que tinha leguas e leguas de comprimento.

«N’essa floresta viviam dois ladrões muito ricos e muito poderosos, que se chamavam D. Salustio e D. Bartholo.

«Era muito frequentada a estrada que atravessava a floresta: mercadores que vinham em caravanas com os machos carregados de fazendas; viajantes de alta cathegoria nas suas berlindas com acompanhamentos de criados armados;

cavalleiros, correios, tudo bem montado e com boas pistolas nos coldres; e a mala posta, que passava entre nuvens de poeira, puxada pelos seus quatro cavallos galopando ao som das guizalheiras e dos estalos do chicote que o postilhão brandia sentado no alto da bolea com as abas curtas da casaca voando ao vento...

«Mas quando chegavam ao aqueducto que ficava no fundo do valle, entalado entre as duas ribanceiras altas, e viam apontar entre as arvores e as rochas, os chapéus ponteagudos e enfiados dos ladrões e luzir os canos dos seus arcabuzes, todos sabiam que se tornava inutil qualquer resistencia.

«Era preciso parar, parlamentar, pagar de bôa vontade um pesado tributo, deixar muitas vezes alguém de refens ... E só depois podiam seguir em paz.

«Quem se atrevesse a oppôr qualquer resistencia, via os seus haveres perdidos e, a maior parte das vezes, pagava tal ousadia com a vida, ficando os seus corpos, para exemplo, pendurados nas pernadas das arvores á beira do caminho, ou as suas cabeças cortadas espetadas em estacas dos lados do aqueducto.

«Os dois bandidos commandavam uma grande quadrilha bem armada e composta de malvados da peor especie. Inspiravam tanto pavor que nem as autoridades se atreviam a prendel-os, nem os soldados do rei queriam combatel-os.

«D. Salustio e D. Bartholo continuavam portanto em plena segurança a levar aquella má vida, ennegrecendo cada vez mais as suas almas com toda a especie de crimes e de peccados horriveis.

«A sua arrogancia era tamanha que vinham frequentemente á cidade onde todos conheciam de

longe os seus chapéus ponteados e enfiados. Visitavam o alcaide e outras pessoas de consideração, vendiam o fructo dos seus roubos, frequentavam os espectáculos e as casas de jogo e alojavam-se nas melhores hospedarias onde faziam tremendas orgias até de madrugada.

«O alcaide e as outras pessoas de consideração recebiam-n'os muito bem; davam-lhes palmadas nas costas, dizendo:

«— *Este honrado D. Salustio !... —*

«— *O nosso virtuoso D. Bartholo...—*

«E offereciam-lhes o que tinham de melhor.

«As suas mulheres e filhas faziam-lhes as honras da casa; todas ellas eram sorrisos e requebros e tocavam e cantavam para os divertir.

«Os mercadores a quem elles levavam os objetos roubados, compravam-lh'os pelo dobro do valor e, ainda por cima os acompanhavam até á porta, dobrados ao meio em cortezias sem fim,

rojando pelo chão as abas dos chapéus, agradecendo-lhes o favor de os terem escolhido para com elles fazerem o seu negocio, o que tanto os honrava...

«Tanto nas casas de jogo como nos espectaculos todas as attentões convergiam sobre os dois bandidos que passavam retorcendo os bigodes e fazendo tlintar as esporas, entre as alas do povo que os seguia com olhares de admiração.

«Os donos das hospedarias onde se alojavam e onde nunca pagavam as despezas, davam-lhes os melhores quartos, saqueavam as dispensas e as garrafeiras em sua honra, devastavam as capoeiras, serviam-n'os como se elles fossem principes ou reis.

«D. Salustio e D. Bartholo voltavam para as suas cavernas sumptuosas, montados nos seus esplendidos cavallos, seguidos pelo seu grande acompanhamento de ladrões, com os ventres

abarroados de jantares deliciosos, o cerebro perturbado pela excellencia dos vinhos, os bolsos trasbordantes de oiro e as almas perdidas em abysmos da vaedade e de peccado.

«E os crimes, as atrocidades, os horrores, amontoavam-se de tal modo sobre as suas cabeças soberbas de impenitentes, que o Diabo não cabia em si de contente e pensava com delicia nos supplicios eternos com que ia atormental-os apenas elles dessem entrada no Inferno onde tinham os seus logares certos.

«A alegria do Diabo era tamanha que por fim não a poude conter e uma noite appareceu em sonhos a D. Salustio e a D. Bartholo e mostrou-lhes entre nuvens de enxofre queimado e labaredas rubras, os seus corpos meio carbonizados atravessados por um espeto em braza e girando devagar sobre um fogo lento.

«Esta visão horrenda perturbou os bandidos que accordaram alagados em suor; e tal impressão lhes causou que, d’ahi por diante, a reviam constantemente na imaginação.

«Expedições arrojadas, tiros, correrias desordenadas, furiosas orgias... não havia embriaguez que os livrasse d’aquella obsessão. Olhavam um para o outro durante as horas de maior desvairamento e logo estremeciam de horror porque viam os dois corpos meio carbonizados girando sem fim no espeto sobre o fogo eterno...

«Por fim, abandonaram a floresta e foram em peregrinação a um lugar santo. Voltaram convertidos e cheios de remorsos, ardendo no fogo sagrado do arrependimento que lhes parecia muito mais suave do que o outro.

«Distribuíram aos pobres as suas enormes riquezas, entulharam a sua caverna maldita e

sobre ella construíram uma humilde capella e uma choupana miseravel onde passavam dias e noites em orações e penitencias, comendo raizes, bebendo agua salobra e mortificando-se com asperos e crueis cilícios.

«De tempos a tempos iam á cidade pedir esmola; mas tinham de puxar para o rosto os seus capuzes de ermitões afim de não se darem a conhecer porque o alcaide ordenara que os prendessem e os enforcassem.

«Os mercadores que d'antes lhes compravam os objectos roubados, insultavam-n'os e atiçavam-lhes os cães; as mulheres bonitas que os acolhiam com requebros, musica e cantos, agora vazavam-lhes das janellas sobre as cabeças humildes, potes de immundicies; os estalajadeiros enfureciam-se, corriam atraz d'elles com toda a criadagem, espicaçando-lhes os rins com os garfos da cosinha.

«Elles que tinham guardado (para nunca esquecerem os crimes passados) os chapéus ponteagudos e enfiados e os arcabuzes, tentados pelo Diabo, olhavam um para o outro e murmuravam:

«— E se nós agora tornássemos a usar os nossos antigos chapéus e engatilhassemos os arcabuzes?... —

«E a tentação era enorme.

«Mas resistiram-lhe sempre e morreram na força.

«A velha cigana concluiu esta historia impressionante, dizendo:

«— E ninguem se deve admirar, porque não é a justiça que governa o mundo, mas sim a força e a maldade mascaradas de justiça.»

«Eu ria da cigana porque era muito novo; mas agora que já começo a ter cabellos brancos, acho que ella tinha razão.»

Chegámos a casa á hora do jantar.

Emquanto nos serviam o café o Fabricio perguntou á Irene:

«Como conseguiu passar o tempo durante os dias aborrecidissimos em que a sua bronchite a teve presa no quarto ha um mez?»

«Lendo Rabelais.» disse ella.

E como sorríssemos, admirados, um pouco incredulos, explicou:

«Gosto muito de Rabelais. Gosto de toda a gente que tem a coragem de dizer a verdade.»

«Dizer a verdade!» exclamou o Fabricio «Ahi está um luxo que se paga sempre carissimo.»

«Pobre Rabelais!» disse o Professor «Arrostou com ameaças, perseguições... Atacar em Paris em 1542 a theologia, os theologos e a Sorbonne!...»

A Irene encolheu os hombros:

«Qu'importe?» murmurou ella «Os theologos francezes do seculo XVI morreram; Gargantua, Pantagruel e Panurgio são immortaes.»

Houve uns momentos de silencio.

A ultima phrase da Irene fez-me pensar no romance rabelaisiano que eu lera havia annos com tanta paixão e do qual me ficara na memoria uma indelevel impressão de ideas profundas, de sentimentos elevados, de intenso amor á verdade e á justiça, e tudo isto sob a rude capa de uma troça e de uma alegria que tocam na mais grosseira brulalidade.

Assim como a *imitação* é a pallida e delicada flôr de mysticismo d'aquella desolada epocha que foi em França o seculo XV com a guerra de Cem Annos e as tristezas do grande Scisma, assim o romance rabelaisiano é o fructo succulento, turgido, exuberante, do que foi em França o seculo XVI, tempo abençoado de renovo em que

a terra se desfazia em riquezas, em que as artes floresciam, em que por toda a nação irrompia, triunfante e violenta, a radiosa alegria de viver.

A Irene sorria.

Perguntei-lhe:

«Em que estás pensando?»

«Estou pensando n'aquelle delicioso juiz Bridoye que assignou na sua vida duas mil trezentas e nove sentenças e que, já depois de velho, foi chamado ao tribunal supremo de Mirelingues para responder por seu turno...»

«Vê-se quanto Rabelais a impressionou.»
observou o Fabricio.

«É que elle conta-nos coisas de agora, verdades presentes, vivas, palpitantes; mostra-nos os nossos ridiculos e as nossas fraquezas eternas.»

«Já não me lembro bem...» disse eu «Que historia é essa do juiz Bridoye?»

«Vou dizer-t'a mas com a condição de não a repetires; porque o juiz Bridoye não morreu e, desde mil quinhentos e tal até agora, tem-se complicado e tornou-se vingativo. Não se lhe pode tocar. Por dá cá aquella palha, empunha os artigos do código que, na sua mão, se tornam agressivos como pontas de lanças e n'um instante, mesmo sem provas tal é a sua sabedoria, descobre-nos uma enfiada de crimes negros como tições.»

«O juiz Bridoye tornou-se eterno e multiplicou-se até ao infinito.» disse o Fabricio «Cada nação tem o seu juiz Bridoye. Entre nós tomou, como não podia deixar de ser, a forma de conselheiro; é dogmatico, importante e janota. Snob, frequenta as casas ricas e fidalgas, joga o *bridge* com personagens de consideração, diz graças classicas, fuma bons charutos, vae de tarde para a porta de uma loja ver passar as mulheres

bonitas e fazer sobre ellas commentarios de gosto duvidoso; é dispeptico, austero em publico e lascivo e velhaco sempre que póde. A magistratura serve-lhe de degrau e faz caminho vendendo as sentenças e os despachos a troco de favores que o empurram para os logares em evidencia que ambiciona. Não tem convicções mas serve o partido politico que lhe parece mais prospero e muda as côres da sua bandeira com espantosa facilidade. No entanto exige que o respeitem. Em particular supporta os maiores insultos sem estremecer; para se julgar offendido precisa de publico...»

«Fabricio,» interrompeu o Professor «você está fóra de si. O dominio dos nervos é uma virtude rara para a qual devem tender todos os esforços da nossa vontade.»

«De resto,» acrescentou a Irene «o retrato que acaba de fazer não representa de modo algum o

juiz Bridoye. É um retrato banal de juiz qualquer, de um d'esses inconscientes juizes que trabalham como gusanos precipitando a decomposição da sociedade moderna.»

«Finalmente,» insisti eu «não me disseste a historia do juiz Bridoye.»

«E muito simples.» respondeu a Irene «O juiz Bridoye occupava-se pouco dos processos que mal folheava. Lavrava as suas sentenças segundo o capricho dos dados que chocalhava e lançava sobre a sua meza antes de tomar qualquer resolução sobre o destino dos infelizes que julgava.»

«Mas que horror!» exclamei eu.

A Irene olhou para mim gravemente e, depois de um silencio, murmurou:

«Hum! Cá por mim... acho bem. O juiz Bridoye inspira-me respeito.»

«Não entendo.» acudiu o Fabricio que se conservava nervoso.

A Irene acrescentou:

«Se todos os juizes procedessem do mesmo modo, teriamos ainda alguma probabilidade de alcançar uma vez por outra, um pouco de justiça...porque, emfim, os dados lá poderiam de quando em quando acertar. . .»

«Oh! Irene!» acudi eu «o que estás tu a dizer?...»

«Eu?...Nada...nada.» respondeu ella enquanto uma grande sombra de tristeza se lhe espalhava no rosto «Nada. Cada um pode dizer o que quizer, não é verdade? Mesmo no tempo da Inquisição, cada um podia dizer o que queria; já se vê, arriscava-se a ir para a fogueira. Mas, felizmente, em todos os tempos houve sempre gente que preferiu a fogueira a... a... outras coisas.»

Calámo-nos outra vez. O ar lá fóra estava pesado, ameaçando trovoadas.

Entraram de roldão pela janella aberta dois morcegos que principiaram a revolotear na casa topando pelas paredes...

«Nas noites de inverno» continuou a Irene «em que a ventania sacudindo as janellas do meu quarto, me não deixa dormir, penso muitas vezes nos juizes.»

«Nos juizes?» perguntei eu admirada.

«Sim, nos juizes. Digo de mim para mim:—
Dormirão?—»

«E porque não hão-de dormir?»

«Imagino que devem ter visitas importunas.»

«Que visitas?»

«Eu sei lá!...» respondeu a Irene que seguia com um olhar vago o vôo dos morcegos «Visões...
Creaturas innocentes cujas vidas elles espatifaram... assim... com um rabisco n'um

papel e com um sorriso amavel; por inconsciencia, por indiferença, por cynismo, por estupidez, por não comprehenderem a gravidade da sua missão, por fazerem da sua faculdade de absolver e de condemnar, um modo de vida apenas e um degrau, para obsequiar um amigo de quem esperam em troca um favor, para não darem o braço a torcer, por jogo ou negaça politica, por qualquer motivo pequenino, mesquinho, interesseiro, de que os seus cerebros estreitos são capazes...

«E então eu penso que, nas noites de inverno póde ser que elles oiçam... por exemplo, um passinho leve de creança, um bater muito subtil á porta do quarto, uma vozita doce que diz no escuro com um soluço:

«— Porque me separaste da minha mãe? Que mal te fiz para me privares dos seus cuidados e do seu amor? Porque fingiste acreditar que eu era

tão feliz longe d'ella, quando bem sabias que eu era e viria a ser tão desgraçada?—»

A Irene interrompeu-se um momento e, sem mudar de posição, sem se voltar para mim, perguntou:

«Achas que elles, os juizes, poderão dormir quando ouvirem de noite estas vozes?»

O Fabricio respondeu por mim:

«Não ouvem essas vozes; ouvem outras: as da sua vaedade e as do seu pedantismo. E dormem profundamente.»

Veiu mais um morcego juntar-se aos que já andavam em turbilhões pela casa.

Olhei para o Poeta. Dormitava; e a orchidea na sua lapella olhava para nós com uma tão intensa expressão de escarneo e de vicio no olhar glauco e horrivel, que a sua presença se me tornou insupportavel.

O Fabricio olhou tambem para a flôr monstruosa. Tocou no braço da Irene e apontou-lh'a.

«Vê?» disse elle «Aquella coisa medonha é a imagem da justiça dos homens. Complicada, retorcida, cheia de todas as malicias e encarnando todas as abominações. No entanto as convenções fizeram d'ella uma flôr maravilhosa que se trata com mil cuidados, que se conserva como uma reliquia. Qual é o espirito equilibrado e sadio que pode achar lindo aquelle monstro? Mas ninguem se atreve a lançar a orchidea ao chão e a esmagal-la sob o tacão da bota...»

Sexto dia

—

A roca de alfazema

Fazia calor; eram duas horas da tarde.

Procurando a Irene, fui dar com ella na rouparia.

Abrira as arcas de castanho carunchosas e de grandes fechaduras ferrugentas.

Espalhara sobre a meza os lençoes, as toalhas bordadas; sentara-se junto da janella, em plena claridade; e cosia.

Em cima da roupa empilhada na cadeira ao seu lado estava uma grande roca de alfazema.

Peguei na roca, aspirei com delicia o seu perfume casto e fresco.

A Irene levantou os olhos da costura e perguntou-me sorrindo:

«Nunca experimentaste este calmante?»

«Coser?» disse eu.

E continuava a aspirar o perfume da alfazema que me inundava de bem estar e de paz.

«Estou tratando da roupa da casa.» continuou a Irene «Não é minha; mas precisava de alguns concertos. Coser é para mim um processo infallível de recuperar a serenidade quando as luctas da vida e a maldade dos homens conseguem roubar-m'a.»

E acrescentou:

«É pena que nem todas as mulheres experimentem este remedio excellente. Haveria sobre a terra uma percentagem muito maior de bom senso.»

O perfume da alfazema espalhava-se pelo quarto.

Sentei-me ao lado da Irene e falámos de muitas coisas.

Evoquei o tempo em que o linho cobria com a sua floração azul as terras baixas e frescas dos feudos, sob o olhar attento da castellã que lhe espreitava o crescimento da sua janella gothica, no alto da collina.

A senhora medieval, no meio do seu rebanho de servas, fiava, tecia... e as ondas alvissimas da teia multiplicavam-se; as peças enrolando-se iam empilhar-se nos fundos cofres de carvalho.

Lentamente, atravez da monotonia dos dias iguaes, o linho transformava-se; os dedos privilegiados que tinham fiado, que tinham tecido, agora cortavam, cosiam, bordavam. A seda, a prata, o oiro e as pedrarias entornavam-se e fixavam-se sobre a tela.

Desde a rude estopa das camisas dos servos aos finos e alvissimos veus dos altares, desde as roupas dos leitos nupciaes até ás mortalhas, desde os pensos das feridas de guerra até ás vestimentas

sacras, o linho, passado pelas mãos habilidosas das mulheres, transformava-se de peças em bragaes, de bragaes em thesouros.

Este trabalho era o grande e palpitante interesse das senhoras de casa, o seu orgulho, a sua ocupação principal. As mulheres, mesmo as da mais alta condição social, serviam para aquillo e para pouco mais; as que chegavam ao fim da vida deixando os cofres e os armarios cheios e alguns filhos robustos ao seu senhor, podiam morrer tranquilladas porque tinham desempenhado a sua missão n'este mundo.

«Mas agora,» conclui eu «as mulheres não apprendem a fiar nem a tecer porque as industrias lhes fornecem por pouco preço o trabalho prompto. Os tempos mudaram. Para melhor? Para peor? Quem poderá dizel-o? Não se sabe ainda. Vagamente prevê-se que a missão da mulher se tornou mais consciente e portanto mais ardua.»

«Sim,» respondeu a Irene «tens razão. Os tempos mudaram e a missão da mulher é outra. Mas na epocha tumultuosa e incoherente que atravessamos, affigura-se-me que essa missão, toda de recolhimento e de paz, se deve definir pela palavra difficil: *esperar*.

«A verdade é que não entendemos o que se passa; todos os valores que nos ensinaram a conhecer e a respeitar, se acham transformados. Por essa Europa fóra, que nos habituámos a considerar requintadamente civilizada, uma guerra feroz assola os campos, as aldeias, as cidades.

«Tinham-nos dito que havia garantias, que havia justiça, que os direitos da mulher eram sagrados. Tinham-nos dado uma educação desenvolvida, tinham-nos accordado a consciencia, tinham aberto as janellas da nossa prisão, tinham-nos mostrado verdades que as

nossas avós ignoravam.

«Vimos diante de nós despontar uma era bem dita durante a qual os nossos deveres se tornariam mais graves, as nossas responsabilidades maiores e a nossa utilidade mais profunda.

«Mas a humanidade mudou o rumo; como um cavallo espantado, tomou o freio nos dentes, voltou para traz galgando os seculos decorridos n'um galope vertiginoso. Toda a terra estremece e um vento de loucura arrebatou a razão dos homens.

«O que pudemos nós fazer, pobres mulheres a quem desvendaram os olhos para de repente as lançar na antiga escuridão?

«Sabemos agora que temos direitos. Mas de que nos servem esses direitos se nos falta a força? A civilização levou-nos até á beira de um abysmo que se chama Revolta.

«Ficou-nos a noção do dever. O dever para

nós n'esta hora é a serenidade.

«Emquanto os homens, de cabeças perdidas se entredevoram, guardemos nós a serenidade, mãe do bom senso e da paz.

«Bem sei que é difficil mas com bôa vontade...

«Vês, a costura é como te disse, o melhor calmante.

«A agulha vae e vem; o seu movimento é igual, rithmico, ordenado e, gradualmente, como uma benção que desce devagarinho, os pensamentos deixam de ser tumultuosos, amainam, methodizam-se; tudo que é violento e apaixonado abandona a nossa alma; apparece a comprehensão nitida das coisas e, como consequencia, a indulgencia intelligente por todos que erram n'esta hora de confusão.»

Sentada no vão da janella, emoldurada pela claridade verde do jardim, a Irene ia cosendo.

A voz era calma, o sorriso sincero, o olhar limpo. Se eu não soubesse o martyrio da sua vida, poderia julgar-a perfeitamente feliz.

O Professor, o Poeta e o Fabricio, que andavam passeando no jardim, ao ouvirem as nossas vozes aproximaram-se da janella baixa e sentaram-se alli n'um banco.

«Irene,» disse o Poeta «conte-nos a historia do roubo.»

A Irene sorriu.

«No anno passado,» disse ella «como eu estivesse passando uns mezes no campo com a minha criada Conceição, um bando de gatunos assaltou de noite habilidosamente a minha casa e levou-me varios objectos, entre elles um colchão de lã, uma grande salva decorativa de prata antiga e uma mala contendo cartas de familia datadas de ha trinta, vinte e quinze annos.

«O roubo foi praticado na minha ausencia e só

dei por elle dois dias depois, ao cahir da tarde.

«Estava costurando no meu quarto quando a Conceição veio ter commigo em alvoroço dando-me parte do succedido.

«De ha muito que me habituei a dominar os nervos e a evitar, em todas as circumstancias da vida, palavras e excitações inuteis. Sem fazer portanto observações ou commentarios, acompanhei a Conceição ao rez-do-chão onde se dera o roubo e verifiquei o modo como elle fôra praticado.

«A casa era fóra da aldeia, no meio de um jardim solitario; não tinha visinhança. Encontrava-me só com a minha criada. Levantara-se um grande temporal. Era quasi noite.

«Não havia possibilidade de prevenir a policia; mandei pregar os postigos da fresta por onde os gatunos tinham entrado e voltando em seguida para o meu quarto, sentei-me junta da

meza e peguei de novo no meu trabalho.

«Não havia outra coisa a fazer.

«Recomeçara a coser quando percebi que por detraz de mim, na sombra, se encontrava a Conceição. A sua presença foi-me revelada por um suspiro entrecortado que me pareceu um soluço de choro; voltando-me, vi-lhe a cara inundada de lagrimas.

«Reconheci então que o meu procedimento estava sendo egoista e mau. A pobre Conceição que nunca exercitara a sua força de vontade sobre os nervos e que não tivera, na sua vida simples e activa, ocasião de meditar e de philosophar, encontrava-se desamparada em frente do desatre que a sua imaginação de illetrada revestia, áquella hora e sob a influencia tumultuosa do temporal, de um character horrivel e ameaçador, quasi sobrenatural.

«Percebi que tinha o dever de a socegar, de lhe

dar um pouco de coragem e de bom humor e fiz-lhe o seguinte discurso:

«— Vejo com desgosto o teu susto e devo dizer-te que tamanha fraqueza não é digna de ti. Vou ajudar-te a pensar e, se fizeres um esforço para seguires o meu raciocínio, verás que este roubo, longe de ser um mal para nós, foi um bem.—

«A minha velha Conceição esbugalhou os olhos e fitou-me com inquietação, gravemente preocupada com o estado das minhas faculdades mentaes.

«— Senta-te.

«Sentou-se respeitosamente na borda de uma cadeira e passou pela testa inundada de suor a ponta do avental.

«— Dá atenção. Os ladrões levaram o colchão de lã novo que eu destinava á minha cama. Essa minha idea não prestava. Estamos no

principio do verão e eu ia ter muito calor; um colchão de lã no verão faz mal á saude. Além d'isso sabes que estou atravessando um periodo da minha vida em que preciso de muita energia; uma cama fôfa quebra as forças e torna a gente preguiçosa. Os ladrões obrigando-me a dormir n'um colchão de palha, não só contribuíram para a minha saude, como garantiram o bom resultado dos trabalhos que trago entre mãos. —

«A Conceição já não chorava. Interrompeu-me hesitante:

«— Pois sim senhora...Vamos que fosse bom elles levaram o colchão. Mas a salva de prata?

«— A salva de prata, — respondi eu — isso então ainda foi melhor. —

«A Conceição deu um salto na cadeira. Ia falar com vehemencia, mas não lh'o permitti.

«— Espera! A salva de prata, iamos nós pendural-a na parede da casa de jantar. Apenas

estivesse lá a fazer figura, punha-se logo a dizer a toda a gente com ares importantes e antipathicos: *Não sirvo para nada. Sou um objecto de luxo. Pertença a uma casa rica.* E isto era uma grande mentira porque tu bem sabes que a nossa casa é pobre. Os ladrões levando a salva de prata, levaram da nossa casa uma mentira, um desequilibrio e um disparate; prestaram-me portanto um serviço.»

«A Conceição encolheu os hombros e sorriu.

«— E as cartas?— perguntou ella.

«Mas perdera por completo o seu ar de panico; estava divertida.

«— Ha tantos e tantos anos — disse eu — que tinha alli aquella papelada a tomar logar e a crear traças. Para que me serviam as cartas, não me dirás? Nunca as lia. Justamente porque respeitava a memoria de quem as escreveu, a minha obrigação era destruil-as, afim de não acontecer o

que aconteceu. Ha certas recordações que não se devem guardar; mais tarde ou mais cedo serão profanadas pelos estranhos. Os ladrões deram-me uma grande lição. —

«O susto passara. A Conceição ria.

«O temporal podia agora á vontade sacudir as janellas e uivar pelas gretas das portas; o medo fugira.

«— Deixa-m'ir... — disse a Conceição levantando-se — Vou accender o lume para o chá que já é tarde. Afinal de contas a senhora tem razão. Não vale a pena a gente ralar-se...

«E desceu a escada com um passo firme, resmungando :

«— Diachos levem os ladrões mal os sustos! Venham para cá outra vez e não será a filha do meu pae que ha-de ter freimas por via d'ellas. Nem que fossem vinte!...—

«E d'ahi a pouco ouvi-a cantar na cosinha com

intonação belicosa, a *Maria da Fonte*.»

Todos nós riamos.

A Irene ia cosendo sempre, alegre e tranquilla, toda envolvida na luz verde que vinha do jardim.

A roca de alfazema que eu apertava entre os dedos, embalsamava o ar com o seu perfume fresco e deliciosamente casto evocando virtudes caseiras.

«A Irene fala das criadas de um modo especial;» disse eu «e este assumpto que é em geral considerado fastidioso, manejado por ella tornar-se interessante.»

«É porque a Irene considera as criadas como pessoas de familia;» respondeu o Fabricio » e apenas ellas entram para o seu serviço julga-se na obrigação de as dirigir, de as proteger e de responder por ellas.»

«Parece-me que é esse o dever fundamental de qualquer dona de casa.» acudiu a Irene «Existem sobre tal assumpto algumas ideas que infelizmente não são correntes, mas que haveria a maior vantagem em diffundir; são de uma logica accessivel a todas as intelligencias e de uma simplicidade extrema.

«Apontarei tres:

«*Primeiro*: — O calculo consciencioso da distancia que existe entre nós e as pobres raparigas selvagens e ignorantes, arremessadas pelo sopro rijo e cruel da má sorte, de remotas aldeias e perdidas serranias para a complicada engrenagem de um grande centro cheio de tentações e de perigos.

«*Segundo* — A constatação de que as criadas não são machinas e de que a media dos seus salarios está bem longe de ser proporcional á somma de trabalho produzido.

«*Terceiro* — A noção de que as criadas são creaturas iguaes a nós, accessiveis á dôr physica, ao soffrimento moral, ao amor, á doença, ao canção, ao aborrecimento e ao mau humor.

«Não falo de um numero restricto de criadas nascidas e educadas na cidade, munidas já de uma instrucção elementar, habituadas ao seu officio e tendo tido a sorte de servir patrões justos e compassivos.

«Falo da immensa maioria de infelizes que veem *da terra* e que percorrem a terrivel via-sacra dos lares pobres ou desequilibrados onde a doença, a fatalidade ou a desordem, espalham o azedume e a incoherencia.

«Desde o operario cuja mulher é doente ou trabalha fóra e precisa de uma criadita para fazer a comida, a troco do vestuario, até ao amanuense que tem de ordenado trinta escudos e cuja esposa compra chapeus de vinte e dá *salsifrés*; desde o

commerciante abastado casado com a senhora que passa o dia a correr a cidade de automovel e a tomar lições de canto e de *tango*, até á casa d'hospedes e ao hotel de segunda e de terceira ordem... a cachopa que chega da provincia vae passando, subindo e descendo, aos encontrões, aos trambulhões, perdendo pelo caminho a saia de baeta, os sapatões cardados, a camisa de panno crú, a sujidade do corpo e a limpeza da alma, a caminho da miseria, da revolta, da humilhação definitiva, a caminho do hospital ou daprostituição.

«Ás vezes uma senhora de bôa sociedade toma ao seu serviço uma d'estas desventuradas; trouxe-lh'a a lavadeira, era conhecida da engommadeira, prima da criada de quartos... um acaso.

«E esta senhora que é instruida e intelligente, que tem dado provas de um excellente coração e de altas capacidades na organização e direcção de

importantes obras philanthropicas, não entende que a nova criada precisa de indulgencia, que nunca teve ninguem que a educasse, que acaba de soffer torturas e miserias, que viveu em meios hostis onde foi explorada e onde apprendeu rudemente a defender-se pela mentira, pela manha, pela revolta grosseira que se expande em palavras brutaes.

«Conversar com aquella criada, ganhar a sua confiança, dar-lhe um pouco de conforto, de apoio, de doçura, são coisas em que a benemerita senhora não pensa. É habito da casa manter as criadas a incommensuraveis distancias; são de outra especie, falam outra lingua. A criada nova tem as suas obrigações que deve cumprir pontualmente; se falha, vem a reprehensão aspera, secca, imperiosa como um dogma que é preciso acatar sem se comprehender.

«No emtanto, Deus sabe! um pouco de

bondade seria infinitamente mais efficaz do que a voz de commando que actua simplesmente pelo medo e que nunca chega ao coração.

«O coração!... A ama não se lembra de que ella tem coração.

«Mas...nas horas de loucura, emquanto a mãe se diverte lá por fóra e as creanças ficam sós, ou nas horas de dôr e de agonia ao lado de um leito onde a doença longa e extenuante prostrou algum ente adorado, quantas vezes, quantas vezes a pobre criada, a pobre machina, prova de um modo soberbo o amor, a abnegação, a paciencia, as virtudes profundas que existem latentes no seu coração e que só então florescem, porque só então deixam de ser espinhadas...»

A roca de alfazema á força de ser apertada entre os meus dedos quebrara-se e os pequeninos grãos azues cahiram-me sobre os joelhos e

rolaram para o chão, espelhando um perfume suave que fazia bem á alma e inspirava os pensamentos mais repousantes.

Setimo dia

—

A tulipa

N'essa tarde começou de repente a chover e o tempo arrefeceu tanto, o jardim a e casa cobriram-se de tal modo de nevoa, que á noite resolvemos accender a grande lareira da sala de jantar.

E sentámo-nos todos defronto do lume; um lume de lenha, sincero e honesto, um lume authentico, bello da triumphante belleza das suas labaredas rubras e doiradas e da expontaneidade do seu calor directo e primitivo.

Não era o ardor concentrado e immovel, um pouco inquietador, das salamandras; não era o calor prisioneiro, canalizado e invisivel dos caloriferos, nem o fogão electrico ou de gaz, correcto e moralmente frio, regulando-se por meio

de registos e torneiras. Não era coisa alguma d'essas, privadas de alma e de eloquencia, que aquecem sem confortar e combatem o frio, por dever de officio, como mercenarios, incapazes de paixão, de amor...

Era a lareira.

«Na lareira» disse o Poeta «ha todos os mysterios doces e todas as luminosas verdades. O fogo dança e canta e suspira e tem impetos de colera e bruscos desanimos; geme, chora, lamenta-se, adormece...Tem sinceridades e expansões de bom cão fiel, graças voluptuosas de felino, silencios e meditações extaticas de ermitão.»

«Na lareira» respondeu o Professor «podemos observar os phenomenos da combustão. Chego a ter pena de que Lavoisier nos desvendasse o segredo do lume.

«Era mais linda a theoria de Sthal que attribua aos combustiveis um principio imponderavel, uma especie de alma prisioneira que o fogo libertava e que se transformava na chamma luminosa, quente e viva. Mas... estou dizendo uma heresia; não ha nada mais bello do que a verdade.»

«A sciencia é fria.» declarou o Poeta «Os sabios esbarram constatemente em obstaculos que para nós não existem. O fogo tem uma alma; uma alma variavel e complicada, mas que não é semelhante á nossa porque não conhece a frivolidade. Toda a vida e toda a belleza do fogo nascem do soffrimento; e a sua eloquencia, mesmo quando parece desordenada e pueril, tem um fundo grave de melancholia. A labareda é violenta, cruel e triumphante como um conquistador barbaro; tem como elle o gosto ardente das côres deslumbrantes e da

magnificencia; e a sua gloria eleva-se n'uma apotheose sobre as ruinas e sobre a morte.»

Mas o Professor interrompeu-o.

«Nenhuma phantasia» disse elle «igual a em esplendor os segredos que a sciencia nos tem revelado. É preciso analysar o fogo, decompol-o, conhecer-lhe todas as propriedades, para *sentir* o seu poder, o seu valor, todos os milagres de que é capaz.»

«Quando olho para o fogo», respondeu o Poeta fitando as chammass escarlates que se contorcionavam na lareira «vejo um espirito mysterioso e terrivel e acredito no sobrenatural.»

«Quando olho para o fogo,» tornou o Professor «vejo uma força colossal da natureza que o homem subjogou. Penso com orgulho que o deus Tvatchi, que foi adorado por tantas multidões, é hoje o meu escravo.»

Calaram-se os dois; e no silencio ouvia-se apenas a voz do fogo; pareceu-me que dizia baixinho:

«Não sou um deus nem um escravo; sou um protector e um amigo. Sou o mais poderoso factor do vosso progresso e sem mim não haveria conforto sobre a terra. Dei-vos a força de vencer a materia, dei-vos a posse da terra, do oceano e do ar, dei-vos o poder de espalhar a morte e a vida... Mas tudo isso de pouco vale, se os homens me espulsarem da sua lareira. Todas as maravilhas da civilização serão inuteis para os homens que me desprezarem dentro das suas proprias casas. É na lareira que lhes illumino e aqueço a alma, que os entretenho, que os divirto, que os moralizo, que lhes falo das coisas serenas, repousantes e proveitosas, que amorteço a violencia má das suas paixões, que lhes inspiro pensamentos salutaes e desejos de perfeição, que lhes ensino a união da

familia e o divino amor do lar. Sou creador do *home*, essa poderosa divindade que torna invencíveis os homens do Norte. A maior parte dos vossos males, pobre gente do Sul! vem da vossa ignorancia profunda do *home*, vem da vossa confiança de cigarras no calor do sol e no azul do ceu. As alegrias da familia são incompletas onde não há lareira, ou onde a lareira se apaga e arrefece... E as outras alegrias são todas defeituosas e estereis. O homem que não queimar as suas paixões no fogo sagrado da lareira será governado por ellas e condemnado a desaparecer...»

E o lume ia falando, falando...

Mas nem o Poeta, nem o Professor o escutavam. Pouca gente o escuta na nossa terra.

A tulipa que mergulhava a haste comprida n'uma jarra de Vianna e voltava para nós a sua cabeça intelligente, parecia escutar o lume.

Como se tivesse seguido o meu pensamento, o Poeta disse:

«A tulipa escuta com delicia a voz do lume. A tulipa tem uma alma tranquila e caseira. Desenvolveu-se e prosperou sob a protecção do holandez que é o grande adorador do lar. A tulipa é amiga do homem e responde com reconhecimento aos seus cuidados como um animal domestico; essa gratidão manifesta-se no aperfeiçoamento successivo da sua belleza. A tulipa costumou-se a viver na intimidade do fogo, do grillo da lareira, da chaleira fumegante, das porcelanas e das faianças, das cortinas de rendas brancas de neve e dos moveis calmos e estaveis guardadores da paz e representantes das tradições.»

«Já não ha moveis calmos e estaveis;» observou o Fabricio «e nos nossos lares inquietos e tumultuosos não ha logar para a tulipa. A tulipa já não é a flor que o homem do seculo XVI cultivava em sua casa com uma paixão ardente e exclusiva; é uma flôr que se explora e cujos bolbos se vendem ás toneladas. Todos os deuses lares morreram e só o cão de Mr. Bergeret olha com respeito para os moveis da casa.»

«Tambem eu, Fabricio,» disse o Poeta «tambem eu penso com religiosidade, tal qual o cão de Mr. Bergeret, nos moveis, deuses lares, espiritos bemfazejos que nos rodeiam, nos confortam e nos defendem.

«Como nós, teem-se transformado, teem acompanhado a fatalidade da evolução, teem mudado de aspecto; e a sua alma, em lentas e continuas transições, tem seguido a nossa nas suas

phases diversas de sumptuosidade, de desvario, de ruina, de recolhimento, de puerilidade, de orgulho e de fraqueza.

«Obedeceram successivamente ao gosto das opulencias orientaes que os phenicios diffundiram pelas terras onde abordaram, ao gosto das civilizações romana e bysantina, ao gosto dos barbaros pelas obras delicadas e scintillantes de ourivesaria; adaptaram-se a todos os aparatos e a todas as imponencias dos apogeus, a todas as orgias e requintadas devassidões da decadencia; e entraram graves, hieraticos, sobrios e devotos, nos seculos feudaes.

«Foram os pesados e solidos cofres e armarios onde se guardava a frescura do linho, a ligeireza dos veus bordados a oiro, a preciosidade das joias, o aroma raro dos perfumes do Oriente, as massiças baixellas de prata martelada, o aço frio das adagas e dos punhaes; onde se escondiam os

venenos subtis e os unguentos milagrosos e onde repousavam, em bocetas recamadas de pedrarias e salpicadas de agua benta, as reliquias trazidas da terra Santa. «Artistas ingenuos e castos cinzelaram na sua madeira como se fosse em metal precioso, figuras de santos e scenas da Paixão; e os moveis enfileiraram-se, hirtos e recolhidos, contra as pesadas colgaduras das paredes; reflectiram nas suas complicadas e luzentes ferragens, os grandes fulgores rubros do toro que ardia na lareira monumental; e, ás costas das bestas, seguiram os fidalgos atravez das aventuras e contingencias das guerras longinquas.

«No seculo XVI, as formas dos moveis multiplicam-se, perdem a sua sobriedade, porque os homens, menos occupados pelos combates e pela devoção, começam a pensar na belleza e no conforto das suas casas.

«As tapeçarias attingem na Flandres a perfeição; as portas guarnecem-se de coiro gravado ou de revestimentos de madeira esculpida; pelas janellas que se alargam, entra o sol coado pelas côres divinas dos vitraes...

«A Renascença ergue-se e resplandece.»

«Sim;» interrompeu o Fabricio «mas dentro em pouco vem o estylo de Luiz XIV, orgulhoso e pedante, iniciar os periodos subsequentes que torcem os contornos dos moveis, dando-lhes a irregularidade das curvas, privando-os da idea indispensavel de repouso, recobrando de oiro a madeira entalhada em forma de palmas, de conchas, de plumas, de laços, de grinaldas convencionaes; tudo se torna faustoso e a noção grave da belleza esmorece, transforma-se em puerilidade.

«Os homens do Imperio querem resuscitar a antiguidade; mas os moveis sentem-lhes a fraqueza e, cançados de tanta futilidade e de tanta presumpção, não respondem ao seu desejo. Tornam-se rigidos, incommodos, quasi hostis; mostram-lhes o vasio das suas illusões e... passam com as suas linhas duras, com as suas frias applicações de bronze doirado, sem um sorriso nem uma indulgencia, desdenhosos e cheios de censuras.

«Desde então os moveis, os seus deuses lares, Poeta, mortificados com o espectaculo vertiginoso da vida moderna, olham com melancholia e desalento para a casa deserta de onde a mulher sahiu para o *tea*, para a recepção, para o theatro, para o baile, para o animatographo, para as lojas, e onde o homem entra tarde e cansado do seu trabalho parcelar e obscuro.

«Os valores e os objectos preciosos são guardados nos Bancos; o dinheiro gira, n'uma ancia de multiplicação; já não ha reliquias; os venenos subtis fabricam-se nos laboratorios; os unguentos já não são milagrosos e todos os boticarios os preparam; as arcas e os armarios só guardam objectos banaes. Perdeu-se o amor e o respeito pelos *moveis*, que os leilões dispersam.

«Por isso *elles*, offendidos e magoados, se negam obstinadamente a representar a belleza.

«Os homens teem de procurar nos seculos passados, teem de fazer resuscitar os antigos modelos, copiando, misturando, estragando, profanando. Imaginam crear estylos novos, mas escolhem formas sem character e sobre ellas desenvolvem radiosas symphonias de côres...o que é lindo mas não basta.

«E nós, que temos feito tantas coisas maravilhosas n'estes ultimos cem annos, vamos

desaparecer sem deixar nos moveis o cunho da nossa passagem, sem deixar *deuses lares* nas nossas casas abandonadas.»

Attenta, a tulipa inclinava para nós a sua corola delicada.

As petalas lustrosas e finas eram de um branco leitoso e frisavam-se ligeiramente nas bordas; as suas nervuras centraes tingiam-se de escarlata e todas seis, frementes de vida, formavam uma taça translucida e colorida; pareciam encerrar um philtro de belleza e de calma intelligencia.

A jarra de Vianna que as continha, poisada sobre o aparador, rodeava-se de faianças antigas de extinctas fabricas portuguezas.

Era uma preciosa collecção abandonada pelo possuidor da casa onde nos encontravamos. E assim, por um acaso, a tulipa achava-se no meio de faianças contemporaneas da sua epoca de

esplendor. As faianças, como ella, tinham tido o seu periodo de cultura delicada e attenta e tinham passado agora á triste cathegoria de objectos de banal e facil commercio.

Sobre o aparador, a evocação do Poeta e do Fabricio glorificando o antigo culto do movel hoje perdido, espalhara uma grande melancholia.

Como se percebesse aquella muda tristeza, o Poeta disse respondendo ao Fabricio:

«Imitamos, é certo, mas nem sempre essas imitações são infelizes ou sacrilegas.

«Visitei ha pouco uma exposição de faianças modernas; e pareceu-me um resurgimento.

«Passei de sala para sala, cada vez mais envolvido na suave magia emanada das formas, das côres, dos desenhos.

«Sobre o fundo branco azulado das imitações de Vianna, corriam as cercaduras simples,

casando o amarello e o azul; resplandeciam as rosaceas, as grinaldas, os ramos ingenuos, ondeavam os rebordos engrossados pelo typico bordelete ou pelo cordão vincado; por vezes, nas guarnições, as pallidas folhas verdes vinham augmentar a delicada symphonia das côes desmaiadas e puras; e o verniz cobria a pintura, dando ás differentes peças o esmalte perfeito, eburneo, dos modelos authenticos e raros que lá se encontravam tambem, nos armarios envidraçados, presidindo, com o desdem da sua indiscutida aristocracia, á parada das primorosas imitações.

«Desde os grotescos e classicos picheis representando figuras pançudas e mosqueadas, até á gracilidade das fructeiras encanastradas, os galheteiros *de patinhos*, os copos engrinaldados, as jarras de altar abrindo-se em leque, os tinteiros, as caldeirinhas de agua benta, os castiçaes, os

potes, os serviços inteiros de meza, cada peça encarnava com uma fidelidade religiosa a alma encantadora das nossas faianças de Vianna.

«Encontrei também reproduções do Rato, dos typos mais lindos, os de folhagem larga, de grandes flôres desabrochadas e com a decoração curiosa dos característicos *aranhiços*; e também imitações perfeitas dos formosísimos gomis de Rocha Soares com os seus amarelos quentes, os seus vermelhos opulentos, os seus doces relevos e a forma esbelta do braço recurvo e alto.

«Havia além d'isto varias tentativas muito interessantes de uma arte nova e original, cingindo-se a themas portuguezes quer na fórma, quer no desenho, quer na decoração; reproduções na faiança de gravuras antigas e de movimentos graciosos nas fórmas, aproveitando os modelos lindíssimos da nossa olaria onde se encontra tão marcada a influencia arabe; na decoração, o *leit-*

motiv do cravo, da tulipa, da bolota, inspirado nos desenhos dos nossos lenços de ramagens.»

«As lindas faianças portuguesas pintadas á mão,» disse o Professor «tão vibrantes de originalidade e de graça ingenua e pura, que floresceram no seculo XVI e que tanto augmentaram de esplendor ao fundirem-se com os modelos mandados vir do estrangeiro pelo Marquez de Pombal, foram uma das mais estaveis e deliciosas manifestações da arte nacional.»

«Mas a *estampilha* veio privar-as das suas tradições, da sua *alma*;» acudiu o Fabricio «a pintura minuciosa e delicada deixou de ser obra de artistas que amavam a sua arte, para se transformar n'uma decoração impessoal, mechanica, de onde toda a graça subtil e espiritual se ausentou.

«O publico moderno, na sua ancia vertiginosa de aspectos novos e sempre differentes, prefere

uma successão ininterrupta de formas feias (contanto que sejam variadas e sigam, conforme puderem, as sinuosidades da moda) á belleza estavel e calma da verdadeira arte.

«E d'este modo se vae perdendo o gosto e o amor pelas coisas lindas de outro tempo, assim como a possibilidade de se crear um estylo nosso.

«Não, não, podem dizer o que quizerem, a arte, a verdadeira arte morreu; é uma flôr que não sabemos cultivar, que não se dá na visinhança da machina, da telegraphia, das torres de ferro, das grandes fabricas tumultuosas e do fumo negro das locomotivas.»

Entre duas jarrinhas de altar brancas e azues e defronte de um gomil, a tulipa ao ouvir estas coisas, deixava pender a cabeça, inclinava, cheia de melancholia, a fronte coroadada das seis petalas brancas raiadas de escarlata.

Parecia dizer tristemente às faianças e aos moveis antigos, enquanto o lume ia morrendo na lareira:

«O nosso tempo já lá vae!...»

Oitavo dia

—

As açucenas

No côro da capella havia um pequeno orgão.

N'esse dia depois do almoço, o Poeta foi comnosco florir o altar com açucenas, porque no retabulo estava pintada uma Santa Cecilia, pintura ingenua e deliciosamente pura, obra sem duvida de um dos nossos ignorados primitivos; vestida como uma senhora da côrte do seculo XV, corria os dedos afusados pelo teclado de um orgão e tinha sobre os joelhos um ramo de açucenas.

O Poeta ia todos os dias visital-a. Tinha por ella uma extatica adoração; achava-a mais linda do que as Virgens de Boticelli.

Levava-lhe açucenas e tocava no orgão, em sua honra, trechos de Bach.

«Você foi hereje, Fabricio,» disse elle «quando affirmou hontem que a verdadeira arte morreu.»

«Se fui hereje, torno a sel-o mais uma vez.» respondeu obstinadamente o Fabrizio «Onde encontrariamos hoje um artista capaz de crear uma Santa Cecilia como aquella? Qual é o homem moderno, que viaja em comboio e fala ao telephone, capaz de ter uma tão pura e tão radiosa concepção da belleza?»

«E a musica, Fabricio?»

O Fabricio calou-se um momento; ia responder, mas o Poeta continuou:

«Ha um mez, durante a Semana Santa, em que os templos catholicos resplandecem de aparatos e de cerimoniaes impressionantes ás quaes a passagem dos seculos nada tirou da sua grandiosidade, pensei na funda gratidão que

devemos á Igreja por ella ter sabido guardar, proteger e desenvolver a musica, unica manifestação de arte, (tem razão, Fabricio,) cuja plenitude foi concedida ao nosso tempo.»

«É certo.» respondeu o Fabricio «Quando a pouco e pouco, por todo o mundo o culto da belleza vae esmorecendo, a musica expande-se, cresce, estende as suas frondosas ramarias sobre a pobre humanidade que já não sabe ver nem sentir e que só parece attender o ritmo dos embolos, a respiração offegante das caldeiras, o trilo das campainhas electricas, as pancadas formidaveis dos martellos automaticos, o chirrido das serras mechanicas.

«E concedo-lhe tambem que, se os tempos modernos nos dão o apogeu d'esta arte divina, á Igreja o devemos, que a defendeu de profanações e a guardou toda pura na sua atmospherica de prodigio. É da inspiração religiosa que ella surge

e depois se expande sobre as nossas paixões.

«Em Paris, no seculo XVIII, os theatros fechavam-se desde o domingo de Ramos até á segunda feira do Quasimodo. Durante este periodo, em que todas as distracções eram prohibidas, havia então os concertos espirituaes, cuja iniciativa se deve a Francisco Philidor. Estes concertos de musica sacra instrumental, que eram executados pelo pessoal da Opera, da *Musica do Rei* e pelas maiores celebridades que vinham de proposito do estrangeiro, conquistaram uma fama universal; e varias outras cidades da Europa seguiram o exemplo de Paris, dando aos fieis, pela Paschoa, maravilhosos concertos nas suas cathedraes.

«Em 1789, mil e trezentas pessoas assistiram ao primeiro concerto espiritual executado na cathedral de S. Pedro, em Genebra. Segundo as notas de um contemporaneo, o concerto durou

tres horas no meio de um silencio profundo e constituiu uma das mais soberbas manifestações da arte musical que até então se tinha realizado. «Ora estas coisas passavam-se já no tempo em que a arte agonizava em todos os seus outros aspectos. E certo que o apogeu da musica nos pertence.»

O sol, coado por um vitral onde o amarello dominava, cahia sobre as açucenas que no altar pareciam cirios accesos; e Santa Cecilia lá no retabulo, sorria divinamente ao seu sonho todo feito de celestes harmonias.

«É interessante a historia da musica.» disse o Poeta «Nebulosa e elementar, conserva-se n'um crepusculo vago de limbo durante a antiguidade. Pouco ou nada sabemos d'ella.

«Não nos é possivel reconstituir a musica da antiguidade.» acrescentou o Fabricio «E todas as nossas tentativas n'esse sentido nos deixam

descontentes. A escultura e o teatro dos gregos ainda hoje nos aparecem como obras que não podemos igualar; mas o que sabemos da musica...»

«Raymundo Duncan» tornou o Professor «inaugurou ha tres annos na sala do *Chatelet* em Paris uma *estação hellenica*. Pretendia dar aos parisienses a deliciosa illusão de viverem por algumas horas semanalmente na patria de Phidias e de Sophocles. Veriam as tragedias antigas com as danças eurythmicas dos côros, acompanhadas pela musica authentica, a mesma que encantava os filhos de Athenas quatrocentos annos antes de Christo.

«Duncan é um artista e um sabio. Estudou a fundo com uma consciencia religiosa a arte á qual se dedica de corpo e alma, indo procurar desde a mais remota antihuidade, atravez da sua lenta evolução e das formas variadas da sua belleza, os

rythmos musicaes e a cadencia harmonica dos movimentos.

«Pobre Duncan! Arrastou pelo Paris moderno a sua alma obcecada pelas nostalgicas visões do passado, a sua obstinada incompreensão do presente. Ao entrar no palco do Chatelet cuja sala se encontrava repleta de um publico snob, curioso e insensivel ao seu sonho, julgava-se no *proscenium* longo e estreito do teatro de Athenas onde os actores deviam ser vistos de perfil por ser essa posição a mais favoravel ao realce da harmonia dos gestos e das attitudes.

«Deante dos seus olhos de visionario, a plateia recuava, transformando-se n'um grande amphitheatro descoberto, inundado pela radiosa claridade do sol attico, refrescado pelo ar puro que vinha do mar carregado de epopeias e descia das montanhas habitadas pelos deuses olympicos.

«E nos largos degraus do amphitheatro via as armaduras cinzeladas dos guerreiros illustres, o manto do archonte, as tunicas dos magistrados, as fronte dos poetas coroados de louros, os rostos austeros dos philosophos...

«De volta ao seu quinto andar, sentava-se defronte do tear primitivo onde tecia as suas tunicas fluctuantes ou debruçava-se sobre o monocordio de Pythagoras, medindo os intervallos harmonicos e... o sonho continuava.

«Duncan tem poucos discipulos; uma onda de entusiasmo creou ha tempo o gosto pelas danças rythmicas e a escola de Dalcroze faz caminho. Porém a musica dos gregos não nos satisfaz e apparece-nos como a manifestação imperfeita de uma arte embryonaria.»

«Só na Edade Media a musica desponta e é encarcerada pela Igreja na estreita prisão do *canto gregoriano.*» disse o Poeta «Mais tarde

vemol-a prestes a sossobrar e a perder a sua grandeza sacra no labyrintho das primeiras composições profanas onde os motivos licenciosos das canções populares irrompiam como um sacrilegio.

«É salva pelo genio de Palestrina no fim do seculo XVI e guarda, á sombra protectora dos templos, o seu character de simplicidade grandiosa. Recatada e pura, emquanto as outras manifestações da arte resplandecem e dominam, ella conserva-se encubada no mysticismo, longe dos attrictos mundanos, ingenua e casta como uma virgem predestinada cuja hora não soou ainda.

«Os seculos XVII e XVIII principiam a transformar a chrysalida em borboleta; pela mão de Scarlatti, de Pergolesi, de Lulli, de Rameau e de Glück, trazem a musica para a atmosphaera mais livre dos salões e dos theatros, tornando-a mais accessivel sob as formas novas de musica de

camara e de musica dramatica.

«Depois vem-nos da Allemanha a inspiração profunda e grave da escola classica, onde dominam Bach, Haendel, Beethoven, abrindo-se mais tarde sob a influencia romantica para nos dar as composições melancholicas e por vezes torturadas e dolorosas de Weber, de Chopin, de Schumann.

«Rossini e Verdi glorificam a voz humana na Italia, enquanto em França a orchestra se vae ampliando sem prejudicar a melodia sob as creações de Berlioz, de Bizet, de Massenet, de Saint-Saens.

«E aparece-nos enfim o genio colossal de Wagner...»

«Foi a Marchesi quem melhor interpretou Verdi e Rossini» disse o Fabricio «A grande Marchesi cuja celebridade se espalhou pelos dois

mundos como uma das maiores e mais perfeitas encarnações da sublime arte de cantar.

«Era uma das estrellas mais brilhantes da gloriosa escola de Garcia que tinha produzido a Grisi, a Gerster, a Malibran (a Malibran que tão divinamente inspirou Musset), a Pasta, Dupré, Tamburini, a Viardot. ...»

O Poeta interrompeu-o:

«Ha alguns annos, em Paris, tive a fortuna de ser apresentado a Paulina Viardot, que tinha então oitenta e oito annos e de conversar longamente com ella.

«Era filha de Garcia e irmã da Malibran; fôra o glorioso producto da mais celebre escola italiana que tem existido; a sua arte e a sua voz tinham desencadeado os applausos phreneticos das principaes plateas da Europa; conhecera a embriaguez dos maiores triumphos e o delirio das apotheoses.

«Ouvindo-a fallar e vendo-a sorrir, aureolada de intensa espiritualidade, muito calma, no ambiente morno e suave da sua sala cheia de objectos de arte e de recordações vagamente melancholicas, no aristocratico silencio que os espessos tapetes, os vidros polidos das janellas e os amplos cortinados não deixavam profanar pelo ruido grosseiro que subia do Quai d'Orsay áquella hora tumultuosa da tarde, parecia-me ter recuado muitos annos.

«Envolviam-me baforadas do passado. Os elos das evocações succediam-se... Á seductora figura de Morny seguiam-se os vultos romanticos de Musset e de Chopin; e depois, as reuniões artisticas, a litteratura, o theatro, a opera sobretudo, e a suprema consagração do *bel canto* que n'aquella epocha apparecia como a expressão mais sublime da musica.

«E a Viardot sorria; no rosto oval que os annos

tinham alongado, as linhas fundamentaes de austeridade e de energia (como na mascara expressiva de Sand) attenuavam-se, fundiam-se na doçura do extraordinario sorriso, na indulgencia do olhar que tinha visto tantas coisas, tantas!... e que de tudo guardara apenas um reflexo de bondade.»

«Paulina Viardot e a Marchesi» disse o Professor «são nomes sonoros que a posteridade não esquece. Mas a voga da grande escola italiana de Garcia gradualmente vae sossobrando á medida que se eleva e triumpha a musica de orchestra.»

O Poeta continuou seguindo a sua idea: «E penso n'outro sorriso...

«Foi ha dois annos, no palacio Vendramin em Veneza.

«Entre as trepadeiras que guarnecem as paredes denegridas do pateo, o guarda mostrou-

me as janellas dos aposentos de Wagner, aquella onde elle vinha ás vezes encostar-se e a outra, do quarto onde elle morreu. «No atrio passei pelo grande candelabro de bronze japonez que se levanta do pavimento de marmore e se ramifica por cima das nossas cabeças como uma arvore; e atravessando o enorme vestibulo abobadado e sombrio, abeirei-me das janellas que se rasgam na fachada Renascença, recortadas em arcos, sustentadas por columnas e dando sobre o Canal Grande.

«Era ao entardecer.

«Devagar, passavam as barcas trasbordantes de legumes e fructos multicolores, dirigindo-se para as *Fabbriche Vecchie di Rialto* onde iam descarregar as suas mercadorias.

«Do poente vinham, escorrendo ao longo das fachadas de marmore e espalhando-se sobre a agua dormente, reflexos de purpura e de oiro

como os que encendeiam as telas do Tintoreto.

«Encostado a uma esquina, na margem oposta, um gondoleiro cantava a canção em voga:

«— *Voi dite che l'amore é um biondo mago*

«— *Che fa sognare tante cose belle...*—

«E contra os degraus da porta principal, magestosamente desenhada sob a divisa *Non nobis*, a agua marulhava com um doce fluxo e refluxo que parecia uma respiração.

«Da agua, do ceu, da luz, da sombra, das côres, da vida, elevava-se uma profunda e mysteriosa harmonia de conjuncto, que nenhuma voz humana poderia traduzir, uma estranha orquestração de sons e de effeitos que se uniam n'um impulso de poderosa e triumphante belleza.

«Percebi n'aquelle instante com uma grande clareza, a impossibilidade da nossa alma presente, avida, inquieta, insaciavel, poder satisfazer-se

com o *bel canto* que arrebatou e maravilhou os contemporaneos de Musset.

«Lembrei-me com um estremeamento, da morte de Wagner contada por d'Annunzio.

«Na minha imaginação vi passar o cortejo funebre do heroe; o caixão glorioso que encerrava aquelle cerebro agora vazio mas sacrosanto ainda como a custodia de onde tivessem tirado, momentos antes, a hostia consagrada; o caixão onde dormia para sempre *o sorriso infinito do eleito da vida e da morte.*»

«Um poeta sincero» observou o Fabricio «é semelhante a um compositor. Tem como este a alma cheia de harmonias e as suas obras são rhythmicas, musicas e sonoras. Quando penso em Mistral, por exemplo, toda a sua obra me surge na memoria como uma deliciosa e pura melodia.»

Então falámos de Mistral e a Irene pediu que lhe explicassem o que era o *felibrige*.

«Em Maio de 1857» disse o Fabricio «sete poetas, todos vibrantes de talento, de mocidade e de entusiasmo, reuniram-se no castello de Fonségugne, perto de Avinhão, para conferenciarem e assentarem as bases de uma restauração da lingua provençal. Eram: João Brunet, Theodoro Aubanel, Anselmo Mathieu, José Roumanille, Paulo Giera, Affonso Tavan e Frederico Mistral.

«Que reunião aquella! representava em verdade a alma da mais luminosa região da França, a patria dos mais suaves e inspirados trovadores que, de Guilherme IX até á Academia do *Gai Savoir*, cantaram na doce lingua d'oc, milagres de santos, historias de amor e feitos de guerra.

«Os sete poetas reunidos para o fim encantador de resuscitarem uma lingua maravilhosa que a pouco e pouco se desfacelava em dialectos, procuraram um nome com que designassem a sua sociedade. Encontraram-n'o, evocativo e sanctificado pelo prestigio da lenda, n'uma antiga poesia mystica recolhida por Mistral em Maillane:

«— *Emé li set felibre de la lei...* —

«N'este verso a palavra *felibre* significa *doutor*; mas por extensão deve dar-se-lhe a significação de *filho das musas*.

«Estava creado o *felibrige* do qual Renan devia dizer um dia: — *A vossa associação tem o primeiro logar entre tantas outras manifestações das consciencias desaparecidas aparentemente e que renascem n'este seculo de resurreição dos mortos*.

«Todos os poetas que escreviam em provençal se vieram juntar aos iniciadores da campanha. E foi uma floração milagrosa de obras d'arte, um delicioso desabrochar de illuminuras, de figuras de vitraes, um alvorecer límpido, fresco e perfumado, que transfigurava os dialectos escalavrados e dispersos.

«Todos os annos a *Armana Provençau* vulgarizava essas obras em verso e em prosa.

«Roumanille escreve *Lis Umbretto* de onde Daudet traduz o seu immortal *Curé de Cucugnan*; Aubanel, Tavan, Mathieu, Arnavielle, Crousillat, Roumieux, e tantos outros lançam as suas inspirações simples e crystallinas como cantos de toutinegras e ondas de riachos.

«A satyra feita de graça e de franca e livre alegria como nos tempos privilegiados da Grecia Antiga, expande-se a par dos recitativos piedosos impregnados do ingenuo mysticismo do seculo

XII, e do lyrismo puríssimo da mais espontânea e sincera poesia.

«E o movimento cresce, ramifica-se, lança raízes até á Catalunha e chega a Paris.

«Organizam-se importantes peregrinações de homens de letras e de artistas á terra santa da língua d'oc e essas festas são consagradas pelas imponentes representações no theatro antigo de Orange, das peças provençaes de Aubanel, de Gaussen, de Mistral.»

«Mistral!» exclamou o Poeta «Tudo isto é obra sua. Em volta do seu esforço, do seu nome, do seu genio, todo este renovo de arte e de belleza se ergueu como um halo. A sua criação de *Mireille* foi um milagre de amor que fez brotar o movimento prodigioso de uma resurreição.

«Quem vê florir (com os olhos da alma) á sombra dos lodãos frondosos, o amor de *Mirèio* e assiste á chegada dos pretendentes e ao combate e

á procissão dos afogados que surgem do Rhodano n'aquella noite sinistra do S. Medard; e ouve as canções das raparigas de Crau e as vozes das tres santas que *no ar sem nuvens descem radiosas...* ah! quem lê a historia de *Mirèio*, nunca mais a esquece e ha-de lel-a outra vez e nunca se ha-de cançar.

«Mistral offereceu assim a Lamartine o seu poema immortal:

«— *Consagro-te Mirèio : é o meu coração e a minha alma, é a flôr dos meus annos; é um cacho de uvas de Crau com todas as suas folhas, que te offerece um camponez.* —

«É toda a Provença com a claridade do seu ceu, com o perfume das suas flôres, com o zumbido das suas abelhas, com a formosura dos seus fructos doirados pelo sol radioso que transfigura a terra, com o lyrismo sincero da alma popular que sente a belleza e a canta.

«A dedicatória de *Mireille* podia Mistral tel-a escripto para a sua obra inteira.

O que é *Nerte, Calendal, Les Olivades, Les iles d'or, a Reine Jeanne*, senão todo o coração e toda a alma do poeta cantando perdidamente, divinamente a luz, as côres, o amôr, a belleza do ceu, da terra, dos corpos ageis, robustos e sãos, das almas ingenuas, fortes e puras, todas as coisas, emfim, que um poeta pode cantar para cumprir a sua missão de nos fazer esquecer o mal e a fealdade e de nos dar a misericordiosa illusão do paraizo?

«Quando li a noticia da morte de Mistral tive uma impressão de angustia como se com elle morresse qualquer coisa preciosa que nunca mais podesse tornar a existir.

«Pareceu-me vel-o estendido no caixão; havia no seu aspecto o quer que fosse de augusto e de immortal.

«Ouvi dizer que lhe tinham posto sobre o peito um retrato da mulher e outro da criada fiel que durante trinta e sete annos o serviu com devoção; a ellas duas confiaram a guarda do grande coração ardente, entusiasta e candido, que tanto palpitou para nos deixar a soberba herança da sua obra.»

No silencio que se fez na capella depois das ultimas palavras do Poeta, ouviu-se um ruido surdo, ligeiro... A corolla de uma das açucenas desprendera-se da haste e cahira sobre a toalha do altar.

O sol, atravessando o vitral onde dominava o amarello, illuminava agora o retabulo, envolvia-o todo n'uma poeira de oiro.

Pareceu-me ouvir os accordes longinquos e celestes do orgão de Santa Cecilia que tocava devagarinho, com o ramo de açucenas poisado sobre os joelhos.

Nono dia

O feixe de rosmaninho

Tinhamos ido passear antes do almoço, na frescura da manhã.

O sol não bebera ainda as gottas de orvalho.

Encontrámos uma creança que levava á cabeça um feixe odorifero de rosmaninho.

Explicou-nos que era destinado a uma igreja proxima onde ia celebrar-se a festa do santo padroeiro.

Mediante uns cobres obtivemos que ella espalhasse o feixe de rosmaninho no chão da clareira para onde tinhamos mandado ir o nosso almoço.

«É bom.» disse a Irene aspirando com prazer o perfume acre «Cheira ás fogueiras de S. João, e ás festas d'egreja no campo. É sadio.»

«É moralizador.» acrescentou o Fabricio.

«Accorda na nossa memoria recordações singelas e luminosas.» murmurou o Poeta que esfregando uma espiga entre os dedos approximava as mãos do rosto e fechava os olhos para ver melhor na imaginação qualquer imagem antiga que o encantava.

«Ha alguns annos» disse elle «encontrando-me na ilha da Madeira, fui passar uns mezes ao campo.

«Era a uns setecentos ou oitocentos metros de altitude.

«Uma região selvagem cortada por fundas ravinas. A casa alcandurava-se na vertente de uma das soberbas montanhas que recortam no ceu

quasi branco as curvas deliciosas; era pequenina e modesta. A povoação dispersava as humildes habitações cobertas de colmo entre os campos de cultura que subiam penosamente escalonando-se em degraus pela encosta acima.

«Defronte da casa havia um pequeno jardim cheio de roseiras bravas e de musgos e atravessado por uma levada sussurrante; havia também uma alameda rodeada de buxo secular que erguia as duas altas paredes compactas e desgrenhadas, de um verde escuro, semelhante ao do cipreste que, junto do portão se levantava, silencioso e rígido, apontando o céu.

«A montanha descia, abrupta, até ao mar. E lá em baixo, enorme, estendia-se o oceano até á vaga linha do horizonte onde o céu se confundia com a água.

«Innumeros barcos de pesca partiam todas as manhãs á aventura, afastando-se da costa aos dez,

aos vinte, como pequenas esquadrihas, de vélas enfunadas alvejando ao sol da madrugada; e eu seguia-os com a vista emquanto, diminuindo a mais e mais no afastamento, se não perdiam de todo na immensidão.

«Sentia-se o quer que fosse de ethereo na pureza do ar; não havia vento; os passaros não cantavam.

«De tempos a tempos pairava um vôo lento de ave de rapina. Tudo era immovel, silencioso, de uma austeridade profunda como na proximidade da morada dos deuses; e todas as coisas tinham um ar augusto de eternidade.

«Ao respirar os aromas acres e fortes da terra, ao viver na intimidade da sua belleza grandiosa e selvagem, as preocupações dos homens civilizados pareciam-me sem valor; achava ridículo que elles se deixassem absorver tanto por essas miseraveis preocupações tão ephemerias,

tão illusorias, todas feitas de vaedade e sempre interrompidas pela morte.

«A morte!

«Pensava n'ella constantemente, sem horror, sem tristeza. Foi alli durante aquelles mezes de repouso, que apprendi a encaral-a com reconhecimento e com veneração, a perder o medo instinctivo e absurdo que ella inspira aos pobres homens que nada teem certo sobre a terra senão o grande abraço final da misericordiosa amiga.

«A pobre gente d'aquella região não tem horror á morte.

«Quando morre uma creança, juntam-se parentes e amigos, come-se, bebe-se, canta-se, faz-se uma bella e rude festa pagã emquanto o pequenino cadaver lá no seu quarto mortuario, hirto sobre a enxerga e coroadado de flores, sorri

vagamente e espera a hora de ser confiado á terra para se transformar em belleza.

«Fundida por assim dizer na natureza bravia e esplendida que a cerca, a pobre gente d'aquella região, simples, calma e forte como ella, não tem horror á morte.

«Não tem horror á morte nem lhe tem medo.

«Ao entardecer ia ás vezes por um caminho estreito á beira do abysmo até á ponta de uma rocha que avançava sobre o mar.

«Lá em baixo agglomeravam-se as casas escuras e tristes de uma miseravel aldeia de pescadores. A praia era toda de calhau negro rolado e o mar bravejava sempre, tornando os desembarques trabalhosos.

«Os barcos, de volta da pesca, approximavam-se, lançavam as espias que se desenrolavam no ar como serpentes, e eram puxados a braços, arrastados sobre os pedregulhos pela gente que ia

ao seu encontro, semi-nua, coberta pela espuma das ondas como um bando de tritões.

«A praia coalhava-se de povo que se agitava n'uma actividade febril; e o peixe espalhava-se luzindo ao sol como se fosse de prata.

«Esta scena tumultuosa, vista da enorme altura de onde eu a via, era semelhante á vida de um formigueiro ou de uma colmeia. Criaturas pequeninas, quasi imperceptiveis na vastidão da natureza que as rodeava; criaturas pequeninas que faziam gestos e movimentos incompreensíveis, que andavam, corriam, se juntavam em grupos, se dispersavam, pegavam em pesos, arrastavam objectos informes, se obstinavam n'um labor arduo onde consumiam as forças, onde affrontavam a morte, indifferentes ao canção e ao perigo, como as formigas, como as abelhas, sem repararem na immensidade que as cercava, sem a sentirem, sem a comprehenderem, dando á

natureza o seu contingente necessario de energias, como os animaes, como as plantas, como a rocha, admiraveis de inconsciente coragem e de submissão á vida e á morte.

«E na montanha era o mesmo; todo o dia labutavam, pendurados á beira dos abysmos, luctando com a rocha, affrontando tempestades, os nevoeiros, a neve...semeando de victimas o seu pobre caminho de sapadores, para arrancarem da terra o pão e o calor.

«Um dia, n'um dos meus passeios, encontrei um rapaz e uma rapariga.

«Eram ambos de uma belleza calma e perfeita; esculpturaes, resplandcentes de mocidade e de saude.

«Elle descansara sobre um muro de pedra solta o molho enorme de lenha que trazia aos hombros; ella parara a meio do seu trabalho de sachar uns pés de milho.

«Na claridade do entardecer, immoveis, olhavam um para o outro sorrindo.

«Fiz-lhes umas perguntas banaes sobre as culturas, sobre os trabalhos do campo... Em breve contavam-me simplesmente a sua vida.

«Casavam d'alli a oito dias e, um mez depois, elle partia para o Cabo onde ia trabalhar nas minas de oiro. Contava estar de volta no fim de uns quatro ou seis annos com algum dinheiro para fazer uma casa.

«Casava antes de partir porque a rapariga tinha de seu e elle precisava dinheiro para a viagem.

«Ella acenava com a cabeça; estava plenamente de accordo.

«O lenço cahira-lhe para as costas e o cabelo castanho e frisado, illuminado pela claridade do poente, fazia-lhe uma aureola de oiro.

«Da lenha de pinho verde subia o perfume da resina e, lá ao longe, o mar estendia-se até ao infinito.

«Estarem casados um mez e depois separarem-se talvez para sempre... O que se lhe havia de fazer? Era preciso tentar a sorte.

«E ambos sorriam, serenos e confiantes na vida que os fizera sadios e lindos.

«Contentavam-se com o presente; tinham fé no futuro; sentiam-se fortes e felizes.

«Que soberba lição para os inquietos e absurdos *civilizados* que se esgotam e se matam á procura de pedras philosophaes!

«São estas coisas encantadoras e repousantes que o cheiro do rosmaninho evoca na minha imaginação.»

«Tambem me está acudindo uma recordação repousante e sã.» disse eu «O Poeta falou-nos da

serra agreste. Mas a bondade da pobre gente existe igualmente na cidade.

«A casa da minha amiga Maria da Graça em Lisbôa é grande, linda e situada a meia encosta, n'um bairro inundado de luz onde ha só habitações ricas e habitações pequenas e pobres como n'uma aldeia. Nem lojas, nem edificios sujos, tristes e sombrios, divididos em andares onde vegetam a miseria envergonhada, a incoherencia e a hypocrisia, nem ruas estreitas e viciosas onde o sol nunca desce, nem escadas negras, abruptas e immundas, nem xaguões pestilentos.

«Uma tarde estando eu com a minha amiga á janella do seu quarto, admiravamos com recolhimento a grandiosidade do Tejo, a doçura das collinas lá para os lados da Ajuda, verdejantes e nuas, a mancha sombria da Tapada, a gloria da cidade que resplandecia de reflexos e de côres como se fosse toda de crystal e de porcelana.

«E depois, olhando para mais perto, para um quintal visinho que um muro baixo separava do jardim, vimos um espectáculo singular que nos absorveu toda a atenção.

«Mora alli uma familia pobre que transformou o pequeno quintal lisboeta n'uma horta minhota, com as suas couves esguedelhadas de um metro de altura, a sua latada de vinha, uma figueira, uma macieira e meia duzia de viçosos pés de milho.

«Nas tardes bonitas, a dona da casa convida as mulheres da vizinhança a virem costurar na sua *propriedade*.

«Juntam-se quinze, vinte... Matronas, raparigas, creanças. E alli estão, sentadas, puxando a agulha, a papaguear.

«O tempo assim passa mais depressa e o trabalho não cança.

«N'aquella tarde uma d'ellas lembrara-se de trazer uma guitarra: cantavam, riam e, de vez em

quando, as raparigas largavam a costura e dançavam.

«Tudo isto era encantador de graça e de simplicidade. Havia o quer que fosse de friso pompeiano em todo aquelle movimento de uma belleza robusta, agil e airosa.

«No fim de uma das danças não resistimos á tentação de applaudir.

«E então os rostos afogueados e alegres voltaram-se para nós, as matronas sorriram-nos com prazer e sympathia.

«— Olha!... As senhoras estavam a ver! —

«A nossa presença não as perturbou; a reunião não perdeu uma parcella sequer da sua naturalidade nem da sua animação.

«De vez em quando trocavamos com ellas uma phrase.

«Dispensaram-se apenas quando chegou a hora da fonte e da ceia.

«Uma certa parte da pobreza em Lisbôa está muito perto de nós; não se confina nos bairros afastados e atrozes para onde o luxo a escorraça transformando-a em animal immundo, venenoso e feroz, corno succede, por exemplo, em Paris e em Londres.

«N'aquelle bairro a pobreza não é melancholica nem taciturna; no fundo, sente-se rica do sol que lhe entra pela porta escancarada e lhe doira o lar; alegra-se porque vê as arvores sempre vestidas de verde e porque respira o ar tepido agitado pelas brisas que veem do mar e perfumado pelos jardins onde poucas vezes deixa de haver flores.

«Não inveja os ricos. Em frente de um automovel de luxo que passa, atroando os ares com o seu aulido possante, e todo scintillante de reflexos e todo florido... não se irrita: admira.

«Admira sem medir as distancias e sem que as distancias a offusquem. Fala com os ricos sem rancôr e sem humildade.

«O ceu azul e o sol brilhante fazem estes milagres que se repetem no sul da Italia e na Andaluzia.

«Bens superficiaes, falazes, que a ventania do progresso varrerá? Talvez.

«Talvez que um dia virá em que, em torno das casas ricas, outras casas ricas se construirão no logar das casitas pobres e independentes com os seus quintaes saloios e humildes onde as mulheres se reuinem e se divertem.

«E então os ricos deixarão de ter esta especie de intimidade com os pobres, de onde lhes veem tantas vezes exemplos salutaes e motivos de proveitosas reflexões; e limitarão as suas relações com elles á desprendida e commoda esmola, á caridade intermittente, longinqua e inefficaz, que

é quasi sempre uma affronta para os pobres e sempre uma desmoralização para os ricos.»

Calei-me e, voltando-me para a Irene, vi que sorria devagarinho comsigo mesma.

Perguntei-lhe:

«Em que estás pensando?»

«Em coisas tranquillias.»

Pedimos-lhe que as dissesse.

«Saber envelhecer» disse ella «é uma arte rara e encantadora.

«Eu gosto dos velhos que sabem ser velhos, que teem a vaedade da sua velhice, que são escrupulosamente asseitados e cuidadosos nas suas pessoas, que dizem com presumpção a sua idade e que, sentados ao entardecer junto da janella, com as mãos muito brancas cruzadas sobre os joelhos, recordam o passado com um calmo sorriso.

«Gosto dos velhos que vão devagarinho, hesitantes e tremulos, dar um passeio hygienico á hora do sol. Se é na cidade, param defronte de todos os mostradores, cheios de curiosidade, reparam em quem passa; nos carros electricos ou nos bancos dos jardins publicos, conversam com as pessoas que estão ao seu lado, falam de acontecimentos antigos e dos netos; qualquer coisa os faz sorrir e qualquer coisa lhes humedece os olhos. Se é na aldeia, interessam-se por todos os visinhos, estão ao corrente de tudo, sabem perfeitamente quantas rosas deu a sua roseira no anno passado e conhecem as historias de todas as familias da freguezia.

«Esses velhinhos conformados e tranquillos teem o ar de dizer a toda a gente:

«— Já *cá* estou ha tantos annos! Conheço tudo isto muito melhor do que vocês. Se soubessem como a vida é linda ! —

«E teem razão.

«Interessam-me sobretudo as *velhas*.

«Para as mulheres, saber envelhecer é mais do que uma arte; é uma sciencia e uma virtude.

Perdem com a idade o que julgam ser as pedras mais preciosas da sua corôa; a belleza e o amor; e essa perda, em geral traz-lhes o azedume que é a cuscuta da felicidade. Substituem então as joias perdidas por imitações que as illudem sem illudir os outros e tornam-se ridiculas ou lamentaveis nos seus desejos de mentir e de enganar.

«Acceitam com mau modo os achaques e as fraquezas que a pouco e pouco as curvam e as prendem e, na sua lucta desigual com a idade que avança, pisam com despeito as duas grandes pedras preciosas que nos seus cabellos brancos seriam o mais lindo diadema: a indulgencia e a serenidade.

«As pobres mulheres do campo sabem em geral envelhecer tão bem! Trabalharam muito a vida toda e soffreram e apprenderam (Deus sabe como, Senhor!) a paciencia e a conformação. No seu tempo tiveram paixões, alegrias ruidosas sob o ardor violento do sol durante a faina bemdita das ceifas, e de noite, ao luar, sob o olhar frio e malicioso da lua, conheceram o amor, rude talvez, sempre curto como o dos animaes e o das plantas; e o destino ensinou-as a esperar.

«Ah! como está cheirando bem o rosmaninho!

«Esperaram o *conversado*, esperaram o casamento, esperaram o crescimento dos filhos, esperaram uma geirasita de terra, umas horas de rega, dinheiro para fazer um alpendre; esperaram coisas simples e custosas de obter e esperaram-n'as sempre trabalhando e soffrendo.

«E agora esperam a morte e esperam o paraizo e teem fé na misericordia divina que as suas almas

candidas vêm raiar nos olhos lustrosos das imagens lá no altar da freguezia.

«As velhinhas ricas são tão lindas como as pobres quando sabem honrar os seus cabellos brancos. Conheceram todos os bens da terra e a vaedade immensa dos sonhos e das ambições humanas; e a pouco e pouco desprenderam-se das futilidades e aspiram á paz como felicidade suprema.

Perceberam que a sua missão não acaba com o advento da velhice e que teem ainda o dever de ser um exemplo, um conselho e uma direcção, ellas que viram tantas coisas maravilhosas e que rojaram os seus vestidos de seda pela beira dos mais seductores abysmos da tentação. E, calmas, vêm passar sem inveja e sem azedume a sarabanda da gente que se diverte corno ellas se divertiram. Bem sabem que para cada período da vida ha o seu tempo: quando se é menina, brinca-

se com as bonecas; mais tarde com brinquedos mais caros e mais perigosos; e, atravessando-se a existencia ao de leve com a consciencia apenas salpicada por pequeninos peccados veniaes, entra-se na velhice com dignidade, com uma aureola de prestígio que é uma especie de realeza; e a vida é linda para estas velhinhas muito bem penteadas e com as mãos cheias de aneis, que pagam rios de dinheiro pelos seus vestidos graves e simples e que são modelos de correcção e de bom gosto á beira do tumulto corno o foram atravez da existencia inteira.

«É preciso que as mulheres saibam envelhecer; pensar na velhice com bom humor e preparar o espirito para esse tempo de paz precursor da grande paz definitiva; desejar a velhice como as creanças desejam a mocidade, como as raparigas desejam o tempo do amor.

«De que serve a mentira dos cosmeticos e dos artificios? As enganadas são as que assim querem enganar; e a velhice é lugubre e miseravel sob a mascara de uma postiça juventude.

«Ah! se as mulheres soubessem como é bom envelhecer sem medo, renunciar com alegria, recapitular sem remorsos e sem morbidas nostalgias e aceitar com um suspiro profundo de alivio esse periodo bemdito em que as paixões amortecem, as saudades se esbatem e a vida, tornando-se menos exigente, nos deixa enfim descansar e nos concede, quando o merecemos, a misericordia de poder sorrir outra vez como sorriamos na infancia!»

O feixe de rosmaninho espalhado no chão como um tapete sob os nossos pés embalsamava o ar.

«Eram estas coisas serenas» acrescentou a Irene «em que eu estava pensando. O cheiro do rosmaninho fez-me lembrar dos armarios onde a minha avó guardava a roupa entre a qual entalava as espigas perfumadas... E a minha avó soube tão bem envelhecer!»

Decimo dia

O ramo de anemonas

Estavamos todos no terraço; era de tarde.

O Poeta collocara sobre a mesa um grande ramo de anemonas.

«É uma symphonia de côres.» disse elle encantado.

Havia-as desde o vermelho negro até ao côr-de-rosa desmaiado, desde a purpura até ao violeta palido e dolorido; havia-as azues e amarellas...

«É hoje o nosso ultimo dia de campo e de repouso.» lembrou o Fabricio «Estamos todos desconsolados com a idea da partida. Vamos encher as horas da tarde com historias que nos

distraiam e nos façam esquecer as nossas preocupações.»

«Historias variadas,» acrescentou o Poeta
«historias de côres diversas que sejam como este ramo de anemonas.»

E foi elle quem principiou:

«Encontrei uma vez por esse mundo um japonéz que me deu de presente esta metaphora escripta em papel de arroz:

«A vida é uma jornada.

«Parte o viajante n'um radioso alvorecer de primavera. As cerejeiras estão em flôr; as cegonhas sulcam os ares em vôos obliquos; não ha nuvens no ceu e a brisa faz tlintar docemente as campainhas de crystal nos beirae do templo.

«O viajante atravessa os jardins floridos com um passo leve. Não tem destino; avança ao acaso. Tudo o diverte, tudo o encanta: o vôo de uma borboleta, o canto das cigarras. Com os olhos

cheios de confiança em todas as forças desconhecidas que o cercam, julga que todas ellas lhe são favoraveis e não acredita no mal. Vive de frivolidades encantadoras; é semelhante á borboleta que, ao fugir, lhe deixa as mãos empoeiradas de oiro e ás rosas de todas as côres que vae colhendo e, a rir, desfolha pelo chão.

«Ao meio dia o viajante chega ao alto de um monte. Vê ao longe brilhar os telhados sobrepostos dos pagodes e as torres ponteagudas da cidade maravilhosa.

«O sol cae a prumo sobre os cereaes maduros que ondulam como um mar de oiro. Innumeras estradas cortam a planicie, inundadas de luz, cheias de reverberações.

«O viajante escolheu o seu caminho; um caminho radioso bordado de sebes em flôr. Mas tem tempo... e demora-se. Hesita, sorrindo, nas encruzilhadas.

«Como tudo é bello e tentador e como elle se sente forte!

«O caminho que escolheu está alli mesmo... Mas tem tempo. E vae andando por aqui, por alli, n'uma ancia de vêr coisas novas e de descobrir thesouros. Debruça-se á beira dos abysmos no fundo dos quaes scintillam oiros e pedrarias. A Tentação chama-o do alto das montanhas para de lá lhe mostrar o universo.

«Com um passo firme, a cantar, o viajante segue os carreiros perigosos, desce ao fundo dos despenhadeiros, sobe ao alto dos montes, galga de um salto os vallados e as sebes espinhosas, atravessa a nado rios caudalosos. Pode tudo. Acredita em todos os triumphos, tenta-se com todas as glorias.

«Desce a tarde.

«Uma brisa aspera, inesperada, vem dos lados d'Ivo-San que apparece coberto de neve. Os

sobreiros altos, esguedelhados, agitam as ramarias.

«Os vermelhos apagam-se; os verdes esmorecem.

«O sol, muito baixo, accende ephemeras lampadas nas pontas dos arvoredos e tinge de roxos sombrios os dorsos das montanhas.

«A luz amortece e, por toda a parte, a mais e mais domina o cinzento.

«O viajante pára um momento oppresso por uma angustia vaga. Hesita; sente-se cançado.

«Perdeu o caminho que escolhera e desespera de o encontrar.

«Já não vê brilhar no afastamento os telhados sobrepostos dos pagodes e as torres ponteagudas da cidade maravilhosa.

«Pela primeira vez a saudade aperta-lhe o coração.

«Pela primeira vez suspira e olha para traz.

«E as arvores da floresta estremecem, agitam-se com a passagem do vento mais frio, precursor da noite que avança.

«Lá para o sul ergue-se o penacho rubro, sinistro, de um vulcão.

«A terra é saccudida por um abalo sísmico; a lua está enorme e lívida.

«A poeira dos caminhos empoou os cabellos do viajante que avança devagar, curvado apoiado a um bordão.

«Em volta d'elle ha vãos silenciosos e precipitados de morcegos. Os seus olhos fatigados pela luz crua do dia, entristecidos á força de fitarem a Esperança em vão, sentem o peso doloroso das palpebras, que uma vaga somnolencia faz descahir.

«Começou a descida pela vertente da montanha.

«E o viajante desce...desce, pensando pouco no caminho que segue, sempre a olhar para traz, sempre a tentar rever ainda uma vez os outros caminhos, aquelles que trilhou de manhã e ao meio dia; aquelles caminhos encantados que nunca mais, nunca mais tornará a percorrer.

«E assim absorto n'estes pensamentos, vae topando nos pedregulhos que rolam e cahem em abysmos invisíveis.

«A noite está negra. Os mochos piam. O vento uiva nas ramarias.

«O viajante lamenta com amargura as horas que perdeu pelo meio dia, vagueando sem rumo. Podia estar agora na cidade maravilhosa, sentado n'um trono de oiro massiço...

«Com os olhos embaciados de lagrimas e o coração transbordante de saudades, de nostalgias e de arrependimentos, vae descendo sempre.

«A vereda torna-se mais abrupta e pedregosa.

«O viajante cambaleia, tropeça, escorrega, agarra-se com mãos suplicantes ás urzes e aos silvados: faltam-lhe as forças; está exausto.

«De repente esbarra com uma rocha enorme, fria, dura. Não póde ir além.

«Comprehende tudo.

«Deita-se no chão, devagar, e adormece...

«Ouve-se no silencio grasnar um corvo.

«Acabou-se a jornada.

«.....

«O japonéz que me deu esta metáfora disse-me que lhe fôra contada por um bonzo a quem estava confiada a guarda da correnteza de imagens do Deus da Luz, So, nas margens do rio Daiya-Gava, perto da cidade maravilhosa de Hatsusi.»

Quando o Poeta se calou, pediram-me a mim uma historia de princezas encantadas.

Como tenho uma fraca imaginação e muita dificuldade em crear phantasias, contei-lhes esta historia verdadeira que é no emtanto uma historia de princezas encantadas:

«Pierre Loti explica no prefacio do livro sobre as *Désenchantées* do Oriente, que as tres heroínas são puras ficções; declara que existiram apenas na sua imaginação e que nunca as encontrou na vida real. Apresenta-as como encarnações da grande miseria das mulheres votadas ao harem e que soffrem a vida toda porque durante a sua educação lhes deixaram adivinhar a liberdade das suas irmãs da Europa.

«Lotí julgou salvar assim das indiscreções do publico as suas heroínas. Apresentando-as como irreaes, pensou que a nossa imaginação as veria passar como sombras, sem que a importuna curiosidade dos estranhos as seguisse no mysterio

da triste e apagada servidão para onde levam a saudade de um mundo melhor, apenas entrevisto.

«Enganou-se; como na lenda, as suas princezas encantadas acabam de quebrar os caixões de vidro.

«Já não é segredo para ninguém que Djenane e Zeineb existem e que o livro de Loti, no fundo, foi sobretudo escripto para as proteger contra a colera e o terror do regimen de Abdul-Hamid. Ambas, arriscando a vida, illudiram a vigilancia dos guardas, fugiram da prisão e vieram, palpitantes como duas borboletas attrahidas pela claridade, queimar as azas resplandecentes de illusões, á luz da nossa civilização.

«Nada é mais melancholico do que a revelação d'esse calvario que nos é dada na serie de cartas de Zeineb Hanoum, escriptas a uma sua amiga que as publicou dando-lhe o titulo: *A turkish woman's european impressions*.

«Como é triumphante o suspiro de alivio que a infeliz solta ao libertar-se da sua escravidão, ao trocar a existencia monotona e embrutecedora do harem pelos radiosos privilegios tão ambicionados, da mulher da Europa!

«Mas logo principia a vaga inquietação, a procura febril d'essa felicidade presentida apenas nas paginas dos romances, segredada em confidencias por uma companheira de collegio e que a sua imaginação de Oriental engrandecera, divinizara.

«Errante, procura sem treguas, de terra em terra, como um pobre cavalleiro andante de lenda medieval perseguindo uma chimera inatingivel.

«Da França á Suissa, da Suissa á Inglaterra, da Inglaterra á Allemanha, á Hespanha, á Italia...

«Vicio, depravação, miseria, leis injustas, trabalhos, cuidados, luctas... O sonho foge deante d'ella, desfaz-se apenas lhe toca.

«Em Paris é assaltada pelos reporters; em Caux scandaliza-se com a vida de *sport* que faz das mulheres uns entes desgraciosos, desequilibrados e feios; em Londres offende-se com o desvario das suffragistas que renegam a belleza e se expõem pelas ruas aos insultos do populacho, ás batalhas com a policia. Não lhe agrada o luxo dos enormes hoteis da Suissa, da Italia, da Riviera, que lhe parecem caravansarás onde toda a gente se acotovela n'uma promiscuidade e n'uma ostentação que a revoltam.

«É na Italia que ella encontra, emfim, algum conforto, alguma satisfacção ao seu desejo immenso de harmonia e de paz. Gosa com fervor as intensas impressões de arte, felicita-se um momento por ter conquistado essa liberdade sonhada que lhe permite prazeres superiores. Porém em breve rebenta a declaração de guerra á Turquia e toda a sua illusão de paraizo se esvae.

Não compreende que um paiz tão cheio de harmonia e de belleza, seja assim capaz de iniquidades e de violencias.

«Pobre Zeineb! Perante o desabar de sonhos tão encantadores, tendo experimentado a liberdade e os prazeres das mulheres da Europa, que tanto invejara, ficou-lhe apenas a amargura de um triste desengano.

«Livres? Tão presas como as suas companheiras de harem. Não são os guardas, nem os muros, nem o terror, que as privam da liberdade; mas são as convenções, ou a tremenda lucta pela vida, ou a miseria, ou a superstição, ou a supposta egualdade perante a lei, ou o direito do mais forte, ou a falsa instrucção, ou a educação tão errada...

«A servidão parece a mesma a Zeineb. Cresce-lhe no coração uma funda nostalgia da

vida clausttral que abandonou; *lá*, ao menos era passiva, irresponsavel, e não tinha que lutar.

«Humilde, retorna o caminho do carcere onde não chegam os ruidos do mundo, onde se comem dōces perfumados com essencia de rosas e onde as horas, que passam devagar, se povoam de sonhos.

«A historia de Zeineb é um pouco a historia de nós todas...

«Ninguem pensa na *nossa* felicidade. Quem faz as leis são os homens; e, educadas para os servir ou para os divertir, temos a illusão de direitos e de liberdades que não possuímos.

«Como Zeineb julgamos ter quebrado os grilhões e não percebemos que, para nós, o mundo inteiro é uma prisão.»

Era agora a vez do Fabricio:

«A primeira vez que eu vi o Adriatico» disse elle «foi em Bari, no inverno.

«Não fazia frio e o sol brilhava, resplandecente como no verão, sobre as fachadas baixas e claras, sobre as cancellas de madeira sarapintadas de mil côres, sobre os rosarios de tomates pequeninos, redondos, lisos e escarlates como cerejas, pendurados ás portas dos estabelecimentos onde se vendiam, entre muitas coisas heterogeneas, fructas vindas do Oriente...

«Um velho turco sentimental e falando por metaphoras como um authentico musulmano do tempo de Haroun-al-Raschid, contou-me a seguinte historia, sentado no parapeito do caes, olhando para o porto onde se baloiçava a estranha embarcação mercante que o trouxera e que tinha um ar anachronico e delicioso de galera byzantina:

«No alto de uma montanha e cercado de florestas sombrias, havia um castello...

«Na torre d'esse castello, sobre um altar de marfim e oiro, tres taças mysteriosas brilhavam rodeadas de luzes. Uma era talhada n'um diamante, a outra n'uma esmeralda, a terceira n'um rubi. Cada uma continha um philtro encantado que os deuses, ao partirem da terra, haviam legado aos homens.

«Quem tocasse com os labios na primeira, ficava conhecendo todos os segredos do universo; quem bebesse uma gotta da segunda, entendia o bem e o mal e aspirava á perfeição; quem provasse a terceira, alcançava o dom supremo de julgar os outros á luz clara de uma infallivel verdade.

«De todos os pontos da terra partiram innumeradas expedições dirigindo-se para o castello que encerrava nos flancos encantados as fontes da instrucção, da moral e da justiça.

«Da justiça, sobretudo! Ah! pobres homens espalhados sobre o mundo, com que ardor elles mandavam gente á procura da justiça!

«A montanha tres vezes sagrada resplandecia nas imaginações como uma terra de promessa.

«Vinham atravez dos desertos africanos as longas e taciturnas caravanas, ao passo lento dos camellos pardos, sob o calor inclemente do sol que rebrilhava nos alfanges e punha reverberações de encandeante alvura nas tunicas e nos burnós...

«Entre Beyruth e Damasco, a estrada que atravessa as montanhas do Libano dava passagem sem fim ás multidões asiaticas que serpenteavam como um rio entre as encostas revestidas de cedros, de amoreiras e de vinhas...

«Os barbaros do norte, impetuosos, avançavam a cavallo, cobertos com pelles de ursos e de auroques, semelhantes a um temporal...

«Os frankos, de cabellos compridos e entrançados e longos bigodes pendentes, atravessavam o Reno aos milhares...

«Do Occidente, do Oriente, dos confins da Europa, das montanhas asiaticas, das regiões tropicaes, das terras cobertas de gelo, vinham innumeros emissarios, cohortes, exercitos...

«Quando chegaram á vista do castello, apontaram para a torre sagrada com um suspiro de alivio e acamparam na orla das florestas sombrias.

«Um rio largo atravessava a planiciefertilissima.

«Havia peixe em abundancia, caça, e a terra desfazia-se em producções inexhauriveis.

«Mas os expedicionarios agora addiavam a continuação da jornada.

«Enriqueciam, prosperavam, amolleciam...

«Na torre, lá no alto da montanha, estavam as tres taças... Á sombra da Instrucção, da Moral e da

Justiça, os representantes de todos os povos da terra, que tinham vindo buscar os philtros que salvariam o mundo, esqueciam, nos prazeres da abundancia e da ociosidade, a sua missão.

«— Ir mais longe, para quê? — pensavam elles comendo, bebendo e gosando sobre os relvados floridos de onde ninguem os expulsava *porque eram os peregrinos á busca das tres taças* — Ir mais longe, para quê? Apenas alcançarmos as taças teremos que nos ir embora, teremos que trabalhar, que espalhar os philtros pelo mundo todo, deixaremos de ter só para nós os bens da terra...—

«Pensavam estas coisas mas não as diziam.

«Fingiam-se muito occupados no estudo da melhor maneira de atravessarem as florestas, de escalarem o castello...

«Se dissessem o que tinham no pensamento perdiam o prestigio e os privilegios. Habituar-

se tanto a mentir que mentiam uns aos outros, enganavam-se mutuamente. Reuniam-se, falavam, falavam... palavras inuteis que o vento levava. Escreviam por toda a parte os seus planos, os seus projectos; todas as pedras, todos os troncos de arvores em volta das suas tendas estavam cobertos de caracteres traçados que a pouco e pouco se divinizavam e eram objecto de um culto especial.

«Entretanto as tres taças conservavam-se no alto da torre sobre o seu altar de marfim e oiro...

«Ainda lá estão.»

O Fabricio contou mais outra historia:

«Havia d'antes em Constantinopla tantos cães vadios que essa estranha multidão constítua uma das mais impressionantes singularidades da antiga capital byzantina.

«Eram uns pobres diabos de uns cães vagamente parecidos com lobos e que viviam como os homens vivem, n'uma vasta communitade, luctando e morrendo para a satisfacção da fome e do amor.

«Quando morriam eram lançados ao Bosphoro e levados pelas correntes impetuosas das ondas azues entre as margens deseguaes, cobertas pelos cyprestes negros, pelas verdes lorangeiras e pelo cinzento monotono dos olivaeis.

«Ás vezes os seus cadaveres iam boiando, esbarravam nos costados das embarcações numerosas que faziam o trafego das mercadorias do Mar Negro, transportando para a Europa occidental os trigos de Odessa, os petroleos de Batum, o peixe salgado e a fructa da Asia Menor.

«Os marinheiros gregos dos navios mercantes não gostavam d'aquelles encontros: carcassas do

diabo que, ao tocarem nos barcos, os marcavam para a perdição...

«Mas os turcos de Constantinopla com a sua indiferença de orientaes deixavam crescer e multiplicar-se a horda dos cães famintos. Divertiam-se com a voracidade, o amor e as batalhas dos animaes que se tinham habituado a vêr em torno das suas habitações.

«Porém a população canina augmentava em proporções assustadoras; os detrictos, immundicies e restos de alimentos que os homens atiravam para a rua em sua intenção, já não bastavam para para satisfazer os eternos famintos.

«Desesperados, os cães uivavam e ganiam noites inteiras com fome, perturbando o somno dos habitantes da cidade e, ás vezes, invadiam os talhos e as padarias afim de roubarem o mantimento.

«— Porque nos deixam crescer assim, se não nos sustentam? Temos direito á vida como elles. — pensavam os cães famintos olhando para os homens com olhos injectados de sangue.

«Foi, se não me engano, no reinado de Abdul-Hamid que se poz um termo a este estado de coisas.

«Uma rusga formidavel em todas as ruas de Constantinopla, varreu a cidade d'aquella praga dos cães vadios.

«Os miseraveis famintos foram embarcados em navios que os levaram *para uma ilha deserta e perdida no meio do oceano.*

«.....

«Penso ás vezes n'essa ilha com uma infinita melancholia.

«Vejo-a na minha imaginação, pedregosa, negra, escalvada e nua; vejo-a banhada n'uma

eterna luz crepuscular, sem a misericórdia de uma fonte, sem a benção de uma árvore.

«Vejo sobre ella as sombras famelicadas dos deportados que vagueiam e se lamentam n'aquella desolação como almas penadas.

«Penso que deve haver muitas ilhas semelhantes perdidas no meio do oceano; ilhas malditas onde se encontram as sombras de todas as multidões miseraveis e tragicas que a humanidade produz, alimenta e explora e depois expulsa e abandona... judeus, moiros, herejes, rudes sapadores de verdades que mais tarde alumiarão o mundo, ou simples rebanhos de cães vadios, hordas que affrontam n'um dado momento e que é preciso fazer desaparecer para segurança e commodidade dos privilegiados...»

«As suas historias são desoladas, Fabricio;» disse o Poeta, «escolheu as anemonas roxas, dolorosas, as que teem a côr mais triste.»

«Nenhuma côr é triste.» respondeu o Professor.» Os homens é que lhes prestam expressões convencionaes e absurdas. As côres são lindas e as historias do Fabricio não são tristes nem alegres; são verdadeiras.»

«Agora é a Irene que nos vae contar uma historia.» disse eu.

E o Poeta, seguindo a sua idea, insistiu, tirando da jarra uma anemona amarella raiada de vermelho:

«Uma historia de oiro e sangue.»

«Não sei contar historias.» replicou a Irene «Vou só dizer uma phantasia que ás vezes me passa pela cabeça:

«Um dia alguém disse-me:

«— As horas que passam, são como os grãos de areia correndo n'uma ampulheta; são como as gottas d'agua cahindo no deposito de urna clepsydra. —

«As horas que passam, são como os grãos de areia e como as gottas d'agua, aparentemente eguaes; e não ha no emtanto uma só que não seja differente da que a precedeu e da que se lhe segue.

«Quando penso nas Horas, na longa procissão das Horas que, grão a grão, gotta a gotta, teem cahido, teem corrido a juntar-se, a formar o agglomerado de recordações que hoje povôa a minha memoria, sem querer, presto-lhes uma vida e uma apparencia humanas e, ao fital-as com os olhos da imaginação, vejo-as... vejo-as como se em verdade tivessem uma fórma.

«As mais antigas, apparecem-me tão longinquas e esfumadas, que são quasi phantasmas.

«Em jardins vagos e deliciosos onde reconheço canteiros, arruamentos, arvores e perspectivas familiares á minha infancia, e onde reconheço tambem as decorações phantasmagoricas e os esplendores das historias de fadas que então me contavam... em jardins vagos e deliciosos, vejo-as passar; são creanças vestidas de azul claro, coroadas de rosas e de cabellos soltos ao vento.

«De mãos dadas vão dançando rondas e passam em doidas farandolas...

«Passam entre canteiros symetricos, bordados de alfazema, assombreados pelo azul dos jacarandás, pelo rosado das olaias, pelo amarello das acacias; e o ar é embalsamado pelos aromas dos jasmíns e das glycinias, cortado pelo vôo das andorinhas, pequeninas ancoras lançadas no mar todo azul do firmamento.

«Cantam pintasilgos e toutinegras e de longe vem o coaxar das rãs e o gemido da nora.

«E vejo o terraço calmo da casa, da nossa casa, o terraço onde toda a paz parecia ter poisado, onde se descansava divinamente ao anoitecer, quando a natureza principia a preparar-se para o somno da noite, fechando as azas e calando-se, dando-nos a esmola incomparavel do silencio, da immobibilidade e do crepusculo.

«As Horas da minha mocidade são virgens esbeltas e fortes vestidas de branco e vermelho.

«E lá está o mesmo terraço engrinaldado de trepadeiras, o mesmo perfume de jasmims, os mesmos cantos de toutinegras e de pintasilgos, os mesmos gemidos da nora. Mas desapareceram as phantasmagorias dos jardins encantados.

«Outras visões surgem em frente das Horas que passam, mais graves e cujas danças deixaram de ser as doidas rondas infantis para se

transformarem em passos enrythmicos, obedecendo a cadencias apprendidas.

«Outras visões: enthusiasmos, ideaes ardentes, uma sede immensa de amor, de sacrificio, de dever heroicamente cumprido.

«No mesmo scenario, na mesma suave e casta atmosphaera, como são differentes entre si as Horas da minha mocidade!

«Ha as estudiosas, attentas ao livro que folheiam e que lhes abre horizontes de prodigio; e as sonhadoras que seguem com um olhar vago as miragens longinquas de lares felizes povoados de creanças; e as mysticas que aspiram a claustros e meditam sacrificios sobrehumanos; e as ardentes, que desejam impossiveis felicidades...

«Todas ellas teem as fronte inspiradas e os braços estendidos para o infinito.

«E vejo as outras Horas, as que vieram depois... as que veem sempre *depois*, vestidas de cinzento.

«O ceu nublou-se, o terraço desapareceu.

«As minhas Horas andam agora por diversas paragens, errantes, hoje aqui, amanhã muito longe, ora á beira de oceanos, ora á sombra de florestas, ora no alto das montanhas...

«São dolorosas, ou monotonas, ou tragicas.

«Sorriem de mansinho e ás vezes choram; teem a bocca enigmatica da Gioconda.

«Algumas sentaram-se á borda do caminho, curvadas sob a mão pesada do Desalento; outras erguem a fronte e fitam na Revolta um olhar duro; outras soluçam embrulhadas no grande manto da Saudade; outras, embrutecidas, seguem a Injustiça que as algemou.

«Nenhuma d'ellas estende os braços para o infinito.

«As mais felizes são aquellas que seguem o Trabalho, pastor bemdito que as conduz, disciplinadas e calmas. Avançam devagar por caminhos pedregosos e difficeis e vão carregadas...

«Quando me sento no vão da janella, á tardinha, a descansar e a sonhar e estendo a vista pela perspectiva do passado povoada por todas as Horas da minha vida, é com um sorriso de pueril saudade que vejo, nas alamedas dos jardins phantasticos da minha infancia, as Horas pequeninas vestidas de azul claro; é com um suspiro de melancholia que vejo as Horas da minha mocidade estendendo os braços para a insensibilidade do infinito; é a chorar que fito as Horas de angustia, de revolta e de desanimo.

«Mas é com uma gratidão sem limites que olho para as Horas laboriosas que tão

consoladoras passaram e passam, amigas austeras e fieis, dispensadoras da melhor coragem.»

«Que lindo, Irene!» exclamou o Poeta fitando as anemonas «Tantas côres!...»

Mas o Fabricio não o deixou continuar; voltou-se para o Professor:

«Agora é a sua vez.»

«Ha muitos annos.» disse o Professor «habitando eu uma villa de provincia, conheci um homem consideravel que se chamava Ferrajana e que exercia o mister de varrer as ruas.»

«Era pobre como facilmente se deprehe de sua humilde posição social, e tinha o preceito ajuizadissimo de não considerar coisa alguma desprezivel sobre a face da terra.

«Todas as tardes ao sol posto largava o serviço e punha-se a caminho de casa, carregado de

immundicies. Levava ossos que já tinham sido roídos pelos cães, cabeças de peixe deterioradas, cascas de fructas, detricos de hortaliças, cacos de tachos partidos, papeis que tinham embrulhado manteiga... emfim um manancial de riquezas.

«O Ferrajana morava no meio de um pinhal a um kilometro da villa e por mais de uma vez lhe passei á porta e conversei com a sua mulher, a senhora Angela.

«A casa não era das peores; tinha duas paredes que ainda estavam solidas e tres cantos onde não chovia no inverno.

«O Ferrajana não bebia, não batia na mulher, não era gastador e tinha um genio placido e igual.

«A senhora Angela seria feliz se não fosse a densa nuvem que pairava constantemente sobre a harmonia conjugal: a mania do Ferrajana de trazer para o lar domestico todas as immundicies da villa.

«Não havia maneira de o corrigir; a senhora Angela experimentara a ternura, a persuasão, as lágrimas; por fim recorrera aos meios violentos e empregara as vias de facto.

«Naturalmente irascível, havia tardes em que ella esperava o marido á porta, lhe arrancava dos hombros o sacco cheio de *preciosidades* e, despejando-o com arrebatamento, espalhava ao vento o seu conteúdo.

«Assim se explicava a area immensa occupada em torno da casa do Ferrajana, pelos farrapos, papeis, cacos, sapatos velhos, ossos e outros thesouros obscuros que o varredor, inflexivel na sua resistencia passiva e persistente até ao heroismo, continuava a trazer diariamente.

«O Ferrajana, dotado de um appetite voraz e insaciavel, tinha principios inabalaveis e profundos sobre os problemas da alimentação.

«Entendia que de tudo, com bôa vontade, se podia fazer um caldo ou tirar, raspar, extrair algumas parcellas de reconfortante alimento.

«Ás vezes, ou porque a senhora Angela se deixasse vencer pela sua tenacidade, ou porque aproveitasse alguma ausencia d'aquelle dragão caseiro, conseguia levar a bom fim os seus cosinhados.

«O Ferrajana fabricava n'esses momentos privilegiados, caldos substanciaes de cacos e de papeis besuntados, onde ferviam codeas de pão bolorento e cascas de melancia.

«Devorava estas misturas com delicia e depois, estendendo-se sobre os elementos de futuros banquetes, dormia o somno reparador e incomparavel do justo.

«O Ferrajana era um philosopho. Se abstrairmos da forma grosseira do ideal e

meditarmos apenas no fundo da doutrina, veremos que a sua philosophia é consoladora e proveitosa.

«Em verdade, de tudo se pode e se deve tirar vantagem para o nosso aperfeiçoamento; e, com boa vontade, as dores, os soffrimentos, as amarguras, as simples contrariedades, todos os sentimentos accordados na nossa alma pela maldade, pela inveja, pela ingratitude, pela crueldade, pela baixeza alheias, bem aproveitados e cuidados, transformar-se-hão em poderosas contribuições para a nossa gradual elevação.

«Temos o dever de nos tornarmos uteis aos nossos semelhantes, ou, pelo menos, de não lhes sermos pesados ou nocivos.

«Ora a melancholia na qual facilmente a vida nos precipita, é pesada e nociva á gente que nos rodeia. Por isso convém procurarmos sem repouso e ir armazenando para as occasiões de crise, atomos de bom humor.

«Cada um os encontrará em logares diferentes e de especies varias.

«O Ferrajana procurava os seus no lixo das ruas e encontrava-os.

«O essencial é encontral-os; porque o bom humor não se evola dos objectos e dos acontecimentos que nos rodeiam, não é flôr que possamos colher sem esforço no nosso caminho.

«D'ahi a necessidade eterna de forjarmos religiões, moraes, philosophias, capazes de nos fornecerem qualquer coisa que nos sirva de felicidade.

«Mas não foi o Ferrajana que inventou este processo.

«Desde que o homem appareceu sobre a terra não tem tido outra preocupação. Encurtaram-se-lhe os braços, cresceram-lhe as pernas, estreitaram-se-lhe os hombros e desenvolveu-se-lhe o cerebro, á procura d'essa coisa rarissima e

preciosa que se chama felicidade, que tem aspectos variáveis e imprevistos e que é apenas um pequeno aglomerado de ilusões, mais ou menos estáveis, mais ou menos resistentes, mais ou menos duradouras.»

Um pé de vento de subitito varreu o terraço; a meza de vimes tombou e o ramo de anemonas caiu na lage.

Começou a chover.

As ramarias agitavam-se, esguedelhavam-se; ouviam-se estalidos entre a folhagem.

Refugiados dentro da sala, vimos através da vidraça, o vento dispersar, quebrar, desfolhar e desfacelar o pobre ramo de anemonas.

«Mau agouro.» disse o Poeta.

E sentámo-nos defronte da janella a ver o temporal, oppressos pela tristeza da partida e da separação que nos esperava no dia seguinte.

Fim

ISBN #: 978-1-329-94633-0